

PATRIA



Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 1 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis

COIMBRA, 19 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

PATRIA

Chegamos nas vespuras da batalha.

Nesta hora, para uns tumultuosa de pavores, para outros incendiada das mais claras e seguras esperanças, nós vimos marcar os nossos logares de combate, ao lado d'aquelles que, de ha muito, veem, num rijo e fecundo trabalho de propaganda, fazendo a boa guerra contra velhos principios que hoje mais não são do que uma risivel mascara já sem brilho, mal velando o facies impudente d'uma politica cheia de crimes, roida por mil egoismos, descarada e torpissima.

Não é pois para uma ingenua tentativa de serena orientação, nem, escusado seria dize-lo, para entoar suaves canticos a uma vaga e idyllica republica, que nós vimos expôr os nossos nomes ás perseguições d'aquelles que, na prescencia da sua proxima ruina, se debatem e defendem com a mais terrivel de todas as coragens — a coragem do medo.

A orientação está dada e a republica que entre nós já recebeu o seu baptismo de sangue, ha muito perdeu as formas indecisas de uma romantica chimera, para se transformar aos olhos de todos quantos pensam e ainda crêem, numa nitida, precisa e inadiavel necessidade.

Fazer acordar ao ruido da nossa mocidade os que ainda dormem, dar aos que duvidam o exemplo ardente da nossa fé, magoar com a irreverencia da nossa rebeldia os que, sob veneraveis aspectos de prudencia e são conselho, mascaram os temores d'um coração covarde, afirmar bem alto o nosso orgulho em pertencer a uma raça que um dia, esperamo-lo, mostrará que nem só de humilde paciencia é feita a alma portugueza, comunicar emfim o nosso odio, formidavel como a nossa dôr, contra essa vilissima cohorte de Pachecos, comicos até na ferocidade, despreziveis pelo impudôr, incapazes d'uma palavra ao menos que na historia deixe o corte luminoso d'um caracter, e para quem a honra d'uma patria é como um sarcario entre mãos sujas de bandidos, — eis em resumo o nosso programma.

Portugal precisa de ser acordado a berros, — clamava um dia Eça de Queiroz; actualmente, porém, o paiz já não dorme, que o não deixa a miseria nem lh'o consente a vergonha; por isso a nossa voz, se, pela sua aspera rudeza, não cabe, como a do querido artista morto, nos aristocraticos moldes d'aquella sua fina e limpida ironia, não obstante será ouvida porque terá a forte vibração da nossa sinceridade e a calma segurança de quem, como nós, já divisa num proximo futuro os nitidos contornos d'uma republica redemptora e victoriosa.

DUAS PALAVRAS

Patria. Não gosta do titulo o nosso visinho do lado, acrata tremebundo com uma orientação toda moderna, e um odio fulgurante contra alferes aguerridos e empregados d'alfandega. Tem receios graves de que com pendão e caldeira e em som de guerra penetremos em terras da moirama infiel, ou com fins mais altos busquemos nos adustos areaes da Africa vingiar emfim a inolvidavel e affrontosa derrota d'Alcacer-Kibir.

Descance o nosso humanitario visinho e repouse a Europa, que nem nós nem o paiz, afinal, estamos dispostos a taes commettimentos, pois garantida por nossa parte se pode considerar a paz universal.

Simplemente não aclamaremos processos revolucionarios como os de lord Chamberlain, roubando aos boers uma patria como quem furta um lobo, não sabemos se tambem com o humanitario fim de acabar com fronteiras.

Que nos perdoe o bem orientado visinho, mas lá isso não, não achamos bem.

Emquanto ao mais, aqui lhe juramos que, apesar d'uma proficua leitura do D. Jayme, nem pelo primeiro de dezembro porem as patrioticas luminarias.

Descance — que nem um côto!

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A nossa primeira nota d'hoje é dirigida aos jornaes perseguidos pela brutal violencia do governo desonesto que só se concebe que esteja no poder por virtude da inédita immoralidade d'um regimen tem deshonrado um passado historico de muito brilho e de muita grandeza. Esperem-lhe pela pancada...

Sobre elles têm cahido censuras, querellas, apprehensões, condemnações, contra todas as conveniencias e contra o principio da livre expressão do pensamento que passou já dos labios dos paladinos e das preconizações theoreticas dos philosophos para as paginas de todos os codigos modernos.

Se isto nos agrada como symptoma dos derradeiros desvairamentos defensivos da monarchia, crivada de crimes e de escandalos, contra a verdade que a condemna no amplo tribunal em que é juiz a consciencia publica, por outro lado revolta-nos pelo que representa como attentado e como extorsão.

A todos esses jornaes a expressão da nossa camaradagem. Mas o que aos republicanos é saudação inteira e incondicional, pela coherencia dos seus protestos em face de todas as repressões, quaesquer que sejam os jornaes que as soffram, aos outros, que em períodos de passada perseguição com ella pactuavam pelo silencio ou pelo applauso, a restricção jubilosa do bem que lhes tem causado a sua situação de victimas, fazendo-os entrar no reconhecimento de como a solidariedade se impõe como necessidade e como dever.

E que ella não seja inobservada e esquecida nos tempos em que, porventura, os seus amigos sejam bafejados pelas auras do poder.

Amores Reales

No *Nuevo Mundo*, revista de Madrid, vem publicada uma gravura representando o rei de Hespanha e a sua noiva, a princeza Ena de Battenberg, olhando-se, diz a revista, ternamente, reflectindo-se

en los rostros de los futuros esposos el sentimiento del amor.

Pois, senhores: vimos a gravura, e a impressão que d'ella tivemos foi que a linda princeza Ena está a dizer compungidamente ao seu real noivo: — Ena pae! Que beijo que vossa magestade tem! Senão façam favor de a vêr.

Novo ministro

O *Primeiro de Janeiro* de 14 do corrente encarregou da pasta da marinha no ministerio da presidencia de Sarrien, o distincto sportsman sr. Jayme Tompson cujo retrato foi publicado n'aquelle jornal entre algumas das individualidades do novo gabinete francês.

Foi, incontestavelmente, um acto de justiça do *Janero* e o reconhecimento dos meritos do sr. Tompson, comprovados amplamente na direcção do Real Club Naval e da Liga Naval de Lisboa. No entanto — caso extraordinario! — o importante jornal do Porto, que taes aptidões torna a afirmar, demitte cruelmente, no numero seguinte, o dito senhor da referida pasta, nomeando outro que elle reconhece inferior em competencia nautica e cuja substituição o mysterio das coisas politicas encobre por completo.

Francamente, não sabemos a que attribuir a extranha reviravolta do *Janero*.

Eleições

Na reunião que na quarta-feira se realisou no Porto, da comissão municipal dos representantes das comissões parochias republicanas, foi resolvido que o partido republicano d'aquella cidade, concorresse ás proximas eleições com listas completas.

Apoiamos entusiasticamente a decisão dos nossos correligionarios do Porto aceitando, como os de Lisboa, perante a urna a lucta legal que ha-de certamente testemunhar a grande força numerica e disciplinar do nosso partido, enquanto não chega o grande dia em que muitas contas em atraso se hão de liquidar e em que, fóra do ambito das leis e da ordem convencional, violentamente se querem, elle ha-de resgatar a serie de vergonhas e de cobardias com que o regimen tem deshonrado um passado historico de muito brilho e de muita grandeza. Esperem-lhe pela pancada...

Moralidade alpolncea

Recordamo-nos bem. Foi alli em baixo, no Theatro-Circo Principe Real.

Berravam como possessos contra as falcatruas eleitoraes, de que era fructo o illustre parlamento portuguez; gritavam contra a politica rotativa, chegando um dos conspicios oradores — se bem nos recordamos, o Sr. João Pinto dos Santos — a declarar que o grupo a que se honrava de pertencer, estava a paredes meias com o partido republicano.

Claro está, que ninguem o acreditou. E' que já então se rosnavia por ahi que suas excellencias passariam com armas e bagagens para o Sr. Hintze Ribeiro.

Dissolvido o parlamento, os partidos monarchicos preparam os seus accordos para as proximas eleições geraes, cuidam já de fazer com que do parlamento sejam excluidos os deputados republicanos, verdadeiros representantes da opinião do paiz.

Onde param os dissidentes? Alliados com os regeneradores por toda a parte.

Está dado o primeiro passo para a entente com os hintzaceos.

Ainda os havemos de ver de... casa e pucarinho e nada de paredes meias com os republicanos. Muita mudança soffrem as coisas na superficie da terra!

Programma nacionalista

Suborno de heranças, muita reza, salamaleques ante o governo de Sua

Magestade e lucta aberta ao partido republicano.

Andam bem os srs. do altar. Olhos postos nos ceus amigos e mãos nos bolsos dos partidos rotativos, ei los á procura de terra da Promissão.

Que aproveitem enquanto é tempo, que as coisas não correm muito á medida dos desejos d'aquelles que menos prezam os interesses do paiz para olhar pelos seus.

Um Jacintho ou um Bertandos não vale mais do que um José Luciano, como este não é mais do que toda essa podridão que procura na monarchia os legitimos interesses da sua algeibra.

Abençoado paiz, que tal gente atural

Centro Republicano Academico

Inaugura este Centro no proximo domingo 25 a sua campanha de propagança republicana, realisando um comicio em Santarem, no qual usarão da palavra os estudantes Abranches Ferrão, Americo de Castro, Antonio Granjo, Carlos Olavo, Ramada Curto e José Montez.

Nos comicios eleitoraes que se realisarem em Lisboa e Porto far-se-ha tambem representar, e brevemente serão iniciadas pelo nosso illustre correligionario Dr. Malva do Valle as conferencias que o Centro se propõe realizar nesta cidade.

Continuam assim os estudantes republicanos no cumprimento da missão que se impuzeram de lucta contra o regimen.

Na sede d'este centro foi recebido um programma do congresso da paz, que se reúne em Lisboa no proximo mês de maio, e um convite do seu illustre presidente e nos-o eminente correligionario sr. Dr. Magalhães Lima, para que o nosso centro se faça representar.

O assumpto vai ser tratado numa das proximas sessões.

Republicanos e anarchistas

Nos tres ultimos numeros d'*A Era Nova* publicou Campos Lima tres notaveis artigos sobre as relações entre os anarchistas e os republicanos. Dizemos notaveis, porque estamos pouco acostumados a ver escrever com a honestidade e a segurança de doutrina com que o já tão conhecido propagandista trata a palpitante questão. Ha, porem, nesses artigos afirmações que nos obrigam a dizer algumas palavras.

Não é nosso intento provocar polemicas. Declaramo-nos incompetente em razão da pessoa e da materia; e até certo ponto, porque um pouco de pudor nos determina ainda, incapaz de tão fria acção. As polemicas são, em geral, uma febre de reclame, e nós julgamos ingenuamente que o reclame é a irrisão.

A questão é posta nestes termos: «Qual a attitude dos anarchistas a respeito da Republica antes da sua proclamação, durante o periodo revolucionario e depois da Republica feita?»

E' uma questão de tactica que se discute. Não ha, nem pode haver, é claro, uma formula rigida e sagrada de delimitação entre a acção anarchista e a acção republicana. A solução tem de variar conforme os logares, os homens e os momentos. Assim «a nossa questão é resringida a Portugal e ao momento em que escrevemos.»

Se fosse uma questão de principios exclusivamente, nada teriamos que ver com quaesquer afirmações: somos daquelles que têm pouca fé, para a implantação d'ideias, no chamado processo contradictorio. Entendemos que é dentro de cada um que a discussão tem de se travar, que o conflicto tem de rebentar, para que cada um tome resolutamente um caminho. A decisão, que uma conferencia contradictoria ou uma polemica ardente possam levar a um ouvinte ou a um leitor, dura somente enquanto dura o poder de suggestão do conferente e do polemista. E isto não significa de forma

alguma recusa a uma discussão de principios nem tão pouco desprezo pelos methodos criticos. Entenda-se: julgamos de fracos beneficios reaes uma disputa entre pessoas, que, mais a mais, tem o inconveniente de quasi sempre descambar em disputa de pessoas. Entenda-se: preferimos que cada um leia, assimile, compare, generalise e conclua. Por esta forma crear-se-hão vontades, delinear-se-hão individualidades e consciencias. Pela outra forma arranjar-se-hão bandos, patrulhas, claqueos.

Como é, porem, dum processo de lucta que tratamos, não importando agitar idéas antagonicas ou principios irreductiveis, mas somente traçar uma conducta — acaso nos será licito, dentro destas nossas opiniões, dizer algumas palavras.

Campos Lima no primeiro artigo põe a questão. E' no segundo artigo que por varios argumentos procura demonstrar que os anarchistas não podem «auxiliar a propagança theoretica da Republica.»

Como diz Sebastien Faure, se se quer evitar toda a especie de logomachia, é indispensavel precisar os termos. Precisemos os termos. Ninguem pretende que os anarchistas sejam... republicanos. Por isso ninguem pretende que os anarchistas defendam a Republica em face á Anarchia. Os anarchistas atacarão naturalmente todos os regimens autoritarios. Por isso atacarão a Monarchia e a Republica. Ninguem pode contar, nem conta com outra coisa. Mas o que os anarchistas têm obrigação de fazer é defender «theoricamente» a Republica em face á Monarchia. Desde que a Republica é — vá a definição geralmente aceita — a formula juridica da democracia, e a Monarchia é o privilegio, a hereditariedade, o direito divino, a cruz e espada, os anarchistas defenderão logicamente e indeclinavelmente a Republica contra a Monarchia. Sendo assim, desde que, como Campos Lima reconhece, a revolução republicana é a unica possivel em Portugal, os anarchistas que quizerem ser coherentes com as circunstancias e não quizerem prejudicar as proprias idéas batalharão pela Republica — antes da revolução, e durante a revolução. Depois da revolução já ninguem poderá exigir-lhes outro tanto, de boa fé. O seu papel será de novo, naturalmente, demolir. Mas se, implantada a Republica, ella perigasse de forma tal que houvesse o receio de que percesse ou de que retrogradasse, ainda os anarchistas teriam não só a obrigação, mas a necessidade de a defender.

Haverá sophisma, subterfugio, subtilidade que possa destruir a simplicidade luminosa e inconfundivel destes termos? Pois não é isto claro como a luz do sol?

Evidentemente, «o criterio para atacar a monarchia é fatal que diffira dos republicanos para os anarchistas.» Mas que tem isso? Acaso nós queremos impôr como unico elixir maravilhoso, despoticamente, o nosso criterio? Como Campos Lima admite, a Republica trará a liberdade de pensamento.

Não se trata — e é justamente aqui que está o erro — de determinar a acção anarchista «confrontando a doutrina anarchista com a ideia republicana.» Trata-se de determinar a acção anarchista — confrontando a ideia republicana com o principio monarchico.

Quem afirma que os anarchistas em confronto com a Republica devem defender a Republica? Collocarmo-nos neste ponto de vista é unicamente fazer um alarido de pardaes, é combater em pura perda, é esgrimir embora vãos moinhos de vento. Não. O que se afirma é que os anarchistas, na linguagem magnifica e terrivelmente synthetica do povo, façam somente isto: defender o bom para alcançar o melhor.

O exame unilateral da questão e o prejuizo insistente tamboreado de que a Republica só se importa de resolver o problema politico, viciam constitucionalmente os artigos de Campos Lima. E de tal forma a exposição e a deducção são prejudicadas, que nos chegamos a persuadir duma certa fluctuação e uma certa debilidade na linha estrutural.

E' por aquellas razões ainda que Cam-

pos Lima, depois de ter assentado redondamente o principio de que os anarchistas não podem auxillar theoreticamente a Republica, declara que os anarchistas « não podem embarçar o advento da Republica, antes o favorecem, mesmo sem proposito disso; que entre nós a Republica é necessaria, visto que os anarchistas não são o numero e não podem portanto supplantar a acção do Estado; que « dado o caso que a acção do partido republicano se torne decisiva e provoque uma revolução popular, o dever dos anarchistas é contribuir para que esse movimento não resulte peor, dando logar a uma tyrannica reacção monarchica »; que, finalmente, « não será de todo inutil o esforço que prestarmos um dia por ventura a uma revolução republicana ».

Estas contradicções, mais ou menos gritantes, eram, quanto a nós, inevitaveis, e, para demonstrar a inanidade da primeira affirmativa, teria bastado enumerar-las.

Uma outra affirmativa ha ainda, porém, no terceiro artigo, que merece reparo. Campos Lima diz: «... o nosso dever obriga-nos a bater nos tambem, não para darmos apenas mais um passo á frente, mas para que não sejamos obrigados a dar vinte ou trinta passos para traz ».

Não sabemos com que instrumento de precisão o auctor mediou os passos que vão da Republica á Monarchia e vice-versa. Mas devia ser um instrumento muito avariado para marcar só 1 passo da Monarchia á Republica e 20 ou 30 da Republica á Monarchia. Evidentemente perdeu-se a noção das distancias...

Mas a correcta attitudde, a cathedra-tica *allure* com que Campos Lima desdenha da evolução, dum passo mais no caminho da libertação e da felicidade!

Não. Entendamo-nos. E' preciso que os que podemos lutar nos não neutralisemos. E' preciso que as nossas vozes se juntem no mesmo clamor para que as muralhas da cidade antiga ruam e o caminho da Terra da Promissão se nos alargue e suavise. Só assim das areias do deserto nós conseguiremos fazer a seara loira da abundancia e da alegria, e só assim poderemos fazer com que a luz dos astros invada os poços e as minas. Juntemo-nos, amemo-nos: só assim nos saberá bem a vida.

Antonio Granjo.

De Lisboa

17 de março

Meus amigos:

Quando esta manhã, ao levantar da cama, naquele quarto d' hora de suprema lucidez que precede o primeiro cigarro, eu me compenetrei da responsabilidade de correspondente de jornal que a vossa confiança immerecida atirou sobre as minhas debéis forças, dei-me a pensar nos meios que escolheria para o desempenho da complicada missão.

E assentei nas premissas que passo a expor.
— O que é um correspondente de jornal? Na accepção vulgar, correspondente é o individuo que, vivendo num meio afastado d'aquelle onde o jornal se publica, nelle colhe noticias, comentarios, impressões, que transmite, sob a forma de resumos, de rapidas syntheses, á curiosidade dos leitores da gazeta. Correspondente, em resumo, é um alcoviteiro a distancia.

Num meio pequeno essa missão é facil. Num meio como Lisboa, é que ella se torna um pouco mais trabalhosa. Os aspectos, as variadas nuances da vida d'um grande centro, escapam facilmente, pela sua multiplicidade, á observação, á critica e até á simples e secca consignação dos factos. A vida da cidade é um cosmorama a que o observador collocado e immobilisado n'um ponto, só vê um numero limitado de quadros. Necessario se lhe torna mudar d'oculo, como nas barracas de feira onde se apresenta a viagem de Vasco da Gama á India ou o castigo dos assassinos de Iñez de Castro, para que não lhe escape um aspecto. Ou então, escolher um bom logar, fixar-se alli, e deixar que, diante d'elle, se desenrole a fita do scenario.

Esta ultima conclusão pareceu-me a mais pratica e, dado que o melhor logar em Lisboa para observar a vida de Lisboa seja o café, eis a razão por que eu estou agora aqui instalado, a uma mesa do Suisso, em frente de dois inglezes vermelhos e loiros que na mesa fronteira acabam um jantar copioso e bem regado. O mais volumoso dos dois assombra-me pela voracidade com que, desde que aqui estou, já devorou a sua meia duzia de laranjas! E, sendo que eu esteja aqui para observar aspectos e commenta-los, aquelle inglês glotão suggeriu-me esta ideia consoladora — que Portugal ainda é um paiz que se afirma pela superioridade da fruta que os inglezes comem.

Aqui a meu lado estão uns poucos de sujeitos que fallam muito alto, em torno d'uma mesa onde não se vê uma unica bebida. Acho extranho o facto, consigno-

o e dou-me a escutar o que elles dizem. Não consigo entender a conversa; só, de vez em vez, chegam aos meus ouvidos phrases soltas. «E' uma besta! Uma cavalgada! Não tem talento nenhum!» Um d'elles, um moço languido e gordo, com uma cabelleira romantica, olheiras bistradas e um ar fadigoso de corteza hespanhola, retirada do negocio, levanta-se, diz com pompa:

— O livro do Silveira é duma fatuidade inesthetica.

Em roda, pareceu-me que todos concordaram, o moço bateu as palmas e, ao creado que surgiu, com um ar espantado de quem está em frente d'um facto extranho, pediu com mais pompa ainda:

— Traze-me um copo d'agua...

Por minha vez chamei o creado

— Quem são? perguntei

Elle encolheu os hombros, tornou:

— Acho que escrevem...

— Escriptores, não? — insisti já com immenso respeito.

— Não sei!... Parece-me que estão todos desempregados! — retorquiu o prestante servo.

Pareceu-me ser esta uma noção, e tremenda, sobre a ideia que os creados de café têm dos intellectuaes. Aqui o consigno. — « Em Portugal, para os honestos gallegos que nos servem os *books*, os litteratos são gente que não tem que fazer ».

Aqui a meu lado, na mesa contigua, sentaram-se agora dois sujeitos, de chapéu alto. Um d'elles parece-se immenso com o deputado da minha terra, até no corte da sobrecasaca e na proeminencia do abdomen.

Discutem. Vou ouvir.

Fallam d'uma carta, d'um escandalo.

O mais gordo declara, com um sócco no marmore:

— A verdade é que o Zé Luciano é um...

Perdi o final da phrase e oiço agora a resposta do outro, que perôra gravemente, mamando o charuto:

— Olhe doutor! A coisa não nos toca pela porta. E' estar quietinho... Quando fór a nossa vez, então sim... vae ahí tudo raso!

E o parceiro, remechendo o café, com um ar que me parece repleto de philosophia, concorda:

— Afinal tem razão! Cada um governa-se!

Não pude ouvir mais porque entraram de roldão, pela porta dentro, uma porção de sujeitos muito fortes, com um ar de quem queria bater em todos, fazendo uma algazarra enorme e atirando ao chão, ao passar, com a minha bengala que eu encostára a um canto, junto á mesa.

E, a um olhar que me deitou um dos do grupo, eu tremi, no terror d'um grande murro.

Como escapasse, chamei, de novo, o creado.

— Quem são? — ciciei, com immenso medo.

— São das forças!... tornou elle, com profundo respeito.

— Batem?

— A's vezes...

Fugi. Para a proxima, semana a não se dar um incidente igual, serei mais longo.

Timido

«O Vira»

Sahiu o terceiro numero deste jornal de caricaturas com garantias certas dum largo e brilhantissimo futuro, pois que ao lado do bello artista Pedro Cid brilha todo o talento e toda a graça de Annibal Soares e Alberto Costa.

Lá vem transformado em apostolo o nosso companheiro de redacção Carlos Amaro.

Ora, justiça se lhe faça, o Carlos Amaro não é tão santo como lá o pintam — nem tão feio. Affirmamos isto bem alto, não venha o nosso querido camarada a perder casamento.

Tenacidade governativa

A lei da separação da Igreja e do Estado em França tem agora todas as probabilidades de triumpho com a formação do novo gabinete.

Eis as medidas que Clemenceau e Briand contam empregar, caso persistam os movimentos reaccionarios:

- 1.º Supprir as pensões aos padres que resistam aos inventarios;
- 2.º Confiscar os bens não inventariados no momento da resistencia;
- 3.º Submitter a penas rigorosas os fieis que se opponham á fiscalisação da lei;
- 4.º Perseguir nos tribunaes todos os individuos suspeitos de provocar resistencia.

E' um salutar exemplo de tenacidade d'um governo democratico, o que prova que o emprego da força e da violencia devem ser proscriptos como processos de governar.

Partida e chegada dum rei amado

No domingo 11, á noite, o rei D. Carlos, achando bem providos os thesouros da nação, sereno e feliz o seu povo pelo respeito que ha pelos seus direitos e pela sua vontade, funcionando regularmente todos os poderes na legitimidade da sua autonomia, partiu para Madrid a espalhar, em contacto com a effusão do genio hespanhol, a sua alegria de rei muito amado.

Na estação estavam largamente representadas as classes superiores, com as côres varias das suas commendas, o brilho metallico das suas medalhas e a expressão da sua gratidão honrada pelo rei que os tem servido.

Eram ministros, funcionarios, mil-tares fieis, aristocratas, homens que têm realizado no nosso paiz o equilibrio financeiro que caracteriza uma nação prospera, e os maridos de Lucrecias que se não matam...

Fôra, na plataforma superior da estação, um cordão de policias impedindo que a explosão do affecto popular perturbasse a majestade na serenidade das suas despedidas amigaveis.

D. Carlos, cada vez mais rosado, mais gordo, mais feliz, lá partiu tendo o caminho illuminado pela luz extranha de archotes erguidos á sua passagem, não fosse o povo, tímido e grato, communicar-lhe por esses sitios os seus sentimentos!

E havia labios que formulavam os desejos de todos os corações lusitanos nos termos que seguem:

«O rei amado! rei prestimoso! sê feliz na tua viagem e que as tuas venturas sejam tantas quantas são as saudades que ficam na alma dos teus subditos...»

A chegada: no dia 16, lindo dia de plena primavera, o rei chegou. Chegou bom, chegou fresco. Na recepção estava a familia e os partidarios do *direito divino*, havendo em abraços, em apertos de mão, em cumprimentos, expansão de sentimentos de intímidade e de respeito sinceramente monarchico.

Fôra, nas ruas onde formavam as tropas que faiscavam sob o esplendor do sol, houve os vivas que a policia arranhou a 800 reis por manifestante, para não haver excessos nas manifestações de sympathya.

Emfim, o rei amado partiu e chegou significativamente saudado, ficando, certamente, com a impressão suavissima da ternura d'um povo que elle não opprime, não explora, nem defrauda.

Mêdo...

O mêdo que a monarchia tem de que discutam os seus actos pouco limpos, é tão grande que á mais pequena coisa se sobressalta e perde as estribeiras, a tal ponto que ha dias mandou rasgar, pelos seus leaes servidores e guardas, os pequenos e inoffensivos *affiches* que mandaramos pôr, por essas ruas, annunciando o nosso jornal.

Em perfeito accordo com a Universidade que manda fazer o mesmo aos avisos das reuniões do Centro Republicano Academico...

Continuem, pois, que as *Commendas* não se farão esperar.

O caso Djalme

A Justiça de Paredes parece ter finalmente resolvido, no cumprimento do seu dever, pôr termo ao caso triste e sujo em que a policia portuense, ás ordens do commissario Adriano Accacio, envolveu o sr. tenente d'artilheria Djalme d'Azevedo.

No fim d'um longo anno as consciencias adormecidas dos magistrados judiciaes de Paredes acordaram e lembraram-se então de que, contra todos os principios do Direito, havia um homem que elles cimosamente tinham esquecido durante compridos mês, num quarto incommodo e frio d'um presidio militar, e resolveram ouvi-lo, acatando emfim o clamor que de todos os corações generosos se levanta, num anseio enorme de justiça a favor d'esse perseguido do regimen.

E' extraordinariamente revelador este caso, da completa desorganisação a que tudo isto chegou e entristece sobremaneira a falta de independencia d'um poder que nós, na nossa ingenuidade de rapazes, acreditavamos ainda fóra da sujeição a que a soberania policial subordina hoje em Portugal todas as manifestações sociaes.

Exceptuados os jornaes republicanos toda a imprensa d'este paiz foi cumplice da policia, uma parte pelo seu silencio, outra pela facilidade com que aceitava submissa e de cabeça baixa, as noticias forjadas nos gabinetes do Aljube, sem que um grito de revolta viesse pôr uma nota de honestidade no relato que faziam do caso.

Não podia porém prolongar-se por mais tempo este estado de coisas e, no preterito dia 14, a justiça resolveu-se a ouvir o snr. Djalme d'Azevedo que confirmou

todas as suas anteriores declarações e que aguarda agora o complemento do caso com que um criminoso vulgar pretendeu sujar o seu nome limpo e honesto.

Cumpre-nos dizer que para a resolução deste caso muito contribuíram os nossos collegas, estudantes do Porto, que numa campanha activa e persistente têm procurado pôr-lhe fim.

A academia de Coimbra, numa das suas ultimas reuniões, nomeou tambem uma commissão que por certo hade contribuir para que justiça seja feita ao tenente Djalme d'Azevedo.

Contem todos com o nosso apoio incondicional.

PELA INSTRUCCÃO

Laconicamente, ha dias, num final esquecido de columna, após a nomeação de meia duzia de professores d'instrução primaria, os jornaes participavam que, de futuro, ia ser permitida a matricula em direito aos individuos que apresentassem a certidão do primeiro anno da faculdade de theologia.

Este facto impressionou nos tanto mais, quanto é certo que muito poucos dias antes tinha sido feito esse pedido.

Entre nós é costume muito antigo, julgamos que de sempre, deixar amadurecer até ao apodrecimento, dentro das gavetas das secretarias ministeriaes, todos os requerimentos que alguns têm ainda a ingenuidade de para lá mandar, desacompanhados de acreditadas cartas de recommendação.

Esta pressa em responder a um simples requerimento d'estudantes, tão justo na apparencia, mas na realidade cheio de perigos para a educação nacional, fez nascer em nós a desconfiança de que altas e poderosas influencias o tinham guiado até junto das mãos do sr. Eduardo José Coelho.

Este decreto é, sem duvida, uma das maiores victorias que a reacção clerical, tem vindo ganhando ha uns annos para cá. Desde a legalisação das congregações religiosas pelo decreto de 18 de abril de 1901, não temos conhecimento de disposiçao alguma que tanto vá favorecer os planos do clericalismo.

Como se sabe, contrariamente ao que se dá para as outras faculdades, não é necessario o curso dos lyceus para a matricula na faculdade de theologia.

Com o curso de qualquer seminario e um exame feito á pressa perante um jury de lentes theologos, qualquer individuo pode, d'ora avante, graças a essa concessão, frequentar a faculdade de Direito e vir a fazer, mais tarde, de camaradagem com outros advogados de sotaina, uma conceituada succursal de Campolide, de cada uma das repartições publicas do paiz.

Esta disposiçao legal trará consigo, naturalmente, um extraordinario augmento da frequencia dos seminarios em prejuizo dos lyceus, já porque o seu curso é mais breve e mais economico, já porque a maior parte dos paes portugueses, productos d'uma falsa educação, preferem, ainda, o ensino religioso que deprime o character e recalca todas as nobres aspirações, ao ensino laico que, embora imperfeito entre nós, deixa em liberdade todas as energias creadoras do individuo. E isto será, nada mais nada menos, que a volta do ensino para as mãos bestificantes do clero...

Succede tambem, que do dinheiro das matriculas nos seminarios pouco ou nada vae para o Estado. D'esta maneira o proprio Estado, sempre prompto a augmentar os impostos e nunca a diminuir-los, que já paga aos bispos e aos padres algumas centenas de contos annualmente, vem agora, pela diminuição fatal do numero de matriculas nos lyceus, offerecer-lhes, graciosamente o seu producto, em troca de meia duzia de votos para as proximas eleições.

E' simplesmente triste...

Consta-nos que a Academia de Coimbra vae protestar contra o facto e pedir a collaboraço dos alumnos das outras escolas e de todos os libereos do paiz, a fim de que esta questão assumo o character que deve ter — de questão nacional.

Reunirá a Academia?
Ficará ella indifferente a um ataque d'estes contra a sua dignidade e contra os interesses e prosperidades do seu paiz?
Aguardemos os acontecimentos.

Sarau Academico

Vae realizar-se, brevemente, nesta cidade, um sarau cujo producto revertêrá em favor das familias das victimas de Courriêres.

E' a um grupo de generosos estudantes que se deve esta sympathya iniciativa de que só á ultima hora tivemos conhecimento. No proximo numero daremos uma noticia mais desenvolvida sobre o programma e elementos constitutivos do sarau.

Communa de Paris

Passou hontem, 18, o anniversario da Communa de Paris, de tragica memoria pelo seu triste fim, mas cheia de grandeza e de respeito pelo ideal que a animou.

Reeditemos algumas palavras de José Falcão que tão impressionalmente a defendeu perante todos aquelles que, levados pelas primeiras impressões, não souberam comprehender a alta significação do generoso e heroico movimento:

«Nesta hora grande e sinistra, em que á maldição dos vencedores se junta ao sangue dos vencidos; e a colera implacavel dos *Senhores* triumphantes persegue até a memoria d'aquelles de quem só restam os cadaveres mutilados pela metralha; nesta hora, unica nos annaes das catastrophes humanas, que se ouça ao menos uma voz pedindo respeito para os mortos, maldição para os verdugos, e o pelourinho da consciencia humana indignada contra os canibaees que, na embriaguez da sua selvageria, nem ás mulheres deram quartel.

Sim! Nós defendemos a *Communa* de Paris.

Mas esta causa santa que abraçamos, é sagrada para nós, não pela piedade que a todas as almas nobres inspiram os grandes infortunios; mas porque é a causa do Direito e da Justiça.

Para o provar, basta examinar sem grande esforço de critica as peripecias caracteristicas da assombrosa tragedia; e, sobre tudo, o estado da consciencia e do espirito publico em França naquellas classes, cuja acção é mais proeminente na evolução do Drama humano.

No estado actual da sociedade francesa dois grandes problemas occupam o espirito publico — o problema politico, e o problema economico. Examinemos um e outro destes problemas.

Que é o problema politico? Definir a essencia e fins do governo, e, como corollario, determinar o mais perfeito e justo systema de relações entre governantes e governados. Por outras palavras, buscar a melhor fórma de governo.

A solução deste problema é diversa nos diversos *partidos*.

Quaes são pois os partidos politicos em França, que buscam a solução do problema nos elementos constitutivos dos seus respectivos organismos? Podemos reduzi-los a tres; e talvez mais um quarto, que só dum modo indirecto busca a solução do problema. Este quarto é o partido da *Communa*.

Este partido considera o problema politico como mera consequencia do problema economico; isto é, entende que a humanidade (com excepção de alguns milhares de parasitas improductivos) só alcançará a felicidade, quando a produçao, repartição e consumo dos productos do trabalho estiverem organisados de modo, que o producto do trabalho pertença exclusivamente aos que trabalham, como é justo, e não a uma minoria exploradora, parasita e despotica, que só deixa ao escravo que a enriquece o sufficiente para elle não morrer de frio e de fome, e poder produzir de novo no dia seguinte; quando não leva a caridade evangelica a metralhar cincoenta mil de uma vez, como acaba de fazer o *bom* do sr. Thiers, com applauso de todas as beatas, e de todos os sacripantans.

A's vezes tambem consolam o pobre proletario servindo de *amparo* ás filhas... mas só durante a mocidade, que é idade cheia de *perigos*.

Este partido, que é o partido do futuro, em quanto a metralha não consente que seja o partido do presente, tem todavia o seu ideal politico — é a Republica Federal. Entende que não está no espirito da sociedade humana supprir a individualidade, e toda a existencia collectiva intermedia, para só deixar subsistir uma grande existencia geral, em que se absorvam todas as outras, asphyxiando a liberdade nesta violenta concentraçao. O partido da *communa* entende, que se ha cousas que devem ser feitas pela grande unidade social ou nacional, ha outras, e em muito maior numero, que devem fazer-se por meio de unidades collectivias de ordem inferior, pela unidade departamental, communal, ou das associações industriaes e commerciaes, pelas numerosas unidades de familias, e, sobre tudo, pelas unidades individuaes.

Foi este o programma da *Communa*; por elle derramou o seu generoso sangue; e oxalá que ao lado da liberdade, que sempre florece no sangue dos martyres, não cresça tambem a arvore da vingança, para cobrir os nossos filhos com a sua sombra fatal.

Os Palhaços

Para todos os numeros do nosso jornal, o nosso camarada de redacção Carlos Amaro, emprehenderá uma chronica sob o titulo geral — *Os Palhaços*.

Pontos de vista

Arto

— Mas, meu amigo, a caricatura não é só isso e nem mesmo é isso.

— Este é o meu modo de ver: tudo quanto faça rir; a vida, o typo, a especie através a visão d'um artista habil que exaggera as deformidades e os ridiculos, eis tudo.

— Concorde nessa primeira parte, mas devemos de dar a essa visão um intuito crítico, uma intenção superior. Fazer caricatura só com o fim de fazer rir, ser humorista só para soltar gargalhadas, parece-me obra tão inutil e tão pouco digna de interesse como esses trabalhos de escamas de peixe que as meninas collegias fazem para as molduras dos retratos dos papás, ou esses trabalhos em cortia, simplesmente valorizados pela indicação elucidativa: — levou dois annos a fazer, todo executado a canivete. E' uma actividade perdida... Dizer isto (como aqui está escripto) *Nós não vimos pôr a nossa penna e o nosso lapis ao serviço do que vulgarmente por ahí se chama uma causa justa e nobre;... Vimos saltar e folgar com a bella sociedade...*

Rapazes, vamos ao virá! — embora seja sympathico pela singeleza da formula, a ninguém interessaria pela inutilidade do fim. Meu amigo, toda a arte que não tiver um fim moral, uma intenção purificadora, não pode lograr grande vida.

— Eh! Lá vens com as phrases... Já sei com que vens... a these, a philosophia, toda essa trapalhada. Não pode haver arte que seja meramente recreativa?

— Pode haver e ha, mas esse desperdicio d'uma tão grande energia, capaz de revolucionar as mais radicadas ideias, faz-me sempre lembrar aquelle sujeito que accendia cigarros com notas de cem mil reis.

A caricatura hoje é uma arma poderosa de combate e d'um alcance incalculavel. E' o meio de propaganda mais rapido, mais duradouro e mais profundo. E isto pela simples razão de que para entender um artigo e para elle fazer emergir uma convicção num cerebro qualquer é necessario que esse cerebro saiba ler e para uma caricatura convenier algum basta que esse algum sinta. Pode o individuo não att'ingir a profundidade philosophica d'uma caricatura, pode um cerebro menos prevenido intellectualmente não vêr ao primeiro relance a força poderosa d'um grande raciocinio, que quatro traços contem e resumem, mas o que decerto logo fere e se grava no espirito é o sentimento, a emoção que o artista nella lançou. Um desenho apanhados pelos sentidos, domina os rapidamente, e depois o cerebro sobre essa impressão trabalhará lentamente produzindo a ideia. O trabalho é inverso d'aquelle que se realisa quando na leitura d'um artigo. Aqui o trabalho é todo intellectual, sem apoio no sentimento e por isso menos violento, menos vincado; deixa-me dizer-te assim.

Já viste «L'Assiette au Beurres»? Vê-se um numero, mesmo ao galope d'uma vista apressada, sem lêr os dísticos e no fim sente-se indignação, odio, dôr tristeza. Emfim, qualquer coisa que nos leva a rugir contra a infamia social, a abrir os braços caritativos aos desgraçados ou a lançar a nossa compaixão aos aniquilados da existencia. Vê «Les Avariés», que paginas meu amigo!

Fazem mais impressão aquellas poucas folhas tracejadas rapidamente em es-

boceto do que mil volumes medicos sobre o assumpto. Inspira mais repulsão e horror pela doença terrivel do que bastos conselhos medicos em livros scientificos. E que odio, meu amigo, surge contra esses pandilhas de Madagascar! E' necessario veres, se ainda não viste. Convence, irrita... sente a gente ganas de berrar por essas ruas fóra como se os factos se dessem em nossa casa, á nossa vista... Qual o prosadôr capaz de fazer levantar tão violenta commoção?

Aqui tens o que é a caricatura: uma obra sã attrahindo e interessando; uma arma posta ao serviço dos que pugnam pelo bem e pelo justo.

E' o riso, a troça feita a ariete para derrubar e esmagar tudo o que opprime, tudo o que soffoca: seja uma ideia, seja um facto.

Na queda da monarchia de julho, em França, teve grande parte esse grupo de caricaturistas audazes que Charles Phillipon soube reunir em volta de si. Parece phantastico que uns bonecos tenham tanto effeito no espirito publico e o tornem capaz de derrubar instituições? Vê... um dos predicados que mantêm de pé um certo numero de instituições é o respeito que ellas inspiram e que, na phrase pittoresca d'algum, é como a armadura d'aço que, ainda depois de mortalmente ferido, mantem de pé e erecto o guerreiro. Pois é este prestigio que inspira o respeito que a caricatura destroe abandalhando e pondo ao nivel commum as entidades divinizadas por seculos de isolamento. Pois tu imaginas que o povo que invadiu as Tulherias e deu de cara com Maria Antonieta e Luiz XVI, parando hesitante, estarecido, perante a majestade d'aquella realza, o teria feito se atraz de si tivesse uma legião de caricaturistas que no seu espirito houvessem destruido o terror atavico das grandezas divinas?

Não, meu amigo. Mas sabes? para esta obra é preciso estar possuido de odio, opprimido... Ora agora vê estas caricaturas...

Tu, claro, tens horror á censura, abominas o systema da rolha, irritas-te quando suppões que o teu pensamento não é livre e sentes cocegas pela espinha dorsal pe sando nos teus direitos d'homem livre cerceados...?

Pois bem, olha aqui *O Virá* — a mesa censoria.

Que me dizes? Não commove, não te leva á odiar a instituição, não derruba pelo ridiculo, nada, absolutamente nada.

Até, pelo contrario, qualquer coisa de alegre, uma impressão agradável nos deixa como se acabassemos de vêr uma scena risonha, qualquer coisa encantadôra, como duas creanças a brincarem ao Juiz Veiga.

E' uma obra nefasta porque habitua á escravidão com o sorriso nos labios. Nem a indignação vehemente que redime os escravizados.

E' tanto mais para lastimar quanto bellos talentos a ella se devotam.

— Talvez tenhas razão, mas o nosso espirito nacional é este: a indifferença para tudo e o fado para as grandes dôres. Convence-te tu tambem que este povo não resiste e põe de parte todas as coisas, as mais vitaes, a este convite bohemio — Rapazes, vamos ao virá!

Thomas Viréloque

Arbitros avindores

Realisa-se no proximo domingo a eleição para o tribunal dos arbitros avindores organizado nesta cidade a pedido da

a negra face mais pensativa e mais triste. Ensinei-o a rir e fiz d'elle — o Diabo.

Desde então por onde passa e a sua aspera gargalhada, uma onda vermelha e quente de luxuria, d'amor e de crimes, alaga a terra, sobem mais alto e mais alto gritos de batalha, fremitos de beijos, uivos longos de feras, dilatam-se bemitos e fecundos os ventres das mulheres.

Afinou ao luar o bandolim de Mephisto e a guitarra de D. João, tecem com seda leve a escada fina de Romen, lapidou brilhantes, inventou os leques, foi amigo de Luther e intimo de Bakouine e ainda ha bem pouco fazia vermicular de cupidéz á aproximação do ouro, as mãos delgadas e tremulas do papa Leão treze.

Dizem que envelheceu, mas não acredita: Elle soffre e gosa d'uma eterna mocidade. — Elle é meu filho.

Quando os velhos deuses pagãos, fartos d'intrigas e d'amores, se deixaram emfim morrer, Elle andou, coitado, occultando sob a terra humida os seus divinos corpos, á sombra meiga dos loureiros, com tal dôr e carinho, que ao calor das suas lagrimas e beijos se fundiram os claros braços da Venus immorttal.

Satan chorou pela primeira vez... Fabricou depois commigo todo o scenario tragico do Calvario, e foi Elle ainda quem, num gesto manso e doce, junto aos pés d'esse *blagueur* encantador que se chamou Jesus, amorosamente desenrolou

camara municipal da presidencia do sr. dr. Marnoco e Sousa.

Sendo essa eleição de toda a vantagem para a classe operaria que sempre vê descurados os seus interesses, é de crêr que ella em grande numero ali concorra mostrando assim que está resolvida a ir conquistando regalias que decerto ha muito já teria, se não fóra a sua descrença pelas coisas e pelo homens.

Que lucte e que não deixe os seus creditos por mãos alheias e o operariado irá vendo melhorada a sua triste situação.

O tribunal agora creado de muito lhe servirá para demirir questões entre patrões e operarios.

Le gouvernement est mort; vive... o contrato dos tabacos!

Os jornaes d'hontem registam boatos de crise ministerial que dizem correr com certo fundamento.

Para nós, escusado é dizê-lo, não têm importancia nenhuma estas mudanças de governos que não marcam modificação na situação politica nacional determinada apenas pela influencia pernicioso e nefasta do regimen monarchico.

O sr. Hintze Ribeiro foi chamado.

Quer dizer: homens deshonestos substituirão homens indignos; a vontade, os caprichos, a perversidade de quem representa as instituições continuarão a ser satisfeitos.

A vontade, os direitos, os interesses, os dinheiros do paiz continuarão a ser desrespeitados e perdidos.

A nossa obra, portanto, que é uma obra de combate, resultante de principios constitutivos d'uma forte convicção e da hygienica necessidade patriótica de destruir um regimen immoral, continuará tambem.

Mudem os homens á vontade; nós nos encarregaremos de, no momento opportuno, substituir os principios.

Fervet opus...

Pelo paiz fóra paiz uma aragem tumultuosa e agitada de eleições; colligam-se torpemente todas as *colteries* monarchicas contra o inimigo commum, que vem surgindo e que parece prestes a destruir este montão de monstruosidades e de aberrações, cuja presença nos contamina e vicia como putrido cadaver de pestilento.

Parece chegado o momento de pôr cobro a tantos desvarios e desmandos e de extinguir toda a serie de *escroqueries* que tem posto na espinha os fundos da nação.

O governo, fortemente abalado nestes ultimos tempos com innumeradas infamias praticadas, procura a todo o transe mostrar que ainda d'ella tem apoio; esgota para isso todo o dinheiro do thesouro; estabelece accordos particulares e illegaes; compra consciencias; promove transferencias; falsifica e rouba — porque este é o nome — recenseamentos, emfim pratica toda a casta de torpezas e de iniquidades.

Pois, apesar d'isto, estamos certos, o povo saberá ver quanto é necessaria a presença dos deputados republicanos no parlamento.

Não poderão evidentemente produzir já uma remodelação completa e immediata naquelle mercado de discursos ocos e vãos, peores do que as discursatas dos meninos do Lyceu em Assembleia Geral, pelo mesmo motivo por que a desinfeccção e limpeza d'um edificio habitado

por tuberculosos e syphiliticos se não faz no curto espaço d'alguns instantes.

Mas serão os unicos representantes do povo e pelos seus interesses lutarão, impedindo medidas humilhantes como as que pesam actualmente sobre nós, pugnando pela soberania do povo e defendendo a liberdade e justiça.

Haja um vislumbre de brio e de vergonha. Basta de tyrannia e de sujeição; é necessario que o povo triumphe; é necessario que o povo governe.

Unamo-nos todos e, se no campo da legalidade nada se puder conseguir, lancemos um olhar para a historia e aprenderemos lá a impôr a nossa vontade.

B.

As cartas do Sr. Barbosa de Magalhães

«Ralham as comadres, descubrem-se as verdades» — diz o nosso bom povo. Os dois davam-se admiravelmente.

Pelo patrão arriscava-se a vida, a saude, e mandava-se o *pequenote* tomar a defesa de todos os galopins progressistas envolvidos em processos eleitoraes pelas suas habilidades praticadas junto da urna.

Um dia, porem, os ares turvaram-se. O *bolo* era grande, e o Sr. de Magalhães estava ameaçado de levar com os pratos na cara.

Escreveu, portanto, ao patrão e este tranquillizou o pretendente.

Mas duas casas reinantes poderosissimas se batiam temerosa e gananciosamente.

Eram ellas a de Agueda aliada da de Anadia e a de Magalhães aliada da de «D.reito» e mais partes adjacentes. Após algumas luctas encarniçadas, Agueda triumphou.

Pudêr!... Muito rica, boa polvora e excellentes soldados, eram as condições necessarias para ella vencer.

Mas o chefe do povo de Magalhães conhecia demasiadamente o que ia lá por casa dos povos triumphadores.

Veio, pois, para as gazetas, e, com uma lingua de trapos, propria de mulher de soalheiro contou tudo que por lá ia. Por lá só havia lama, podridão e... não sei que mais.

Foi o diabo! Todos concordaram em que se tornava urgente uma vassoura de arame e algumas toneladas de potassa.

Os mais finorios do povoado, com um dedo no nariz, esses perguntavam: Mas para que esteve Sua Ex.^a calado durante tanto tempo?

As comadres zangadas que lhes respondam.

Congresso pedagogico

O sr. dr. Alves dos Santos, inspector da segunda circumscripção escolar e promotor do congresso pedagogico que vae realizar-se nesta cidade, continua trabalhando activamente para que o congresso tenha o melhor exito.

Na proxima segunda-feira reúnem-se os professores de ensino primario official deste concelho, para resolverem o modo de condignamente receber em congressistas.

humido de cavallariça, os servos te batiam.

E encliam se de lagrimas os teus olhos vesgos, inundavam-se de luz as fundas rugas da tua face odienta...

Ella morreu por fim... sobre o seio exangue as suas mãos já frias, uniu-as pela derradeira vez a derradeira prece; e a sua branca alma, batendo as finas azas por entre os sonhos das magras virgens piedosas, ainda palpitou de leve sob as mãos suaves de Bolticeli, e num sereno vôo, para sempre, abandonou este feio mundo, cheio de tantos e tam negros maleficios.

Foi então que tu vieste para o meio das praças armar a tenda esfarrapada, cantando ao sol os psalmos de Luther, ensinando a rir ás multidões o teu velho odio, á hora em que soava alto a voz de bronze de Cambés e tombavam rotas e vencidas das mãos purissimas de Quichote as armas impollutas.

E depois, e depois, o que tu tens visto, como tu tens rido!...

Jehovah percorre melancholico os tristes ceus desertos até onde sobe rumorosa e negra a onda borbulhante de sangue, de gritos e blasphemias com que uma sinistra e bebada canalha vinga milhares d'annos de fomes e martyrios.

Tombam dos thronos os reis apunhalados, empalidecem os ricos e os senhores ante a mão d'um slavo herculeo e sombrio, que a ferro e a fogo marca o flanco da terra com a palavra sagrada e terrivel — NIHIL.

Livros e publicações

Alfredo Pimenta—*Fim da monarchia*.

Pela Typographia Democratica acaba de ser lançado á publicidade um livro cheio de actualidade, do academico Alfredo Pimenta.

Fim da Monarchia, é como elle se intitula. Pequena brochura, de 95 paginas, nitidamente impressa, com uma designação symptica, o auctor propõe-se analysar o regimen monarchico em geral, e mui particularmente os seus dissolventes effeitos em Portugal. Vamos lê-lo com o cuidado que exige uma apreciação sincera e agradecemos ao auctor a gentileza da offerta d'um exemplar.

Theses

Nos passados dias 13 e 14 do corrente, defendeu theses, perante a faculdade de Direito, o sr. Dr. Caeiro da Matta, que se houve brilhantemente na defesa das proposições apresentadas.

A faculdade classificou o illustre doutorando com M. B. 19, classificação que foi acceita como representando uma obra de inteira justiça ao trabalho e intelligencia do futuro professor.

Escola laica

Consta-nos que um grupo de liberaes pretende fundar nesta cidade uma escola de ensino laico. Escusado é encarecer a sua utilidade e afirmar a nossa adhesão á idéa, e, brevemente, nas columnas do nosso jornal, algum especialemente habilitado tratará, com toda a proficiencia, da laicisação do ensino.

Creches

No barracão cinematographico situado no caes realisaram-se no preterito domingo, 12, os spectaculos em beneficio das Creches, dando entrada no cofre desta associação 101\$080 reis, liquidos de despesas.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em

LISBOA — Tabacaria Monaco. Kiosque Elegante (Rocio).

PORTO — Kiosque da Praça D. Pedro.

BRAGA — Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos. Casa Elyseu da Silva, rua Larga. Kiosque da Praça 8 de Maio.

SANTAREM—Bernardo José Vianna.

E aos teus olhos surge, pela vez primeira, a visão dulcificadora d'uma primavera eterna, em que os homens menos cruéis e mais bellos do que os deuses, saibam rir, emfim, com o riso forte e alegre dos heroes, dos labios das mulheres os beijos desabrochem claros e profundos, sem medo e sem peccado, e para o sol se ergam os canticos solemnes das multidões libertas e felizes.

Ah! que tu jamais comprehendeste, oh! meu pobre ingenuo, que o mundo é obra minha, feita d'ironia e cynismo, nota sangrenta duma gargalhada infinita, rolando pelo espaço fóra, sem saber para onde, sem saber porquê...

Bem farlo e repeso do que fiz, vomme a descancar, emfim, para bem longe, onde não chegue a estupidez dos homens, nem oia o zumbir dos astros, a conversar talvez com Brahma, sobre as inexauriveis delicias do absoluto aniquilamento.

Tu, já agora, segue o teu destino: — ri, ri continuamente, mas não esperes jamais, oh! meu velho palhaço, pela força heroica do teu riso ou pela chamma viva do teu odio, dobrar ou fundir sequer a flecha d'um só crime, nem que, sobre a terra, a flor do perdão, um dia desabroche. Ouviste?

2.º palhaço:

Veremos, veremos...

CARLOS AMARO.

Os Palhaços

1-1-1

PROLOGO

1.º palhaço, gordo e majestoso como um Budha, a ampla juba azul celeste recamada de constellações, sauda num longo e demorado gesto:

Signori:

Nasci muito antes, ah! muito antes dos astros e dos homens, das feras e dos Deuses.

Duma risada extensa e luminosa abri na feia treva os sulcos das estrelas. Ri mais e fiz o Olympo, ri muito e fiz o Ceu.

E fui eu que, numa clara madrugada, armei com a espada larga e sonora da justiça o braço d'um anjo triste contra um velho tyranno de longas barbas, que ao som das mysticas philarmônicas ha muito adormecera, a risonha cabeça reclinada sobre o luminoso feixe dos seus raios que um dia, mais tarde, desfecharia sobre a terra rebelde e peccadora.

Vencido e expulso vi depois Satan na sua queda, enchendo o espaço inteiro com a longa sombra das azas membranosas, cortando a treva em largos circuitos silenciosos, descendo lento e lento, seu grande coração inflado pelo odio,



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria põem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atraso de 4 minutos a uma e de 3 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURANTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contém, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 7\$000

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fargas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 2 — 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 26 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

REVOLUÇÃO

Não vimos annuncia-la, o que só fariamos, com intensa alegria, no momento em que os nossos adversarios não podessem impedi-la e em que, pelo menos, lhes fosse difficil suffoca-la.

O que queremos é precisar o valor do termo, effectivamente um pouco gasto nas faceis oratorias das assembléas exaltadas, mas que corresponde a uma ideia legitima e a uma necessidade indiscutivel, porque representa em face de determinadas circunstancias e num determinado ponto da evolução o unico caminho possivel e razoavel que póde tomar um partido que se proponha realizar modificações profundas e radicaes nos fundamentos politicos d'uma nação.

Ha dias, um escriptor e deputado republicano hespanhol, Blasco Ibañez, escrevia ao chefe do seu partido, notificando-lhe que renunciava ao seu logar no Congresso, por não lhe agradar a passividade parlamentar, isto é, o exclusivismo parlamentar da acção republicana, visto elle entender que a preocupação revolucionaria devia ser a alma de todo o trabalho do partido republicano.

A impaciencia revolucionaria do notavel escriptor, a sua desistência dos meios de luta legal que o parlamento lhe offerece, comprehendem-se pelas condições politicas da Hespanha, no seu aspecto fundamental semelhantes ás nossas, e pela attitudde do seu partido que preferiu a sua natural missão, recorrendo simplesmente aos processos pacificos d'uma opposição parlamentar.

As monarchias são formas imutaveis e como taes fechadas a toda a especie de concessão, intransigentes ás transformações evolutivas, inamoldaveis ás conquistas do progresso.

Quando a noção dos novos direitos se formou na consciencia dos homens que a exprimiram nas reivindicações publicas, as monarchias sentiram a necessidade da defeza que se traduziu na pratica odiosa de perseguições de toda a ordem, na repressão systematica de todas as manifestações do pensamento.

Ceder era morrer. A monarchia absoluta de Luiz XVI, concedendo a primeira constituição á França, preparava pelas suas proprias mãos, no temor da sua transigencia, o golpe de morte que a prostrou.

Diante das reclamações que as massas populares, organizadas e orientadas, teem formulado sobre o suffragio universal, as monarchias resistem absolutamente.

As barricadas erguidas na Belgica, ha poucos annos ainda, representam o esforço heroico dos trabalhadores respondendo á recusa do rei Leopoldo em reconhecer a sua soberania, effectivada naquella especie de suffragio.

A acção dos partidos republicanos não deve, pois, limitar-se aos recursos de luta que, dentro da lei, os velhos regimens existentes escassamente lhes concedem, nem reduzir-se aos movimentos inoffensivos que podem produzir-se na área das operações pacificas!

Se fosse assim, elles perderiam não só o seu caracter de partidos revolucionarios, mas até, pela renuncia á sua influencia radicalmente transformadora, a essencial razão da sua existencia.

A monarchia portugueza tem cerceado quasi por completo todas as garantias e todos os recursos de combate e propaganda aos partidos que se lhe oppõem.

Isto resulta do plano de reacção politica que ella vem, ha annos, methodicamente realisando e que se expressa quer nos actos cada vez mais violentos do poder, quer no sentido cada vez mais regressivo da nossa legislação.

Desde os actos de puro arbitrio governativo que suffocam a natural indignação dos nossos jornaes em face á sequencia revoltante de tanta baixez e de tanto roubo, até ás leis que difficultam os direitos de reunião e de associação, ás leis de policia que puzeram todos os propagandistas e todos os combatentes á discrição dos ultimos esbirros, tudo é coacção que nos impede de lutar e agir com a amplitude legitima do nosso entusiasmo e da nossa cólera.

Quer dizer: a monarchia levounos, pelo impudor das suas espoliações, pela immoralidade dos seus processos, pela violencia usada para comnosco, á necessidade de nos batermos decisivamente com ella, lançando mão d'essa violencia salutar e redemptora que nos registos historicos se conhece pelo nome de revolução.

Isto não significa, de modo nenhum, que devemos abandonar o chamado campo da luta legal onde o partido republicano, pela extraordinaria força que possui, póde fazer admiraveis afirmações de vigor numerico e de consciencia disciplinar, nem desprezar as intermittencias da oppressão monarchica para o proficuo trabalho orientador da propaganda. Mas que a organização das nossas forças, que a alma da nossa acção, que a preocupação fundamental do nosso trabalho deve ser o intuito revolucionario.

E ninguem estranhará, certamente, a franqueza das nossas palavras, visto que, por mais estúpido que se seja, comprehender-se-ha facilmente que a missão principal d'um partido revolucionario é fazer a revolução!

CARLOS OLAVO.

O proximo numero da PATRIA publicará um artigo do sr. dr. Antonio José d'Almeida.

DUAS PALAVRAS

É para notar que os caricaturistas portuguezes de tal forma traçam as physionomias dos senhores José Luciano e Hintze Ribeiro, que, a não serem as respectivas e explicativas legendas, nos veriamos a perros para saber quando se trata d'um e quando se trata do outro. Tambem para nós, nos dois grandes homens e incriveis estadistas, não é facil encontrar caracteristicas differenciaes que notavelmente os possam separar para a nossa admiração e respeito.

Ambos são conselheiros, ambos chefes de partido, ambos usam lunetas, calçam ambos botas d'elastico e alternadamente ambos contam com a confiança da corda.

A mesma bexiga monarchica os verteu sobre a terra, á mesma hora, d'um mesmo jacto, á mesma esquina, como productos dum mesmo aperto.

A differença... a differença... Sim, existe uma pequena differença: A um, ao triste que se foi, fallam-lhe, alem do resto, as pernas — ao outro ao d'hoje, ao fundamentalissimo, só lhe falta... a cabeça.

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

Acerca do celebre «aperto de mão» — Hintze-Franco, que passará á historia do constitucionalismo portuguez como um gesto celebre, tem corrido persistentemente um boato curioso.

Diz-se que essa aproximação entre os dois irreconciliaveis foi ordenada pela Corôa, com o fim de substituir João Franco e a sua facção ao esbandalhado partido de José Luciano, que definitivamente se retira a bastidores, coberto de gloria.

Assim, para não alterar a nora rotativa, inutilizado um dos comparsas de tantos annos, a Corôa não faz mais do que faria o empresario Sousa Bastos, no caso de doença d'um actor — chamar um figurante e distribuir-lhe o papel que pertencia ao outro.

João Franco adapta-se ao papel e naturalmente agradece a gentileza do empresario.

Hintze continuará a representar de «conservador», o «dictador do Alcaide» figurará de «liberal» sem recar que o travesti lhe fique curto nas mangas, e a nora continuará, depois do gesto celebre, como tem continuado até aqui, isto emquanto o paiz não se resolver a fazer definitivamente o gesto redemptor que a farçada ignobil ha muito requer.

D'isto tudo altera-se a ideia que o vulgo forma acerca do que seja um partido politico. Em paizes atrazados e pouco progressivos, como por exemplo a monarchica Inglaterra, ninguém se lembraria de inutilizar Chamberlain, chamar Balfour para o substituir. Em Portugal está-se mais adiantado, como se vê.

Simplemente não se tem sido coherente na escolha d'aquelles a quem os papeis têm sido distribuidos.

No palacio do Conde Andeiro, recrutaria sem custo a monarchia um elenco de primeira ordem... para estes casos bicudos.

Anniversario

Na quarta-feira, 21, foi o dia dos annos do nosso collega Luiz Filipe d'Orleans e Bragança, alumno d'essa ideal Universidade em que se não fica nunca chumbado e em que se tem sempre talento até para pôr em cheque os professores

que, valha a verdade, não o teem para dar e vender.

E, a proposito, um dialogo que apañhamos entre dois feriadistas:

—Então cá estamos a gosar o feriado dos annos do principe.

—E' verdade. E elle o que devia era fazer annos mais vezes!...

Queixas franquistas

Os franquistas queixam-se contra o rotativismo.

Ora, para que tantas admirações, se já um atilado camponio dos arredores de Braga, onde não chegou ainda a viação electrica, dizia: «Isto da governação, meu senhor, é um carro americano. O carro e o trilho são sempre os mesmos, só mudam as bestas de quando em quando.»

Ora é o caso.

Perseguição á imprensa

O governo da sr.ª ministra, o patusco governo d'operetta do immaculado, de pois da sua ignobil vida de falcatauas e trampolines, já no estertor derradeiro mais uma vez quiz assinalar-se com a apprehensão de dois jornaes do Porto — os nossos presados collegas o Norte e a Vos Publica.

Foi o ultimo canto do cysne, que é como quem diz, o derradeiro coice do asno.

O «liberalão» Eduardo José Coelho é, neste caso, o asno complicado de traste.

Mas consolemo-nos: subiu aos conselhos da Coroa o famigerado «principe ilheu» alcatruz da nora rotativa...

Pela nossa parte já nos prevenimos com o apito, na impossibilidade de nos servirmos d'um chicote.

Cres dias de... Festas

O Tribuna Popular, a proposito da demissão do governador civil d'esta cidade, alem de varias festas que faz ao Tavares das mesmas, falla-lhe, «na solicitude e actividade no desempenho das suas funções».

E' verdade!

O raio do homem, coherente com o appellido, até parecia uma bicha de rabiar!

E tanto assim é que só parou em Coimbra tres dias, por junto!

Quanto ao resto... está certo.

O Almanak Gottha alterado

O principe de Shoenburg requereu o divorcio contra sua mulher, a princeza Alice, q e se metteu d'amores com um tenente plebeu e sem fortuna.

A Vanguarda commentando o caso accentua a falsificação que tem soffrido nos nossos tempos o sangue azul.

Nos nossos tempos? Em todos os tempos, que bem o diz a Historia. Aqui temos nós, por exemplo, a nossa rainha D. Carlota Joaquina que resolveu no paço de Queluz, misturar ao cacharolete dynastico que gira nas veias da sua illustre descendencia, a zurrapa nacional!

O patriotismo levou-a até ali...

Que admiração!

A Folha de Coimbra, insurgindo-se contra a chamada do Sr. Hintze para resolver a questão tabaqueira, elle que ainda ha pouco se mostrara incompetente para tal negociação, diz-nos ingenuamente:

«Parece que quem devia ser o primeiro, se mostra o ultimo dos portuguezes!»

Pudera... pois se elle é mestiço!...

Confusão cerebral

Segunda-feira, 19, o sr. Martins de Carvalho antigo republicano militante, hoje advogado em Lisboa e dissidente

regenerador, fez no centro José da Silva Carvalho uma conferencia.

Consumiu um consideravel esforço de hypocrisia para mostrar que cre ardentemente em que o regimen se póde consolidar e subsistir quando praticado escrupulosamente, conscienciosamente.

Para rematar uma parte das suas largas considerações, o conferente disse: — «a monarchia só pode hoje ser liberal.»

Que estranho symptoma de confusão cerebral! Positivamente não comprehendemos como o Sr. Martins de Carvalho quer conciliar monarchismo e liberalismo. Monarchias absolutas são essencialmente baseadas no privilegio. Monarchias constitucionaes, formas de transição, governos de ficção, tambem nellas os privilegios politicos predominam. Ora onde houver privilegio não póde existir liberdade. São duas coisas inconciliaveis.

Caramba! que os senhores franquistas chegam a ser d'uma impertinencia desmedida querendo mangar até com gentes esclarecidas.

Será o mesmo?!

—e—

Em um dos ultimos numeros da Folha de Coimbra, o fachina dos regeneradores-liberaes, que aos dias trabalha na casa de redacção d'aquelle nosso collega, publicou uma local sob o titulo que nos serve de epigraphe com que procurava attingir o nome de um dos nossos mais illustres correligionarios, o sr. Dr. Malva do Valle.

A proposito d'este caso, o nosso amigo enviou-nos a carta seguinte a que gostosamente damos publicidade:

Caros amigos e companheiros:

A proposito d'uma local inserta no ultimo numero da Folha de Coimbra, peço-lhes publicquem no nosso jornal o seguinte:

Em 1901, após a minha formatura, fui convidado para uma reunião, no antigo convento dos Grillos, presidida pelo sr. Dr. Afonso Costa, na qual se tratou de assumptos eleitoraes.

Tive então occasião de declarar o seguinte:

1.º — Que em virtude de relações de familia e varias outras circunstancias pessoas podia fazer entrar na urna um numero relativamente grande de listas republicanas.

2.º — Que por falta de meios de fortuna não podia sustentar essa votação, na impossibilidade de garantir a defeza de todos aquelles que pelo facto de me acompanharem eu collocava em circunstancias difficeis.

3.º — Que, se d'essa defeza o partido republicano ou qualquer dos seus membros se podia ou queria encarregar, eu por minha parte iria até aos maiores sacrificios para conservar e aguentar essa influencia.

Como nem o partido republicano nem algum dos seus membros quizeram tomar tal responsabilidade, abandonei essa votação, que ficou na sua grande maioria no partido progressista, onde já estava.

Passado algum tempo succedeu, porém, que um d'entre esses meus amigos, José Lopes, de S. Silvestre, mais illustre e por isso mais independente, se recusou a votar com o partido progressista e mostrou desejos de seguir o partido republicano. Foi o bastante para que, por instigações d'um influente local, a camara d'então, presidida pelo sr. Dr. Dias da Silva, procurasse hostilisa-lo de todas as maneiras.

Foi assim que tentou apoderar-se d'um terreno que o mesmo Lopes possuia desde tempos desconhecidos.

Para isso multou-o para cima de 200 vezes; fê-lo responder a uma policia por insultos ao juiz, de que foi participante o mesmo sr. dr. Dias da Silva e testemunhas d'accusação dois empregados da camara. Foi absolvido sem que o

juiz (tambem progressista) ouviu as testemunhas de defesa.

Fê-lo em seguida responder a um processo, por não pagar as multas, provando nessa occasião o meu amigo que esse terreno lhe pertencia de direito.

Defendi-o com a consciencia dum de-ver, sem ter de recorrer ao favor de qual-quer partido monarchico, só e sem o auxilio de ninguem, a não ser do distincto advogado e meu amigo Ex.º Sr. dr. Frederico Guilherme.

Em seguida começaram a hostilisar-me directam-nte, suggestionando ao po-vo da aldeia onde eu vivia, que tinha direito a uma nova serventia para a capella da Senhora d'Ajuda que fica no meio d'uma propriedade minha que desde ha seculos lhe dava uma outra serventia.

Para isso desviaram, sem motivo algum, o trajecto costumado d'uma promissão, collocando-me assim na difficil posição de eu ser roubado ou de ter de ar-car com a antipathia popular.

Como elles esperavam já, resisti ás injustas e maliciosas pretensões com pe-rigo da minha propria vida. Houve, sobre isto, uma propositada syndicancia que não foi avante, sem que para isso, sob minha palavra d'honra o juro, eu fizesse a al-guem qualquer pedido.

Saltando sobre um certo numero de factos, a que talvez tenha ainda de me referir, tive conhecimento de que ha pouco tempo, numa reunião dos influentes progressistas deste concelho, algum propu-zerá uma guerra de morte, um extermi-nio absoluto á minha influencia.

E essa influencia, herdada de meu avô, um dos modestos fundadores do partido progressista, que até hoje só foi util a esse partido e não á minha familia — nem a mim, pois nunca lhe pedimos favor al-gum, ia ser utilizada, em virtude de tal proposta, para me esmagar e aos meus...

Devia eu, republicano intransigente, na impossibilidade demonstrada no prin-cipio d'esta carta de aproveitar essa in-fluencia em favor do meu partido, deixa-la como arma nas mãos de inimigos m-us?

Não deveria eu, no mais rudimentar e legitimo direito de defesa, arranca-la dessas mãos hostis, deixando-a ir para individuos que não me perseguissem e pelo contrario me respeitassem, sem offensa á minha inteira e absoluta liber-dade de republicano?

Se o partido republicano não pondeu não quiz utilis-la, como offereci, ond-é que offendi os seus interesses, tornando essa influencia inoffensiva para mim?

Em quê?

Responda, pois, o meu partido, — o republicano — que a outro não dou eu satisfação dos meus actos.

De V. Camarada e amigo,
Malva do Valle.

S. Silvestre, 22-3 1906.

Nada tem os republicanos que res-ponder ao nosso correligionario, visto que o não atacaram, e porque sabem bem que podem contar incondicional-mente com a sua lealdade e fé revolucio-narias.

Por nossa parte apresentamos ao sr. Dr. Malva do Valle a homenagem da nossa admiração e respeito por uma vida toda consagrada á propaganda da Idea Republicana, feita com muitos sacri-ficios e com muita honestidade.

A PATRIA e a imprensa

A todos os nossos collegas que tive-ram para nós excepcionaes palavras d'a-mabilidade e incitamento, fazendo-nos referencias por demais elogiosas, a expressão sincera do nosso agradecimento e cama-radagem.

A todos, muito obrigado.

De Lisboa

23 de março

A semana foi fertil em acontecimen-tos.

A queda do sr. José Luciano, que viera substituir o sr. Hintze Ribeiro, e a ascensão ao poder do sr. Hintze Ribeiro que vem agora, a curto prazo, substituir por sua vez o sr. José Luciano, constituui, sem duvida, o facto culminante dos ulti-mos oito dias. Sobre este caso porém, já estão feitos todos os comentarios. Mais do que nunca a similhaça que offe-rece a politica constitucional portugueza com uma nora, se tornou tão palpavel que não ha moço de fretes a quem não lhe occorra a comparação flagrantissima. Ao que parece, porém, o alcastruz pro-gressista, já velho e combalido, quebrou-se e não tornará a funcionar. Indigita-se já para o substituir o sr. João Franco e a sua phalange aguerrida de paladinos das

liberdades, moralidades e mais especificos de que urgentemente necessita o orga-nismo adocetado da publica governação. Se assim for, como é de esperar da logica dos factos, incluindo na mesma logica a reconciliação publica e solemne, com ap-ertos de mão carinhosos, dos srs. Hintze e Franco, atado á corda do rotativismo, em breve veremos descer ao poço gover-nativo este ultimo cavalheiro. O sr. Al-poim, ao que parece, é que terá de con-tentar-se em ficar á borda, como o cara-col de que falla a cantiga. Ha quem diga que S. Ex.º pensa em recolher-se á pri-vada, na Réde. Em tal caso não será conveniente que os ruidos dos futuros acontecimentos politicos alli vão pertur-ba-lo. Em naturezas sanguineas como a de S. Ex.º são sempre prejudiciaes essas perturbações extemporaneas.

A situação do paiz, em face dos ulti-mos acontecimentos é que se torna cu-riosa. Interrogado sobre o regimen poli-tico em que vive, o paiz responderia como aquelle doente d'um hospital militar a quem perguntavam que tal era o trata-mento da casa. Bacalhau com batatas, respondia invariavelmente o homem. — Sim, mas para variar? insistiam. Aos domingos, por exemplo? E o homem, depois de pensar um bocadinho: — Aos domingos... para variar... batatas com bacalhau.

Fóra da politica, mas ainda como ma-nifestação da influencia da mesma poli-tica nas questões d'Arte, temos a nome-ação do Sr. Dantas para commissario regio do theatre normal.

Não ha ninguem que não conheça o sr. Dantas, a sua Severa, o seu Serão nas Laranjeiras, e o apregoado mimo litterario, que faz as delicias de meninas sentimentaes, onde um velho portuguez que para demais é cardeal, lança sobre a virilidade da classe ecclesiastica e dos lusos valorosos, o labeo infamante de que a raça portugueza necessita para o desempenho cabal das suas funções amo-rosas, do apregoado Vigorizador Electrico do dr. Mac-Laughlin. Todos conhecem, pelo menos de nome, o Nada, as suas pustulas verdes, os seus esqueletos, as suas danças macabras em portuguez de D. Affonso Henriques, que armou em Baudelaire nacional o esperançoso litte-rato de vinte annos, recémchegado para a litteratura patria das camaradas do Collegio Militar. Para quem o conheça dos retratos, perfil de torturado, olhos negros e fundos, cabellera ondedada e azevichada d'homem fatal e predestinado — cumpre dizer que o sr. Dantas já não é o que «era d'antes», no tempo de «O que morreu d'Amor», e dos seus primordios funereos. Continua sendo «um bonito rapaz», mas usa farda, cortou o cabello em obediencia aos regulamentos e, não raro, passeia a cavallo na Avenida, para o que, diga-se de passagem, tem pouco geito. Quer dizer — o sr. Dantas «des-funebrizou-se» e consagrou-se definiti-vamente. Deixou o genero triste e tem-se dedicado, com successo, ao genero brejeiro e «fresquinho». Na Severa, por exemplo, elle que toda a gente julgava um casto, mostrou conhecer a fundo «a porca da vida» e no Serão, mostrou saber da «vida galante».

Hoje é medico, progressista ortodo-xo, ex-deputado, e amigo do sr. Augusto de Castro — que, ao que parece e se diz baixinho no Suisso, é, nem mais nem menos, do que o Ibsen disfarçado em sobrinho do sr. José Luciano. Já ha muito tempo se dizia tambem que o sr. Dantas era o Shakspeare, especialmente depois de elle ter feito umas emendas-tas no rei Lear do outro, do inglés, levado á scena em D. Maria, ultima-mente, com a Angela a fazer de princeza e a mandar tocar «theorbas e clavicordios» que até parecia mesmo que gritava: — Ehl rapazes! vá lá o faduncho e repe-niquem-me os arames! De maneira que, entre Ibsen de Castro e Dantas Shak-speare, o logar de fiscal da arte dramatica portugueza foi naturalmente adjudicado ao mais velho.

Mas os regulamentos do theatre não permitem que se ponham em scena peças do commissario. Estava, portanto, a arte codilhada e, no vestibulo, o busto de Garrett chorava inconsolavel, por tal fatalidade. Obviou-se á desgraça, promettendo o sr. Castro que enchia toda a epoca com peças suas e o busto lá ficou mais consolado. O papel d'este busto tem sido sympathico. Ao ter conhecimento da nomeação «do Julio» — que é como elle o trata — chorou tambem, de pura commoção e de pena de não ter braços! Suppõe-se que seria para abraçar o col-lega...

Agora o que nos parece é que o sr. Castro não terá forças para cumprir a promessa. Dizem nos amigos intimos que elle trabalha afanosamente para esse fim. Em mangas de camisa, sentado á secretaria, noite e dia S. Ex.º, locubra. Já mandaram deitar ráspa de sola na rua para que o ruido dos trens o não per-turbe. E, ao mais ligeiro barulho domes-tico, Castro levanta-se, vae á porta e grita irado: Não façam barulho, que eu estou a produzir!

Em noites de nevoeiro denso, per-mitte-se uma folga. Vae ao Terreiro do Paço e passeia, mergulhado na bruma alvaenta que sobe do Tejo, ao longo da muralha, interminavelmente. Diz-se que é para ter impressões da Noruega.

Quem, no entanto, passa alta noite no Rocio, á hora em que as carroças do lixo põem a nota poetica do tilitar das suas campainhas e do fedor dos seus caixotes nas ruas da cidade adormecida, vê, em frente do theatre, uns vultos gritando lamentosamente, braços ao ceu, cabelleiras ao vento: *Lasciate ogni speransa, ó voi, d'entrare!*

São os dramaturgos incipientes que choram magoas fundas!

Timido

Passeio d'um rei muito amado

Ao longo da estrada por onde deviam passar os automoveis, dum e doutro lado, o povo apinhava se curioso. Estava lindo o dia, d'um ceu muito azul.

Em frente da real tribuna, levanta-vam-se palanques onde se divisavam perfis graciosos de mulheres bonitas, bandas militares entoavam marchas guer-reiras, foguetes estrelavam.

Grupos espalhados á sombra das ar-vores, estendida a toalha branca de linho, merendavam. A corrida devia começar d'ahi a pouco; não tinha chegado ainda o sr. D. Carlos que promettera assistir.

Para lá do Reguengo, até Lisboa, de dez em dez metros, guardas vigiavam a estrada, não houvesse algum subdito mais expansivo em aborrecidas manifestações, que perturbasse a serenidade d'aquelle passeio.

Por volta do meio dia uma girandola mais comprida de foguetes e o hymno da carta tocado pelas bandas annunciavam a chegada da familia real, e toda aquella multidão, de mais de dez mil pessoas, fica immovel e calada, não fossem os seus gritos d'enthusiasmo despertar enxaque-cas em privilegiaes cabeças.

E durante aquellas duas horas que se gastaram nas corridas, D. Carlos gosou serenamente o carinho e o amor com que o seu povo o recebeu e que mani-festava no seu respeitoso silencio.

E revolta grandemente o facto dos jornaes da opposição, á falta de assumpto, que o não dá o nosso esplendido estado economico, forjarem noticias como esta de ter o povo feito grande barulho com vivas, unicamente para arrieliarem sua majestade, porque demais sabem elles que de manifestações nada houve porque o povo sabe bem que dellas não gosta o rei.

Como boas testemunhas e como fieis e respeitosos subditos que somos, aqui deixamos consignado que nada houve de manifestações, porque D. Carlos assim o quiz.

Centro Republicano Academico

O comicio que este grupo tinha re-solvido realizar hontem, domingo, em Santarem, ficou adiado para uma epoca mais proxima das eleições.

Alem dos estudantes republicanos que nelle usarão da palavra, falarão os srs. Dr. Guilherme Godinho, e o operario sr. Avelino de Sousa membro da com-missão municipal republicana d'aquella cidade.

Na ultima reunião deste centro reali-sada no sabbado foi resolvido lançar na acta um voto de confiança ao Sr. Dr. Malva do Valle, tendo a este proposito usado da palavra alguns estudantes que fizeram salientar a bella obra de republi-cano realizada por aquelle illustre cor-religionario.

Na acta foi tambem lançado um voto de sentimento pela morte do Dr. Barbosa de Andrade e proposto que da parte da acta referente a este caso se enviasse copia ao pae do nosso fallecido correligio-nario.

Outras resoluções foram tomadas, de natureza secreta.

A conferencia que o Sr. Dr. Malva do Valle tencionava realizar, por iniciativa do Centro Republicano Academico, no Centro José Falcão, foi adiada, realisando-se em dia que será opportunamente an-nunciado.

Para purificar o sangue

Sob este titulo, o jornal catholico, *A Palavra*, num dos seus ultimos num-eros, dizia que o unico remedio conhecido para estimular e dar vigor ás funções vitaes era o *Extracto composto de Salsa-parrilha do Dr. Ayer*. Queremos acreditar, mas nesse caso perguntamos á *Palavra*: Para que ser em entã as milagrosas aguas de Lourdes?

Falta d'espaco

Por absoluta falta d'espaco somos obrigados a retirar alguns artigos, do que pedimos desculpa aos seus auctores.

TRIBUNA DOCTRINARIA

Função legislativa

UNIDADE E DUALIDADE

Examinando as Constituições dos prin-cipaes Estados modernos, noto com pezar que todos attribuem a dois corpos legislativos a função de reconhecer o Direito.

E' uma questão muito debatida a da dualidade das camaras, ninguem ignora. Mas o que me assombra é o sistema de argumentação confuso, illogico no qual se apoiam os estadistas, tratadistas, professores para defender uma tão complicada organização do Poder legislativo.

Em cada civilização certas idéas e principios predominam sempre sobre to-dos os outros. Na antiguidade classica foi o principio theocratico que imprimiu caracter a todas as instituições. Ideas lendaeas e idéas monarchicas prevaleceram na Idade Media. Porém, a feição caract-eristica da epocha moderna deriva do principio democratico servir de directriz para todas as reformas politicas.

Sendo esta, accentuadamente, a cor-rente actual de orientação politica, a pouca attenção prestada pelos publicistas de Direito Constitucional a esse pheno-meno de idéas forças, lançou-os natural-mente no imperdoavel erro de considerar legitimo o desdobramento da função de reconhecer o Direito por duas camaras distinctas e hierarchisadas que nem theo-ricamente, e, menos ainda pratimete, no ponto de vista puramente legislativo, têm justificação acceptavel.

Afasto-me por momento do campo da philosophia geral do Estado, e, con-vergindo a minha attenção para a orga-nização politica d'aquelles paizes que me inspiram particular sympathia como os Estados-Unidos, a França, a Suissa, rep-ublicas democraticas e sociaes, sinto amargamente que em tão fecundas e progressivas nações, vigore o systema bicameral, verdadeira incoherencia á face das idéas democraticas puras.

Durante todo um largo e movimen-tado periodo da Historia humana, nas-ceram e floresceram muitas especies de republicas. Houve republicas patricias e plebeas como outr'ora em Roma; rep-ublicas oligarchicas, como a de Veneza; republicas aristocraticas, como a de Pol-onha; republicas theocraticas ou sacerdo-taes, como o governo de Roma sob o papado. Mas republica democratica é um producto logico da evolução social con-temporanea. Porque não reconhece nem a tirannia d'um pequeno numero de governantes, nem aristocracia investida do privilegio de governar exclusivamente, nem castas superiores ou inferiores em auctoridade a outras castas. Porque admite e legitima soberana sómente a vontade do povo, não do povo terceiro estado, mas sim da nação na sua gene-ralidade a mais completa abrangendo todas as classes, todos os modos de existencia, de situação, de profissões.

Ora o traço caracteristico, fundamen-tal de todo o governo democratico, é a participação geral dos cidadãos aos di-reitos politicos, cujo exercicio, não se podendo effectuar directamente por motivos de facil intuição, realisa-se por meio da representação.

Sendo, porém, a representação mo-derna totalmente differente do systema antigo de representação, do medieval por exemplo, no qual o direito de enviar representantes á assembleia dos Estados pertencia só a certas classes privilegiadas, transformando-se aquelles em submissos mandatarios dos interesses d'estes; pres-idente hoje á escolha de representantes o voto consciente do povo como unidade organica, depositaria da soberania; os deputados, nos msdernos estad-s demo-craticos, representam a nação sendo de-fensores dos seus interesses geraes.

Pois muito bem. Esta theoria é cien-tificamente perfeita? E', não ha duvida. Então apello para a verdade do principio e pergunto se a segunda camara, camara alta, camara privilegiada póde ter base juridico-politica pela qual se possa funda-mentar. Não certamente. Porque a so-berania é una e indivisivel. Não se conce-be que a nação tenha mais de uma vontade sobre o mesmo assumpto.

Como se comprehende, pois. uma camara alta? Por uma razão historica? Mas o culto servil do passado é um elemento que retarda o progresso das instituições e a imitação da Inglaterra tradicionalmente parlamentar pelas de-mocracias puras, só por um desnor-teamento intoleravel do espirito do Estadista se póde explicar.

Será a segunda camara para exprimir as aspirações, os sentimentos, os direitos, d'uma aristocracia no seu sentido techni-co, de corpo privilegiado? Quem acredita hoje em aristocracia! A aristocracia é uma *blague*. Ella não tem prestigio, falta lhe força moral bastante que justifique uma correlativa auctoridade legal propria.

A camara alta formará um centro de pessoas mais esclarecidas e mais capazes?

Uma razão politica d'esta ordem é um paradoxo á face da verdadeira noção juridica da representação. A eleição mo-derna não é uma delegação de poderes mas uma designação de capacidades. E' uma certa competencia governativa que se requer nos candidatos. De maneira que assim uma unica camara ha de ex-primir necessariamente a elite intellectual do meio politico d'uma nação num dado momento.

Por qualquer lado, pois, pelo qual se encare a questão, um segundo corpo legislativo, Senado ou Camara dos Pares, enferma da falta de condições juridicas de defeza. E' simplesmente um luxo de-corativo e superfluo, perturbador e inutil para o cabal e prompto desempenho da função legislativa.

Fazer leis é a fundamental attribuição das camaras. Abstrahindo, porém, o seu elemento formal, exterior, as leis na sua essencia, no seu objecto real são a ma-nifestação organica da vida dos povos, a expressão das suas necessidades, do seu caracter, dos seus sentimentos. A assem-bleia legislativa é o interprete do espirito publico. O seu cuidado constante é in-vestigar as transformações da consciencia popular e provocar uma nova elaboração juridica visando a supprimir os erros e as lacunas do Direito existente.

Um poder com tão graves responsa-bilidades deve ser rapido e simples no seu processo de exercicio. Ora uma segunda camara retarda e impede a celeridade no trabalho de formação e desinvolvimento juridico.

As Camaras francezas promulgarum recentemente a lei da separação da Igreja e do Estado, d'um consideravel alcançe moral e democratico. A sua execução fecunda em resultados para e emancipação das consciencias e laicização dos costum-es, que devia ser immediata, foi, porém, atrasada pela existencia do Senado. Tambem a lei, ha dias votada na Camara dos Deputados sobre as aposentações operarias, d'uma efficacia social extraor-dinaria e tão profundamente humana vae agora á discussão do Senado.

Aqui está uma falsa segunda vontade nacional a manifestar-se sobre o mesmo problema, e nada mais absurdo. Não. Um segundo corpo legislativo não tem justificação plausivel porque lhe falta base juridica solida em que se assente, e as democracias, não admitindo classes investidas de privilegios politicos, são incoherentes reconhecendo uma institui-ção que parece dár autonomia organica ás classes sociaes determinados como fundamento a uma representação feita á sua imagem.

Uma só Camara deve ser a synthese suprema da representação nacional, e desde o momento em que a escolha dos seus membros se faça escrupulosamente pelo principio da selecção dos melhores e mais capazes, haverá interesses diversos em conflicto, tolas as *nuances* de opinião, discussão reflectida dos competentes, debate esclarecido e profundo, exame tecnico e cuidadoso, todo um methodo intimo de trabalho parlamentar que as-segure leis fundamentalmente perfectas.

Alberto Xavier

Barbosa d'Andrade

Falleceu ha dias em Vizeu o nosso correligionario Barbosa d'Andrade, uma das mais bellas figuras que nos legou a forte geração de 90.

No meio da maior agitação, fosse ella uma assembleia da Academia ou a ves-pera d'uma revolta, elle era sempre o mais severo e o mais reflectido d'entre os seus camaras las, na maioria irrequietos e românticos.

Como estudante foi um dos que no seu tempo mais guerra fizeram ao foro universitario e como homem elle teve uma vida cheia de intelligencia e de sacri-ficios pelo partido republicano.

Pela proposta do nosso querido cor-religionario Dr. Alfonso Costa, Barbosa d'Andrade era, como todos os correligio-narios do grupo de 1890, socio do Centro Republicano Academico.

Por isso e porque o merece toda a sua vida de propaganda revolucionaria, sobre elle o nosso jornal publicará no proximo numero um artigo de Antonio José d'Almeida.

A todos os seus a expressão muito sentida do nosso pezar.

Livros e publicações

José Augusto de Castro

Os Rebeldes.

Recebemos este interessante livro, do nosso collega d'O Combate, a quem agra-decemos a sua amabilidade.

E' uma excellente brochura de 202 paginas em bom papel e em linda edição da imprensa de Libanio da Silva, de Lis-boia.

Breve lhe faremos a nossa apreciação.

Pontos de vista

Arte

Na arte Malhó e Columbano são dois polos. Elles (um alegre e cheio de vida e sol, outro monotonico e triste) condensam os dois extremos da alma portugueza que fez, cantando alegremente, a cancinha verde e chorosa e dolentemente, se esvaece no fado triste que as trevas do mar nella inspiraram.

Malhó, o pintor das telas quentes, palpantes de sol, vija a sua inspiração por bailados e romarias d'aldeia desenhando varios typos e fixando a variedade dos pittorescos locais em que é tão rica a nossa forte Beira. Puramente nacional, sem ensinamentos extranhos que tenham abastardado a sua arte, estrangeiro a Bretanhas quisilentas, o seu pincel manifesta-se ca' a vez mais analysta e mais sobrio na representação fiel da nossa terra e do nosso ambiente. Busca sempre entre a variedade de casos da vida campestre, os passos alegres, as bonhomias sympathicas da vida do nosso povo. Um leve humor alegre por vezes os seus quadros; um humor facil de homem simples a quem a natureza absorve e extasia. São assumptos triviaes que a sua mão de artista nobilita, casos mingues de interesse que a sua alma enternecida toca d'uma ligeira bonhomia critica. A sua pintura é cheia de cor e ha quadros onde a reverberação do sol é tão intensa que a um observador demorado decerto produziria opthalmias! Pela alacridade dos tons, pela sympathia que o artista manifesta na exuberancia cantante da cor, podemos suppor o seu coração fortemente banhado por caudas de sangue arabe, perdido em gerações portuguezas.

Está-nos vindo a memoria a imagem do quadro — a volta da romaria — Um sol violento cahe d'um ceu azulado. Nem uma nuvem quebra a monotona claridade do azul e sob este sol ardente um homem bebado cambaleia, deixando atraz o burro philosophicamente trincando o que cahe dos alforjes, já meio derrubados sobre o chão. Atraz duas raparigas sorriem commentando o dançar do bebado. A fita branca da estrada estende-se lá para o fundo até á povoação banhada de sol, onde grupos de gente se amontão. É tão natural, tão trivial, que assombra como o pintor conseguiu ainda arrancar-nos a admiração com caso de tão pouco interesse.

Um outro. O barbeiro na aldeia — é também interessante pelo assumpto, mas principalmente querido pelo saber com que é soberanamente feito. E tantos outros!

Apezar de tratar mais vulgarmente assumptos ao ar livre, também affirmou o seu forte pulso na representação de scenas a luz diffusa, e, tão magistralmente o fez, que se impoz d'uma forma inconfundivel.

No quadro — Os oleiros — manifestou bem quanto era variada a sua paleta e malleavel o seu talento. Podiamos citar duzias de quadros, porque a sua obra é já vastissima e não traz canção a vista das suas pinturas, porque sempre alguma coisa de novo nos vem espervitar o interesse e alimentar a curiosidade. O seu pincel raras vezes tem tocado o drama. Quando o aborda, o toque fiel da pintura liga-se tão de perto á emoção dramatica que a obra d'arte vem sobraçar-nos os sentidos e, dominando-os, lança-os na dor que o quadro fixa.

É, como expressão dramatica, soberbo, sob este ponto de vista, — o julgamento do Marquez de Pombal.

Extranho é que o pintor que ama o sol e de quem toda a obra é luminosa, fosse buscar na vida do soberbo Marquez a parte mais sombria e triste, essa queda tão desastrosa que o coração dos

mais duros se confrange ao ter de a reconstruir.

Que má hora passaria o pintor para escolher tal assumpto? Que desalento o faria tratar com tanto amor esta desalentada hora da vida do Marquez? Afóra esta pintura dolorosa tudo representa vida, sol, alegria.

Columbano é taciturno e sombrio. Malhó é o pintor da vida externa, Columbano o da vida interna. Todo o portuguez a sós com o seu pensamento é sombrio e triste.

O portuguez é bem o homem das multidões.

O barulho, a algazarra, a multidão, tudo isto faz emergir no lusitano a alegria de viver, mas, se solitario o collocarem, morrerá de tedio suicidando-se lento e lento na tristeza sombria do seu pensamento. Raras vezes o portuguez é como solitario um alegre; ahí está para attestar a nossa parca litteratura humoristica.

Columbano como portuguez é triste, como artista é um solitario e um cerebral. A toda a sua obra communica o sombrio pesadelo que o esnaga. Nos retratos sente-se bem fortemente, acima da psychologia do retratado, a sua propria, cobrindo d'uma tristeza profunda os traços physiomicos do modelo. Bem fulgurantemente se pode confirmar esta observação attentando no retrato de Anthero de Quental. Este quadro foi um dos que mais reputação trouxeram a Columbano e o que, no dizer dos criticos, realisava a expressão maxima do que a pintura pode com elemento poderoso de dissecação d'almas. Disse-se que se não é a representação fiel dos traços physiomicos de Anthero é a exacta physionomia do genio quando na realisação dos seus magistraes sonetos.

Deve ser aquella, accrescentava-se, a expressão de Anthero quando a inspiração o visitava, quando a sua alma toda se evolava em estrophes imm redoidoras. E no entanto parece-nos que uma analyse demorada á obra do pintor fará uma clareira no nosso raciocinio, onde se poderá ver á luz clara que o que menos existe no retrato é a personalidade de Anthero. A expressão sombria, a face alterada allucinadamente, de olhos assombrados, é mais da physionomia moral de Columbano do que d'aquella creatura ingenua e boa, alma de creança e de santo, que dizem ter sido Anthero.

A alma de Anthero não cabe nem se amolda ao retrato que Columbano para ella fez.

O que, além da immaterialidade das linhas, o retrato fixa é mais da alma solitaria do pintor que do poeta.

Columbano é uma individualidade muito poderosa para não vincar com a sua maneira de ser toda a obra que lhe sahe das mãos.

Se percorrermos toda a obra de Columbano, intensa e forte, não encontraremos recanto ameno onde descançar a cabeça fatigada do sombrio do tom das suas telas e da alma triste que as anima.

A laia de balanço final podemos terminar dizendo: — Malhó faz-nos sorrir; Columbano faz-nos pensar.

Thomas Vireloque.

Como se governa na França

Na republicana França onde os ministros não costumam esquecer as suas afirmações, feitas a quando fora das funções governativas, e procuram realizar sempre os seus programas de governo, deu-se ha poucos dias um caso interessante e que é bom relatar para estabelecer confrontos.

Foi o caso que tendo os operarios de Courrières, depois da estupenda catastrophe que enlutou aquella região, declarado a greve para alcançarem dos patrões augmento de salario, Clémenceau,

mais longe, com a massa pesada dos baracões da alfandega.

De baixo vem o ruido indistincto e vago do movimento e da vida das ruas e é grato a meus olhos e á minha alma, nos dias de muito sol e muita cor, sentarme n'uma grande cadeira de verga, em frente á janella aberta, olhando adormecidamente a tremulina azul do calor dos montes da Ontra-Banda; o voo lento e branco das gaviotas, as velas de faluas que passam devagar n'uma esteira luminosa de espuma e o pennacho de fumo do vapor de Cactilhas.

E, se nesse momento, oiço as quatro notas doces do amolla-facas ou a nostalgica voz do pregoeiro, então cerro os olhos de todo e continuo a ver o ceu azul, as gaviotas brancas e as velas de faluas, paradas e frescas.

Até que, já farto das côres constitucionaes, acôrdo quasi sempre á hora do jantar e lá vou para a mesa palestrar com os meus companheiros de casa.

São sete cavalheiros muito agradaveis que estão sempre de accordo até em serem todos os sete nutridos.

pela gravidade que revestia o caso nesta occasião, foi pessoalmente conferenciar com os obreiros, intervindo assim immediatamente na procura de remedio áquella situação.

Como os operarios estão divididos em dois grupos, o conservador sob a ch'fia de Basly, e o anarchista, o ministro entendeu ouvir isoladamente as razões d'um e d'outro.

Foi assim que tendo tido uma conferencia com os operarios conservadores no gabinete do *maire*, foi elle mesmo em pessoa á sede da Casa do Povo, só, sem escolta militar, nem comitiva.

Chegado ahí, convidado pelos obreiros que se encontravam reunidos, elle expoz d'uma maneira succinta e clara a sua manciã de ver sobre o modo por que elles deviam exercer o seu direito de greve.

Excusado será dizer que foi extraordinariamente applaudido.

— E' assim que os ministros governam em França; por cá, o illustre policia Veiga intimaria os operarios a trabalhar ameaçando-os com um amavel passeio até Timor.

Não comprehendemos

A *Bra Nova* extranhou que achassem bem o sarau que brevemente deve realizar-se em Coimbra e cujo producto revertirá em favor das familias das victimas de Courrières.

Não comprehendemos a extranheza num jornal que se diz inspirado por um ideal humanitario e que devia coherentemente applaudir todo o intuito sentido de attenuar a espantosa catastrophe que teve lugar n'aquella região mineira.

A nossa democracia não nos leva a gostar de dançar o vira em homenagem a uma desgraça, porque esperamos do bom senso das pessoas que o promovem, que elle será constituído d'harmonia com o facto que o motiva. O anarchismo incipiente da *Bra Nova* é que parece fazê-la dançar o vira em deshomenagem á logica.

Influencia social do clero

Sob este titulo o nosso companheiro e correligionario Joaquim José d'Oliveira, começará a publicar no proximo numero d'este semanario uma serie d'artigos que tem a excepcional importancia dum depoimento consciente e intelligente. O nosso querido amigo fez o curso do seminario de Braga, onde teve das maiores classificações.

Cada artigo é, pois, um precioso documento. Aos nossos companheiros, que ainda não pensaram tres vezes nessa estupenda permissoã da matricula em direito aos individuos que apresentem certidão do 1.º anno da theologia, pedimos que reflitam sobre a situação.

Não se trata aqui somente dos interesses ameaçados duma classe, mas do presumivel predominio do padre na Universidade d'amanhã e da presumivel invasão pela sotaina das repartições publicas e consequente usurpação da auctoridade civil pela auctoridade religiosa.

E' para nós, estudantes, um verdadeiro *casus belli*; e para os estudantes de direito, que não tenham por mira unica passar no fim do anno e queiram olhar o futuro, é um verdadeiro peccado.

Aos nossos collegas republicanos, especialmente, e a todos os diarios liberaes, a quem escapou a importancia enorme da medida que combatemos, pedimos que emprestem a larga publicidade e competencia de que dispõem, a esta causa, certamente mais instante e de mais graves efeitos para o paiz do que a eleição ou não eleição do sr. Alpoim para chefe do esfrangalhado e vinte vezes apostata partido progressista.

Todos os dias, á hora do jantar, inquirim carinhosamente das saudes respectivas, sentam-se com um sorriso satisfeito, desdobram os guardanapos brancos lentamente, mechem a sopa com a ponta da colher para esfriar e comem-na em silencio. Depois conversam com methodo e com sobriedade.

Não tem politica e leem todos o *Diario de Noticias*.

Ahi se informam da guerra do Japão, que admiram immenso pela pericia dos seus generaes e pelo facto do seu povo não usar rabicho como sempre tinham ouvido dizer.

Ora eu estou á direita d'um baixinho, gordinho e sorridente como os outros seis. De principio, nos primeiros tempos do meu ingresso no convivio de tão honestas pessoas, eu distingui o meu visinho dos restantes companheiros de mesa.

Era gordo como os outros, amavel como os outros, mas tinha um *nao sei qué* de diferente na expressão fina dos seus olhinhos pretos e brilhantes e sobretudo interessava-se pouco com os assumptos que despertavam a attenção com-

RAPSOPIA

O revolver d'um padre

Os diarios traziam na quarta feira passada o seguinte telegramma:

«Paris, 20, ás 11 n. — Hoje, em Nancy, á sabida dos officios da basilica, um grupo de 50 manebos capitaneados por um padre encontrou-se com outro grupo de livres pensadores, sobre o qual disparou tiros de revolver que attingiram um d'elles, ferindo-o gravemente.»

Constitue o caso um dos muitos incidentes que tem acompanhado o inventario das egrejas, uma vez posta em execução a lei da separação da igreja e do Estado. Incidentes d'esses são, de resto, a consequencia natural de toda a acção revolucionaria — e a execução da lei da separação é verdadeiramente uma acção revolucionaria, desde que não se dê á expressão o sentido pejorativo que lhe costumam dar o padre cura e o meu amigo D. Commodo. Essa lei cabiu, como uma clava de fogo, em cheio, sobre a tyrannia religiosa que pesava ainda no coração da França. Essa lei foi lesar interesses adquiridos, situações creadas á sombra d'essa tyrannia, e por isso essa lei despertou e desperta da parte da Igreja uma resistencia que não se poderá de boa mente chamar evangelica. Os diarios tem trazido a narrativa dos muitos casos picarescos a que tem dado lugar a aliã branda, quasi timida, applicação da lei.

Sendo assim, reconhecido que o caso é apenas um incidente lamentavel, de natureza esporadica, perfeitamente dentro da logica dos acontecimentos, parece-nos que uma gota de tinta gasta a fazer-lhe uma referencia ou um commentario é absolutamente inutil e perdida.

Depois, chegados — como diz solememente, duas vezes por semana pelo menos, o artigo de fundo do *Noticias* — ao estado positivo, em que os padres são simplesmente uma sobrevivencia e as superstições de toda a especie não são mais admissiveis, toda a discussão, todo o estrondo que se faça em volta de religiões e metaphysicas é redundantemente, puramente — um coaxar de rãs.

Por isto tudo parecerá que estamos malbaratando o tempo, que melhor poderiamos empregar em aprender viola, o que nos facilitaria uma viagem de borla a terras d'Hispanha, e acaso um terço oihar de qualquer menina romantica, amante do fado e do luar, e que fosse menos exigente em esthetica e mais pertencas.

Eh! já! Os senhores conhecem a provincia? conhecem a mulher?

Alguna vez viveram na aldeia e sentiram o pranto queimarlhes os olhos ouvindo os camponezes fallar do abbade como d'um deus, ante o qual as proprias montanhas se prosternam e do qual dependem inteiramente a chuva e o sol, a colheita do pão e do vinho, a saude e a felicidade de todos?

Acaso os senhores alguma vez sentiram a garganta rouca de colera contra essa cohorte de brucas, que, na phrase lapidar de Salmeron, «hypothecam o céu para explorarem a terra»? Acaso já aspiraram o perfume da sachristia e já sentiram nas faces o bafo do confessorario?

Acaso os senhores tem na familia mulheres que pelas palavrinhas doces d'um padre desprezem todos os conselhos dos seus, todas as necessidades do lar, todas as alegrias da meza? que continuamente tragam no olhar as fogueiras infernaes de que o padre lhe falou em termos apocalypiticos e se neguem a dar um beijo num irmão porque esse beijo acarretaria sobre ellas a maldição eterna?

Se alguma vez qualquer d'estas enormes desgraças vos suffocou, comprehen-

dignado «uma verdadeira e sã moral». Foi muito inconveniente e chamei ás senhoras *manequins waalistas*.

E, como os meus ouvintes eram todos provincianos eu passei a louvar a provincia. Disse a simplicidade dos costumes, a pureza d'alma dos meus rudes, a ingenuidade, a bondade sincera da mulher que vive retirada dos grandes centros e que, concluiu eu com convicção: «é a unica capaz de fazer a felicidade, d'um homem que a escolha para a companheira da sua vida.» Fui muito apoiado e um dos meus amigos, natural da Beira-Baixa, declarou commovido que eu lhe tinha tocado o coração.

E, foi então, quando eu gozava o meu triumpho e a cereza grata da minha eloquencia, que o meu visinho da esquerda se me debruçou sobre o hombro e me segredou:

— O cavalheiro não pensa o que diz. Deixe os salír que eu lhe ponho essa psychologia a direito.

Entupi. Aquelle homem era um psychologo!

dereis a quasi delicia, a quasi voluptua com que eu quero mostrar, aos que porventura queiram ler e emancipar-se, esse padre que ataca homens a tiros de revolver.

Oh! Esse revolver vale bem por todo um tratado da razão. Esse revolver, porque é o instrumento da intolerancia e da morte, manejado pela mão d'um padre, que só deveria saber abençoar e perdoar, é a mais forte catapultã que podiamos assentar contra a velha, contra a grande Bastilha — a Religião.

Ficareis sabendo, homens de boa fé, como essas angelicas creaturas que vos vão prégando, entre gestos de bondade e de seducção, o bem, a virtude, a renuncia, a paz, a harmonia, o amor ao proximo, a indulgencia, o perdão, ficareis sabendo como ellas entendem o bem e a virtude, como praticam a renuncia, como querem a paz, como procuram a harmonia, como comprehendem o amor, a indulgencia e o perdão.

Lembro-vos a theoria sustentada pelo papado desde o edicto de Milão e ainda ha pouco apregoadã e consagrada mais uma vez na encyclica dirigida pelo actual papa ao clero francez. A humanidade compõe-se de duas partes: os pastores e os rebanhos. Os primeiros mandam, os segundos obedecem. Os primeiros não conhecem senão direitos, os segundos não conhecem senão deveres. Os pastores vivem na luz, na graça e na abundancia. Os rebanhos vivem na sombra, no peccado e na dor, e jámeis pensam em rebelar-se para se libertarem da sua condição, porque logo Deus mandará sobre elles o anjo do exterminio.

Percebeis?

Esse padre não faz mais do que applicar a theoria. Os rebanhos declaram-se em rebellião e elle considera-se o anjo enviado pelo Senhor para exterminar os herejes. Não é um caso esporadico. Enganae-vos se julgaes que esse padre é o unico ou é dos raros que recorrem a meios violentos. Desde o baptismo que nós somos catholicos pela violencia. Esse padre é o producto do meio, é o molde talhado pela instituição.

Todos são assim. Travae qualquer disputa com o padre. Vós vereis a cada palavra o braço d'elle erguer-se na ameaça d'um muro.

O padre é, por obrigação, não só militante, mas intolerante.

Esse padre, descarregand' sobre um grupo de irmãos tiros de revolver, é um symbolo e é uma lição. Esse padre, esse homem, falla em Deus só para opprimir e matar o homem. Usa de Deus como usou do revolver.

Antonio Granjo.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em

LISBOA — Tabacaria Monaco.

Kiosque Elegante (Rocio).

PORTO — Kiosque da Praça D. Pedro.

BRAGA — Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos.

Casa Elyseu da Silva, rua Larga.

Kiosque da Praça 8 do Maio.

SANTAREM — Bernardo José Vianna.

CHRONICA

(As opiniões do meu visinho)

Eu móro n'uma hospedaria. E' inutil explicar as razões do facto. Certo é porém, que, ha já uns annos, vivo modestamente no segundo andar d'um predio d'azulejo, n'uma rua escondida da cidade, onde não passam trens, não se ouve o tilintar agudo das campainhas dos electricos, e só a espaços, nas tardes somnoletas e calmas, quando gatos sonham ao sol estendidos nos passeios, o som dolente d'uma gaita d'amolador ou o pregão nostalgico e longinquo do homem dos *abat-jours*, põe uma palpação de vida na paz amodorrada do bairro.

Gosto d'aquella serenidade. O meu quarto tem uma janella larga d'onde se vê o rio. A casaria branca da Graça e do Monte, estende-se docemente em amphitheatro a meus pés, até se confundir

(Termina no proximo numero)



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motoeyclette Aleyon

A *Motoeyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3¼ monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por psendos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 3 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permitindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 7\$000

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fargas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA



Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 8 - 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 2 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

BARBOSA D'ANDRADE

A figura de Barbosa d'Andrade era original.

Physicamente era espesso e de movimentos enfiados como se lhe corresse nas veias um antigo sangue fidalgo. Arrastava vagamente uma das pernas, de maneira que, marchando, dava os ares de um velho ganso apedrejado. Os olhos eram de myope, e, como a testa era abaulada e as sobrancelhas abundantes, quando olhava, tinham sempre a attitude prescrutadora de quem indaga. Dir-se-hia que só olhava para vêr ao longe. O espaço intermedio ficava na penumbra, como nas projecções electricas só brilha e scintilla a parte em que bate de chapa o feixe luminoso.

Intellectualmente era a mesma coisa. A sua intelligencia sobretudo imaginativa não tinha o feitiço contante dos cerebros criticos. Era cadenciada, de movimentos calmos, que se desenvolviam numa harmonia rara, deslumbrando n'uma serena inundação luminosa. Mas quando era preciso insinuar-se pelos meandros da argumentação ou collear-se pelas saliencias e reintrancias de um raciocinio, ella não attingia em poder analytic o que possuia em vivacidade e em brilho.

Barbosa via longe, mas, repito, nem sempre via tudo o que ficava de permeio, entre o seu espirito e o ponto illuminado pela rutila projecção intellectual. As grandes intelligencias têm d'estas falhas.

Ao primeiro aspecto não parecia ser assim, porque Barbosa transferia com felicidade o seu ponto de vista de um para outro lado do problema. Mas era preciso, e d'ahi a explicação da contradicção apparente, que o assumpto fosse vasto e sobretudo fosse vago. Então os movimentos, sendo largos e faceis, pareciam tambem rapidos e precisos. E' o que acontece a certas aves de azas muito compridas. No espaço amplo calculam a linha dos vôos, passando por onde querem. Reduzam-lhe o espaço e as suas azas tactearão, acabando, a tremular, por tocar a superficie da terra.

Ha outro rapaz da mesma geração coimbrã, já morto tambem, esplendida e forte cabeça, que me lembra agora para termo de comparação.

Era o brasileiro Francisco Bastos, poeta, critico, jornalista, orador, tudo emfim o que elle quiz ser.

A intelligencia d'esse era secca, nervosa, fiascante, trazendo á ideia certos cavallos da Arabia que, no latejar das narinas, no fuzilar dos olhos, no trepidar de toda a architectura, são, mesmo em repouso, o movimento que se contem, o salto que se concentra.

Esse era uma intelligencia de combate.

Barbosa lembrava, na esgrima da sua dialectica, um atirador de sala de armas, elegante, ponderado e artistico, lançando os seus golpes com uma pompa de gentil-homem.

Bastos batia-se sempre sobre o terreno, e se, por vezes, o gume da

sua arma riscava a areia, não era porque o bote falhasse, era porque, querendo metter a ponta da lamina o mais depressa possivel no alvo, seguia sempre o caminho mais curto, ainda que para isso houvesse de chocar com as pedras do solo.

D'ahi vinha a superioridade de Bastos nos conflictos das aulas, quando arcava, em pleitos de sciencia, com os cathedaticos. Egualemmente d'ahi provinha a soberba exhibição de Barbosa, que, muitas vezes vencido pelos mestres, era surpreendente de brilho nas paradas da intelligencia coimbrã.

A comparação dos dois pôde fazer-se, porque ambos elles, de uma bella cultura geral, eram em materia de estudos officiaes de uma ignorancia suprema, visto que nada estudavam.

Um dia vendo eu, n'um acto, Bastos em *corps-à-corps* com o Dr. Garcia, que, apesar do seu grande talento, parecia, na occasião, não saber mais do que o discipulo, que tudo ignorava, pensei de mim para mim: eis um guerrilha que se bate num desfileiro com a tactica de um general.

Vendo um dia Barbosa derrotado, num acto de philosophia, pelas argucias de um cathedatico impertinente, exclamei para commigo: eis um athleta que se vae um pouco abaixo das pernas.

Os dois eram muito amigos e viveram, como todos nós vivemos afinal, num intimo convívio revolucionario. Era-me facil, portanto, ve-los, a cada momento, em choque de opiniões e lançados na baralha da discussão.

Ao fim de pouco tempo, tinha concluido que o espirito de Barbosa era uma machina maravilhosa e complicada, fabricando ideias, produzindo pensamentos com intelligencia, com brilho e com arte. O pensamento mais banal sahia-lhe dos labios como um rajah da sua tenda: esplendido e soberbo nos seus veludos e nas suas pedrarias.

O espirito de Bastos era uma machina simples, solida e ligeira, produzindo ideias algumas vezes brilhantes, mas sempre fortes, sadias e dominadoras e que sahiam singelamente vestidas, mas trazendo, na linha sobria da esculptura, o cunho superior do espirito que as gerara.

E havia mais uma diferença. Para fazer parar a machina intellectual de Barbosa, bastava encravar-lhe uma roda das suas complicadas e exuberantes engrenagens. Para fazer parar a de Bastos, sempre impavida na sobriedade das suas molas, era necessario emperrar-lhe o volante.

D'esta diferença fundamental de aspectos psicologicos, resultou a diferença de influencias que os dois exerceram na mocidade republicana de então.

O pontificado intellectual pertenceu aos dois. Somente Bastos orientou e Barbosa illuminou. Na penumbra do horisonte, Barbosa, melhor do que ninguem, viu por vezes, num clarão, o ponto para onde era preciso marchar. Mas era Francisco Bastos quem indicava,

nas *étapes* e nos detalhes, o caminho que se tornava forçoso seguir para lá chegar.

Que bella, que esplendida intelligencia a de Barbosa de Andrade!

Se, ás vezes, não parecia tão grande como era, a culpa não estava em si mesma. Estava na vontade de que Barbosa era um doente e que pela sua flaccidez produzia espasmos e recuos.

Escrevia com um brilho e verve fascinantes. Conheci-o escrevendo nos *Insubmissos*, na *Folha Academica* e no *Intransigente*. O primeiro logar foi sempre d'elle. A prosa sahia-lhe da penna como um regato de luz e tão facil e suavemente como se na verdade ella fosse a liquifacção da sua alma a um tempo estridula e bonançosa.

Nos cenáculos da bohemia coimbrã, o seu cavaco ficou celebre. Tudo o que dizia era levemente tocado de ironia e tinha tanta graça que a gente, ouvindo-o, só se alheava do seu embevecimento para sorrir, e só deixava de sorrir para se absorver na influencia capitosa da sua conversa. Nunca mais encontrei quem conversasse assim.

Não era orador, mas fallava bem. A sua maneira tinha uma technica luxuriante de mais talvez, mas tão iriada de aspectos e noções e tecida de tão luminosas palavras, que o deslumbramento era certo. Embriagava. Fallando em philosophia ou em arte, em que era culto, encantava com um excepcional poder de seducção, durante horas inteiras.

A's vezes errava em coisas banaes, mas tudo se perdoava, visto que, quando a sua conversa não redundava em ensinamento, sempre d'ella resaltava a inebriação que se sente ao ouvir uma aria.

Sem ser um affectivo, tinha bom coração e os seus principios Moraes eram solidos. Por vezes, aqui e alem, praticou ligeiros desvios, que fazem parte do natural elencho da alma dos bohemios. Era ainda o resultado de, vendo longe, não ver bem a distancia intermediaria. O que quer dizer: aqui e alem errou um pouco, mas as intenções foram sempre optimas.

Foi uma figura original pittoresca e brilhante, tendo sempre, nos seus estouvamentos de rapaz, um fundo indeclinavel de bondade e honradez.

Por isso tambem a sua lembrança se apagará difficilmente da memoria d'aquelles que de perto o conheceram, o que equivale a dizer d'aquelles que sem reservas o amaram.

ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA.

DUAS PALAVRAS

Foi mandado collocar na capella da Universidade um *apparelho telephonico*.

Ad majorem Dei gloriam.

(NOTICIA DOS JORNALS).

Ao Telephone — drama sacro com musica de Perosi e do sr. Macedo.

A *Padroeira* colhendo num gesto todo moderno o seu claro manto azul celeste, desce do seu throno d'ouro e em

passos doces, sob o olhar carinhoso dos anjos, dirige-se ao telephone da Capella:

Após os trrin-tin-lins do estylo, naquella sua divina voz cariciosa que abranda tempestades, a nossa mãe santissima pergunta:

— *Estás lá?*

Elle, Vasconcellos, o amantissimo, tremulo e ansioso ante o mysticó-telephonico acontecimento:

— *Indó dizes, Divina Estrella. Desde que colloquei o apparelho, lacrimoso espero as ordens de V. Ex.^a, vida, doçura, esperança nossa!*

Ella — Deixa por agora o cathicismo e vamos ao que importa.

Elle — Assim seja.

Ella — Trago uma quisilia commigo. Entendo que para pertencer ao meu seculo um telephone não basta, e, achando que isto de andores é um reles e antiquado meio de transporte, pedi ao Papa Gomes I que me comprasse um automovel e elle, o réprobo, recusou-se.

Elle — Justos deus! Que o vosso divino pé que esmagou a serpente, esmague tambem o hereje.

Ella — Disse-me que não, que não, nem uma bicycletinha! Nem que eu seja menos que o Conde do Ameal. Se o Conde deu um deputado á nação, eu fiz mais, dei um Deus ao mundo.

Elle — Tereis um automovel, por minha fé e graus o juro, oh mãe suavissima, se em troca, Senhora, nem mais um celestial olhar dos vossos cahir sobre esse hereje.

Ella — Abandono-o! Que Satanaz o confunda, per omnia saecula saeculorum.

Elle — Amen!

E assim agora, pela calada da noite, sob a maldição dos astros, ao vento, ao frio, á neve, Gomes I, o Réprobo, embuçado em seu manto, tombada sobre o olho coruscante a borla azul celeste, junto aos paços das Escolas, canta melancolicamente:

Mu'her ingrata para que m'amaste
Para que juraste pelo Redemptor...

RAPHAEL.

O proximo numero da *Patria* publicará um artigo do sr. Dr. João de Freitas.

ECHOS

A primeira nota

Os acontecimentos da nossa vida politica succedem-se tão phantastica e inesperadamente que nós temos, ás vezes, a impressão de que auctor de tudo isto é o sr. Eduardo Garrido, das magicas.

A falta de caracter que nós sabemos ser o cunho typico dos nossos homens d'estado e que os tem levado á pratica de indignidades sem nome, de imprevistas contradicções, de estranhas apostasias de fazer calafrios na espinha dos cynicos e de ruborizar a face dos criminosos, não nos auctorisava a esperar tanto e d'uma baixezza tão extrema.

Depois do episodio terrissimo, na sala do rei, da reconciliação Hintze-Franco, que, como os senhores sabem, se morderam com os mais ultrajantes ataques, só faltava que o toque de pratos fatal da usança scenica, pozesse em frente da opinião assombrosa os srs. João Franco e José Luciano na preparação idyllica d'uma fusão fecundissima, elles, que tambem se espodaram das derradeiras injurias!

E embora jornaes varios deem como rôtas as negociações para o entendimento fraterno, não desesperamos de os vêr, fulgurantes de ambição insolfrida, confundidas as bravas hostes, misturados os preciosos elixires salvadores, a apregoarem por esse paiz fóra, em ousadas peregrinações mystificantes, que á salvacão da Liberdade, que a redempção da patria humilhada e envilecida reside nelles e só nelles.

E para se juntarem, hão de convir, que tem a logica da afinidade que resulta da commum torpeza monarchica.

Reclamação infructifera

O Mundo reclamou que o novo ministerio apresentasse o seu programma governativo.

Ha muito que os governos de Portugal abandonaram o escrupulo d'esses disfarces sem valor, apresentando-se hoje com toda a franqueza para o cumprimento da sua invariavel missão: satisfazer os interesses proprios e a tradicional voracidade d'uma dynastia de comilões.

Mais um...

Na quinta feira passada tomou posse do cargo de governador civil o sr. dr. Motta Prego.

Houve affluencia de politicos regeneradores que aproveitaram a occasião de pôr ao sol as graves sobrecasas que só sahem da tranquillidade do guarda roupa para a exhibição dos momentos solemnes e que bem diziam na melancolia amarellecida do desbotamento a sua fidelidade de muitos annos.

Houve mais: os foguetes do costume, cumprimentos e discurso, naturalmente commovido, do sr. Prego.

Eh! rapazes: mais um prego para as occasiões de aperto... policial!

O verde loiro

Na nossa Universidade não pode um pobre escolar esquecer-se a trabalhar algumas horas por dia, que as congregações emocionadas não comecem a carregalo com distincções e premios, de forma que ás duas por tres tem o misero de aguentar-se com as gaitadas da Charanga, a argumentação cerrada dos mestres e o verde loiro a symbolisar-lhe as glorias, artisticamente retencido pelas velhas mãos carinhosas do Estópido.

Oh, senhores, ao menos poupem o verde aos rapazes!

Em primeiro logar não está provado que os candidatos á cathedra tenham todos feito a sua profissão de fé vegetariana, e, se em forma de corôa o loiro não vae mal ao Camões, temos como certo que o sr. Ulrich ou Caeiro da Matta, por exemplo, lhe preferem o côco democratico.

Bem haja o sr. Dr. Vasconcellos que, espirito ardente e progressivo, já poz os telephones na Virgem e segundo consta vae comprar uma bicyclette de roda livre para o seu menino.

— Isto sim, que é civilização e da tesa!

Não se admire...

No 3.º districto criminal de Lisboa um desgraçado que dá pelo nome de Brandão de qualquer coisa, na ancia de conquistar um empregosito rendoso tem perseguido furiosamente os nossos collegas da imprensa d'aquella cidade, pondo-se ao serviço de todos os governos, admirando-se o nosso presado collega O Mundo de que esses serviços não tenham ainda recebido a paga.

Ora não se admire o nosso querido collega, porque nós conhecemos aqui o patetinha, quando era continuo da Associação de S. Vicente de Paula, d'onde foi despedido por falta de geito.

— Aquillo não serve nem para moço de recados que se preze.

Firmeza de convicções

Em Cerveira e em Vallongo os progressistas reunidos dias depois da queda do governo, resolveram que os respectivos centros abandonassem o sr. José Luciano e se collocassem sob o padroado do sr. Alpoim.

E' de notar que nestas reuniões tomaram parte importante, os individuos que o sr. José Luciano escolhera para seus delegados nas administrações d'aquelles concelhos.

Isto é o que se chama comer o isco e... abandonar o anzol.

Querellas

Foi querellado por um echo intitulado a aria o nosso collega de Lisboa, A Lucta. Assumiu a sua responsabilidade o seu illustre director, o dr. Brito Camacho.

A Lucta é um jornal escripto com uma grande serenidade que não exclue de modo nenhum o vigor na apreciação dos factos da nossa politica, accrescendo os primeiros d'um espirito não vulgar na imprensa portugueza.

Tinha, por isso, escapado até agora á furia das perseguições que o poder, do sr. José Luciano ou do sr. Hintze Ribeiro, mas do rei, exerce sobre os jornaes que o combatem.

E' a sua iniciação, pois, no martyrologio em cujos registos se encontram todos aquelles que são animados na sua propaganda ou no seu combate por um grande espirito de verdade.

O Mundo que, pelo seu denodo, figura na primeira fila dos combatentes da Republica e por isso bate o record das querellas e das apprehensões, foi tambem mais uma vez querellado por um suolto em que accentuava a affronta para o sr. Loubet que resultava do confronto feito por um jornal progressista entre o antigo presidente da republica franceza e o sr. José Luciano.

Sabida a vida d'um e d'outro, do primeiro feita de austeridade e de respeito pelos principios republicanos, do segundo feita de immoralidades, de manhas, de desacatos á lei, a querella seria d'um ridiculo enorme, pela cynica pretensão que representa, se não representasse tambem esse rubo.

No entanto, estas perseguições servem, pela sua continuidade que a quda do sr. José Luciano não perturbou, para provar que quem persegue, quem rouba, quem opprime é unicamente a monarchia.

A Lucta e ao Mundo, os protestos da nossa solidariedade.

Influencia social do clero

No primeiro numero d este semanario publicou se um artigo, em que justamente se protestava contra uma medida governativa que permitia a admissão á matricula na faculdade de Direito aos individuos que apresentassem certidão de frequencia no 1.º anno da faculdade de Theologia. Compreende-se o intuito da medida, desde que se saiba que a matricula nesta faculdade é permittida a todo aquelle que, tendo apresentado certidão de approvação «nemine discrepante» nos tres annos d'um curso theologico de qualquer seminario, consiga approvação num exame d'algumas das disciplinas ensinadas nos lyceus, feito perante um jury, constituido por leites da Universidade. Os padres, empenhados em remover todos os obstaculos que porventura possam impedir o seu facil acesso ás mais elevadas posições sociaes, porque só a posse d'estas lhes permite alargar cada vez mais a sua esfera d'ação, triumpharam mais uma vez. O que significará, porém, esse triumpho? E' o que vamos ver, mostrando qual póle ser a influencia social do clero. Tendo em vista o principio pela philosophia escolastica tão preconizada — nemo dat quod non habet — a influencia social do padre ha de necessariamente avaliar-se pela educação moral e scientifica que nos seminarios recebeu.

Quem attentar na educação moral e scientifica que se ministra nos seminarios onde, dizem, se vae armar o cerebro para a lucta titanica a travar com os inimigos da religião, encarnicados, por amarem extraordinariamente a sciencia e portanto a verdade, poderá aquilatar do que, sob este ponto de vista, possa ser o padre, e consequentemente da sua influencia benéfica ou nociva no seio d'aquella parte da humanidade, que elle diz dirigir no caminho da salvação espirital e da felicidade eterna. Acompanhemolo, porém, desde criança, desde o lar domestico, formoso ninho de encantos, até á sua entrada triumphante no seminario diocesano, e d'ahi até ao terminus grandioso da missão de que foi investido.

Educadas geralmente no catholicismo pela familia e pelo mestre eschola, as nossas creanças, cheias de terror e de phantasticas visões que lhes incutiua a perspectiva das penas do inferno, onde só haverá «chôro e ranger de dentes», lá vão a caminho da instrução secundaria com o espirito assim obcecado, psicologicamente preparadas para não raciocinarem acerca d'uma verdade scientifica, quando porventura este raciocinio, logicamente deduzido, as possa levar a uma conclusão antinómica com as suas creanças. Muitas vezes, quando no silencio querido do seu escriptorio de estudo, aaventuram-se a um raciocinio, mas para logo fogem aterradas. Nem admira, pois que, em santo respeito pela religião do Estado, de forma identica procede o professor, esquecendo a nobilissima missão de que foi incumbido, cheia de responsabilidade social.

E' assim que a essas loiras creanças, a doce esperança do futuro, começa de repugnar a sciencia, de que se atlastam como de horripilante espectro que tenta arrancar-lhes a creença que beberam com o leite, ou melhor, que uma educação fanatica profundamente lhes infiltrou.

Apresentam-lhes Deus, como symbolo de justiça infinita e como inefavel espelho de bondade, como fôco de infinita sabedoria, como sol de brilhantissima luz, em volta do qual tudo gira, magnetica e irresistivelmente attrahido. Não lhes dizem que a infinita bondade exclue a omnisciencia, e vice-versa, pois não seria bom o Deus que creasse homens com perfeito conhecimento de que iriam habitar os antros infernaes, nem omnisciente aquelle que ignorasse o seu destino, após a vida terrena, vaile cheio de lagrimas e de dôres. Apurada pelas sciencias positivas a verdade esmagadora do determinismo, Deus, para aquelles que o acreditam, só seria infinitamente bom e omnisciente quando lhes destinasse uma vida de ineffaveis gosos, de prazeres infundidos. Ensinam-lhes, porém, o contrario, não obstante esse ensino ir de encontro á razão e á sciencia. E' que a Igreja desfecha excommunhões contra aquelles que collocam acima de todas as religiões a religião bemitida do trabalho, acima de todas as superstições a creença em tudo aquillo que a observação e a experiencia collocam, como panorama deslumbrante, deante da vista poderosa da intelligencia humana. E' por isso que as creanças, quando a acção d'um meio liberal e scientifico nellas se não faz sentir, ou vivem na ignorancia absoluta de tudo aquillo que significa um progresso scientifico, ou num odio feroz contra aquelles que, com um estudo persistente, digno de todos os encomios, vão impellido a humanidade no caminho da civilização e do progresso. São estas creanças as que querem ascender ao ministerio do altar, salvo algumas que, amando-o, com ingenuidade o não abraçam, por não se sentirem com forças sufficientes para a observancia rigorosa da mentirosissima lei do celibato, ou para se tornarem, no dizer do Evangelho, o sal da terra e a luz do mundo. D'estas fallaremos em artigo subsequente.

Por agora, occupar-nos-hemos das primeiras que lá vão, a caminho do seminario, na doce illusão de se encouraçarem contra os tres inimigos da alma: o mundo, o diabo e a carne. Com ideas catholicas profundamente arreigadas, indifferentes a todo e qualquer argumento que as anniquille, por mais poderoso que seja, essas creanças, já agora no caminho da puberdade, conserval-se fiéis á primitiva educação, não obstante a realidade das doutrinas que os encantavam se lhes apresentar nitida e indubitavel. Sentem dentro do peito uma revolta contra essa realidade que não esperavam, mas a influencia do meio em que vivem, apresentando-lhes como reaes, as doutrinas que primitivamente lhes infiltraram, acaba por as conservar na antiga creença, por as determinar no primitivo sentido.

Não é, pois, de estranhar que appareça algum a diffamar aquelles que pensam de maneira diferente, ainda mesmo que elles se imponham pela nobreza de sentimentos, integridade de caracter, lucidez de intelligencia, e até mesmo por uma illustração pouco vulgar no nosso acanhado meio scientifico. Não raro acontece d'isto, como por diferentes vezes tenho presenciado. E' que em frente da verdade, de argumentos irresponsiveis, d'uma logica de ferro, os padres preferem calumiar, a curvarem-se reverentes. Agarram-se, como a boia de salvação, ao credo gila absurdo est de todos os tempos.

E' certo que a regra austera a que, nos seminarios, os sujeitam, a odiosa barreira que deshumanamente levantam entre elles e o mundo exterior, cheio de attractivos e de edificantissimas lições, a maneira pouco amavel como os tratam, a maldade ingenita e repugnante dos padres-mestres que lhes dirigem olhares ferozes e, por vezes, sanguinarios, as reprehensões mais rispidas do que as dirigidas aos creados, a vigilancia rigorosa sobre tudo o que fazem e o que pensam,

exercida até pelos serviçães e capachos, indecorosos e repellentes, as praticas religiosas feitas pelos jesuitas, d'onde incessantemente irradia a mentira que não a verdade, a treva que não a luz, tudo isto lhes faz crear um odio implacavel contra aquillo que os rodeia, abafado pela roupeta nojenta que envergam e pela hypocrisia repugnante em que os educam.

E' então que, clandestinamente, alguns se aaventuram a leituras que, sobretudo, lhes digam mal da lei do celibato que detestam, do seminario e do seu corpo docente, leituras que os comprazem a valer, fazendo-as em breve passar para as mãos dos condiscipulos de confiança, a fim de, nas horas vagas d'um estudo improductivo, por banal, trocarem impressões curiosissimas, e, por vezes, cheias de incontestavel verdade.

E' igualmente certo que, quando reunidos para esse fim, não raro apparece algum, cujo espirito já foi aquecido pelas ideas generosas e boas, o qual, com palavras ferventes d'amor, categoricamente declara que, se não fosse uma mãe querida que lhe vota extremos de affecto e carinho, deitaria a batina aos pés do padre-mestre, e informa-lo-hia de que, visto repugnar-lhe tanta hypocrisia e deshumanidade, resolvera antrar antes no alegre convivio dos bons e dos honestos, d'aquelles que cooperam generosamente, obedecendo ao cumprimento d'um sacratissimo dever, na causa dos pobres, dos fracos e dos humildes. Este, em regra, acaba por obedecer antes ao sentimento de humanidade que o domina, do que a um desejo-familiar, cuja realisação lhe acarretaria perniciosas consequências, bem como para a humanidade que muitas vezes perderia apostolos insubstituíveis. Não é menos verdade surgirem outros que, por causa da mesquinhez de espirito d'envolta com o egoismo e o amor proprio, não avançando tanto, se limitam a mostrar esse odio que de resto existe em todos, mesmo nos capachos ignobeis, em virtude da depressão physica e moral a que ahí os sujeitam.

E na verdade essas santas creanças, as julgadas mais idoneas pela sua pureza para praticar as doutrinas de Jesus, não obstante o subsidio da bulla da cruzada que lhes é entregue, ministram aos seus educandos, por quantias relativamente elevadas, quasi exclusivamente o alimento favorito dos chinezes. Para cumulo, obrigam os em seguida a agradecer a Deus o accepe confortavel (sic) que acabam de auferir. Por sua vez os mestres venerandos agradecem tambem ao Todo Poderoso o roubo infamissimo que lhes proporcionou. Depois ao toque da cebra, num silencio lugubre, sinistro, lá vão os seminaristas automaticamente para o recreio, onde, cabibaxos, espumam de raiva, sustendo imprecações d'um odio feroz, que lhes alaga o peito, contra esses malvados que, lá dentro, saboreiam opiparos jantares.

Tudo isto é verdade. O que é certo, porém, é que, a par d'este justificado odio contra os superiores, a feição moral e scientifica d'elles lá se lhes transmite lentamente.

O que é a influencia do meio! Como é magico o poder da educação! Como ella imprime caracter!

E' assim encouraçados que estes ministros de Jesus veem ensinar ao mundo corrupto, com a palavra e com o exemplo, estas doutrinas de paz e de amor que nos seminarios aprenderam. Calcule-se a beneficencia dos seus ensinamentos, o quilate da sua moralidade!!!

Apezar dos homens de sciencia lhes demonstrarem, d'uma maneira evidente, que a criação biblica é uma utopia, a immortalidade da alma uma chimera, a originalidade da Escripura uma mentira, pois que muitas das suas doutrinas e alguns dos seus dogmas basilares, como o do mysterio da Trindade, foram hauridos no brahmanismo, elles fecham os olhos a tudo, apresentando invariavelmente o mesmo argumento: — excommunhões vomitadas contra os que propugnam pela verdade, brilhante como o sol e luminosa como o dia.

Joaquim José d'Oliveira

Centro Republicano Academico

Convindam-se todos os estudantes inscriptos neste centro, a reunirem-se na proxima quarta-feira, 4 do corrente, pelas 6 e meia horas da tarde, a fim de tratar d'um assumpto da mais alta importancia e que por sua natureza não permite delongas.

O presidente

Carlos Amaro

Prevenimos os nossos assignantes de que vamos proceder á cobrança da 1.ª serie, e pedimos-lhes a fineza da pontualidade do pagamento, para evitar novas despezas.

De Lisboa

30 de março

Incontestavelmente, a politica nacional está sendo uma verdadeira boite-à surprises. E senão veja-se a mudança portentosa e inesperada, que em menos de oito dias soffreram os acontecimentos! Ainda na minha ultima carta eu me referi á alliança que, segundo todas as probabilidades, se vislumbra como coisa assente, entre a rua de S. Bento e a rua da Emenda e, já hoje, tenho de «emendar» a mão, reconhecendo em face dos factos, que me enganai. Vem-me á memoria o refrain d'uma cantiga que durante os meus dois ultimos annos de Coimbra, ouvia todos os dias, quasi ininterruptamente, á minha visinha engomadeira, na Couraça dos Apostolos.

Bem haja elle
Em ser assim,
Falla p'rá outras
Olha p'ra mim...

Eis o caso. O senhor Franco emquanto fallava ao senhor Hintze já catapiscava o senhor José Luciano! Hoje, ao que parece, o connubio dos dois estadistas é dos factos que passarão á historia, com o rotulo de incontestaveis. Cabem aos senhores Villança e José Novaes as honras de padrinhos do auspicioso enlace.

A grande phrase do «messianismo da nossa raça», á força de repetida, desvalorizou-se. Mas, suppondo que para alguns o sr. Franco, tivesse assumido as proporções d'um Messias, Redemptor, acima das podridões humanas e disposto a apparecer um dia na Arcada, encaderado em ministro, de gladio deslumbante, como Miguel Archanjo rechaçando as legiões malditas ou com um simples chicote á maneira do seu collega de Nazareth, expulsando os vendilhões do templo, devemos confessar que a desillusão é completa. O «ponto de interrogação» que para espiritos ingenuos representaria na politica Franco e a sua hoste, desfexez-se com um sopro partido dos Navegantes. E assim, reduzido ás devidas proporções, está o Messias da Rua da Emenda tornado no que sempre nos pareceu — um cavalheiro que já foi ministro, gostou e quer repetir, seja por que maneira for.

Não me compete, a mim, chronista humilde, fazer comentarios ao facto e mal avisado andaria quem esperasse achalo na minha carta d'hoje.

Acho melhor, por exemplo, voltar a referir-me, ainda que levemente, ao dramaturgo progressista Augusto de Castro e ao seu drama, a que a plateia do Normal teve ha dias occasião de ensinar o caminho da caixa do ponto, provavelmente no piedoso intuito de elucidar o auctor, por este declarar no cartaz ser aquillo o seu «Caminho Perdido».

A companhia do Normal manifestou-se nessa noite, excepção feita de Adelinia, Joaquim Costa e Falco, toda partidaria do senhor Alpoim — que entrava na peça, disfarçado na actriz Maria Pia. Nunca o vigoroso parlamentar enterrou melhor um adversario — pelo ridiculo. Foi barbaro, foi cruel em demasia o chefe dos dissidentes. A fraqueza do antagonista, a pouca resistencia offercida pela pegasinha innocente, deviam ter feito moderar os impetus do José-Maria Pia. Mas não. Sua Ex.ª levado pelas paixões politicas, excedeu-se. Não se podia ser mais imbecil, propositadamente, por maldade! Estou em dizer que nunca, em palcos portuguezes, se dispendeu mais somma de talento para representar mal. Desde a voz, uma voz gorgolejada, fausse, arripativa, mixto de peré e de pega — uma voz pavorosa, «de salsa d'entruços», que bullia com os nervos, enjoava, como um passio a Cécilias, em bote, nos dias em que o Tejo «carneira» — até aos mencias do corpo, com aquella gordura que transformo S. Ex.ª numa bola d'extrundia, sem feito, todo ás pregas, como os folhos das saias das mulheres! Só visto se acredita!

Em compensação Joaquim Costa foi extraordinario, Adelinia um portento, Carolina Falco verdadeiramente inexcusavel de dedicação partidaria aos Navegantes. Houve momentos em que desconfiamos que, disfarçados nos tres artistas, estavam o tio, a tia, e alguma prima do dramaturgo que tivesse vindo d'Anadia a ajuda-lo no transe doloroso. Ferreira da Silva, na peça, pareceu-nos nacionalista.

A peça que, sem esta politica toda, recolheria pacatamente ao archivo depois das suas cinco recitas, banalsinha, inoffensiva, commedia, orchatica, como lhe compete aos meritos — caiu redondamente, com grande gaudío d'um sacrificio tão que diz sandices quisientas no Illustrado a ponto de, pela pretensão, pela inveja mesquinha que lhe reguma a prosa, valorisar a obra do senhor Castro e dar vontade de lhe chamar Hervieu, Brieux, Dumas e mais nomes bonitos.

E, já que fallamos neste caso curioso, vem a pello contar a divertida historia d'um facto passado por occasião de terem subido á scena em D. Maria as Almas Doentes, de Marcellino Mesquita.

Almas Doentes é um caso pathologico de loucuras hereditarias, uma tragedia intensissima, terrorista, um pesadello em dois actos — mas feita com aquella maestria, aquelle talento de dramaturgo, que fazem de Marcellino o primeiro dos theatradores portuguezes. Pode discordar-se dos intuitos da obra, pode achar-se descabida, dissolvente e por isso pernicioso, aquella litteratura d'hospital: especie de galeria teratologica que tem desfilado ante os olhos pávidos das plateias contemporaneas, desde que em palcos europeus se começaram de representar os Espectros de Ibsen e outras obras que, na opinião de muitos, nem o proprio genio justifica. Mas, o que não ha negar é a perfeição modelar do trabalho de Marcellino, estragado por um desempenho pavoroso, mas que, a ser representado por um Zacconi é uma Vitaliani, era de molde a produzir aneurismas na plateia.

Pois o criticão, de que vimos tratando, que, ao tempo, já tinha botado drama em um acto, asneando sobre o mesmo assumpto tratado por Marcellino, com a dupla proficiencia de medico e de primeiro dramaturgo na sua terra, e sempre dramaturgo, mesmo onde outros se encontrem, arrumou no dia seguinte ao auctor e á peça uma catilinaria feroz e desbragada. Até aqui a coisa, se não se justificava pela zoilice que o artigo tresandava, representaria, no entanto, a livre expressão d'um modo de pensar, dado como é a quem tem uma cabeça d'aquellas, metter-se na extravagancia de se servir d'ella para mais alguma coisa, que não seja pôr o chapéu.

Mas o engraçado da historia é que o homem, recordando-se da sua «grande obra», o drama que, por um descuido do gerente, subira á scena no Normal, para rapido descer ao limbo das sandices soporiferas, desembastava de lá esta tirada: — «Se o sr. Marcellino Mesquita tivesse visto tal peça (o parto em questão do cavalheiro) não teria escripto as Almas Doentes.» E, por aqui fora, desata a fazer elogios a si mesmo e a tratar da obra do dramaturgo de tal guisa, que parecia um mestre reprehendendo a catilinaria, um discipulo desestrado!

A noite, no Martinho, Marcellino estoirava o côs das calças, rindo a bom rir do parlapião e perguntando para os lados: Mas quem é este cavalheiro? quem é este typo?

Poortanto console-se o sr. Castro. A sua peça, se não se pode dizer boa, tambem, dispensando os applausos compromettedores do senhor Cayolla, não se pode dizer uma borracheira.

Se não é o Ibsen portuguez, é, certo, um pouco melhor que o sr. Alfonso Gayo.

E, á falta d'assumpto, até á semana que vem.

Timido

Contracto dos Tabacos

Da direcção da Associação Commercial d'esta cidade recebemos uma circular dirigida ás associações suas congêneres de todo o paiz, apreciando os desvarios governativos dos ultimos tempos do regimen, apontando todos os males de que enferma a sociedade portugueza, cuja origem vê na nossa pessima administração financeira e apontando, ainda, como ultimo recurso para o nosso resurgimento, os rendimentos dos tabacos administrados com honestidade.

Neste sentido se dirige ás associações commerciaes portuguezas para que sejam ellas as iniciadoras d'um movimento de que resulte a exclusão da conversão; a responsabilidade do Estado, pela renda dos tabacos, do emprestimo negociado com essa garantia; esta bebecimento da Regie, mediante uma administração autonoma; eliminação do imposto sobre os generos de primeira necessidade na alimentação publica e assistencia do Estado aos pobres da Escola.

Acompanhamos a Associação Commercial nas suas reclamações e applaudimos-as não só porque ellas estão a dentro do nosso ideal politico, mas tambem, porque o facto de ellas não serem attentidas virá mostrar aos poucos ingenuos que ainda por ahí ha, que a dentro da monarchia nada se pode já fazer de honesto.

Falta de espaço

A absoluta falta de espaço obriga-nos a não publicarmos ainda neste numero do nosso jornal alguns artigos que temos em nosso poder.

Entre elles ha uma critica ao livro de Alfredo Pimenta, que irá no proximo numero, assim como uma carta do sr. padre Antonio d'Oliveira, em resposta a uma noticia que publicamos sob a epigraphe de A instrução.

Pontos de vista

Litteratura

O sr. Julio de Lemos num artigo publicado no Instituto sobre Villaespera, nota contrastado que ao eclectismo litterario dos leitores portuguezes, e accentuadamente nas directrizes orientadoras dos nossos escriptores, falleça a leitura da litteratura italiana e hespanhola.

A meu ver a poesia d'hoje em Portugal, depois de Cesario Verde e Antonio Nobre, teria de voltar muito atraz para seguir Villaespera. Villaespera com os seus satellites abraçam muito de perto Mallarme e identicos para ser avançar o seguir-lhe os passos.

De tantos lembram me agora os poetas regionaes, Curres Henriquez, gallego; Garcia Rodriguez, andaluz.

Se a Villaespera perguntar quem é este ultimo elle saberá talvez ainda repetir-lhe as palavras encomiasticas com que acompanhou a offerta d'um livro de poesias de Garcia.

Mas, palavra puxa palavra, e já vou muito longe do que queria dizer. Era meu intuito ao citar as exprobações do Sr. Julio de Lemos aos nossos escriptores, pelo desconhecimento de poetas italianos e hespanhoes, lembrar quanto é nociva esta constante observação de litteratura estrangeira.

CHRONICA

(As opiniões do meu visinho)

Esprei ansioso que todos saíssem e quando me achei sozinho, em frente d'elle, apurei os ouvidos, para melhor entender as coisas reveladoras que de seu labio esperava.

— O meu amigo é muito novo e eu tenho reparado que, ainda por cima, gosta de versos. Ia a interrompê-lo, elle atalhou: — Perdão! Não me interrompa. Gosta de versos e, o que é peor, fa-los e, o que é ainda muito peor, publica-os, porque eu já li.

Confesso que fiquei chocado. Elle continuou imperturbavel: — D'ahi, o eu não me admirar do seu entusiasmo pela provincia. Mas, como sympathizo consigo, quero dizer-lhe algumas verdades. O senhor não conhece a provincia. O que o senhor vê na vida do campo é só o lado lyrico. O senhor, por exemplo, não comprehende uma paisagem á tarde, sem o toque das Ave Marias nos sinos das aldeias e o regresso ao lar do cavador cansado.

E o meu interlocutor sorria. Eu sorri tambem e elle, notando-o, disse logo: — E' assim mesmo que o senhor diz

feito, amando a vida portuguesa, nos seus aspectos mais flagrantes.

Assim posto o seu talento, puro e sem escuria estrangeira, ao estudo d'uma raça, decerto farão obra perduravel e eterna. Na imitação constante de modelos estranhos, illudindo talvez os pouco familiarizados com escriptores estrangeiros, não conseguirão senão uma obra de moda que alguns meses de uso tornarão fanada e sem perfume. Estamos litterariamente tão estrangeirados, tão des-nacionalizados, que, estou de crer, muito campo virgem existe para aquelle que, com desassombro e vigor, se lance na ardua tarefa de analysar o sentimento portuguez.

Estou na corrente de espirito de imaginar que precisavamos d'um isolamento absoluto de muitos annos e obrigação, a knout se preciso fosse, do estudo da nossa vida e do nosso meio para produzirmos uma litteratura que se destacasse nitida e clara pela manifesta expressão d'uma raça e d'uma civilização. Tenho a illusão de suppôr que muito se offerece na nossa lingua, quasi esquecida e mascarada de mil estrangeirismos, para materiaes esplendidos da obra d'um grande poeta ou d'um grande prosador.

Infelizmente o que menos conhece todo o homem que escreve em Portugal é litteratura portuguesa e tenho por bem verdadeira a historia que ha dias um amigo meu me apresentou como comprovante d'esta justa asserção.

Dois individuos discutiam Camillo. Um elogiava — "Camillo é um grande escriptor e raro se encontrará organização de tão poderoso analysista".

— Oh! menino, notava o primeiro, mas isso não é de Camillo! — Ah! tens, volvia o segundo num gesto de satisfação, nem mesmo isso é d'elle.

Thomas Vireloque.

Caso Djalme

Continuam as justicas de Paredes a dormir sobre este triste caso. Impede-nos a falta absoluta de espaço de inserir neste numero do nosso jornal uma carta que o nosso collega d'Academia do Porto sr. Manuel Bravo publicou no nosso querido collega A Vos Publica.

O sr. ministro da justiça, em resposta a um telegramma do presidente da commissão de cidadãos que se constituiu no Porto para promover o andamento do processo, disse que ia pedir ao sr. Procurador Regio junto da Relação do Porto informações urgentes sobre este caso, a fim de providenciar como fosse de justiça.

Oxalá que este facto não seja apenas prurido de moralidade para intrujar palavras, e que, pelo contrario, o sr. Campos Henriques se digne providenciar, para que o sr. Delegado de Paredes aprenda emfim a ser honesto e digno no cumprimento dos seus deveres.

— Mas a culpa d'isso não é d'elles! E' a ignorancia, o estado de barbarie em que se encontram, mercê...

— O meu visinho atalhou: — Perdão! perdão! As coisas são o que são. Se fossem diferentes não eram assim.

— E agora subamos na escada. Vamos á gente fina. A favor d'esses já não pôde adduzir os argumentos que eu vejo estremecerem a sua bocca de rapaz entusiasta. Essa gente é pseudo-civilizada, essa gente tem dinheiro, tem mesmo quasi sempre muito dinheiro e podia ser decente se quizesse.

As senhoras vestem á moda, penteiam-se á moda, têm jornaes e romances, têm enxaqueca e são hystericas. Quando se encontram no passeio em tardes de musica beijam-se em ambas as faces como as elegantes da cidade. Duvida? Percorra a provincia, vá aos clubs das terras sertanejas em dias de salsifre e verá. O typo da provinciana de romance, da morgadinha de conto, ha muito que passou á historia. A provincia macaqueia tudo e exagera tudo, ainda por cima. A mulher da provincia tem hoje todos os defeitos da mulher da cidade, sem nenhuma das suas qualidades: nem a graça, nem o requinte, nem a gentileza. A donzella da villa, se não é estúpida, quando o meu amigo lhe dirige a palavra falla-lhe ridiculamente em Camillo, em Julio Diniz e mi-

Partido Republicano

A commissão reorganisadora do partido republicano enviou a todos os presidentes das commissões municipaes e parochias republicanas, a todos os antigos deputados propostos pelo partido, aos jornalistas e antigos republicanos a seguinte circular:

Illustre correligionario: — Temos a honra de enviar-lhe, por este correio, um exemplar do projecto de Lei Organica, que será discutido no proximo congresso geral republicano.

Tinha a commissão reorganisadora, abaixo assignada, tudo preparado e disposto para que o congresso se realisasse, na cidade do Porto, nos dias 25, 26 e 27 do corrente mês de março.

Alguns correligionarios, porém, e dos mais distinctos e graduados, manifestaram, numa reunião que teve logar em Lisboa, o desejo de, antes da realisação do congresso, se effectuarem reuniões parciaes, em Lisboa, Porto e Coimbra a fim de não só se tornar mais facil e expedita a missão do congresso, mas ainda de se apurarem os nomes que, com mais prestigio e auctoridade, pudessem ser sujeitos á votação para membros do directorio.

Entendeu a commissão reorganisadora que não podia nem devia eximir-se a esta pratica democratica, á qual ella propria concorrerá, quando a isso for convidada, para dar todos os esclarecimentos que forem precisos e estiverem na esphera da sua competencia.

Não convoca por isso desde já, como estava assente entre os seus membros, o congresso geral do partido. Espera para o fazer que se tenham realisado as reuniões preparatorias, e, após o conhecimento official desse facto, a convocação se fará no periodo maximo de 48 horas.

Com especial consideração — correligionarios dedicados — Lisboa 18 de março de 1906.

- A commissão reorganisadora: Albano Coutinho, Antonio José d'Almeida, Antonio Luiz Gomes, Cassiano Martins Ribeiro, Celestino d'Almeida, José Cupertino Ribeiro Junior, José Ferreira Gonçalves, José Nunes da Ponte.

Na quinta-feira, ultima, a convite da commissão organisadora do partido republicano no centro do paiz, reuniram os republicanos d'esta região no Centro Eleitoral Republicano José Falcão a fim de accordarem na escolha dos candidatos que devem ser propostos ao sufragio dos eleitores.

Para o circulo de Coimbra foram escolhidos os nomes dos nossos eminentes correligionarios snrs: Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, Antonio Augusto Gonçalves, Dr. Francisco José Fernandes Costa, Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e Dr. Joaquim da Silva Cortezão.

Para o circulo de Aveiro foram apontados os seguintes: Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, Dr. Sebastião de Magalhães Lima,

Dr. Antonio Luiz Gomes, Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca e Albano Coutinho.

Não precisam os nomes indicados de quaesquer palavras elogiosas porque de mais são elles conhecidos pelo seu caracter e pela sua intelligencia.

A todos os eleitores honestos os apontamos.

Antonio Rodrigues Sampaio

Da commissão encarregada de fazer o centenário de Antonio Rodrigues Sampaio, recebemos um amavel pedido para nas columnas do nosso jornal abriremos uma subscrição a fim de que em Espozende possa ser levantado um monumento ao fallecido jornalista.

Por muito que nos custe responder com uma formal recusa ao delicado convite, obriga-nos a assim proceder a antipathia profunda que nos merece a memoria desse homem que não teve a par da sua brilhante intelligencia uma forte architectura moral que á nossa gratidão imponha o seu nome.

Não sabemos se Espozende lhe deve grandes serviços; mas que elle deu ao paiz um dos mais escandalosos espectaculos de defeção e traição imprudentissima — não nos resta duvida alguma.

A missão do jornalista, entendemos, não consiste apenas em escrever bem, mas principalmente em pensar bem e honestamente.

A Rodrigues Sampaio faltou esta primacial condição, e d'elle só nos podemos lembrar com o profundo desgosto que sempre desperta o quadro lastimoso d'uma grande intelligencia e d'uma rara energia completamente perdidas por falta de esio moral.

O mais delicado serviço, pois, que poderemos prestar á memoria do lucido jornalista será não lhe escrevermos muitas vezes o nome nem lhe recordar a pessoa que ao grande poeta Gomes Leal mereceu a condemnação tragica e aviltante que nos eternos versos do Renegado para sempre ficou lavrada.

Conferencias

Casualmente soubemos que na Sé Nova, o conego Vidal, (formado pela Universidade catholica de Roma), tem realisado e realisará umas conferencias de aspecto scientifico, nas quaes se propõe demonstrar a falsidade do Materialismo.

Não pretendemos a interrupção d'essas conferencias, antes pelo contrario desejamos que sua Ex.ª continue com ellas, visto que consideramos a ignorancia como sendo o principal inimigo da sciencia.

O que pretendemos, porém, é que sua Ex.ª perca o receio que parece ter e discuta com mais lealdade, para o que tomamos a liberdade de lhe dar alguns conselhos:

Em vez de sua Ex.ª fazer conferencias só para amigos, faça-as para todos (annuncie-as), chame ao local homens instruidos os quaes, comprehendendo-o, lhe poderão tirar algumas difficuldades assim como contestar algumas affirmações.

Mas, para isso, terá sua Ex.ª de descer do pulpito (logar onde a lei o colloca em condições de immunidad) e vir para salas onde lealmente se possa discutir.

Como por certo não agradarão a sua Ex.ª os conselhos dados, porque então as suas conferencias teriam — affirmamos-lhe — um resultado completamente oposto áquelle que tem em vista, recommendamos-lhe então que tome a peito a instrucção do auditorio.

tas vezes vae mais longe e diz coisas horrorosas sobre Lamartine! Ah! meu amigo: Le monde marche...

— E o que lhe succede a si? — continuou elle, ás grandes passadas pela casa. Como está de boa fé, o meu amigo põe-se logo a sonhar delicias e a idealisar uma creatura adoravel naquella provinciana cheia d'escola e mais pratica que o senhor.

— O meu visinho desconcertava-me, eu quiz arrazal-o e disse-lhe ironico: — O meu amigo, na sua mocidade, teve naturalmente alguma desillusão na provincia?

— O homem recou varado. Fez-se pallido, poz os olhos no chão e tornou, depois d'uma grande pausa:

— Tive. Tinha eu vinte annos. Ella dezoito. Foi em Freixo-de Espada-à-Cinta! Eu andava a estudar latim em Lisboa e via a até nas folhas do Dicionario. Ia lá todos os meses e nas ferias. Fui lá dois annos a seguir. Da ultima vez não a encontrei no sitio do costume. Vi um trem á porta da casa da familia. Perguntei quem era. Disseram-me que era... a parteira. Casaram-na. Vive feliz. Eu deixei o latim e fiz-me amanuense. Ganho hoje oito tostões cada dia.

Pegou no chapéu e na bengala e saiu sem me dizer mais nada. Decididamente mudo de casa. O meu visinho escangalhou-me os nervos.

Sim, porque desconhecendo elle as mais elementares leis da materia e da sua evolução, facil será a sua Ex.ª fazer com que as suas affirmações sejam acceitas pelos ouvintes; é uma questão de lhes dizer as cousas como melhor convier a sua Ex.ª. Não é verdade?

Pois como querará sua Ex.ª que, sem preparação, o auditorio possa avaliar a verdade das suas affirmações a proposito de assumptos como são o da origem do homem (de que tratou no domingo passado) e os que irá tratar?

Menos receios, mais lealdade e sobretudo mais logica.

Apresente-lhes sua Ex.ª em primeiro logar as premissas que escusado será apresentar-lhes depois a conclusão, elles a tirarão.

Rima mas não lhe convem. E... porque somos boas pessaaas, auxilia-lo-hemos tanto quanto pudermos.

Aqui lhe faremos gratuitamente o reclame ás suas conferencias e no proximo domingo lá iremos ouvi-lo para depois, d'aqui (já que d'outro modo não pode ser) conversarmos um pouco com sua Ex.ª

Pela Universidade

Os alumnos do 4.º anno medico resolveram criar no Hospital da Universidade uma «Maternidade» a qual deverá receber gratuitamente as parturientes pobres, e terá annexa uma consulta aos amamentados.

Esta instituição altamente philantropica merece-nos toda a sympathia e apoio e deve merecer-lhe todos aquelles que, attendendo ás precarias condições do operariado, de algum modo desejem beneficiar-lo.

Que todos assim o comprehendam e auxiliem a digna commissão, é o nosso desejo.

A sede da commissão, é na rua das Flores, 41, Coimbra.

EXPEDIENTE

Alguns dos nossos presados assignantes teem-se queixado de não receberem o nosso jornal. A todos pedimos desculpa dessa falta e ao mesmo tempo a fineza de dirigirem as suas justas reclamações á nossa administração, a cargo dos nossos camaradas Foyo d'Azevedo e Bissaya Barreto.

AMENDOAS

NA CASA INNOCENCIA, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra. Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

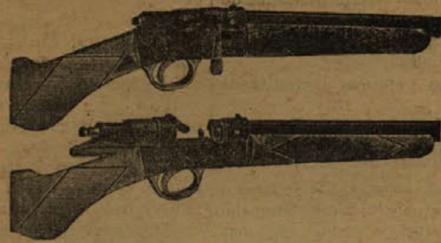
São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variáveis desde 280 até 630 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, mas não gesso nem outras cousas prejudiciais á saúde.

Manda-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir.

Ha tambem doces de diversas qualidades e artigos de mercearia.

Vendas pelos minimos preços possível. Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebugados e confeitos desde 1 1/2 até 7 0/0, conforme as quantidades que comprarem.

João Triste.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 230 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIDORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyette Aleyon

A *Motoeyette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas á linha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia. Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contêm, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIARIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 4 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 9 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

O dever da coherencia

No engrossamento progressivo e constante, ainda que moroso, das hostes republicanas, nos ultimos dezasseis annos, todos reconhecem, entre varios outros factores que o teem produzido, a acção preponderante dos nucleos republicanos que, depois da proclamação da Republica Brasileira e do ultimatum inglés de 1890, se formaram no seio das tres academias de Lisboa, Coimbra e Porto.

D'elles emanou, como é sabido, o vigoroso impeto de revolta que, propagando-se á mocidade das outras escolas e bramindo como um clarim de guerra aos ouvidos das classes neutras, até então adormecidas e indifferentes aos destinos do paiz, fez despertar novas energias neste povo, cahido em colapso, e com elles radicou no espirito publico a convicção da inutilidade de todo o esforço de resurgimento patriótico, que não fosse inspirado no unico programma effcaz da solução da crise nacional: — a eliminação da monarchia, e a consequente proclamação da Republica.

D'esse esforço e d'esse programma, secundados por quasi todas as classes e tendentes á implantação do regimen republicano, resultou a formidavel campanha que fez repudiar o vergonhoso tratado de 20 de agosto e poderia ter feito em estilhaços o throno brigantino, se os então dirigentes do partido republicano tivessem sabido prevér os acontecimentos e preparar as coisas para dominarem a situação, naquelle momento opportuno; e d'elles resultou ainda a actividade divergente e sem unidade, de numerosos elementos revolucionarios, que conduziram á aventura sangrenta e mallograda do 31 de janeiro.

Mas todo o impulso patriótico, republicano e revolucionario, da mocidade das escolas, ficaria quasi esteril, após aquella jornada desastrosa e tragica, se a geração academica que com ella se tornou solidaria, ao abandonar os bancos escolares para entrar na chamada vida pratica, não se impuzesse o sagrado dever de, tanto em homenagem á memoria dos mortos e ao heroico sacrificio dos vencidos, como por convicção politica e dedicação civica, manter uma attitude de irreductivel intransigencia com a corrupção monarchica e protestar altivamente contra as podridões do regimen.

Esparso pela terra portuguesa, labutando honradamente pela existencia, encontram-se ainda, na posição erecta de revoltados, muitos dos antigos companheiros de lucta, que se não venderam aos especuladores da quadrilhagem monarchica, rotativa ou dissidente, a troco de empregos publicos e promessas de «brilhante carreira politica», e muitos outros que teem mostrado possuir a energia moral sufficiente para resistirem, com penoso sacrificio por vezes, ás solicitações do proprio

interesse, em circumstancias precarias de vida.

Muitos, porém, teem desertado, indo offerecer a sua intelligencia e a sua actividade aos miseraveis chefes politicos de um regimen moralmente fallido, que, em manifestos violentos e em documentos publicos que firmaram com os seus nomes, arguiram de causa primacial das desgraças da Patria: uns, levados sómente por desmedida ambição de poderio ou por ostentações de vaidade, visto terem conquistado no magisterio superior, na clinica ou no fóro, posições honrosas e independentes, e acharem-se em condições materiaes prosperas, ou perfeitamente desafogadas; outros, dotados de menos aptidões intellectuales ou com menor capacidade de adaptação social, compellidos em alguns casos ao abandono da causa por que nobremente combateram, mercê de pesados encargos de familia, precipitadamente constituída, ou de embaraços e privações insuperaveis, de que só poderam libertar-se enfeudando-se a um cacique monarchico que os collocou á mesa do orçamento.

Para os primeiros, ambiciosos e vaidosos vulgares, sem força de character, nenhuma attenuante existe para a sua vergonhosa apostasia: desertaram como traidores, o maior numero para os partidos rotativos e alguns para o grupo franquista, que por sua vez trahirão tambem no dia em que esses agrupamentos perderem a esperança no poder, ou lhes não satisfizerem a avidez de engrandecimento pessoal.

D'estes, poucos são os que illudiram a expectativa dos seus contemporaneos. Comediantes de politica, a sua passagem pelo partido republicano serviu-lhes apenas para se collocarem em evidencia e attrahirem as atenções dos chefes politicos da monarchia, a quem se venderam.

Dos segundos, é preciso desconhecer o seu viver intimo antes da transigencia em que cahiram, ou nunca ter passado privações materiaes, para lhes não perdoar o não possuirem uma tempera moral excepcionalmente resistente, que os tornasse capazes de supportarem, e acabarem por vencer, as mais rudes inclemencias. Tendo a consciencia de que a sua abjuração forçada os deprime no seu proprio conceito e na consideração do povo republicano, repudiam intimamente o acto que a força imperiosa das circumstancias os levou a praticar e, não obstante terem modificado a sua conducta externa, conservam com tudo integra a fé nos seus generosos ideaes e não perderam, por isso, o direito á nossa benevolencia e sympathia.

Os outros, porém, os que, sem necessidades instantes da vida material, renegaram o seu passado politico e trahiram a confiança que nelles depositou o partido republicano, esses só podem merecer-nos o mais soberano desprezo.

Vem de longe, entre a academia de Coimbra, a tradição republicana. Já em 1848, algumas centenas de estudantes, a cujo numero

pertencia o fallecido Casal Ribeiro, assignavam e dirigiam aos estudantes de Paris uma mensagem de felicitação pela Revolução de fevereiro e pela implantação da segunda Republica, fazendo calorosos votos pelo advento d'ella a Portugal. Assassinada aquella Republica pela traição de Luiz Bonaparte, a geração coimbrã de 48, hoje extincta, sumiu-se toda na voragem da corrupção monarchica, sob o governo de Rodrigo da Fonseca, Fontes e seus discipulos.

Depois de 1862, apparece a gloriosa geração revolucionaria, na arte e na politica, a que pertenceram como os mais illustres Anthero de Quental, Theophilo Braga, José Falcão, Manuel d'Arriaga, Eça de Queiroz e Emygdio Garcia. Succedem-se novas gerações quasi esteireis, em que predomina o bacharelado vidreiro e sem ideaes, mas em que apparecem, de longe em longe, figuras superiores, como Guerra Junqueiro, Magalhães Lima, Eduardo Abreu e Azevedo e Silva.

Nas outras escolas e academias de Lisboa e Porto, o mesmo acontece, até que em 1890 os dois factos já indicados veem, como em Coimbra, lançar na até então minguada phalange republicana, a élite intellectual e moral da mocidade academica.

As novas gerações escolares que, depois d'aquella, teem passado por Coimbra e pelas outras escolas, teem continuado nobremente a conservar e fortalecer os mesmos nucleos republicanos de propaganda e acção.

Honra lhes seja.

Por cada deserção que se tem dado nas nossas fileiras, entre os que se curvaram ás miserias ou ás seducções da vida pratica, dez ou doze novos combatentes, vigorosos e entusiastas, teem vindo das academias preencher esse vacuo e engrossar constantemente as forças republicanas.

Um dever indispensavel e sagrado devem, porém, impôr-se todos os que, durante a vida academica, se lançam abertamente na lucta pela Republica: o de manterem mais tarde, depois de largarem os bancos escolares, uma attitude coherente com as suas passadas afirmações politicas, e intransigentemente hostil á monarchia e aos seus homens.

Ao entrar no combate contra a realza, não é a hypothese mais favoravel da sua proxima queda, a que deve prevér-se como a mais provavel; mas a de que obstaculos poderosos e imprevisos lhe permitirão prolongar ainda por muitos annos a sua affrontosa existencia, e exigirão um longo e penoso esforço para se chegar a demoli-la.

Fazer publicamente a affirmacão da crença republicana, é assumir perante a propria consciencia o perante o paiz o compromisso solemne de, sempre e em todas as circumstancias da vida, combater a monarchia e pugnar pelo advento da Republica, e portanto de sustentar invariavelmente a attitude erecta e activa de intransigente republicano.

Deixar de respeitar e cumprir este compromisso, pode ser, segundo as circumstancias, ou uma apostasia ignominiosa e injustificavel, ou uma abjuração susceptivel de attenuação ou desculpa; mas é sempre trahir desairosamente a confiança popular na palavra dada aos nossos concidadãos.

JOÃO DE FREITAS.

DUAS PALAVRAS

Efeitos da Fusão

Em chinelo e «robe de chambre» o sr. capitão Dias, commandante em chefe de todas as baterias de «Próe-sos», recebe de mau humor o seu novo impedido, Freitas, que, jovial e redondinho, se vem rebolando com a cesta das compras no braço.

— *Dá licença, meu capitão?*

— *Entra.*

— *Oh! meu senhor, a praça está um inferno; tudo pela hora da morte. Por meia duzia de votos já sorvados pediram-me um dinheirão; o carneiro está carissimo e acho que o melhor será, pró grande dia, mandar matar um burro; bem guisadinho com as batatas não ha eleitor que desconfie. Parce-me optimo, um burro.*

— *Comtando que não seja progressista. A vida dos correigionarios é sagrada. Que mais trouxeste?*

— *Dois piadas malandras ao Dr. Malva do Valle e um guarda-costas para mim, não vá elle correr-me como aquella procissão que V. Senhoria sabe.*

— *Tens medo?*

— *Não senhor, isto é prudencia; a proposito, trago aqui uma lembrancinha muito ternã do sr. Fortunato d'Almeida... Estava na horta, representando a Morgadinha de Val-Flor, quando me viu passar. Manda este cabazinho de tomates para V. Senhoria.*

— *Que tolice! D'isso tenho eu cá muito e melhor. Guarda-os para ti que bem precisas. Adeante. Compraste o vinho?*

— *Impedido, coçando a cabeça:*

— *Comprei, comprei, mas...*

— *Mas, o quê?*

— *E' que, mas...*

— *Explica-te desgraçado!*

— *E' que... — cahindo de joelhos — bebi-o, meu capitão!*

RIDEAU.

ECHOS

A primeira nota

Bem lhes diziamos nós. O classico golpe de *tantan* já fez apparecer no palco movimentado da politica portuguesa os srs. João Franco e José Luciano na primeira postura da annunciada fusão.

E', para principiar, um mera concentração eleitoral que implica para os representantes a deleza de aspirações batidas nos sinceros platonismos theoreticos dos programmas com que os partidos monarchicos costumam *épter* a opinião.

Mas pela frequencia do ludibrio de reclamações que se não cumprem e em que nem sequer se crê, pela immoralidade d'uma união entre pessoas que exprimiram largamente o seu odio reciproco em ultrajes e insultos, pelo intuito

de habilidade mystificadora que se traduz em cada attitude, em cada palavra, em cada movimento dos politicos que a monarchia educou nos habitos da sua impenitente corrupção, o publico, elucido e desilludido, formula sobre os primordios d'essa hypocrita fusão o gesto condemnatorio do seu desdem.

Ha jornaes que affirmam marcar ella o fim do rotativismo amaldiçoado, affirmacão que nós só comprehendemos que seja feita com o fim de mystificar ainda mais. Pois não veem todos que é, pelo contrario, a consolidação do rotativismo e que o sr. José Luciano que succedia até agora sózinho ao sr. Hintze Ribeiro, succederá d'aqui em diante acompanhado do sr. João Franco que soffria já o desespero d'um ostracismo irremediavel?

E os senhores verão depois as reclamações esquecidas, os programmas abandonados, as aspirações substituidas pela execução do que á monarchia convem que se faça para deshonra e perdição do paiz!

A actriz Virginia

A penna brilhante do distincto critico theatral do nosso presado collega *A Lucta* — Braz Burity, lançava ha dias ao publico um appello sobremaneira sympathico, e que, ao que parece, tem encontrado um acolhimento favoravel da restante imprensa de Lisboa.

E' o caso da grande actriz Virginia, a mais legitima gloria feminina da nossa scena, a amorosa cuja vida artistica tem deixado por palcos portugueses, ha trinta annos para cá, um luminoso traço de genio e a enternecida vibração de uma grande alma que tudo sacrificia á sua Arte — encontrar-se hoje cansada, esgotada, velhinha e doente, e pela disposição d'uma lei que de modo algum pode ser applicada áquella creatura d'eleição, ser obrigada a trabalhar ainda num *surmenage* cruel a que os seus nervos que tanto têm vibrado, em luminosas crystallisações de Belleza, não podem, nem devem ser sujeitos.

Virginia é d'aquellas personalidades que têm direito á gratidão do seu paiz que a deve conservar carinhosamente, commovidamente, revendo-se na sua gloria, amando-a pelo muito que ella foi, sem ter a crueldade de lhe exigir o sacrificio da sua saude e do socego que ella tanto soube merecer.

A iniciativa de Braz Burity é, pois, justissima e a ella entusiasticamente adherimos.

A reforma da grande Artista impõe-se como um dever e crêmps que para esta obra se congregaro todos aquelles que, uma só vez, tiveram occasião de admirar Virginia, que são todos que d'ahi por diante a ficaram amando.

Explicação

No nosso ultimo numero diz-se que o sr. Dr. Vasconcellos, espirito ardente e progressivo, já puzera os telephones na Virgem e que ia comprar uma bicyclette de roda livre para o seu menino. Estamos profundamente consternados porque isto deu logar a que varias pessoas, umas, as candidas, sinceramente interessadas por assumptos de ordem religiosa e antegosando já o espectáculo edificante d'um novo e extraordinario milagre, outras, as perfidas, desejosas de annunciar mais um escandalo para a Egreja — nos dirigissem longas e impressionantes missivas perguntando se «o menino» a que nos referimos era o asás conhecido e bem conceitado bambino Jesus de Nazareth, filho de Maria, ou se era alguma loura e robusta creança, filha do sr. Dr. Vasconcellos.

Em nome da lealdade jornalística e ante a face austera da Historia, aqui declaramos, para que o saiba o mundo e se calem boccas malevolas, que era ao primeiro que nos referiamos, pois que estamos absolutamente convencidos que o sr. Vasconcellos jámais concebu.



Manoel do "Patriaria"
Coimbra

Remedio infallivel

Alli um heroe d'Africa que faz o ser-
vico de fachina, limpando a casa da re-
daccão do nosso collega — A Folha de
Coimbra — voltou a fazer tórpes insinua-
ções ao caracter do nosso valioso corre-
ligionario sr. dr. Malva do Valle.

Já lhe respondeu d'um modo claro e
terminante o nosso querido amigo, de
modo que não conseguimos explicar a
insistencia do idiota senão pela falta de
momentos lucidos.

E para que elles se repitam por mais
vezes, ha só um remedio, mas este infal-
livel: — o ammoniaco, capitão, o ammo-
niaco.

No Credito Predial

Pelos modos os dois chefes do rota-
tivism, que, ao sairem do Terreiro do
Paço dão ingresso no Credito Predial,
têm feito alli asneira grossa.

Os accionistas espirraram forte nas
ultimas assembleias geraes e o «Immacu-
lado», tremelicando das pernas, deu expli-
cações de Calino em sua defeza.

Para exemplo lá vae uma.
Luciano Monteiro increpava violenta-
mente, sobre negocios de administração
interna, o portentoso estadista da Anadia.

Resposta do homem:
— V. Ex.ª que está para ahí a fallar
que chega a parecer alguém é um pelintra
que só tem dez acções... Ora, é melhor
que se cale...

A phrase não será a authentica mas o
sentido é absolutamente este...

A moralidade d'um argumento d'esta
ordem para rebater affirmações d'um
accionista que verbera de corrupta uma
administração, é toda, integralmente im-
maculada...

Só falta o Ofenbach para mette-la em
musical!

Illusões

Nos «Estudos Sociaes», revista catho-
lica mensal que se publica nesta cidade,
um collaborador, Carlos Martel, num
artigo faz largas e balofas considerações
detendendo a participação do clero na
vida politica activa dos Estados Mo-
dernos.

Que doce illusão Sr. Carlos Martel!
Os padres não podem nem devem
exercer direitos politicos.

«O meu reino não é d'este mundo»
dizia Christo. A missão do padre sendo
um apostolado, a sua acção só se fará
sentir nesse mundo ideal e invisivel que
se criou na imaginação de Jesus.

Houve uma epoca, é certo, em que
o clero afastando-se d'esse reino de phan-
tasia, se intrometteu nos destinos das
nações, na vida real e visivel dos Esta-
dos.

As consequencias foram fataes para
o desenvolvimento das civilisações.

Por toda a parte o padre foi e é um
terrivel inimigo do progresso e da liber-
dade. E este vicio não é exclusivamente
do padre catholico, é do padre em geral.
«Chenilles ou papillons, c'est toujours la
même bête» disse acertadamente Renan.

Listas republicanas por Lisboa

Domingo ultimo, na reunião dos de-
legados das commissões parochiaes, to-
ram definitivamente approvadas as duas
listas de candidatos republicanos para
as proximas eleições por Lisboa.

Os entusiasticos applausos e as sin-
ceras saudações com que foram votadas
por aclamação essas listas, por todos
que assistiram a essa reunião, são uma
prova bastante eloquente do grande pre-
stigio de que gosam os illustres correligio-
narios indicados para representar os dois
circulos d'aquella cidade.

Figuram nellas nomes respeitaveis.
Uns, professores dos mais distinctos das
nossas primeiras escolas superiores. Ou-
tros, advogados e medicos de valor re-
conhecido e provado. Todos com uma
larga folha de serviços devotados á causa
republicana, com uma honestidade, com
uma independencia e uma superioridade
de caracter raras.

Havendo todas as probabilidades do
triumpho republicano na capital, a escolha
não podia ser melhor, porque a adminis-
tração dos nossos negocios publicos pre-
cisa d'uma escrupulosa fiscalisação no
parlamento, e os candidatos votados pos-
suindo todas as condições de talento, de
saber, de eloquencia, de energia e de
combate, essa fiscalisação ha de fazer-se
certamente com efficacia.

E porque, as referidas listas nos me-
recem o mais completo applauso e a mais
profunda sympathia por todas as razões,
aqui registamos com prazer e com orgulho
a nossa justa homenagem aos illustres
propostos.

O proximo numero da
Patria publicará um artigo
do sr. Heliodoro Salgado.

Será o mesmo?!

Lembram-se os nossos leitores de que
sob esta epigraphie publicámos em o n.º 2
do nosso jornal uma carta do nosso amigo
e eminente correligionario sr. dr. Malva
do Valle, em resposta a umas insolencias
da Folha de Coimbra.

O sr. dr. Teixeira de Carvalho fez na
Resistencia umas considerações sobre essa
carta que tambem publicou, e é suggerida
por ellas a carta que nos é enviada e que
gostosamente publicamos a seguir.

Caros amigos e camaradas:

Peço-lhes a publicação da seguinte
carta que tambem enviei para a Resis-
tencia.

De V. amigo certo e correligionario
Malva do Valle

Ex.ª Sr. Redactor da Resistencia

Só hontem, 3 de abril, tive conheci-
mento das considerações que V. Ex.ª fez
á minha carta e por isso só hoje o incom-
modo pedindo-lhe a publicação do se-
guinte:

Tenho sempre o maximo respeito pela
opinião sincera seja de quem fór e por
isso a discuto quando contraria a minha
maneira de pensar.

Diz V. Ex.ª que a expressão «her-
dar uma influencia» não é democratica.

Herdar uma influencia não é herdar
votos nem consciencias, porque isso é um
absurdo. O que se pode herdar, o que
realmente herdei, foi a gratidão d'algu-
mas pessoas a quem os meus prestaram
beneficios. Aquelles mais facilmente se-
guem o meu conselho, do que o de outros
cujos ascendentes aqui não tenham vi-
vido, por não ter nelles a mesma con-
fiança. Já vê pois que herdar influencias
não é herdar votos nem consciencias,
mas sim maior facilidade em os conseguir;
e nesta accepção, unica possivel, é perfeitamente democratica a expressão.

Diz mais que o facto de eu usar d'uma
votação que não posso aproveitar em be-
neficio do meu partido, lhe não parece
democratico tambem.

Ea fui agredido pelo facto de ser re-
publicano e na impossibilidade, demons-
trada na minha carta, de orientar esses
votos para o meu partido e visto que
fatalmente tinham de seguir individuos
monarchicos, dirigia-os para aquelles que
mais respeito manifestavam pelo meu
credo politico.

Era mais democratico (deixando ficar
esses votos onde estavam) augmentar a
influencia, portanto a força d'aquelles
que se serviam d'ella para me hostilizar
pelo facto de eu ser republicano?

Entendo que não.

Diz por ultimo que eu não repelia a
insinuação que me era feita de proteger
a politica hintzacea. — Mas deixando ficar
esses votos onde estavam, protegia a po-
litica progressista.

Não protegia nem uma nem outra
e simplesmente, como provei na minha
carta, me defendia a mim.

Fica assim claramente exposta a mi-
nha opinião sobre tal assumpto. Mas,
apesar desta maneira de ver, declaro que
abandono essa influencia porque não quero
dar occasião a que qualquer republicano,
seja quem fór, se julgue mais correcto
do que eu.

De V. Ex.ª

Malva do Valle

S. Silvestre, 4 de abril de 1906.

Não fazemos por ora comentarios.
O nosso illustre amigo dr. Malva do Valle
que não necessita do nosso apoio, exige-
nos que o deixemos absolutamente só.
E até ver...

Centro Republicano Academico

Reuniram-se na quarta-feira passada
os estudantes republicanos filiados no Cen-
tro, a fim de tratar varios assumptos e de
tomar conhecimento do projecto de lei
organica do partido, que deve ser apre-
sentado ao congresso geral do mesmo
partido.

Foi nomeada uma commissão que ficou
incumbida de estudar esse projecto, ten-
do de apresentar os seus trabalhos
concluidos na primeira reunião que se
realisar depois de ferias de Paschoa.

No proximo domingo de Paschoa, no
comicio de propaganda que em Santarem
se realisa, usarão da palavra os nossos
camaradas do Centro Republicano, Carlos
Olavo, Carneiro Franco, Ramada Curto
e José Montez.

Folha de Coimbra

Com relação a uma nova insinuação
que este jornal faz ao nosso correligio-
nario e amigo dr. Malva do Valle e de
que só hoje, por nós, teve conhecimento,
no proximo numero conversaremos mais
largamente.

De Lisboa

6 de abril

Ha, por vezes, na uniformidade dos
tipos que vivem num grande centro
como Lisboa, fóra da inestesia banal
do chapeu de côco burguez, da cartola
da burocracia elevada e dos maltrapidos
que pedem esmolos pelas esquinas, cer-
tas creaturas de destaque que passam á
historia, que se notam nas ruas, porque
ellas trazem consigo qualquer coisa de
inconfundivel, que não permite ao olhar
que uma vez as fixa, classifica-las em
qualquer dos typos dominantes que cons-
tituem a população da cidade. Muitas
vezes essas creaturas são typos das ruas
que, ainda passado muito tempo depois
de terem desaparecido da scena da
vida, perduram na memoria da geração
que os conheceu e passam na tradição
às que depois d'ella vieram. Esses quasi
sempre têm uma historia, picaresca ou
tragica, mas conhecida, popularizada na
multidão. Mesmo essa multidão que os
conhece e que lhes faz a lenda, lidou
intimamente com elles, acotovellou-os
nas ruas, chorou com o seu romance
triste, riu com a sua farça desopilante.

São assim o «Rei da Madureza»,
o «popular José Augusto», a «preta do
mexilhão» e tantos outros que, aos
poucos, têm desaparecido, com a des-
truição do Passeio Publico, a abertura
de largas Avenidas, a entrada do Rama-
lho Ortigão das «Farfas» para o con-
vívio dos «immortaes» do Arco a Jesus,
a invasão dos carros electricos e o cos-
mopolitismo de S. Luiz Braga — que,
ás doses, divulga o boulevard na terra
das alfices. Lisboa, diferente já da
Lisboa de Eça de Queiroz, perdeu todo
o seu pittoresco, e não dá positivamente
para sustentar um typo. Quando alguns
ainda apparecem não são espontaneos, são
copiados e caem á breve trecho, exacta-
mente pela sua artificialidade. A prova
do que affirmo está em que o senhor
Dantas, por exemplo, como ainda ha
dias aqui disse, não se aguentou e hoje é
tenente medico da guarda municipal.

Baudelaire não se acimatou no nosso
paiz e d'ahi a queda. Mais moderno
ainda temos o Arte-Nova, o dandy-cau-
telleiro, contrafacção nacional do camelot
excêntrico de Paris e, como todos sabem,
o Arte-Nova tambem desapareceu.

Quando não desaparecem naturalmente
é a Ordem então que os obriga a con-
fundir-se com a massa anonima, para
que o seu exotismo não ponha uma
mancha berrante no camafêu da civili-
zação contemporanea. Assim o José da
Tapada foi preso e mandado, creio eu,
para o Limoeiro, á espera de ir viajar
por conta do Estado, até á costa d'África.

Mas, ha ainda uma outra classe de
typos muito curiosos. São os que, ao
contrario dos primeiros, se isolam aris-
tocraticamente do vulgo que apenas
lhes presume, ao topar com elles, uma
vaga, imprecisa e reservada historia.

O quanto aquelles procuram soffrega-
mente a população que os applaude estes
receiam-na, fogem d'ella, talvez por uma
aristocracia toda de pelle, ou ainda por-
que, mais divergente que a linha externa
do seu typo, nelles haja differenças
subjectivas irreductiveis, isolando-se, na
consciencia da sua extravagancia, receian-
do o choque irrefragavel e, certo, doloro-
so.

Ora succede que acaba de morrer,
ha dias, uma creatura estranha, pertencen-
do a esta ultima classe. Foi a con-
dessa de Farrobo. — Maria das Dóres
Farrobo, morta no hospital de S. José e
enterrada em cova rasa, no Alto de S.
João.

Eu conhecia-a. Era uma velhita an-
drajosa, muito pallida, com uns tenuous
indicios de que devia ter sido bella nos
seus tempos, de que, sobre a sua pelle
branca de mulher loira, assentariam bem
os collares de perolas custosas, e entre
a frouxa caricia d'um decote de rênhas
se devia ter mostrado, nos festins das
Laranjeiras, ao som dos violinos, sob o
brilho esplendido dos lustres, um perfeito
collo de mulher. Agora, só sahia de
noite, embrulhada num chale esburacado,
com a saia preta arrastando a poeira dos
trottoirs, muito rente das paredes, fugindo
até da luzerna que sahia das lojas. Pare-
cia que o seu desejo era occultar-se,
reduzir-se. Se acaso nos acontecia fita-
-la um pouco mais, ou roçar por ella
na passagem, logo ella se encolhia toda,
medrosamente, aggressivamente, como
um gato que se sente atacado e prepara a
defeza. Passavamos e ei-la que fugia,
olhando ainda a furto para traz, olhando
até nós perder de vista. E uma vez,
numa scena d'essas a que assisti na
alameda de S. Pedro d'Alcantara, porque
um garoto ao cruzar com ella lhe cha-
mou «bruxa», — via-a depois tombada
sobre um banco, arquejante, resfolegando
alto, numa crise em que o corpo todo
lhe tremia como um vime. E tão enro-
dilhada, tão miseravel me appareceu, que
me acerquei, perguntei-lhe o que tinha.

Ergueu-se de repente, disse: «chamo um
policia» e quiz gritar. Eu afastei-me e
ouve-a resmungar ainda: «garoto»,

«malandro»... Chamavam-lhe maluca,
e numa pharmacia, ao Principe Real,
onde á noite se retemem estudantes e
onde ella, ás vezes, entrava a comprar
um vintem de qualquer coisa, — quasi
sempre mostarda, linhaça, um sinapismo,
de que me parece que se servia para
debellar uma tosse secca que, a espaços,
a sacudia toda, — vi-a, uma vez, olhar
de tal forma para um alferes de caval-
laria que se sorria ao ve-la entrar, que o
rapaz baixou os olhos e corou, vexado.
Noutras occasiões espreitava furtiva-
mente á porta e, se via alguém, fugia
logo, ia postar-se do outro lado da rua,
á espera que o ultimo sahisse.

Contou-me o dono da pharmacia
uma scena curiosa de que foi elle a
unica testemunha. E' o caso que, em
frente do estabelecimento, ha um palacio,
d'uma familia brasileira muito rica.
Uma noite, creio que pelo Natal — a
Farrobo entrou alli. As janellas do pa-
cete fronteiro estavam todas illuminadas,
trens paravam á porta, tirados por pare-
llhas de luxo, trintenarios abafados em
pelles abriam respeitosamente as portin-
holas, e viam-se branquejar toilettes,
plumas, coisas caras e delicadas, envol-
vendo corpos galantes de mulheres que
entravam, subiam a escadaria monu-
mental seguidas por sujeitos graves.

Depois a porta fechava-se de novo e só,
nas janellas, passavam vagamente som-
bras de homens e de mulheres, volteando
enlaçados, num rythmo que fazia adivi-
nhar uma walsa dolente. Maria das
Dóres Farrobo ficou muito tempo alli,
sem dizer palavra, fitando aquillo. Nisto,
pára um novo trem á porta. Soprando
a brasa d'um charuto desce um sujeito
apressado. Um garoto, descalço e mi-
seravel, aproxima-se pedindo esmola e
é repellido. E logo a Farrobo, num
grito, chama o pequeno, que vem des-
confiado, dá-lhe um pataco que trazia
para pagar a linhaça ou a mostarda ha-
bitual e diz-lhe radiante, vibrando toda:

— Toma, dou-te eu! Toma lá...

Depois sahii, sem comprar o que
queria...

Caso curioso d'um orgulho abatido
que tem d'estes rasgos e acaba num
hospital miseravelmente, depois de ter
sido a mulher mais adulada do seu tem-
po, rainha pela belleza, como o homem
que lhe dera a posição e o nome, era
rei pela fortuna e emprestava dinheiro
aos governos dos reis de nascimento que,
até hoje, creio eu, ainda lh'o não paga-
ram...

Só, se o desconto da divida foi feito
nas despesas do enterro, com que, numa
carreta d'hospital, foi conduzida ao Alto
de S. João a condessa de Farrobo.

Timido

Adhesões patuscas

O sr. Reitor da Universidade inter-
pretando o sentir quasi unanime do
corpo docente d'este estabelecimento de
ensino, acaba de adherir calorosamente
á serie de manifestações de homenagem
com que amigos e admiradores preten-
dem festejar o sr. Abel d'Andrade, di-
rector geral de instrução publica.

O Primeiro de Janeiro entende que
este facto traduz bem o apreço em que o
«douto estabelecimento tem a obra fe-
cunda e renovadora do illustre homem
publico a quem o paiz tanto deve».

O paiz?! Ora essa! Os amigos e ad-
miradores d'aquelle funcionario, é o
que por certo queria dizer o nosso col-
lega portuense.

Nós não vemos — e comnosco está
de accordo certamente toda a gente es-
clarecida — em que fosse fecunda e re-
novadora a obra do sr. Abel d'Andrade.

Em todos os problemas de instrução
em que a sua acção se tem feito sentir,
os effeitos têm sido verdadeiramente
desastrosos para os progressos de ensino.

Os nossos homens publicos até aqui,
tentando de tempos a tempos uma mo-
dificação para occultar a sua exagerada
incuria no que respeita ás questões de
educação, têm cuidado mais em reorga-
nizar programmas, descuidando por com-
pleto o que é essencial, fundamental para
a efficacia da instrução, que é o proble-
ma do methodo.

Examine-se as ultimas reformas dos
lyceus e dos estudos universitarios. O
que logo resalta é a multiplicidade de
assumptos de toda a natureza, alguns
dos quaes de nenhuma utilidade pratica,
que os professores têm de infiltrar no
cerebro dos discipulos.

Sobre o methodo de ensinar, a res-
peito dos processos, facéis, simples e r-
pidos pelos quaes os mestres devem
exercer uma salutar suggestão nos espiri-
tos dos alumnos, quanto ao modo de re-
crutamento dos professores, sobre estas
e outras questões importantes que devem
ser a base de todas as reformas, nada se
tem legislado, nenhuma alteração se tem
feito, nem a mais ligeira modificação se
tem introduzido.

Nestas circumstancias o que é que o
paiz deve á direcção geral de instrução
publica, cujo chefe é hoje festejado e
banqueteado?

O MUNDO

O tribunal da Relação de Lisboa, na
sua sessão de sabbado ultimo, absolveu
este nosso querido collega revogando
uma sentença do tribunal da Boa Hora
num dos processos intentados em janeiro
ultimo.

Lembramo-nos perfeitamente da es-
plendida defeza do eminente advogado,
nosso correligionario e amigo, Dr. Affon-
so Costa, na qual com uma rara profici-
encia demonstrou a improcedencia da
accusação por falta de provas legais.

Pois a Relação de Lisboa annullou a
sentença condemnatoria da 1.ª instancia,
baseando-se precisamente no fundamento
juridico apresentado por aquelle distincto
causidico.

Ha muito que em Portugal o Poder
Judicial tem dado provas de pouca in-
dependencia e de nenhum respeito pela
lei. Nunca estranhamos todos os actos
de immoralidade praticados pelos tribu-
naes de 1.ª instancia, porque os seus
membros são creaturas escrupulosamente
escolhidas, não para fazerem justiça,
mas a fim de satisfazerem os mesquinhos
caprichos dos governos.

A deliberação tomada pela Relação
no processo em questão, é um louvavel
symptoma da efficacia dos tribunales su-
periores, um acto de verdadeira e mere-
cida justiça feita a um jornal que prima
pela audacia com que diz todas as
verdades, pela altivez com que combate
o regimen, os seus processos, os seus
homens.

Folgamos muito com o triumpho do
Mundo. E ao mesmo tempo que aqui
deixamos expressa a nossa homenagem
de respeito ao brilhante advogado Dr.
Affonso Costa, mandamos um grande
abraço ao nosso querido amigo França
Borges.

Conferencia

Sabbado, 7, o nosso querido amigo
Carlos Amaro, realisou na Figueira da
Foz, no Centro José Falcão, uma con-
ferencia sobre o thema: O Operariado e
a Republica.

Analysou a questão social e fez a
sua historia especialmente em Portugal.
Em seguida demonstrou como a monar-
chia era uma causa de miseria e de im-
moralidade, e apresentou as vantagens
que uma Republica que tire toda a sua
força do elemento popular, pode trazer
á resolução do problema economic.

O nosso camarada foi muitissimo
applaudido pela numerosa assistencia. A
conferencia presidiu o Sr. Cassiano Ri-
beiro, que de Coimbra fóra a acompanhar
o conferente.

Absolutismo em Portugal

Admira-se o nosso distincto collega
o Mundo dos jornaes governamentais
não darem qualquer desmentido ao boato
que tem circulado a proposito da inicia-
tiva que o chefe do estado tomou e com
a qual visa beneficiar a situação da classe
militar.

Já não nos admiram a nós estas e
outras manifestações de verdadeiro abso-
lutismo, não só porque já estamos acos-
tumados a ellas, como tambem estamos
convencidos de que só por actos de ab-
solutismo desenfreado a monarchia con-
seguirá prolongar por mais alguns
momentos a sua agonía.

O que nós admiramos porém, é a
paciencia do povo, o qual, apesar das
constantes violações feitas á carta cons-
titucional, ainda se não dispoz a tomar
por sua vez uma grande iniciativa.

Queira o povo abrir os olhos e dis-
pôr-se a isso, que nós cá estamos incondi-
cionalmente ao lado d'elle para o aju-
darmos, tanto quanto pudermos.

Até esse grande dia, nós cá estare-
mos para apontar ao povo a viciação do
regimen, não deixando passar sem re-
gisto todos os factos que de tal o pos-
sam convencer, e... intimamente dese-
jamos que se repitam, pois que assim
mais brevemente elle se convencerá.

Karl Larsen

Acha-se entre nós este distincto es-
criptor dinamarquês, um dos bons amigos
que o nosso paiz conta no estrangeiro.

O professor Larsen, intelligencia do
mais puro quilate, tem traduzido algumas
obras litterarias portuguezas, com a pro-
ficiencia d'um erudito e profundo conhe-
cedor da nossa lingua.

Deve-se-lhe a versão das cartas da
freira portugueza Marianna Alcoforado,
e publicou ultimamente um livro — O
bello Portugal — em que se mostra um
apaixonado admirador das bellezas natu-
raes do nosso paiz que de novo percorre
agora, em viagem d'estudo e de recreio.

Saudamos cordialmente o distincto
hospede, fazendo votos para que elle leve
para o seu bello paiz gratas recordações
da nossa terra.

Pontos de vista

As férias de Paschoa veem abrir um parenthesis de folga na estopante vida dos academicos...

É de cada um fazer as malas e preparar as suas melhores gracolias coimbrãs para empacemecar a população voraz de ditos adutorados...

Vá, rapazes que bateis as azas até Paris, as ultimas palletadas no francês. A' pressa e já o pé no estribo ainda algum mais esquecido pergunta a Mr. Plessis...

E ahi vai esse grupo de rapazes cheios de audacia espantar Paris num francês de ponta e mola, arrastar por ahi fóra a magia da capa e batina...

Decerto, alagados pela agitada vida da grande cidade, energias novas despertarão, criando desejos vagos, suscitados por mil seducções...

Não esperamos, é certo, que a opinião da imprensa franceza venha influir de qualquer modo sobre a maneira de proceder dos nossos governantes.

Tem corrido para ahi, entre estudantes pouco affectos á viagem já se vê, que ninguém sabe o francês resultando esta viajata num fiasco...

Posso todavia affirmar que o comité pensou e ponderou sabiamente o assumpto e de todo removeu as graves difficuldades que surgiriam de dar ás linguas academicas...

tidos, para que o orador não chegue á occasião e se sinta emperado, o que seria um grave desastre. Notar-se-ha que estes nada mais farão.

Assim tudo sanado, tudo marcado e medido. Restava somente que, quando em plena actividade, esta machina não fosse perturbada no seu exercicio...

Thomas Viveleque.

Catastrophe de Courrières

Quizeram os operarios de Lisboa, á semelhança dos seus camaradas do Porto, realisar, ha dias, um bando precatório em favor das familias das victimas de Courrières...

Muito bem, embora esta resolução vá ferir o patriotismo hypocrita de meia duzia de monarchicos que ha pouco se revoltava contra identico processo...

Não. O que nos basta, o que nós queremos é ter a certeza que amanhã, quando o povo se resolver a acabar com isto d'uma vez para sempre...

Não. O que nos basta, o que nós queremos é ter a certeza que amanhã, quando o povo se resolver a acabar com isto d'uma vez para sempre...

Excursão a Paris

A's 6 horas da manhã de hontem, partiu para aquella cidade um grupo de estudantes de Coimbra, o qual, juntamente com os de Lisboa e Porto...

Já ha bastantes annos que, regularmente, a academia de Coimbra, ou melhor, um pequeno grupo de academicos de Coimbra, a titulo de estreitar laços de amizade com academias estrangeiras...

É claro que nem sempre regressavam aos patrios lares com a alegria na alma e o jantar no estomago, isto porque o povo do seculo XX — portuguez ou hespanhol — já não vai com tocatas e muito menos com cantatas.

Porém a excursão que a Academia de Coimbra juntamente com as de Lisboa e Porto agora faz, em nada se assemelha áquellas, e para isso o Comité organisador resolveu afastar d'esta as tunas e tudo o mais que pudesse dar logar a quaesquer duvidas sobre os sentimentos dos estudantes...

Merece-nos calorosos applausos este procedimento, tanto mais que achando-se de rastos pelo estrangeiro o nome portuguez, mal pareceria, mais ainda, seria uma verdadeira affirmação da decadencia

portuguesa se a nossa mocidade intellectual fosse — como andam os nossos governos — em releas pedintarias de saltilimbancos auferir as massas necessarias p'ra... pandega.

Não! Os estudantes portuguezes comprehendem d'esta vez a sua missão. A excursão a que nos referimos só tem em vista tornar pessoas e vivos os conhecimentos que os estudantes portuguezes já tinham das academias francezas e dos grandes mestres do pensamento.

RAPSODIA

Uma Maternidade em Coimbra

O curso do 4.º anno medico resolveu fundar nesta cidade uma Maternidade e, annexa, uma Consulta d'amamentados. Na circular que esse curso enviou á imprensa veem expendidos os motivos de tal resolução.

Esta bella iniciativa, destacando na cherra e amorpha vida academica, onde as bellas iniciativas são tão raras como são abundantes as bellas cabelleiras...

É o caso é que, de tão pouco acostumado estar um homem a gastar tempo e recursos em elogios e lambugens, lhe é extremamente difficil encontrar expressões por que traduza a vontade e a alegria de bem dizer.

Tudo nos foge, nos atraiçoa, nos morde, nos vende, nos empeçonha. A propria sombra do corpo nos escapa. Não somos sequer senhores do halito da propria bocca.

Não é isto? Veiu este rosario de mal resadas contas a proposito ou á despropósito de o 4.º anno medico haver resolvido fundar nesta cidade uma Maternidade e, annexa, uma Consulta d'amamentados.

Informam-nos que o sr. Silvio Pellico, vice-presidente da camara municipal d'esta cidade, foi encarregado de elaborar o relatório e regulamento da assistencia ao operariado ao serviço do municipio.

A assistencia ao operariado, a redução nas horas de trabalho, a criação d'um tribunal de arbitros avindores, ha pouco inaugurado, tudo isto entra no numero das nossas reivindicações sociaes.

Antonio Granjo.

OS LIVROS

Com o titulo O Fim da Monarchia, publicou Alfredo Pimenta um pequeno volume de critica e combate ao regimen monarchico...

O Fim da Monarchia representa, em primeiro logar, da parte de Alfredo Pimenta, anarchista militante, um acto de isenção, uma independencia de dogmatismos de escola que lhe valerá, pela certa, as censuras do impenitente sectarismo libertario...

Escrepto com forma clara, marca-se tambem pelo methodo e consciencia da sua critica e pela audaciosa verdade que lhe imprime um tom de vivacidade e de violencia que os absurdos odiosos da monarchia e as pustulas moraes d'uma dynastia inteira absolutamente justificam.

Os defeitos, os erros, os vicios são menos dos homens do que dos principios. Ha systemas politicos que para funcionarem necessitam, por força da logica da sua organisação, do impulso e da sancção da consciencia nacional...

Nas monarchias, regimens de ficção e de privilegio, sem raizes na consciencia dos povos, o processo da sua manutención consiste em degradar os caracteres, corrompendo-os, em opprimir os espiritos, perseguindo-os.

Nas suas conclusões reconhece o autor o que a implantação da Republica representa como facto de alta politica e como condição essencial de moralidade governativa e, para garantia do cumprimento dos compromissos tomados para com o povo...

Informam-nos que o sr. Silvio Pellico, vice-presidente da camara municipal d'esta cidade, foi encarregado de elaborar o relatório e regulamento da assistencia ao operariado ao serviço do municipio.

Informam-nos que o sr. Silvio Pellico, vice-presidente da camara municipal d'esta cidade, foi encarregado de elaborar o relatório e regulamento da assistencia ao operariado ao serviço do municipio.

Informam-nos que o sr. Silvio Pellico, vice-presidente da camara municipal d'esta cidade, foi encarregado de elaborar o relatório e regulamento da assistencia ao operariado ao serviço do municipio.

Candidatos Republicanos

Circulo n.º 15

Lisboa (oriental) — 1.º e 2.º bairros de Lisboa, concelhos de Alemquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures e Villa Franca de Xira.

Antonio José d'Almeida (Dr.) Medico. Antonio Luiz Gomes (Dr.) Advogado. Augusto Cezar d'Almeida Vasconcellos Correia (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Circulo n.º 16

Lisboa (occidental) — 3.º e 4.º bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sobral de Mont'Agração e Torres Vedras.

Alexandre Braga (Dr.) Advogado. João Duarte de Menezes (Dr.) Advogado. João José de Freitas (Dr.) Advogado e professor.

Circulo n.º 5

Porto (oriental) — 1.º bairro do Porto, Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel.

Antonio Augusto Cerqueira Coimbra (Dr.) Proprietario. Antonio da Silva Cunha, Commerciant e proprietario. Francisco Xavier Esteves, Professor e engenheiro.

Circulo n.º 6

Porto (occidental) — 2.º bairro do Porto, Bouças, Maia, Povoas de Varzim, Santo Thyrsso, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaia.

Antonio Florido da Cunha Toscano (Dr.) Medico. Joaquim de Azevedo Albuquerque (Dr.) Professor da Academia Polytechnica.

Circulo n.º 7

Aveiro — Os concelhos do districto administrativo.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade. Sebastião de Magalhães Lima (Dr.) Jornalista.

Circulo n.º 8

Coimbra — Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho, Penella e Soure.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade. Antonio Augusto Gonçalves, Professor.

Circulo n.º 21

Beja — Os concelhos do districto administrativo.

José Jacintho Nunes (Dr.) Advogado e agricultor. Augusto Baeta das Neves Barreto, (Dr.) Medico. Verissimo de Almeida, Professor do Instituto de Agronomia.

AMENDOAS

NA CASA INNOCENCIA, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra. Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variaveis desde 280 até 650 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, mas não gesso nem outras cousas prejudiciaes á saude.

Mantem-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir. Ha tambem doces de diversas qualidades e artigos de mercearia. Vendas pelos minimos preços possivel. Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebuçados e confeitos desde 1 1/2 até 0 70, conforme as quantidades que comprarem.



Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armās e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS

Ençarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposiçāo para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyclette Aleyon

A *Motocyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra. A machina *Aleyon* mostron n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contém, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico



Abraço à Liberdade

Numero 5 - 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 16 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Não temos homens!

Toda a gente para quem a questão capital portuguesa é a questão financeiro-administrativa tem o costume de dizer e repetir, com a irritante monotonia d'um realejo, que o partido republicano não tem homens á altura da missão de resolver taes difficuldades; e que, por conseguinte, mais vale deixar estar a monarchia do que proclamar a Republica!

Baldadamente lhes apresentamos homens como Bernardino Machado e Sousa Larcher, isentos pela idade do perigo das precipitações jacobinas, e entre os mais novos, os homens de criterio ponderado, de estudo, de reflexão, reconhecidos por todos como capacidades financeiras de primeira ordem: Antonio Luiz Gomes, Basilio Telles, Duarte Leite.

A nada se movem. A monotona cantata de que o partido republicano « não tem homens » continúa a produzir-se.

Realmente, homens como os que tem tido a monarchia, não os temos, felizmente.

Nem financeiros como Mariano de Carvalho, como Mattoso dos Santos, como Teixeira de Sousa, como Espregueira, homens que, apesar de todo o seu saber e experiencia, têm posto o paiz a pedir, fazem falta no nosso partido.

Falta fizeram-nos Oliveira Marrecá — um santo a quem Alexandre Herculano chamou « o primeiro economista português »; e Rodrigues de Freitas, illustre professor de Economia Politica na Academia Polytechnica do Porto, que com tanta proficiencia versou questões financeiras no parlamento; e Teixeira Bastos, auctor illustre do estudo *A Crise*.

Se o paiz, em vez de ter sido administrado falperricamente pelos grandes homens da monarchia, ao serviço dos interesses brigantinos (de brigands, salteadores), tivesse sido administrado por Oliveira Marrecá, Rodrigues de Freitas, Sousa Larcher, Bernardino Machado, Teixeira Bastos, Antonio Luiz Gomes, Basilio Telles, Duarte Leite, o paiz, tão rico pela fertilidade do seu solo como pela capacidade de trabalho e de intelligencia dos seus filhos, não estaria na miseranda situação de ruina em que se encontra.

Mas os « grandes homens » da monarchia não servem o paiz: servem o rei. Isto é: servem a confusão dos dois erarios. Dão ao rei e á familia, á custa da nação, e sem a nação ser ouvida, tudo quanto o rei e a familia exigam, na sua insaciavel sede de ouro e de pandega.

Depois, ha sempre um Carrilho para a falsificação habilidosa dos orçamentos, encobridor remunerado devidamente, de todas as trapaças financeiras de governos ladrões.

A capacidade financeira dos servidores da monarchia foi agora posta á prova na questão dos tabacos.

O governo regenerador não soube resolve-la e cahiu.

O governo progressista não soube resolve-la e cahiu.

O unico que a soube resolver, sob o ponto de vista pessoal, foi o rei — que já está pago da sua sabedoria. E, como já está pago, voltou aos regeneradores que por incapacidade tinham já cahido.

O que vão fazer os regeneradores?

— O monopolio — attentado a um tempo contra a liberdade da industria e contra os interesses do Estado.

Entretanto, o partido republicano, apesar de « não ter homens » propõe a unica solução aceitavel, fóra da liberdade de industria:

« Já que essa industria é tão fabulosamente lucrativa, chame-a o Estado a si, explore-a em beneficio do thesouro. »

E o que respondem os « grandes homens » da monarchia?

Afirmam-nos a sua incapacidade, a incapacidade do Estado, a incapacidade do regimen, dizendo-nos que a administração dos tabacos por conta do Estado seria tão ruinosa, como o tem sido a administração do paiz!

Egregios financeiros!

Assim, pois, elles o dizem: os financeiros da monarchia são impotentes para nos salvar — porque estão ao serviço d'um pavoroso cancro roedor que devora tudo.

Assim, pois, que fazer? Proclamar a Republica.

Governo de opinião, de discussão, de fiscalisação, de responsabilidade, a Republica fará o que a monarchia não pode nem quer fazer.

Mas, enquanto não fazemos a Republica, votemos em candidatos republicanos.

Elles, no parlamento, fiscalizarão a obra dos monarchicos, não os deixando continuar a sua tarefa da ruina d'um paiz para o enriquecimento illegal d'um homem e d'uma familia.

A' urna, pelos candidatos republicanos!

Heliodoro Salgado.

DUAS PALAVRAS

Preveniu o « *Diario Illustrado* », orgão do sr. João Franco, de que não trataria de politica durante a semana santa para só nos descrever as bem conhecidas torturas de Nosso Senhor Jesus Christo.

Entre cinco milhões de pessoas, soffrendo todas as angustias que hajam por bem decretar os pharizeus da regeneração, e os supplicios supportados por uma pessoa, demais a mais estrangeira, ha perto de dois mil annos, a bocca prophetica do sr. João Franco emmudece para as primeiras e, em attitude de Magdalena, s. ex.^a põe-se a chorar copiosamente ao lembrar os successos tragicos do Calvario e arreadores. E' este um curioso caso de sensibilidade retrospectiva.

Não nos admira que, mais dia menos dia, o mesmo sr. João participe igualmente que por morte de Adão e Eva, seus primeiros paes, não tratará por algum tempo da questão dos taba-

cos e que pelo estado de consternação em que se acha não faz convites especiaes — ou, dado o caso bem natural em pessoa de tão vasta cultura, que s. ex.^a, seguindo as theorias darwinistas, se considere, para honra e gloria de todos os conselheiros, descendente do impulsivo e formidoloso « pithecus », nada nos surprehenderá que appareça amanhã no « *Diario Illustrado* », tadjada de negro, a sensacional noticia: « Está de lucto o nosso querido chefe politico e conselheiro João Franco pela morte lamentosa do seu muito amado tio, o sympathico e intelligente Gorilla, que no meio dos mais atrozes soffrimentos acaba de soltar o ultimo suspiro num elegante « chalet » do Jardim Zoologico, onde vivia. Ao saber a infausta noticia peorou dos seus padecimentos o sr. Conselheiro José Luciano que tambem é da familia. »

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A differença que ha entre a forma por que os partidos monarchicos apresentam os seus candidatos e a maneira como o faz o partido republicano é profundamente significativa da moralidade dos processos dos primeiros e da oportunidade das ideias do segundo.

Os monarchicos limitam-se a recomendar perante o ministerio do reino os nomes de creaturas ou incorrigivelmente imbecis para não dizerem nada ou sufficientemente indignas para serem discretas e o ministerio do reino faz, com a promptidão do costume, as devidas nomeações.

O partido republicano escolhe, em primeiro logar, numa assembleia do partido, aquellos dos seus membros que revestirem as melhores condições de palavra, de caracter, de trabalho, de estudo, e apresenta-os ao suffragio dos eleitores. A recommendação perante estes é feita pelos proprios candidatos que em conferencias, em comícios, nos jornaes, em palestras, procuram incutir-lhes a justiça dos seus principios, a honestidade dos seus propositos, a efficacia da sua acção.

Este procedimento deriva da orientação democratica que deve regular todo o trabalho do partido republicano e a acceitação entusiastica que por parte do povo tem a palavra sincera dos seus tribunos, attesta a verdade que elles proclamam e a necessidade da sua implantação immediata.

A monarchia, por seu lado, não tem virtudes que a tornem defensavel e se as suas promessas de liberdade são reconhecidas d'uma hypocrisia incontrouersa, não ha senão roubo e corrupção nos seus processos eleitoraes, torpeza nos seus processos administrativos, violencia e despotismo nas suas manifestações de auctoridade.

De modo que ao povo não teem os monarchicos nada que dizer; o povo é que terá um dia de lhes dizer, por forma conveniente, que se considerem despididos.

Mudanças

Consta que o actual ministerio pouco tempo se manterá no poder, sendo substituído por outro presidido pelo João Franco a fim de dar força á colligação liberal.

A substituição d'um bando de farçantes por outro de esfaimados ambiciosos não elimina todos os crimes e todas as delapidações com que os partidos monarchicos têm ludibriado a nação. Que importa pois que esteja Hintze ou Franco & Luciano no poder?

Alerta! que os bandoleiros monarchicos neste levantar de arraial estão trahindo o povo e a nação.

Conselheiro Abel d'Andrade

No « Janeiro » de quarta feira um snr. Amadeu Cunha começa assim um seu artigo:

« Di-lo « Zarlustrá » o propheta inclemente: « A vontade é a mais alta virtude. Mas essa voz que parece já ter comovido, pela bocca d'Eschylo, e com a sua eloquencia sombria e cheia de mysterio, a patria sagrada dos Deuses, dos Poetas e dos Heroes, fica sem echo, incomprehendida. »

A que proposito julgam os leitores veem estas eruditas e formosas fallas? Que diabo terá o snr. Amadeu com o Eschylo e o Zarlustrá com o snr. Amadeu?

Não teem nada. Quem tem é o snr. Conselheiro Abel d'Andrade e o banqueiro que lhe offereceram, a respeito dos quaes o snr. Amadeu Cunha deita longo artigo laudatorio. Ora vindo isto a proposito d'um jantar quer-nos parecer que o senhor Director Geral d'Instrucção publica não precisaria ao sentar-se á mesa que Zarlustrá lhe viesse dizer que a vontade é a mais alta virtude. Sua Ex.^a gosa, felizmente, de bom appetite e, que assim não fosse, para aperitivo, um propheta inclemente como era o tal Zarlustrá, considera-lo-hia decerto muito inferior ao Vermouth.

Demais é assás conhecida a boa bocca do snr. Conselheiro Abel d'Andrade que, espirito liberto de preconceitos mesquinhos, é homem para comer os prophetas todos e o proprio snr. Amadeu Cunha em pessoa.

Faça-lhe féstinhas co'o Zarlustrá e depois queixe-se, senhor Amadeu...

« O Marchante »

Este nosso collega que se publica nesta cidade, transcreveu os « *Effeitos da fusão* » da secção « *Dois Palavras* » do ultimo numero do nosso jornal.

Agradecemos e aproveitamos a occasião para o felicitar pelo seu 3.º anniversario.

A Santissima Crindade

Ha uns poucos de dias que a imprensa monarchica nos vem enchendo os ouvidos com louvores ao snr. Hintze e a quem *todo lo manda*, por causa d'essa illegal portaria dos tabacos.

Até o « *Seculo* » que com tanto empenho atacou o contracto de 4 d'abril, o que, agora se vê, foi mais por interesses da companhia dos phosphoros do que por amor do paiz, vem com musica e foguetes festejar e defender a dita portaria. E para que essa defeza fosse mais brilhante e não enfastiasse os leitores com a sua financeira avidéz, houve por bem o snr. Silva Graça manda-la illustrar com as veneraveis effigies do Rei, do Hintze e do Teixeira de Sousa.

Pena é que o director do « *Seculo* » não lhe tenha juntado a sua, pois nesse caso o triumpho teria sido completo. A sua excessiva modestia, porem, não lh'o permittiu...

Que grande abnegação!..

« La bête... está d'accordo »

Do sr. Padre Manuel Justino Telles, de Braga, recebemos, devolvido, o n.º 4 do nosso jornal, em cuja margem o reverendo, alludindo a uma phrase d'um *Echo* d'esse numero, escreveu: — por « *dever de coherencia* » *la bête*, como *acertadamente* disse Rénan, devolve o papelucho.

Ficamos scientes e ainda bem que sua reverencia está d'accordo connosco.

Adiamento

Foram adiados para o dia 6 de maio os doutoramentos que estavam marcados para o dia 29 d'este mês, dia das eleições.

Seria para os da *charanga* poderem ir votar?

Politica em Coimbra

A monarchia constitucional está evidentemente em fallencia aberta; comprovam-no as successivas nomeações de governadores civis para Coimbra. Em curto espaço de tempo estivemos em *Festas*; acabaram-se as *Massas*, fomos para o *Prego*.

E' para aqui que a tyrannia e a corrupção dos bandos infamissimos que nos governam têm atirado o paiz.

Salgueiro

Não é o pittoresco Padre Salgueiro do Fradique Mendes tão admiravelmente descrito pelo Eça.

Salgueiro é mais um collaborador dos « *Estudos Sociaes* » revista catholica, e, se por acaso é padre, certamente deve ser tambem muito pittoresco.

Ora o sr. Salgueiro attribue ao Christianismo a paternidade do movimento de rehabilitação da mulher.

O sr. Salgueiro, nunca mais diga semelhante disparate!

Christo foi destruidor de toda a ordem, de tudo quanto ha de eterno, o trabalho, a vida.

Elle negou a mulher, a terra, a permanente fecundidade das coisas e dos seres.

E' falso que o Christianismo tenha sido favoravel á mulher.

A emancipação da mulher tem-se feito lenta e progressivamente como consequencia logica do desenvolvimento das instituições, da evolução das ideias, do aperfeiçoamento dos costumes.

E que estranho erro, sr. Salgueiro, citar Jesus como legislador social, elle que viveu numa sociedade totalmente diferente da nossa, numa parte do nosso planeta bem diversa, num tempo fundamentalmente outro!

A INSUBORDINAÇÃO

Os gravissimos acontecimentos que tendo o seu romantico começo a bordo do cruzador « D. Carlos », tragicamente se vieram reflectir na tripulação do couraçado « Vasco da Gama », e que ameaçam conduzir á revolta todos os soldados da marinha portugueza, acabam de lançar no meio da nossa monotona e acovardada existencia, uma nota ardente e corajosa que não pode deixar de impôr-se pela sua energia e principalmente pelo alto exemplo de camaradagem dado por algumas centenas de homens resolutos.

Não pretendemos de maneira alguma discutir o melindroso assumpto, sobre o qual jornaes de Lisboa guardam tantas e tão justificadas reservas. Sentimos não obstante que o acto d'esses soldados que candidamente sonharam unir ás leis da ferrea disciplina a que estão sujeitos, as suas vagas chiméras de libertação, surprehende pelo seu heroismo e faz calar palavras de reprovação na bocca dos mais sisudos criticos.

Neste meio de covardia e de egoismo habitual em que vivemos, esses homens do mar, rudes e simples, impõem-se pela valentia e pela forte solidariedade que assim os une nesta hora heroica e desgraçada.

Pela Universidade

Sob este titulo, o nosso collega o *Tribuna Popular* escreveu no seu ultimo numero o seguinte, que pedimos licença para transcrever:

«Quem auctoritaria o sr. vice-reitor da Universidade a cumprimentar o sr. director geral de instrucção publica em nome de todas as faculdades universitarias? E' o que toda gente pergunta no meio do interesse legitimamente legítimo de pôr a claro uma resolução que poderia ter uma alta significação de respeito e de homenagem ou traduzir tão somente uma opinião individual que, embora respeitável, não assume, de facto, senão uma significação restricta e simplicissima. E' tão restricta e tão simples que nem nós d'ella nos occupamos, se não soubessemos de fonte segura que o sr. vice-reitor, num desconhecimento assombroso da latitude das expressões de que usa, commetteu, de facto, um abuso de poder, cumprimentando quem quer que fosse em nome de todas as faculdades.»

Reuniram por ventura as faculdades? Quando e como deram estas ao sr. vice-reitor da Universidade os poderes que elle se arrogou? O sr. vice-reitor apresentou a questão unicamente á faculdade de Direito, reunida para fim muito diferente, e, com viva opposição, conseguiu colher uma frouxa adhesão ao seu proposito. Mas d'ahi até estender o caso a todas as faculdades vai uma distancia que, decerto, com maior reflexão, o sr. vice-reitor será, naturalmente, obrigado a medir.

Como certos homens, uma vez no poder, esquecem tão facilmente e tão lamentavelmente theorias e doutrinas de que se confessam defensores e apóstolos entusiastas fora d'elles!»

Não fazemos commentarios da nossa lavra aos factos ou á pessoa a que se refere o *Tribuna*, não vão por ahi dizer que são eternos odios de escolares que nos fazem fallar. Demais, opiniões ou protestos d'estudantes deixaram ha muito de ter o peso que outroya possuham para que ingenuamente aqui nos pozessemos a gastar tempo e tinta sem resultados benéficos para ninguém. Não vale a pena; quando as arbitrariedades tomam as proporções de que fala e pasma o *Tribuna* não envergonham nem deprimem quem as commette, mas infelizmente aquelles que as supportam.

A' laia de curiosidade sómente fazemos notar o seguinte caso: no restricto espaço de tres meses, o sr. vice-reitor tem a contar, dos estudantes da Universidade, um pedido d'exame medico legal, e da parte dos lentes, o desmentido formal ás palavras amáveis que em nome d'elles, segundo diz aquelle nosso collega, S. Ex.^a enviára ao conselheiro Abel d'Andrade. Emfim, *post tot tantosque labores...*

Listas Civis

Confrontos eloquentes

O Sr. D. Carlos de Bragança, o supremo magistrado da nação portugueza, recebe, a titulo de lista civil, um conto de reis por dia, 365 contos por anno.

Muitos ingenuos acham que é pouco. Nós, porém, que estamos a vêr as coisas claro, entendemos que a importancia é extraordinariamente fabulosa.

Porque em primeiro lugar Portugal é um pequeno estado, de costumes simples e pacíficos, de mediocres recursos financeiros e não pôde, portanto, satisfazer tão grossa quantia que absorve

uma consideravel parte da riqueza publica sem que o paiz receba em troca qualquer vantagem social apreciavel.

Ao mesmo tempo, em virtude dos absurdos da nossa administração, nós vivemos de empréstimos periodicos nas praças estrangeiras e gastamos duas terças partes da receita publica em pagar os juros d'essa divida.

Por outro lado pondo em confronto a monarchia portugueza com as monarchias inglesa ou allemã, por exemplo, se nestas a lista civil é colossal, os dois paizes são sufficientemente endinheirados para não soffrerem com tão improficua despesa. Acresce que a vida da côrte portugueza está muito longe de se comparar com os habitos palacianos ingleses ou allemães tão tradicionalmente conhecidos pelo deslumbramento de fausto, pompa e apparato que os caracteriza.

Agora deixemos as monarchias e examinemos as listas civis das principaes republicas.

A França paga por anno ao seu presidente 216 contos. O presidente dos Estados Unidos recebe 45 contos. O da Republica Argentina, 32 contos e 400 mil reis. O do Mexico, 27 contos. O da Suíça, 3 contos e 200 mil reis. Etc.

E, comtudo, estas nações são muito prosperas, muito progressivas e ricas.

Além d'isso, os presidentes das republicas, attingindo a suprema magistratura pelo seu merito pessoal comprovado, têm legitimo direito a serem pecuniariamente compensados pelas responsabilidades que têm de assumir e encargos que têm de supportar no conflicto dos negocios publicos.

Ora a superficial analyse d'estes simples factos é bastante eloquente. E todavia ficamos assombrados como haja ainda quem encontre virtudes na monarchia, forma de governo que, sobre todos os seus mil vicios, alimenta um fundamental, o de tolerar na primeira magistratura um individuo pelo simples facto do privilegio pessoal do nascimento para a transformar num mero jarrão decorativo no grande Salão Nacional.

OS LIVROS

Da Monarchia para a Republica (1883-1905)

Eis mais um novo livro que sob este titulo já se encontra desde bontem exposto á venda, e um dos primeiros exemplares é-nos oferecido pelo sr. Moura Marques, o conhecido e sympathico livreiro-editor, em nome do auctor, o nosso eminente correligionario, sr. Dr. Bernardino Machado.

Um grosso volume de 533 paginas, impressão cuidada, conjuncto excellento, o novo livro reúne methodicamente os principaes discursos politicos, proferidos nos comicios publicos e nas camaras, as conferencias e outros escriptos varios d'aquelle illustre propagandista republicano.

O nome do sr. Dr. Bernardino Machado, uma das mais respeitaveis figuras do partido republicano portuguez, impõe-se a toda a gente pelas impeccaveis qualidades de homem e raros dotes de professor que constituem o lado saliente da sua bella individualidade.

As suas conferencias, os seus discursos cheios de serenidade e de reflexão, são um repositório util de idéas e principios são e educadores. Em toda a sua actividade de politico militante, elle tem procurado evangelisar. Lêr as suas produções, é receber lições proveitosas de civismo.

E, porque desejamos aprender muito com o seu novo livro, vamos lê-lo com

o cuidado que justamente merece, para nós occuparmos d'elle mais de espaço.

No entanto aqui deixamos expressos os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza da offerta, e ao editor, sr. Moura Marques, só temos a felicitar por vulgarisai tão salutareas obras.

Dr. João de Deus Ramos

Esteve ha dias em Beja fazendo conferencias sobre o methodo de leitura de seu pae, o grande poeta João de Deus, o dr. João de Deus Ramos que continua na sua tarefa de propaganda do methodo, que tomou sobre si com extraordinaria dedicacão de filho e admirador de João de Deus.

Tendo um verdadeiro culto pela obra de seu pae, tem sido o seu continuador, nessa benedita cruzada contra os humilhantes 80 por cento de analfabetos com que este paiz, tão merecedor de melhor sorte, se apresenta aos olhos do mundo civilisado.

Desde a conclusão do seu curso o dr. João de Deus Ramos tem-se dedicado exclusivamente a essa obra, realisando conferencias em varios pontos do paiz e trabalhando em obras sobre o methodo, das quaes já publicou algumas e tem outras em preparacão.

Tem feito muito, e muito ha a esperar que faça ainda, esse rapaz que, logo depois da sua formatura, quando os nossos bachareis, em regra, mendigam o logarsinho de administrador ou outro qualquer que lhes sirva de degrau para se arranjar, se consagrou d'alma e coraçao a uma obra boa, procurando ser util a este desgraçado povo que tanto precisa de saber ler, para acordar do seu somno já bastante prolongado.

João de Deus, o primeiro poeta do amor não só de Portugal mas de toda a Europa, no seculo XIX, como disse Marco Antonio Canini, considerava o methodo de leitura a sua melhor obra.

Seu filho assim o comprehendu e por isso a tem continuado como apóstolo dedicadissimo.

Outros apóstolos tem tido a grande obra de João de Deus e entre elles não devem ser esquecidos, principalmente, o honrado republicano Casimiro Freire, fundador e verdadeira alma da Associação das Escolas Moevis, e o sr. capitão Homem Christo que intelligente e energeticamente se tem dedicado ao ensino pelo methodo de João de Deus, e que muito tem conseguido, apezar dos commentarios ironicos que por vezes se ouvem a outros, incapazes de fazer qualquer coisa util, só pensando na reles politiquice de campanario.

Por um lado esses dois, por outro lado João de Deus Ramos, e ainda muitos outros, todos tem collaborado na propaganda da *Cartilha Maternal*, mostrando praticamente os seus excellentes resultados e contribuindo para a instrucção do nosso povo.

Entre as corrupções e baixeiras em que chafurda a nossa sociedade, é verdadeiramente consolador vêr-se figuras como estas, procurando o bem do paiz, ao contrario dos outros que procuram apenas o seu bem a troco do mal do povo.

João de Deus Ramos esteve agora em Beja, tem estado em varias outras terras, e continuará na sua peregrinação, espalhando o bem, com a sua bella intelligencia, a sua palavra eloquente e sobretudo com a consciencia do dever cumprido que é, no fim da vida, a melhor satisfação que o homem pode ter, como disse nos ultimos momentos o grande homem que foi Camara Pestana.

Continue, pois, e terá, quando chegar á velhice, essa satisfação superior a tudo. J. C.

PELAS REITORIAS

Diz-se por ahi que o senhor Dr. Pereira Dias, reitor da Universidade, pediu a sua demissão e que igual pedido vae fazer o sr. Dr. Avelino Callixto, vice-reitor do mesmo estabelecimento scientifico.

Não é porque nos mereçam especial sympathia estas duas pessoas que nós vamos referir-nos ao seu pedido de demissão.

Quanto ao primeiro não nos esqueçamos ainda que é a elle que se deve a expulsão de dois estudantes, quando das questões do Convenio; quanto ao segundo, o sr. Dr. Callixto, bastará recordar o pedido de exame medico-legal que para sempre ficará na historia dos fastos universitarios.

E' simplesmente o pedido de demissão que a estes senhores se attribue, coincidindo com a exoneração de varios reitores de lyceus, que nós vamos examinar com certo interesse.

Investigando os motivos de tal reviravolta na direcção das nossas escolas secundarias e superior, outras razões não podemos encontrar que não sejam os ultimos acontecimentos politicos ou seja a mudança de ministerio.

Uma mudança de ministerio, concluímos portanto, traz consigo, alem da troca das auctoridades administrativas, a substituição dos reitores dos lyceus e da Universidade. Parece que nada devia ter a instrucção com a sahida dos progressistas e a subida dos regeneradores. Entre nós, porém, isso tem importancia e muita.

Julgamos que o facto da troca de logares entre o nosso Hintze e José Luciano em nada irá influir sobre a intelligencia e a maneira de proceder, justa ou injusta, dos referidos reitores.

Comprehende-se, adentro da logica monarchica é claro, que sejam nomeados novos governadores civis e novos administradores do concelho quando da queda dum governo, porque vivendo a monarchia apenas da burla e da força é-lhe absolutamente necessario que esses homens sejam da sua confiança.

Com os reitores dos Lyceus e da Universidade como comprehender, porém, tal medida?

Só se os governos tem a ingenuidade de supor que amanhã esses reitores, atacados pelo microbio vermelho da opposição, saiam para a rua entoando a *Marselhesa* e a *Carmagnole* a frente dos românticos e jovens estudantes portuguezes...

E claro que nós não podemos suppor tamanha ingenuidade em quem têm mostrado tanta habilidade e é tão sabido em sortes de prestidigitacão na gerencia dos dinheiros publicos.

E' portanto, mais uma vez ainda, a costumada interferencia da politica estúpida da nossa terra em todas as questões. E' a continuacão miseravel d'essa serie de prepotencias que o governo vem exercendo ha tantos annos em todos os ramos da actividade portugueza.

Desde o mais simples e pobre casamento na aldeia, em que o padre e o regedor interveem, oppondo todas as difficuldades á sua realisacão logo que o noivo os não acompanha á urna, até ás perseguições canhas de que são victimas os poucos homens que ousam conservar a sua honestidade atravez de tudo, sempre a politica apparece com toda a sua côrte de calumnias e de intrigas.

Em Portugal não se faz uma estrada porque ella é necessaria á prosperidade d'uma certa região, não se funda uma escola porque uma determinada povoação a necessita. Não, tudo se faz apenas

porque isso pode garantir a eleição de certo deputado que amanhã no parlamento ha-de obedecer fielmente á vontade do governo, embora essa obediencia traga consigo um roubo ou uma affronta ao paiz de que é representante ou se diz ser.

O remedio para a cura da nossa politica esse só o povo o pode dar e o povo bem sabe qual elle é.

O que, comtudo, já se poderia fazer, se os professores de todas as escolas, secundarias e superiores, tivessem uma noção clara dos seus direitos e dos seus deveres, era acabar com esta arbitrariedade de lhe andarem constantemente a mudar os reitores, sem motivos razoaveis.

Para isso não teriam mais do que exigir, e não lhes seria difficil conseguilo porque ao seu lado teriam a opinião, que só elles possessem livremente elegerem d'entre os seus membros.

E assim não teriam esses professores que queixar-se, como muitas vezes acontece, das suas prejudiciaes arbitrariedades, porque, não cumprindo elles, reitores, o seu dever, teriam aquelles o direito de os substituir.

Alem d'isso essas arbitrariedades seriam em menor numero, já porque os professores haviam de escolher os mais honestos e os mais intelligentes, já porque os reitores se não veriam escudados pelas protecções governamentais.

Era assim que se procederia num paiz livre.

E. F.

Mulheres americanas

A titulo de curiosidade apresentamos aos nossos leitores uma estatistica, segundo um recente recenseamento, pelo qual se vê que nos Estados-Unidos, de 303 occupações exercidas pelos homens, em 300 trabalham tambem mulheres.

E' evidentemente effeito da forte corrente feminista que na grande e progressiva nação norte-americana se tem desenvolvido mais que em nenhuma outra parte.

Eis a estatistica:

193 ferreiras, 190 donas de cocheiras, 8 fabricantes de caldeiras, 126 chumbeiras, 409 electricistas, 1.041 architectas, 167 pedreiras, 545 carpinteiras, 45 estuadoras, 1.750 pintoras de casas, 211 forradoras de papel, 989 canteiras, 904 carreiras, 84 engenheiras civis, 1.668 empregadas em estradas de ferro, 48 empregadas em carris urbanos, 571 machinistas, 186 moleiras, 323 agentes funerarias, 5.574 barbeiras, 8.119 medicas, 807 dentistas, 11.031 artistas, 2.193 jornalistas, 1.010 advogadas, 3.378 pregaradoras, 946 caixeiros viajantes, 10.556 agentes commerciaes, 85.246 caixeiros, 74.153 guarda-livros, 150.000 caixeiros vendedores, 7.000 portadores de recados, 3.000 carregadores, 879 vigilantes e 86.118 dactilographas (que trabalham com machinas de escrever).

PATRIA

ASSIGNATURA: Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Vende-se avulso em COIMBRA — Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos. Casa Elyseu da Silva, rua Larga. Kiosque da Praça 8 de Maio.

Da «Tentação de Santo Antão»

DE

FLAUBERT

—♦—

O Diabo vòr debaixo d'elle, estendido como um nadador, — de azas abertas, occultando-o todo, semelhante a uma nuvem.

ANTÃO

Onde vou eu? Ha pouco pareceu-me entrever a forma do Maldito. Não! Sou levado por uma nuvem. Talvez eu morresse e suba para Deus...

Ah! como respiro bem! O ar immaculado dilata-me a alma. Sou já sem peso! sem soffrimento!

Lá no fundo, por baixo de mim, estala o raio, o horizonte alonga-se, rios encruzam-se. Aquella mancha loira é o deserto, aquelle charco o Oceano.

E outros oceanos apparecem, immensas regiões que eu não conhecia. Eis alli os paizes negros que fumegam como braseiros, a zona das neves sempre esfumada por neblinas. Procuro descobrir as montanhas onde o sol se põe, todas as tardes.

O DIABO

O sol não se põe nunca!

Antão não se surprehe com aquella voz. Lembra-lhe um eco do seu pensamento, — uma resposta da sua memoria.

Entretanto, a terra toma a forma de uma bola, e elle avista-a em pleno azul, girando sobre os polos, e em volta do sol.

O DIABO

Não forma ella então o centro do mundo? Orgulho do homem, humilha-te!

ANTÃO

Agora mal a avisto. Confunde-se com os outros luzeiros.

O firmamento não é mais que um tecido de estrellas.

Vão subindo sempre.

Nem o mais leve rumor! nem mesmo o crocitar das aguias! Nada!... e eu debruço-me para ouvir a harmonia dos planetas.

O DIABO

Não has-de ouvi-los! Tambem não has-de vêr a antichona de Platão, o fôco de Philolaus, as espheras de Aristoteles, nem os sete céos dos Judeus com a vastidão das aguas por cima da abobada de crystal!

ANTÃO

Lá de baixo, parecia solida como um muro. E' afinal penetra-a, vou por ella dentro!

Chega diante da lua, — que se assemelha a um pedaço de gelo redondo, banhado de luz imovel.

O DIABO

Era outr'ora a habitação das almas. O bom Pythagoras tinha-a até enfeitado de aves e de flôres magnificas.

ANTÃO

Não vejo lá senão planicies desoladas, com crateras extinctas, sob o negrume do céu.

Vamos para aquelles astros de mais doce brilho, contemplar os anjos que os têm nas mãos, como fachos!

O DIABO

leva-o para o meio das estrellas.

Attrahem-se e repellem-se. A acção de cada uma resulta das outras e contribue para ella, — sem nenhum auxilio, pela força de uma lei, unica virtude da ordem.

ANTÃO

Sim!... sim! a minha intelligencia apprehende isso! E' maior esta alegria que os prazeres da ternura! Sinto-me offegante, cheio de pasmo diante da enormidade de Deus!

O DIABO

Como o firmamento, que se eleva á medida que vaes subindo, assim elle

crecerá sob a ascensão do teu pensamento; e has-de sentir augmentar a alegria, concordante com essa descoberta dos mundos, nesse alongamento do infinito.

ANTÃO

Ah! mais acima! mais acima! Sempre! Sempre!

Os astros multiplicam-se, scintillam. A Via-Lactea, no zenith, desenrola-se como uma facha immensa, com aberturas de onde a onde. Nessas fendas que lhe interrompem a claridade, alongam-se espaços tenebrosos. Ha chuvas de estrellas, nimbos de oiro em pó, vapores luminosos que fluctuam e se dissolvem.

Por vezes, um cometa passa de subito; depois reconhece a tranquillidade das luzes inconstaveis.

Antão, de braços abertos, apoia-se aos dois cornos do Diabo, occupando assim toda a envergadura d'elles.

Lembra-se, com desdem, da ignorancia dos antigos dias, da mediocridade dos seus sonhos. Ei-los, pois, ao pé d'elle, esses globos luminosos que contemplava lá de baixo! Distingue o encruzamento das suas linhas, a complexidade das suas direcções. Vê-os vir de longe, e suspensos como pedras numa funda, descreverem as suas orbitas, desenvolverem as suas hyperboles.

Avista, num só olhar, o Cruzeiro do Sul e a grande Ursa, o Lyce e o Centauro, a nebulosa da Doirada, os seis mil soes da constellação do Orion, Jupiter com os seus quatro satellites, e o triplo anel do monstruoso Saturno! todos os planetas, todos os astros que os homens mais tarde hão-de descobrir! Embebe os seus olhos da sua luz, sobrecarrega o pensamento com o calculo das suas distancias; — depois deixa pender a cabeça.

Qual é o fim de tudo isto?

O DIABO

Mão ha nenhum fim! Como é que Deus havia de ter fim? Que experiencia podia instrui-lo, que reflexão determina-lo? Antes do principio, não teria exercido a sua acção e agora seria inutil.

ANTÃO

No entanto, elle creou o mundo, de uma só vez, com o seu verbo!

O DIABO

Mas os seres que povoam a terra surgiram successivamente. Da mesma maneira, surgem no céu novos astros, — effeitos diferentes de causas varias.

ANTÃO

A variedade das causas é a vontade de Deus!

O DIABO

Mas admittir em Deus muitos actos de vontade, é admittir muitas causas e destruir-lhe a unidade!

A sua vontade não é separavel da sua essencia. Elle não podia ter outra vontade, não podendo ler outra essencia, — e visto existir eternamente, eternamente exerce a sua acção.

Contempla o sol! Dos seus bordos es-

OS COMICIOS

Propaganda eleitoral

Teem-se realizado varios comicios de propaganda eleitoral republicana nos concelhos dos circulos de Lisboa.

No domingo, 8 do corrente, realisou-se o comicio na Arruda. Depois de o sr. Feio Terenas ter declarado qual o fim do comicio, a assembleia propoz para presidente aquelle nosso correligionario, ao que se oppoz, fundamentando se não sabemos em que o administrador do concelho.

Como essa auctoridade a nada se movesse, o sr. Feio Terenas propoz para a presidencia o sr. Constantino Villaverde.

Fallou em primeiro logar o sr. dr. Bernardino Machado que, num eloquente discurso, fez ver que os republicanos não iam alli pedir votos; iam apenas pedir que fossem á urna e queriam que fossem contadas as listas que entrassem na urna, para que os deputados da Arruda, como os outros, fossem verdadeiros representantes do povo.

Fez ver depois a falta de protecção que os governos teem tido para com aquella localidade que não tem escola de ensino agricola nem laboratorios adequados ao commercio que é principalmente de vinhos, naquella região.

Continuou examinando as desgraçadas condições das nossas povoações rurales pelas quaes os governos só se interessam quando chega a época das eleições.

O sr. dr. Bernardino Machado concluiu dizendo que seria feliz se, ao voltar ali, podesse saudar a Republica victoriosa.

Fallou em seguida o sr. dr. Affonso Costa que accentuou que a monarchia portugueza não tem a coragem de mandar ao seio do povo os seus candidatos porque elles não se querem inspirar nas idéas e aspirações do povo, mas só tratam da chapelada que se faz no dia da eleição.

Depois de uma forte accusação contra os falsificadores de votos, o nosso illustre correligionario termina o seu discurso no meio de applausos entusiasticos.

Por fim usou da palavra o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que foi, como sempre, d'uma extraordinaria eloquencia. Frisou que não pedia votos mas que, se fosse eleito, seria um fiel mandatario do povo.

Referiu-se á miseria do povo portuguez e aos impostos pesadissimos sobre os generos de primeira necessidade.

Termina aconselhando o povo a que resista contra os roubos de voto.

O comicio terminou no meio de entusiasticos vivas e manifestações, sendo os candidatos acompanhados por muita gente a casa do sr. Villaverde, de cuja janella o nosso camarada Carlos Olavo disse algumas palavras revolucionarias com a energia e vibração que o caracterizam.

O triumpho dos candidatos republicanos continuou nos comicios que se realisaram na Alhandra e em Sacavem.

No comicio da Alhandra fallaram, além dos oradores a que já nos referimos, o sr. dr. João Gonçalves e o nosso camarada Carlos Olavo que fallou em nome dos estudantes republicanos de Coimbra.

Na sexta feira, 13, realisou-se o comicio em Alcantara. Presidiu o nosso correligionario sr. Soares Guedes que, depois de algumas palavras, expoz os fins do comicio, deu a palavra ao dr. Affonso Costa que foi recebido com calorosas saudações.

capam-se grandes labaredas que se dispersam para virem a ser mundos. E mais além da ultima, para lá d'essa profundidade onde apenas avistas a noite, outros soes gravitam, para lá d'esses, outros, e outros ainda, indefinidamente...

ANTÃO

Basta! basta! Tenho medo! Vou cahir no abysmo.

O DIABO

para, e baloiçando-o lentamente:

O nada não existe! não existe o vazio! Por toda a parte ha corpos que se movem sobre o fundo immutavel da Extensão; e como, se ella fosse limitada por alguma coisa, já não seria extensão, mas um corpo, é illimitada!

ANTÃO

pasnado: Illimitada!

O DIABO

Ascende pelo céu, sempre, sempre; nunca attingirás o cimo! Desce abaixo da terra durante milhares de milhares de seculos, nunca chegarás ao fundo, — porque não ha cimo, nem fundo, nem alto, nem baixo, nenhum termo; a Extensão acha-se comprehendida em Deus, que não é uma porção do Espaço, tal ou tal grandeza, mas a immensidade!

Pronunciou um violento discurso atacando o regimen, os seus homens e os processos por elles empregados na politica.

Depois de traçar o perfil dos candidatos republicanos, o sr. dr. Affonso Costa continua no seu discurso, fazendo uma accusação formidavel á monarchia e terminando por incitar os eleitores a levarem á Camara os verdadeiros representantes do povo, o que será um passo para a implantação da Republica em Portugal.

Em seguida falla o sr. dr. João de Menezes.

Contestou com factos as accusações que os monarchicos fazem ao Partido Republicano e, fazendo uma analyse da obra dos partidos monarchicos, demonstrou que elles nada mais teem feito do que desorganisar as energias e enfraquecer as riquezas publicas.

Continuou com a sua palavra brilhante e concluiu entre applausos vibrantes da assembleia, afirmando que no Parlamento defenderá os opprimidos e combaterá todas as indignidades.

O sr. dr. Brito Camacho censurou acremente o sr. juiz Veiga por ter mandado á Lucta um aviso para não se referir a um facto recente.

Fez notar que o regimen, sentindo se agonisante, teme que a imprensa diga a verdade.

Foi interrompido pelo sr. major Dias, nesta altura.

Terminou, annunciando que iria fallar o dr. Antonio José d'Almeida, fechando assim o comicio com chave d'ouro.

Este illustre orador começou por dizer que o sr. dr. Brito Camacho dissera que o comicio fechava com chave d'ouro, mas elle, orador, desejaría, em vez de ser uma chave, ser uma tranca para pela força se oppor aos ataques do regimen.

Analysa em bellas phrases a nefasta administração monarchica e o estado em que se encontra o povo portuguez.

Afirma que, no Parlamento, os deputados republicanos defenderão todos os direitos calçados e atacarão todas as infamias.

Termina dizendo que é preciso que o brasileiro em que está ardent todo o paiz se transforme em labaredas vivas, e, para isso, é urgente despertar todas as energias.

Folgamos bastante com o exito que os nossos correligionarios teem obtido nos comicios e oxalá os seus esforços sejam coroados de bons resultados para gloria e triumpho do Partido.

Juiz Veiga e a imprensa

Houve por bem o sr. Juiz Veiga na sua alta missão de espeque da monarchia portugueza, pedir aos jornaes que não tratassem com desenvolvimento a revolta dos marinheiros o que por emquanto não fizessem commentarios. E' claro que este pedido não foi attendido pelos jornaes republicanos da capital que muito altivamente declaram que nem por pedidos nem pela força deixarão de fazer os commentarios que julgarem justos. O mesmo não succedeu aos jornaes monarchicos e pseudo-independentes que nos dias seguintes não publicaram mais que as notas fornecidas pela policia. Alguns, como o Seculo que tanta vez tem clamado pela liberdade de imprensa, quando lhe tocam pelos cofres, está visto, apenas publicam a nota official sem se referirem a semi-intimação da policia; outros porém, como o Correio da Noite, levam o seu descaramento e a sua baixeza a applaudir a revoltante medida.

Se o sr. Juiz Veiga não contasse com esta obediencia servil de grande parte

da imprensa, decerto se não atreveria a fazer um tal pedido.

Muita razão tinha a Lucta quando ha tempos se ria da tão apregoada solidariedade jornalística.

Em que razão funda, porém, o sr. Juiz Veiga essa medida?

Só um motivo pode explicar um tal empenho policial — o medo que esse senhor tem de que, amanhã, o relato desses acontecimentos vá provocar, entre o exercito e o paiz, igual resolução.

Ora tal resolução só poderia ser tomada se houvesse uma razão fortissima. Se o Juiz Veiga tem a certeza de que o exercito e o paiz não teem razão de queixa dos seus governantes, tal medida não se explica.

Se pelo contrario elle não tem a certeza da confiança do povo nos seus dirigentes, bem sabe o governador da Estrella que não são as suas ordens que vão desvia-lo do verdadeiro caminho a seguir.

Os seus pedidos ou ordens só se explicam, pois, como actos de defeza da monarchia.

Mas não ficou S. Ex.ª nesta delicada medida. Elle viu bem que os republicanos não estavam dispostos a acreditar nos taes motivos d'ordem publica que fizeram ciliar a imprensa conservadora, e para abafar as verdades que a imprensa republicana dissesse resolveu prohibir-lhe a circulação.

E' assim que hontem foram apreheendidos os nossos collegas a Lucta e o Mundo. Continua bem o governo do sr. Hintze que ainda ha dias na opposição berrava contra as medidas dos progressistas sobre os jornaes portuguezes. Se por um lado sentimos que essas violencias se pratiquem, por outro regosijamos porque isso é mais uma prova da impossibilidade dos governos monarchicos se sustentarem no poder permitindo a ampla discussão dos seus actos.

Só podem viver com a violencia e com o despotismo, signal evidente de que não governam nem com intelligencia nem com honestidade. Ainda bem que cedo começou o desmarcamento do governo regenerador, porque alguns ingenhos ainda para ahí acreditavam que elles iam fazer uma politica relativamente seria.

A imprensa republicana apprehendi-la os nossos parabens por ter conseguido, com a sua energica attitude, fazer desaparecer as promessas de futura liberdade d'imprensa, que na opposição fizera o governo regenerador.

OS OPUSCULOS

Do sr. Alberto Souto Ratóla, recebemos e agradecemos a offerta d'um folheto intitulado «Paz, Patria e Iberismo» pelo qual o auctor lança á publicidade o seu discurso proferido na sessão solemne commemorativa da «Restauração de Portugal» promovida pela «Academia Aveirense» no dia 1.º de dezembro de 1905.

Para a reconstituição historica da nossa nacionalidade é incontestavelmente memoravel essa data. Se por um lado o movimento de 1640 representa uma forte affirmação de soberania nacional, pelo qual o povo portuguez procurou reivindicar a sua independencia confiscada, pelo outro, esse grande acontecimento da nossa historia patria encontra-se intimamente relacionado com o facto da entrada no poder d'uma familia dynastica que tem posto a nação, durante mais de dois seculos e meio sem interrupção, num estado de depressão moral e economica intoleravel.

os arrebatamentos do meu ardor, tudo iria dar a uma mentira... ao espaço... inulmente, — como um trino de ave, como um turbilhão de folhas mortas!

Chora:

Oh! não! Acima de tudo, ha alguém, uma grande alma, um Senhor, um pae a quem o meu coração adora e que me deve amar!

O DIABO

Tu desejas que Deus não seja Deus; — porque se elle sentisse amor, colera ou piedade, passaria da sua perfeição a uma perfeição maior ou mais pequena. Elle não pôde descer a um sentimento, nem conter-se numa forma.

ANTÃO

No entanto, um dia hei-de vê-lo!

O DIABO

Com os bemaventurados, não é verdade? — quando o finito gosar o infinito, — num logar limitado que encerre o absoluto!

ANTÃO

Não importa; hade haver um paraizo para o bem, como um inferno para o mal!

Recapitule os factos em toda a plenitude de verdade, quem não estiver de accordo conosco. E veja se a historia de Portugal depois da restauração de 1640 é ou não um quadro vergonhoso de sacrificio d'uma nação heroica e digna ás ambições pessoas e egoistas d'uma dynastia de degenerados.

A historia dos Braganças desde D. João IV é uma prova frisante de que elles nunca pensaram no paiz que se libertára a si proprio na revolução de 1640, mas sim em serem engrandecidos, em se garantirem no throno.

Para se conservar no poder, a monarchia brigantina collocou Portugal, terra de recursos naturaes fecundos e servida por uma raça de fortes qualidades de intelligencia e de tenacidade, numa condição de subalternidade humilhante, junto da Inglaterra.

Nenhuma das alianças de nações que conhecemos, vexa qualquer das partes. Ellas são entre estados poderosos e ricos. Mas Portugal empobrecido por saques ao thesouro praticado pelos Braganças e moralmente atrophiado pela desorientação governativa, é, pelas successivas alianças com o imperio britânico, uma feitoria inglesa de facto.

Para se engrandecer, numa ancia sem limites, a monarchia brigantina pretendeu varias vezes fundir Portugal na Hespanha. D. João IV, D. João VI, D. Pedro IV, D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, todos estes num impeto feroz de megalomania phantasiaram ideaes ibericos.

A consequencia de tudo isto é que Portugal vive sem dignidade e sem independencia, mercê da viciação das instituições e impediçãe e insanía moral dos nossos homens publicos.

O sr. Ratóla, auctor do opusculo em questão, enaltecendo o acontecimento de 1640, mostra que ha ainda no fundo da nossa alma de rapazes, sincero sentimento patriótico. Mas permitta-nos que façamos um reparo para que fique salvo o seu pensamento. Quando condemna o Iberismo, ataca, por certo irreflectidamente, a federação ibérica, que são duas coisas diversas. Emquanto o Iberismo, — quer dizer tentativa de união de Portugal á Hespanha constituindo uma só nacionalidade —, nos merece a mais completa repulsa por representar uma «burla patriótica dos partidos monarchicos» como lhe chama o nosso grande Theophilus; federação peninsular, — quer dizer accordo de nacionalidades autonomas como aggregados conscientes —, merece-nos todos os applausos como sendo unico meio, pelo qual Portugal conservará para sempre a sua independencia.

De resto, o sr. Ratóla, com uma phrase cuidada, defendendo a Paz, glorificando a Patria e combatendo o pensamento do Iberismo, apresenta-se-nos um pequeno revolucionario, pelo que o saudamos com sympathia.

A. X.

Candidatos Republicanos

Circulo n.º 15

Lisboa (oriental) — 1.º e 2.º bairros de Lisboa, concelhos de Alemquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cadaval, Loures e Villa Franca de Xira.

Affonso Augusto da Costa (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio José d'Almeida (Dr.) Medico.

Antonio Luiz Gomes (Dr.) Advogado.

Augusto Cezar d'Almeida Vasconcellos Correia (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.

Circulo n.º 16

Lisboa (ocidental) — 3.º e 4.º bairros de Lisboa, Cascaes, Cintra, Lourinhã, Mafra, Oeiras, Sobral de Mont'Agração e Torres Vedras.

Alexandre Braga (Dr.) Advogado.

João Duarte de Menezes (Dr.) Advogado.

João José de Freitas (Dr.) Advogado e professor.

Paulo José Falcão (Dr.) Advogado.

Pedro Antonio Bettencourt Raposo (Dr.) Lente da Escola Medica de Lisboa.

Circulo n.º 5

Porto (oriental) — 1.º bairro do Porto, Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Marco de Canavezes, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel.

Antão de Carvalho (Dr.) Advogado.

Antonio Augusto Cerqueira Coimbra (Dr.) Proprietario.

Antonio da Silva Cunha, Commerciant e proprietario.

Francisco Xavier Esteves, Professor e engenheiro.

José Ferreira Gonçalves, Commerciant e proprietario.

Circulo n.º 6

Porto (ocidental) — 2.º bairro do Porto, Bouças, Maia, Povoas de Varzim, Santo Thyrsó, Vallongo, Villa do Conde, Villa Nova de Gaia.

Antonio Florido da Cunha Toscano (Dr.) Medico.

Joaquim de Azevedo Albuquerque (Dr.) Professor da Academia Polytechnica.

José Bessa de Carvalho (Dr.) Proprietario.

José Nunes da Ponte (Dr.) Medico.

Antonio de Padua Correia, jornalista.

Circulo n.º 8

Coimbra — Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho, Penella e Soure.

Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.

Antonio Augusto Gonçalves, Professor.

Francisco José Fernandes Costa (Dr.) Professor e advogado.

Joaquim da Silva Cortezão (Dr.) Medico.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr.) Jornalista.

AMENDOAS

NA CASA INNOCENCIA, rua de Ferreira Borges (Calçada), Coimbra.

Acha-se já prompta a poder seguir para os srs. revendedores, grande quantidade de amendoas fabricadas nesta casa já bem conhecida em Coimbra e fóra, pela lizura com que costuma ha muitos annos servir com esmero os seus freguezes.

São 42 qualidades de amendoa e confeitos de preços variaveis desde 280 até 650 réis, e sortidas desde 340 até 500 réis, todas de puro assucar, á excepção de algumas de preços mais baixos, que levam uma pequena quantidade de farinha de trigo, mas não gesso nem outras cousas prejudiciaes á saude.

Mandam-se tabellas de preços e condições de venda a quem as pedir.

Ha tambem doces de diversas qualidades e artigos de mercearia.

Vendas pelos minimos preços possível.

Aos srs. revendedores que paguem á vista, fazem-se descontos na amendoa, rebuçados e confeitos desde 1 1/2 até 1070, conforme as quantidades que comprarem.

sidade das trevas. A minha consciencia estala sob esta dilatação do nada!

O DIABO

Mas as coisas só te chegam por intermedio do teu espirito. Tal como um espelho concavo, deforma-te os objectos; — e todos os meios te faltam de verificares a sua exactidão d'elles.

Nunca has de conhecer o universo em toda a sua extensão; por consequencia, não podes fazer uma ideia da sua causa, ter uma noção justa de Deus, nem mesmo dizer que o universo é infinito, — porque seria preciso primeiro conhecer o Infinito!

A Fôrma é talvez um erro dos teus sentidos, a Substancia uma illusão do teu pensamento.

A menos que, sendo o mundo um fluxo perpetuo de coisas, não seja a apparencia, pelo contrario, tudo o que ha de mais verdadeiro, a illusão a unica realidade.

Mas tens tu a certeza de vêr? tens tu mesmo a certeza de viver? Talvez não haja nada!

O Diabo pegou em Antão, e segurando-o com os braços hirtos, olha-o de guella aberta, prestes a devorá-lo.

Adora-me então! e maldiz o phantasma a que chamas Deus!



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchamé e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A *Motocyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocilindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 6 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 23 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Indisciplina

A's muitas doenças de que enferma o paiz e que os jornaes de todos os dias e algum raro livro de anno a anno veem apellidando com titulos cheios d'uma tão suggestiva expressão, taes como — *fome, ignorancia, falta de vergonha, covardia, kleptomania governamental, etc., etc.*, — vem juntar-se uma outra que inteiramente nova parece, tão afflictivo é o estado em que se encontra a therapeutica nacional, a tal proposito.

Esta doença mais celebre e mais falada hoje do que a *appendicite* ha quatro annos quando poz em grave risco a vida do Rei d'Inglaterra, tem um nome terrivel: chama-se — Indisciplina.

Segundo se affirma é antigo o mal e naturalmente iria seguindo ingloria e obscuramente nos maleficos destinos se o terror idiota dos nossos governantes o não apontasse como devéras perigo para a segurança d'um throno — que muitas pessoas também julgam coisa tão desnecessaria para a vida da nação como o *appendice coecal* para a vida de Eduardo VII.

Assim provam os reis que para alguma coisa servem ainda: denunciam, aristocratisando-as, as doenças de que o vulgo soffre e morre sem saber.

Bem dita seja pois a insubordinação dos marinheiros portugueses que, atemorizando o regimen, nos veio mostrar que o perigo que ameaça a nossa patria, o mais terrivel e o mais nefasto, é aquelle que a imprensa de todos os matizes, ha dias, apavorada, nos vem proclamando em grossas letras — a falta de disciplina.

Surprehendam-se á vontade aquelles que até aqui julgavam que uma nação para ser forte do que mais precisa é de homens cuja independencia de caracter não suporte as ordens tyrannisadoras de quem quer que seja, e pela vida fóra marchem na activa e constante affirmacão da sua individualidade, esmagando se preciso fór todos os obstaculos que o medo, a convenção e a mentira ousem lançar contra a livre expansão da sua vida, do seu trabalho e do seu pensamento.

Calem-se todos quantos tendo a ideia, certamente falsa, de que este mundo não é uma caserna, ingenuamente aspiram a conseguir por todos os meios desde a instrucção até á revolução, que emfim desapareçam todos os senhores e todos os escravos, todos os que ordenam e todos os que obedecem e que os odios e as luctas entre os homens para sempre se acalmem em nome d'uma equaldade bem provada e profundamente estabelecida.

Escusam outros de nos vir dizer que ha pouco tempo ainda, tendo centenas de recrutas do exercito francês, cantando a *carmagnole*, insultado e até batido em muitos dos seus officiaes, não obstante a Fran-

ça continua a sua larga obra redemptora, a sua sciencia, a sua arte e a sua industria seguem progredindo sem precisar para isso de vozes de commando nem toques de clarim.

— Que na Allemanha onde se suicidam dezenas de soldados só por evitar o trabalho martyrisante das manobras, o movimento humanitario de todo o operariado allemão cresce de dia para dia e começa agora a querer imitar os processos revolucionarios empregados pelos trabalhadores dos outros paizes.

— Que na Inglaterra, na Italia, na Hespanha, no Japão, por toda a parte, emfim, onde um pouco de liberdade tenha aquecido os corações, os homens ao mesmo tempo que se educam e trabalham vão alimentando o odio vivo e fecundo contra a tyrannia, quer esta envergue uma roupeta, quer vista uma farda, ou simplesmente a sobre-saca burgueza d'um patrão egoista e explorador.

Tudo isto que ligeiramente aqui deixamos escripto, que faz parte importante da vida actual de todas as sociedades e que, segundo as opiniões mais esclarecidas, constitue as componentes formidaveis do progresso humano, tudo isto e o muito mais que fica por dizer, nada significa — pois que os portugueses, segundo affirmam pensadores da ultima hora, do que precisam não é de energia, independencia, coragem para a lucta pela vida e para a defeza d'uma liberdade assassinada miseravelmente a cada esquina, de instrucção, de alegria, de entusiasmo, mas unica e simplesmente de — Disciplina.

Alinhem-se os cinco milhões de habitantes de ambos os sexos, a dois e dois, desde Melgaço ao cabo de Santa Maria e a patria estará salva.

A Disciplina!... — ella serviu aos mysticos anachoretas para, supplicando o proprio corpo, se defenderem das arremetidas do peccado, do assalto ardente e quasi sempre victorioso dos desejos implacaveis; em nome d'ella os cossacos na Russia matam a *knout* e a tiro milhares de generosos e heroicos revolucionarios e os officiaes franceses, sem vergonha do seu humilhante serviço de policia, mandam descarregar sobre as multidões famintas e desvairadas dos grevistas. Em Portugal onde ella manda agora perseguir e apprehender a parte da imprensa que lhe parece perigosa, faz com que officiaes do nosso exercito, ao ve-la offendida, mostrem desejos de não mais vestir as suas fardas, que nem ante as vergonhas do ultimatum inglês, de Keonga, e do Convenio se lembraram de despir.

Estranha força esta a Disciplina, e maravilhosos sem duvida os seus immensos e fecundos resultados!...

Só vós a não comprehendestes bem, pobres e ingenuos marinheiros, que, infantilmente confiados na bondade dos que podem e mandam, julgando, num allucinado momento, ser possível a miseros soldados como vós sois, conseguir um pouco de liberdade, ireis saber agora quanto custa ter illusões neste mundo.

Mas nesta hora em que até vos accusam de não possuídes a moral a correccão d'um conselheiro d'Estado, vós, heroicos bohemios promptos sempre a arriscar alegremente a vida na defeza da patria, vós, obscuros e rudes filhos do povo, no fundo das vossas prisões consolae um pouco o nosso orgulho com a lembrança de que houve um dia em que as vossas cabeças se ergueram altivamente revoltadas e em que na surpresa da vossa estranha solidariedade, tremeu e empallideceu ante a forte coragem da vossa rebeldia, todo um miserrimo alfofre de ignobilissimos sachristas.

CARLOS AMARO.

ECHOS

A primeira nota

Depois d'uma serie de comicios que foram triumphos sobre triumphos para o partido republicano, e onde os nossos candidatos foram aclamados com um raro entusiasmo que é um bello symptoma do seu enorme prestigio, hontem em Lisboa e no Porto realizaram-se comicios magnos para a apresentação geral de todos os candidatos.

Somma de todos os triumphos anteriores, o exito dos comicios de hontem nas duas principais cidades de Portugal, deve ter sido verdadeiramente colossal.

Quaes as consequencias para o nosso partido? Engrandecimento, força, e prestigio, em primeiro lugar, depois, por mais exagerados que sejam os roubos, por mais violentas que sejam as arbitrariedades dos galopins monarchicos, o parlamento ha de fatalmente ter alguns dos nossos representantes a pugarem pela dignidade e independencia do paiz.

Quaes ainda as consequencias para a nação com a entrada dos deputados republicanos? Primeiramente, estes serão os seus legitimos representantes que, pelo talento, pelo saber, se impozeram directamente aos eleitores, expondo os seus principios, fazendo lhes declarações sinceras e honestas.

Em segundo lugar, os deputados republicanos, sahindo do suffragio consciante e voluntario, conquanto sejam na camara bixa uma minoria restricta, ao lado dos outros, productos da *candidatura official*, pseudo representantes da nação, terão uma manifesta superioridade.

O que é a representação nacional no nosso vicioso systema monarchico parlamentar?

E' uma verdadeira dictadura de faladores.

Governar não é fallar, dizia L'itré. Os deputados que os partidos monarchicos impingem á força, por meio das mais ignobis fraudes, visam apenas o seu proprio engrandecimento, procuram por meios illegaes attingir situações vantajosas. Fallam, fallam, fallam, encham o *Diario das Camaras* com discursos pomposos, balolos, rhetoricos, encobrendo o vazio dos seus cerebros com affirmacões sem plano, sem nexos, sem idéas, sem principios doutrinaes.

Seleccão de capacidades e aptidão governativa, taes são as condições que devem presidir ás eleições nos Estados modernos.

Os candidatos republicanos disputam as eleições baseando-se nestes principios. Se vencerem, como é de support, darão uma salutar lição de moralidade.

A' urna cidadãos!
Viva a Republica!

Um alvitre

Frei José dos *Quarassões* sahio-se agora com um longo aranzel, chamado *provisão com força de decreto*, em que prohibe aos padres do patriarchado que andem em bicyclette, que usem fatos de côr, que vão a theatros, etc, etc.

Mas, entre todas estas regras, a que mais nos impressionou foi aquella em que sua eminencia prohibe aos padres que vivam com mulheres de menos de 45 annos.

Este limite de idade terá por fim evitar o augmento do grande numero de *afilhados* que o clero já tem?

Se é este o fim, não seria melhor Frei José deixar os pobres homens viverem com quem quizessem, e recomendar-lhes apenas a leitura do folheto *Greve dos ventres*?

Dava o resultado e era menos cruel, sr. patriarcha...

Chave d'ouro

A *Correspondencia de Coimbra* faz uma synthese da sessão de abertura do congresso de medicina e diz que os discursos foram encerrados com chave d'ouro pelo sr. Hintze Ribeiro.

Chave d'ouro?! Talvez o collega fosse illudido na sua boa fé; devia ser de pechisbeque...

"Patria,"

Muitos dos nossos estimados collegas da provincia têm continuado a saudarnos com palavras de imerecido elogio. Agradecemos penhorados.

"A Lucta,"

Este nosso brilhante collega de Lisboa appareceu na quinta-feira ultima, 19, augmentado de formato e melhorado nas suas diversas secções.

Está agora d'um bello aspecto e muito mais interessante.

Folgamos com os seus progressos e muitos parabens.

Um protesto maçonico

E' digno de ser lido um protesto activo dirigido pelo Grande Oriente Hespanhol ao Grande Oriente Lusitano Unido a proposito d'uma tentativa de perseguicão de que ia ser victima o nosso eminente correligionario Sr. Dr. Bernardino Machado, por um artigo seu sobre Fallières.

O «Mundo» de 19, publicou-o na integra.

Revolução

O artigo que sob este titulo no n.º 2 da *Patria* o nosso querido companheiro Carlos Olavo escreveu, foi transcrito pelo nosso presado collega *Democracia do Sul*.

Agradecemos.

"Uoz da Officina,"

A este nosso presado collega agradecemos a transcripcão que, no seu numero de 21, faz do artigo de Heliodoro Salgado, publicado no nosso ultimo numero.

Magoas

«O Conimbricense» de 17 do corrente lastima e mostra-se profundamente magoado com a falta de entusiasmo pelas luctas eleitoraes. Acha o collega que este facto é um symptoma evidente de que affrouxa no povo d'esta cidade o amor pelas instituções constitucionaes e o sentimento patriótico.

Pudera! Se os nossos actos eleitoraes, as instituções constitucionaes, tudo é burla, ficção, sophisma de que os governos em Portugal lançam mão para explorar o povo!

São estranhas as magoas do «Conimbricense».

O collega devia lamentar-se menos com esses factos que parece sentir com uma rara penetração psychologica, e chorar muito com os vicios parlamentares d'um regimen insustentavel que produz tão lastimaveis consequencias.

Ora aqui está, o collega, para quanto servia vêr as coisas claro...

Imprensa Monarchica

Imprensa Republicana

Confrontos

O recente melhoramento da *Lucta* diario republicano da capital que já agora satisfaz melhor a duas necessidades fundamentais de todo o jornal moderno, a doutrinaes e a de informações, de idéas e de factos, suggere-me umas breves considerações sobre a imprensa politica portugueza.

Não sei se alguns dos nossos leitores n'um impulso de curiosidade, procuraram alguma vez comparar e analysar no seu fundo os jornaes monarchicos e os jornaes republicanos.

As differenças são radicaes. Emquanto a imprensa monarchica reflecte mentiras e alimenta mesquinhos interesses partidarios e cubicas as mais vergonhosas, a outra, a republicana, serve a verdade, pugna pela justiça e pela liberdade, quer levantar alto o prestigio da nação.

A imprensa é incontestavelmente uma das grandes forças da actualidade, um poderoso instrumento de propaganda e de suggestão.

Nenhuma das grandes creações humanas desempenha um papel tão importante na vida social, como o jornal. E' incalculavel a sua influencia. Pode-se dizer mesmo que elle é um grande factor do destino dos povos.

Não é só sobre os espiritos esclarecidos que o seu enorme poder se faz sentir. E' sobretudo sobre as camadas anonyas mais facilmente suggestioaveis e irritaveis.

As maiorias não teem meios para analysar a sua vontade, os seus desejos, as suas idéas, os seus sentimentos. O jornal é para os espiritos simples um verdadeiro oraculo, indiscutivel, infallivel, porque creem cegamente no que elle propaga, nos raciocinios que exprime, nas opiniões de que é orgão.

Mas a imprensa é uma instituição. Como qualquer outra instituição social, porém, ella deve inspirar-nos tanto maior respeito, quanto maior porção de verdades incarnar.

Os jornaes politicos e monarchicos em Portugal teem sido pelo seu numero, pela sua tiragem, pelos seus processos de discussão e apreciação dos factos, uma fonte constante, um vehiculo permanente da dissolução dos costumes, da corrupção de caracteres, da desorientação dos espiritos, de perversão de consciencias.

Porque elles não teem cumprido a sua fecunda missão com o ardor, a fé, a lealdade e a sinceridade que exige um apostolado. A imprensa monarchica só tem difundido falsidades e erros. O seu papel não tem sido outro senão o de alimentar as mais aviltantes ambições pessoasas.

Sampaio, Ennes, Marianno, Navarro, os mais conhecidos representantes d'essa imprensa conservadora, hypocrita, funesta, se tivram dotes litterarios e feito jornalistico, faltou-lhes, porém, uma forte disciplina mental e sobretudo moral que os tornasse capazes de com a lucidez dos seus juizos, a segurança das suas apreciações e a clareza das suas vistas, dirigir as consciencias, educar as intelligencias, transformar, emfim, uma sociedade.

Analyse-se em bloco a obra d'elles, percorram-se os periodicos a que elles vincularam os seus nomes. A impressão que se tem é desoladora. As produções das suas pennas, aliás brilhantes e vigorosas, nunca provocaram grandes e nobres emoções que só o sentimento da verdade e do espirito de equidade podem despertar.

Evangélisar, esclarecer, orientar, difundir luzes, tornar lucidos os problemas mais importantes da vida social e individual, combater os abusos, detender com honestidade e abnegação ideas generosas e humanitarias, da liberdade, do progresso, da solidariedade e da paz, a nada



Conimbricense

d'isto a imprensa monarchica tem correspondido.

Com o seu culto do passado, o seu conservantismo intoleravel, a imprensa monarchica, longe de ser fonte de todas as virtudes e instrumento do aperfeicoamento, estorva o natural desenvolvimento da sociedade portuguesa.

Felizmente a existencia d'uma imprensa avancada destruindo todos os prejuizos, combatendo audazmente todos os erros e vicios sob os quaes vive a nossa sociedade, encarando com intelligencia os mais complexos problemas da vida nacional, discutindo com proficiencia todas as questoes — prova a evidencia que a culpa não é fundamentalmente da instituicao, mas sim dos individuos que a representam na imprensa conservadora.

E' immensa e salutar a influencia que a imprensa republicana tem de exercer no destino proximo do nosso povo.

E como as instituicoes republicanas são sobretudo educativas, a imprensa que as serve, inculcando nos espiritos principios saos, infiltrando nos cerebros ideas elevadas e generosas, insuflando nas almas sentimentos nobres e bons, desempenha digna e louvavelmente a sua missao, e no meio da anarchia dos nossos costumes politicos, ella forma um nucleo importante de resistencia, mostrando bem claro, com altivez e com brio, que os jornaes e jornalistas avancados não foram attingidos da perversao moral e desorganizacao mental de que os jornaes e jornalistas monarchicos dia a dia a prova frisante e deploravel.

Alberto Xavier.

A Dôr

Damos hoje em folhetim A Dôr, um dos bellos contos de Fialho d'Almeida.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Arbitrariedades policiaes

Dura te a semana passada foram só dois os dias em que os jornaes republicanos da capital poderam circular livremente.

Ao lermos os jornaes apprehendidos, nada nelles encontramos que possa justificar as arbitrariedades policiaes. O nosso collega a Lucta explica-nos, porém, que era exactamente por nada de subversivo esses jornaes inserirem que o sr. Hintze os mandava apprehender. A primeira vista parece um absurdo, mas a Lucta parece ter razão.

De facto, o sr. Hintze, desde que subiu ao poder, que elle não vê muito seguro, anda, naturalmente, com desejos de arranjar uma pavorosa que lhe permita um avontade nas proximas eleicoes ou em 31 de janeiro que o deixe descansado por alguns annos.

Quando lhe chegou aos ouvidos a revolta dos marinheiros esperou naturalmente que a imprensa republicana desatasse a bradar ás armas e chamasse o povo á revolução. E, para mais a excitar, pediu-lhe S. Ex.ª, por intermedio do Juiz Veiga, que tratando-se d'um caso d'extrema gravidade, nada dissesse sobre o assumpto.

No dia seguinte, em lugar das proclamações revolucionarias, tão desejadas para o seu plano, S. Ex.ª encontrou apenas o relato dos acontecimentos. Elles tinham comprehendido o seu plano, os patifes!... E furioso mandou então apprehende-los, dando assim uma satisfacao ao Seculo e outros jornaes que se tinham submettido ás suas ordens, e não viam com bons olhos a enorme tiragem dos nossos collegas republicanos. O que é mais engraçado, porém, é que o poder judicial se recusou a tomar conhecimento das apprehensões

A Dôr

Quando o ultimo orango deu origem ao primeiro homem, e esse homem, chegando á virilidade pôde desfructar a grandeza da indomavel força de seu pai, dada pela bondade biliarante da sua luminosa intelligencia, fez um dia a si proprio esta pergunta:

— Em que diffiro eu d'aquelle carrando sér, que não falla senão por guinchos e só por contracções grotescas se exprime, que para a alegria tem um grito e um urro para a cólera, que vê morrer os fillos e fugir-lhe a esposa, sem que o invada este desconsoado entorpecimento que eu sinto se não remedeio o mal, e se para o que me cerca não encontro explicação?

Elle caminha aos saltos, coberto de pellos e ululante de vinganças, trepando pela nodosidade dos caules e enchendo

por não terem sido feitas com fundamento legal e não lhe terem sido participadas no prazo de 24 horas.

O Mundo va, por isso, processar os srs. Hintze e Veiga como auctores do roubo que lhe foi feito.

O que fará o tribunal que os julgar, já nós o calculamos, mas ainda assim esperaremos.

O sr. Hintze, porém, é que não deve estar muito satisfeito com a prudencia dos republicanos... Paciencia.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Proezas d'uma dynastia

OS BRAGANÇAS

Um dos nossos eminentes historiadores e criticos caracteriza rapidamente a accão dos reis de Portugal desde 1640, data desde a qual o paiz tem sido o explorado feudo d'uma familia, que pelas suas ambições e cruzamentos nunca teve o sentimento da patria:

Ninguém mais cobarde e indeciso do que este personagem, que foi glorificado como restaurador da nacionalidade portuguesa, quando elle nunca perdeu ensejo de sacrificar a nação ao seu bem estar pessoal.

Como preço da sua segurança no throno, D. João IV offerece Pernambuco aos Hollandeses, e procura negociar com a França e a Hespanha a troca da nacionalidade que o acclamára. Os seus ministros e conselheiros eram os jesuitas; D. João IV mandou o padre Vieira a Paris, a negociar o casamento do principe D. Theodosio com a filha do duque de Longueville, vindo este governar Portugal, e D. João IV refugiar-se-ia no Brazil, fazendo-se ali um reino independente.

Este pensamento da familia dos Braganças foi realisado por outro cobarde, D. João VI.

Fez-se um segundo projecto de casamento em 1643, do principe com a filha mais velha do duque de Orleans, mademoiselle Montpensier, ficando o principe rei do Algarve; um terceiro projecto era o casamento da infanta D. Catherina com D. João de Austria, ficando D. João IV com o titulo de rei do Brasil, por accordo de Hespanha; um quarto projecto era o casamento de D. Theodosio com uma irmã de Carlos II (1650), reunindo-se assim outra vez Portugal á Hespanha.

A morte do principe, victima do fanatismo religioso, não deixou realizar estes projectos.

D. João IV, no seu feroz egoismo, lembrando-se de que seu irmão D. Duarte fôra indigitado pelo partido nacional para chefe da revolução de 1640, deixou-o morrer no estrangeiro victima das intrigas do embaixador de Philippe IV.

No seu successor, D. Alfonso VI, transparece a demencia proveniente da devassidão, e o egoismo com que, para o casamento de sua irmã D. Catherina com Carlos II, entrega Bombaim aos ingleses, dando-lhes a chave das nossas possessões no Oriente.

Os jesuitas, repellidos do governo pelo energico ministro Castello Melhor, levantam um pretendente, seu irmão Pedro II, que lhe rouba o throno e a mulher, e em 1676 procura juntar Portugal á Hespanha pelo casamento de sua filha com um principe castelhanao.

A devassidão, o fanatismo, e a negação do patriotismo apparecem fortemente caracterizados em D. João V, e Portugal, pelo tratado de Methven, fica tributario da Inglaterra. Os jesuitas são os seus ministros, e bestifcaram livremente esta nação.

Ainda a ideia da fuga para o Brasil

do seu terror feroz as grutas e os maciços das florestas palpitantes de ninhos, pisando sem remorsos as corollas mais purpuras e os calices mais olorantes, e não vendo na vastidão opulenta e na chromatica irradiante d'esse mundo alado ou d'esse mundo vegetal, mais que a rede em que descuidosamente os seus inimigos vem cahir, e onde elle faz as suas victimas!

E' das differenças superficiaes de estrutura — de eu estar nu e elle vestido de pellos, de elle ter canda e eu não, dos seus pés terem o feito das suas mãos prehensilis, enquanto as minhas plantas se espalham pela asperidão das marchas a que as submetto — é das differenças apparentes de organismo, que nascem estas discordancias de natureza — nelle a secura, a ferocidade, o egoismo e a inconsequencia — em mim o sagrado terror da responsabilidade, o alcance de vistas que me perturba, a previsão sagaz que me aconselha, e esta commoção sem origem que se entorna no meu corpo, e

apparece em 1755, quando por occasião do terramoto, D. José teve o plano de abandonar Portugal. A inferioridade quasi imbecil d'este rei serviu para a maior manifestação da iniciativa do marquez de Pombal; porém, a obra do grande ministro foi destruida pela camariha, que se aproveitou da demencia de D. Maria I, fanatisada pelo seu confessor.

As terriveis heranças da cobardia, da demencia e da sensualidade apparecem em D. João VI, que nos abandona á invasão franceza, fugindo para o Brasil, e vendendo-nos aos ingleses pelo affrontoso tratado de 1810.

O genio da intriga proveniente do elemento austriaco, apparece pela primeira vez em D. Pedro IV, que atraioça a patria rebellando-se com o Brasil, convertendo-o em imperio seu, de combinação com o proprio paiz, que lhe escrevia, que aproveitasse para si o partido da independencia.

Posto fóra do Brasil, veiu fomentar a guerra civil em Portugal, e fundir-nos-ia com a Hespanha, tornando-se imperador da Iberia, se a morte em 1834 lhe não atalhasse estes planos.

D. Maria II, herdeira do orgulho anstriaco, reagiu sempre contra as fórmulas liberaes do constitucionalismo, e, para se manter contra a resistencia nacional, não hesitou em chamar uma intervenção estrangeira armada, que manietou a nação em 1847. O seu casamento com um allemão, veiu introduzir um caracter de indignidade em contraste com a altivez do sangue hespanhol.

D. Pedro V, tão chorado pela sua morte prematura, proclamava nas suas conversas a decadencia dos povos latinos, diante da admiracao pela servidão allemã, e oppunha-se ao estabelecimento dos caminhos de ferro em Portugal.

D. Luiz, levado ao throno pelo accidente do fallecimento de seu irmão, realisou a prophcia de sua mãe, que dizia: — Desgraçados dos portuguezes se o Luiz chegar um dia a reinar. A sua chronica está feita nos jornaes progressistas, que alludem a planos ibericos de combinação com Napoleão, e nos tratados com a Inglaterra, como o de Lourenço Marques, do Zaire e de Gôa.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Dr. João de Deus Ramos

Foi incumbido pelo governo de continuar a propaganda do methodo de leitura de João de Deus, em todas as escolas primarias e especialmente nas escolas normaes e districtaes, o dr. João de Deus Ramos.

Esta commissão será desempenhada gratuitamente, devendo o commissionado apresentar annualmente o relatório dos seus trabalhos.

Folgamos com essa resolução, attendendo á provada competencia do dr. João de Deus Ramos.

Fallecimento

Falleceu em Sobral de Monte Agraço o dr. Eugenio Libanio Nogueira Dias que foi victimado por uma infecção colhida no exercicio da sua clinica.

Era um bom medico e um bom cidadão, sendo por isso muito sentida a sua morte naquella localidade, sua terra natal.

Ao nosso amigo França Borges, director do Mundo e parente do fallecido, enviamos a expressão das nossas condolencias.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

me tortura ou me enthusiasma, conforme provém de uma necessidade satisfeita, ou conforme provém de um contratempo inesperado?

E como se interrogava em voz alta, no meio dos castanheiros que as trepadeiras vestiam em amplexos concupiscentes nas suas couraças de folhas, viu surgir dos rochedos negros em que pousava, o velho dens das selvas, alta figura cingida de cachos e coroada de flores, com barbas de musgos e vasta cabelleira de relvas verdejantes.

— Abre a cabeça de teu filho, disse o deus.

O homem tomou o machado de silex, chamou seu filho, e fazendo-o ajoelhar fendeu-lhe o craneo de um só golpe.

— Essa caixa de osso que partiste, é como a casca lenhosa de certos fructos tropicaes de que te alimentas. Partida a casca, esses fructos revelam a polpa delicada, de extraordinario tecido e exquisito sabor.

Carta-circular

Damos em seguida a Carta-circular dirigida pelo nosso amigo e correligionario Dr. João de Freitas, aos eleitores de Carraceda de Anciães.

Nella encontramos affirmações sensatas que são um bello elemento de propaganda e, por isso, lhe damos publicidade:

Exm.º Sr.

Vae celebrar-se em todo o paiz, no proximo dia 29 do mês corrente, um dos actos da vida politica que mais deve interessar a todo cidadão: a eleição geral de deputados.

Tratando se, pois, da escolha dos representantes da nação portuguesa na camara electiva, a nenhum cidadão, que sinceramente se preocupe com os destinos da nossa Patria, é licito abster se de exercer o sagrado direito do sufragio.

Os eleitores do circulo n.º 4, formado por todos os concelhos do districto de Bragança, e do qual V. Ex.ª é tambem eleitor, vão ser mais uma vez solicitados para votarem em candidatos dos partidos monarchicos; e estes candidatos, uma vez eleitos, continuarão a servir e defender no parlamento, além dos seus interesses pessoais e os do partido a que pertencerem, os interesses illegitimos da monarchia, que são diametralmente oppostos aos verdadeiros interesses do paiz.

A monarchia e os homens que a tem servido reduziram Portugal á triste situação em que se encontra. Sem credito no estrangeiro, teve de consignar as receitas das alfandegas como garantia ao pagamento dos coupons e amortisação da divida externa, e a divida interna tem-se avolumado espantosamente, por novas e ininterruptas emissões de inscripções; de modo que o total da divida nacional, excedendo a 700 mil contos, absorve quasi 60 por cento das receitas annuaes do Estado e ameaça conduzir-nos a uma nova bancarrota, mais grave do que a de 1892.

E não obstante isso, a defeza militar do paiz acha-se em estado de completo abandono. Faltam armas, munições, fardamentos, material de artilharia e efficazes fortificações terrestres; e sendo um paiz maritimo, com uma longa extensão de costas, não temos marinha de guerra digna d'esse nome, pois não possuímos um só verdadeiro navio de combate.

Não temos instrução, sendo neste ponto uma das nações mais incultas do mundo, com a extraordinaria percentagem de quasi 79 por cento de analphabets. Não temos tambem credito agricola. O grande lavrador só encontra capital na Companhia de Credito Predial, dirigida alternativamente pelos dois chefes rotativos, que apenas procuram servir os amigos politicos; e o pequeno lavrador, não podendo obter capital a uma taxa moderada de juro, agonisa lentamente nas garras da mais desenfreada usura.

Mercê dos impostos aduaneiros, de consumo e do real de agua, verdadeiramente oppressivos e intoleraveis, que incidem sobre os generos alimenticios de primeira necessidade, — bacalhau, arroz, assucar e até a carne, o pão, etc., — Portugal tem o triste privilegio de ser o paiz da Europa em que a vida é mais cara, do que resulta que as classes trabalhadoras e até a classe media, por insufficientemente alimentadas, são dizimadas assustadoramente pela terrivel tuberculose.

Em materia de liberdades populares, os ministerios do engrandecimento do poder real, dominados sómente pela preocupação de agradarem ao rei, a quem obedecem servilmente, tem-n'as violada e restringido uma a uma, desde a liberdade individual, de imprensa, de reunião e de associação — dependentes do poder discricionario do juizo de ins-

— Guarda esse fructo, disse o deus. — E após, com imperio:

— Abre a cabeça de teu pai! ordenou-lhe. O homem encontrou na toca do grande baobab o velho orango que lhe dera o ser, accorado e tropego, roendo talos. Deu-lhe as boas noites, pediu-lhe a benção como de costume, e quando o orango lhe estendia a mão lanugenta, sentiu na frente o gume do machado que lhe separava o craneo em duas metades.

— Extrahes-lhe o fructo, tornou o deus, e o homem obedeceu.

— Bem, disse o outro.

E apontando cada um dos cerebros desnudados: — Este é o cerebro de teu filho, este o de teu pai. Vês que é maior o do pequeno que o do velho, não vês? Agora segue com a tua unha estes arabescos mysteriosos que sulcam a polpa arrancada ao pequeno. Elles desenhão o que quer que seja de legenda em hieroglyphicos: é a buena-dicha da especie humana. São as circumvoluções, que mal se

truição criminal e dos funcionarios policiaes — até á liberdade de voto, que é odiosamente menosprezado pelas auctoridades administrativas e pelos galopins da politica rotativa.

Esta desgraçada região do Douro, que ha annos vem atravessando uma pavorosa crise vinicola, não tem visto até agora adoptar pelos governantes monarchicos providencias algumas tendentes a combatê-la e a pôr termo ás angustias da presente situação em que o viticultor se debate, por não encontrar para os seus vinhos venda remuneradora das despesas que fez com a cultura. E porque? Porque a isso se oppõem os interesses do fisco, sempre avaro, e os interesses illegitimos de exportadores sem escrúpulos, que são os eleicoeiros de todos os governos.

Enumerar os maleficios que o paiz deve attribuir á monarchia de Bragança, ao rei actual e aos partidos e governos monarchicos não é assumpto compativel com o estreito espaço d'esta circular. Limitar-me-hei portanto, para complemento d'esta ligeira exposição, a frisar que só a sustentação do rei e de toda a familia real portuguesa custo annualmente ao thesouro mais de 3.000 contos de reis, embora a dotação fixada no orçamento, em harmonia com a lei, não exceda a 525 contos. Quer dizer: a sustentação da realza absorve ao depauperado thesouro seis ou sete vezes mais do que a quantia legalmente auctorizada!

Republicano desde os dezaseis annos de idade, e natural do concelho de Carraceda d'Ansiães — onde por largo tempo tenho residido e aonde me ligam relações de familia e legitimos interesses — conheço bem, por estudo e observação propria, não só os males que affligem o paiz e as suas necessidades mais instantes, mas ainda os males e as necessidades especiaes d'este circulo de Bragança.

E por isso, propondo me ao sufragio dos eleitores do circulo, como candidato da minoria na proxima eleição de deputados, cumpro um imperioso dever civico, sem que no meu espirito influa o menor intuito de interesse ou de engrandecimento pessoal.

E' no cumprimento d'este dever que eu venho solicitar o sufragio de V. Ex.ª e o seu apoio eleitoral, para a eleição de 29 de abril, afirmando a V. Ex.ª que se, fôr eleito, pugnarei no parlamento, quando em minhas forças caiba, pela defeza dos altos interesses do paiz e das liberdades populares, assim como pelos sagrados interesses e necessidades especiaes d'este circulo.

Agradecendo o acolhimento favoravel de V. Ex.ª, subscrevo-me com a maior consideração — De V. Ex.ª concidadão muito attento e venerador — Pomal d'Ansiães, 10 de abril de 1906.

João José de Freitas

Publicações

Recebemos e agradecemos um folheto intitulado: O Instituto de N. S. da Graça de S. João do Campo e o Bacharel Cortezão.

Recebemos tambem um folheto intitulado Greve dos ventres, de Luiz Bullfi. Indica varios meios praticos de evitar as familias numerosas, fazendo assim propaganda do neo-malthusianismo.

Agradecemos a offerta e, por nos parecer de utilidade, recommendamos o folheto ás pessoas interessadas.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

esboçam no cerebro do orango e que os seus levarão mais e mais profunda e profusamente impressas. Até teu pai o cerebro era alguma coisa toska como o granito; de ti por diante elle lapida-se, depura-se e modifica-se — é a pedra preciosa, caustica na sombra e tenebrosa na luz, dotada de fulgor proprio e propensa a illuminar ao longe os tenebrosos recessos dos instinctos que herdaste e tens de transmitir suavizados e aptos á utilidade, pela cultura a que tu mesmo os forçarás. Corta-os ambos em pedacos e examina-os bem.

São da mesma materia, tem idêntica forma e parecem do mesmo valor. Mas um é o ferro bruto que o mineiro distilla do filão recondito, o outro é o ferro dotado de propriedades magneticas. Podes chamar aquelle, carvão negro e bruto, se tiveres o olho neste o diamante lapidado, que scintilla nelle os engastes das tuas orbitas como se ardesse vivido na corôa de um rei.

Dedicções d'um jornalista

O *Noticias do Norte*, diário de Braga, que tem por director politico Jacintho Fernandes, mostrou nos ha dias, debaixo do seu titulo, a rubrica de jornal regenerador.

Achamos a mudança naturalissima, attendendo ás qualidades de caracter do sr. Jacintho.

Um homem que como catholico atacou o *Portugal Jesuita*, e Grainha; mais tarde como republicano e anti-catholico publicava no seu jornal — o mesmo d'hoje — artigos revolucionarios e anti-clericalistas, denunciando escândalos do Seminario e lutando contra o coio jesuitico de S. Bernabé; que affirmava em conversa as suas tendencias libertarias defendendo formulas mais avançadas que o republicanismo; voltou ás manadas monarchicas devidamente penitenciao dos peccados contra ellas commettidos. Por ellas lisongeiramente acolhido, como era natural, deu-se pressa, generoso, em as percorrer a todas, para que nenhuma chorosamente lamentasse a sua falta.

Ap nas chamada á mangedoura a cambada lucianesca, logo o lesto Jacintho vibrou d'enthusiasmo annunciando *confiadamente* a salvação da Patria. Não foi em vão. Estimulos sahiram de todos os lados a animalo, alentando o reconhecimento as bolsas partidarias. Mas o coice não vinha longe. Estala a *patriotica* dissidencia progressista, e, lepidio ainda, o nosso homem segue-a para d'ahi a pouco lhe virar as costas. Ingratos, não o animaram!

Luciano pode contar com elle e os seus representantes na cidade dos Arcebispos, recebem com amor a volta do filho prodigo ao seu seio. Mas o Diabo arma-as! E o sopro diabolico impelle Luciano para a solidão do lar d'onde nunca devia ter saído, verdade seja.

Fugido o homem do fragor da lucta que a sua evidencia determinava, não precisa já do valioso apoio de Jacintho que reconhece então a urgente necessidade d'ir acudir áquelle que vac ser o alvo dos ataques anti-ministeriaes. Eilo então agora fazendo a sua profissão de fé regeneradora. Era a logica!

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a *cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a firmeza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.*

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos; Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga; No Kiosque da «Praça 8 de Maio»; Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Candidatos Republicanos

Circulo n.º 8

Coimbra — Cantanhede, Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Mira, Montemor-o-Velho, Penella e Soure.
Bernardino Luiz Machado Guimarães (Dr.) Lente da Universidade.
Antonio Augusto Gonçalves, Professor.
Francisco José Fernandes Costa (Dr.) Professor e advogado.
Joaquim da Silva Cortezão (Dr.) Medico.
Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Dr.) Jornalista.

— Compreendo! disse o homem pensativo.
— Olha melhor esse miolo dos dois fructos descascados. Cada polpa se me afigura formada de lobulos ou espheroides. E' como um continente dividido em nações pelos grandes rios, ou um paiz repartido em districts, pelas grandes estradas reaes. Cada districto é a potencia que rege alguma determinada função do corpo — são as bossas. Ha a bossa da memoria, a bossa da intelligencia, a bossa da luxuria, a da gula...
— E apontando cada proeminencia, o deus chamava-as pelos seus nomes. Algumas que eram salientes na criança, ou mal se esboçavam no *orange* ou positivamente não existiam. Em compensação o cerebro do bruto tinha outras, um desenvolvimento colossal a respeito do pequeno. O deus fazia-as comparar miudamente, uma a uma.
Todas as que presidem á direcção de necessidades animaes, instinctos ou appetites, são consideraveis em teu pai, dizia

OS COMICIOS

Propaganda eleitoral

No domingo, 13, continuaram os comicios de propaganda eleitoral nos circuitos de Lisboa e no de Setubal.

O primeiro foi na Labrugeira, presidido pelo sr. Gaspar de Carvalho que deu a palavra, em primeiro lugar, ao sr. dr. Bernardino Machado. Este nosso correligionario, revoltando-se contra os desmandos da monarchia, apresenta em breves phrases o seu programma no parlamento.

Diz que quer a ordem nos processos de administração, a instrução do povo, a liberdade de voto, enfim, todas as regalias a que tem direito este povo que dizem livre, mas que não o é nem pode ser enquanto existir a lei de 13 de fevereiro.

Terminou no meio de grandes applausos, ouvindo-se muitos vivas á Republica saltados num verdadeiro delirio.

Seguiu-se o dr. Affonso Costa que verberou atrozmente o regimen monarchico e os seus politicos que só cuidam dos seus interesses, desprezando o povo que cada vez é mais explorado com impostos.

Com o discurso do Dr. Affonso Costa que foi alvo de grandes manifestações, terminou o comicio, dirigindo-se os srs. drs. Bernardino Machado e Affonso Costa para a Atalaya.

Nesta localidade realison-se, ao meio dia, outro comicio, presidido pelo sr. Fernando Barreto.

Fallaram os mesmos oradores, reproduzindo o sr. dr. Bernardino Machado pouco mais ou menos o discurso-programma proferido na Labrugeira e fazendo o dr. Affonso Costa um eloquente discurso que arrebatou o auditorio.

O terceiro comicio teve lugar na Merceana onde os candidatos foram recebidos com um enthusiasmo indescriptivel.

Dirigiram-se os dois candidatos a casa do sr. Filippe d'Almeida, a cuja porta eram esperados por muitas creanças que sobre elles lançaram grande quantidade de flores, no meio das acclamações do povo.

Em casa do nosso correligionario sr. Filippe d'Almeida se realison o comicio a que presidia o sr. Luiz Antonio Caiano.

O sr. dr. Bernardino Machado fez o confronto entre a monarchia e a republica, confronto entre os dois regimens em geral e em especial applicados a Portugal.

A proposito refere-se ao facto de o Visconde de Chancelleros que poz toda a sua boa vontade ao serviço da monarchia, de que foi extrenuo defensor, se ter recolhido a uma indolencia por todos estranhada. E' que esse homem de espirito lucidissimo estava descontente com os processos administrativos dos monarchicos e, se não se bandeou com os republicanos, foi por uma questão de consciencia, aliás louvavel.

Fallou depois o dr. Affonso Costa que apresentou o seu programma como candidato republicano.

Mostrou o que seria a Republica em Portugal e, a proposito, estabeleceu o paralelo entre o nosso paiz e a republica da Suissa, a respeito de administração publica.

Depois de imponentes manifestações partiram os candidatos para Alemquer. Ao comicio nesta villa presidiu o sr. Arthur Gonçalves.

O sr. Dr. Bernardino Machado disse que se sentia bem entre a população operaria de Alemquer e resumiu em poucas palavras o seu programma: protecção aos humildes e em especial aos operarios.

Referiu-se, a proposito, ás leis vantajosas para os operarios, que referendou quando ministro, e que, justamente por serem vantajosas para aquella classe, não foram cumpridas pelos seus successores.

elle ao homem. Todas as que se referem ao intellecto são de surpreendente grandeza em teu filho. Eis por que buscas alguma coisa mais na vida que a replexão do teu estomago se tens fome, a ingestão de agua corrente se tens sede, que o repouso se tens somno, e o coito brutal se a virilidade do teu sexo faz explosão ante a femea que passa, serva obediente da tua crueldade ou facil instrumento da tua lascivia! D'esse instincto, que a natureza instituiu para povoar os seus continentes e os seus mares, encher de rumor as florestas e de cardumes as aguas, instincto todo grosseiro nos que te são inferiores, tira-te tu os effeitos mais doces, as symphonias mais limpias, os mais castos threnos e as mais scintillantes volatas. Chamaste-lhe o amor, e crystalizando o amor transfizeste-o na adoração. A femea escrava quebraste as algemas, não consentindo que os seus pés sangrassem, como os teus rudes pés de luctador, nos abrolhos da selva e nos espinhos da maledicencia. Da tua rude cabana fizeste

Convidou os eleitores a cumprirem com os seus deveres civicos, evitando chapeladas e votando nos candidatos republicanos.

Tomou em seguida a palavra o dr. Affonso Costa que criticou ponto a ponto o governo da monarchia.

Diz ser indispensavel a reforma da lei eleitoral.

Fecha o seu discurso dizendo que se a monarchia encerrar mais uma vez o parlamento, com medo dos republicanos, estes irão para as barricadas tomar-lhe contas dos seus actos.

Fallaram ainda o operario da Alhandra, sr. Augusto Bernardo, e dr. João Gonçalves que foram muito applaudidos.

Fallou tambem o dr. Antonio José d'Almeida que, com o sr. Feio Terenas, tinha chegado ao principiar o discurso do dr. Affonso Costa.

Atacou fortemente o regimen e analysou a dynastia governante demorando-se principalmente na critica a D. João VI.

Apresentou o seu programma que é liberdade para tudo, por tudo e para todos.

Terminou o comicio no meio de vivas á Republica e morras a diversos individuos.

No circulo occidental houve comicios na Lourinhã e Torres Vedras.

No primeiro fallaram os drs. João de Menezes e Alexandre Braga.

O dr. João de Menezes diz que os republicanos querem que a administração do Estado seja honesta, o que não tem succedido até agora.

Pagamos de impostos 49 mil contos que vão para viagens ao estrangeiro e para locupletar os ministros e os seus amigos. Para que os republicanos não digam isso é que os monarchicos não os querem no parlamento.

Faz o confronto entre a Suissa e Portugal.

Naquella republica todos são soldados; todos os annos fazem em poucos dias o seu serviço militar e voltam para casa com as espingardas.

Em Portugal não se faz isso porque os governos bem sabem que o povo, na posse das espingardas, iria logo ao Terreiro do Paço escorraçar os causadores da sua miseria.

Em Portugal os pobres não podem mandar os filhos á escola, porque nem sequer leem com que os sustentem e vestir; na Suissa ha as cantinas escolares e as creanças pobres são vestidas pelas escolas.

Em Portugal a familia real ganha 500 contos por anno e cada filho do rei é uma nova fonte de receita para a familia, ao contrario do que succede com os pobres. Na Suissa o presidente recebe 3 contos de reis, e ninguém da sua familia tem lugar á mesa do orçamento.

Com estes exemplos mostrou o que é uma Republica e o que é uma monarchia.

Terminou por pedir ao povo que não deixasse roubar a eleição.

Depois d'uma grande salva de palmas e de vivas ao dr. Menezes, toma a palavra o dr. Alexandre Braga.

Mostra o estado em que está o paiz, com uma divida publica de 900 mil contos e diz que os credores quando vierem pedir o pagamento d'essa divida o farão pela bocca das espingardas.

E', pois, uma desgraçada situação que existe por culpa dos eleitores que systematicamente leem dado o voto ao primeiro que o pede.

Poderá o povo, não conhecendo os candidatos republicanos, dizer que tão bons são uns como outros.

A prova de que não é assim é que os republicanos veem dizer ao povo o que pretendem, o que nenhum deputado do governo tem a coragem de fazer.

Elles tudo promettem e nada cumprem; os republicanos apenas promettem defender no parlamento os interesses do povo.

um templo, da tua fé um lampadario, uma cupula da tua religião e da mulher o teu deus. No santuario do teu amor, puzeste o deus, e da cupula do templo o lampadario encheu de esplendores mysticos a tua familia e a tua alma. Pela adoração domaste a tua força, aprendendo a ser dedicado para os fracos, ativo para os soberbos, cruel para os maus, justiciero, generoso e valente! Estas qualidades deve-las á tua intelligencia. fluido singular que emana d'este lobulo — e apontava — e te destaca dos teus antepassados. Por essa faculdade, dominarás os elementos e os animaes, serás rei e senhor, porque o teu braço obedecerá sempre á tua cabeça. Cada geração receberá da anterior um patrimonio de idéas adquirido, entregando religiosamente á que lhe succede, acrescentado pelos seus esforços, esse patrimonio sagrado e inviolavel. A tua ambição será satisfeita, descaça.

— E serei eterno? disse o homem, tremendo áquella idéa.

Diz que a principal produção d'aquella região é o vinho; pois os governos nada leem feito para proteger a industria vinicola.

Ha pouco fez-se uma lei para proteger os interesses do viticultor da Bairrada José Luciano, presidente do conselho.

Para acabar com tudo isto é necessario que os republicanos vão ao parlamento.

Alexandre Braga fecha o seu discurso com um bello rasgo oratorio que a assembleia applaudiu com enthusiasmo vivas e uma salva de palmas.

D'ahi seguiram os oradores para Torres Vedras.

O dr. João de Menezes diz que não vem pedir votos. Apenas pede que não consintam o roubo da urna.

Nada lhes promete; nunca faria isso, porque não ha maior vergonha do que a venda do voto; quem vende o voto é capaz de vender a mulher e os filhos.

Refere-se á falta de protecção áquella região, essencialmente vinhateira, onde os proprietarios vendem o vinho por um preço miseravel por causa dos impostos de real d'agua e outros.

Um governo honesto devia supprimir os impostos sobre os generos de consumo, que é o mais infame porque contribue poderosamente para o depauperamento da raça.

Depois de mais algumas considerações, termina, declarando novamente que não pede votos. Se concordam com elle, votem nos republicanos; se não concordam, votem contra elles. Mas não deixem roubar a eleição. Falla depois Heliodoro Salgado que estabelece a largos traços as diferenças entre os regimens monarchicos e republicanos.

Falla no processo seguido, de ha muito, pelos partidos monarchicos: faltarem, no governo, ás promessas feitas na opposição.

Nesse ponto é superior a todos o progressista.

A proposito refere-se ao facto de Fontes ter sido posto na rua, em 1886, por se recusar a arranjar 500 contos para as despesas d'um casamento com que o povo nada tinha. Logo os progressistas, que na opposição reclamavam economias, se prestaram a fazer o que Fontes tinha recusado.

Muito applaudido, termina o seu discurso ao qual se segue o do dr. Alexandre Braga.

Como candidato cumpre-lhe dizer aos eleitores o que pensa e o que quer, para que elles possam dar-lhe ou recusar-lhe o voto.

Se os republicanos forem ao parlamento, será o mesmo que ir lá o povo todo; se forem os monarchicos, farão o que os amos lhes mandarem.

Desde a implantação do constitucionalismo que temos sido victimas d'esses filhos da politica porca e nefasta.

Não sabemos ao certo o que irão fazer ao parlamento os deputados monarchicos, mas tudo leva a crer que serão os mesmos rufiões ao serviço da mesma bandalheira.

Haverá mais impostos e mais folia, mais sangue roubado ao povo e mais viagens, mais hiates e mais *cocottes*.

Hoje dentro da monarchia não ha chefes de partidos, ha chefes de quadrilhas; mas os antigos quadrilheiros tinham coragem, atacavam de frente, ao passo que estes veem mascarados em fardas reluzentes, dizem que nos defendem e só nos exploram.

Com este discurso terminou o comicio, com uma extraordinaria manifestação a todos os oradores.

No dia 16 houve um comicio em Villa Franca.

O sr. dr. Bernardino Machado diz que o partido republicano é um partido de ordem. No anno passado onde é que houve a ordem e se cumpriu a lei, nas eleições?

Onde o partido republicano se apresentou, fiscalizou o acto eleitoral.

Onde elle estava em minoria houve desordem, falsificação e violencia.

— Na historia.

— Na vida! Que me importará a historia? Se poderei viver assim sempre, dominando mares e povos, e experimentando cá dentro esta plenitude de seiva que extravasa do meu corpo, e se desentranha em colossaes alegrias?

— Não! disse o deus com voz profunda. Morrerás!

— De que me serve então tudo isto? exclamou elle contrahindo a face serena, que uma graça infinita deificava. E erguendo os braços desesperado cahiu a chorar a mesquinhez da sua condição. O velho deus sorria.

— E qual a bossa, que no cerebro de meu filho correspondia a este horrivel veneno que a tua palavra me faz beber?

O deus apontou-lha, dizendo: — Esse veneno chama-se a *Dór* e nunca envenenou teu pai.

— Faze-me então voltar á nativa bruteza dos meus, disse o homem. Prefiro a inconsciencia rude do *orange*, a essa intelligencia que illuminando-me a vida

Os republicanos querem a ordem em tudo e não de impô-la até no parlamento onde só desordem tem havido.

O partido só aspira a trabalhar pelo bem do paiz. Quer todas as liberdades. E' necessario que todos votem, todos defendam os seus direitos. Referiu-se á liberdade da imprensa que é constantemente vexada no seu livre direito de critica.

E' necessario engrandecer o partido para que a sua acção moralisadora seja cada vez maior.

Depois usa da palavra o dr. Affonso Costa que desenvolve alguns pontos do programma do dr. Bernardino Machado. O partido republicano não quer arranjar caciques nem eleicoes; quer só a affirmação de principios e de idéas.

Analysa rapidamente os males trazidos ao paiz pela monarchia.

Põe em evidencia qual será a acção moralisadora dos republicanos no parlamento e termina dizendo ao povo que defenda a todo o transe os seus direitos.

Segue-se o dr. Antonio José d'Almeida que, depois de saudar as senhoras, esboça em poucas palavras o seu programma no parlamento.

Enaltece a obra revolucionaria do partido republicano e elogia o povo de Villa Franca que mostra querer acompanhar as manifestações de progresso.

Fallou ainda o sr. dr. Anselmo Xavier que num pequeno discurso fez a analyse da vida do trabalhador que mal ganha para pagar os impostos.

O presidente, sr. Dias da Silva, depois de algumas considerações sobre o proximo acto eleitoral, encerrou o comicio.

Em Almeirim o sr. dr. Guilherme Godinho tomou a presidencia do comicio, dando, primeiro, a palavra ao sr. Avelino de Souza que em palavras enthusiasmas verberou os governos monarchicos e mostrou a necessidade que o povo tem de intervir na administração publica.

Seguiu-se o nosso companheiro José Montez que falla em nome dos estudantes republicanos de Coimbra.

Elogia os candidatos republicanos cuja vida de sacrificio pela causa publica é garantia sufficiente para que o povo possa votar nelles.

Depois de explicar qual a função do povo quando vota, termina incitando-o a ir á urna mostrar a sua vontade de intervir na administração publica.

Fallou a seguir o sr. dr. Ramiro Guedes.

Apresentou o programma dos candidatos republicanos e comparou o nosso paiz com a França, mostrando a diferença de impostos que o povo paga num e noutro paiz.

Convida o povo a cumprir o seu dever.

Falla depois o sr. Manuel das Neves que compara Portugal com a Suissa e saúda a victoria futura do partido republicano.

Segue-se o dr. Francisco Godinho que diz ser monarchico e esperar o possivel resurgimento do paiz dentro do regimen vigente.

Respondendo-lhe José Montez que em phrases vibrantes de enthusiasmo e cheias de verdade, rebateu as affirmações d'aquelle orador.

As palavras de José Montez foram recebidas com muitos applausos do povo. Em seguida encerrou-se o comicio.

Por esta resumida resenha dos ultimos comicios, se vê que o nosso partido não tem descurado a sua propaganda eleitoral com o que muito folgamos, porque cremos bem que não será improficua essa tarefa.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

me faz d'ella um ergastulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptivel e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora.

A voz do deus bradou:

— Jámais!

E desde então esse animal vaidoso, julgado o mais perfeito e o mais livre dos seres vivos, tornou-se no miseravel escravo que eternamente geme sob o chicote do seu verdugo — esse verdugo que se chama: o Pensamento.

Fialho d'Almeida.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça,

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 5/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra. A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empresa Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empresa Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contém, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear.

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA



o Curumbicenses
Caminhos

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 7 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 30 DE ABRIL DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Monarchia e Republica

Subordinada a este thema realisou o nosso camarada Carlos Olavo, no Centro Republicano José Falcão, da Figueira da Foz, a sua annunciada conferencia que inserimos neste logar pelo que ella revela de entusiastica esperanca no resurgimento da nossa terra pela realisacão do ideal que defendemos com todo o ardor das nossas almas de rapazes.

Quero antes de tudo saudar os republicanos d'este centro que se organizaram sob o patrocínio do nome prestigioso de José Falcão, figura de tão superior quilate que ainda hoje paira sobre nós como fonte de permanente inspiração republicana, na idolatria sentimental das nossas almas pela sua grande envergadura moral e na admiração consciente dos nossos espiritos pela sua poderosa e incomparavel influencia intellectiva.

Quero tambem felicitar-me e felicitar todos os meus correligionarios pelo grande movimento, pela consoladora agitacão em que eu sinto palpitar o corpo abatido d'esta pobre nacionalidade que um espirito de pessimismo amargurado, peculiar aos povos nos periodos da sua desgraça, via já na brancura da sua mortalha, a desaparecer na ultima pagina escura da sua historia.

Mas o movimento d'agora vem clarear a esperanca dos homens crentes que pensaram sempre como Quinet em face da decadencia da França, que mortos eram aquellos que se dispunham a passar a certidão d'obito d'um povo que tem ainda grandes condições de vitalidade, de energia, de força, para realizar a sua propria libertação.

E parece-me que os homens do nosso partido comprehenderam a verdadeira e democratica missão a desempenhar em face das nossas actuaes circumstancias, desenvolvendo por toda a parte um trabalho de educacão civica e de propaganda salutar que honra a um partido politico que tenha a pretencão de assumir um dia a direcção dos interesses do paiz.

Posso dizer-lhes a este respeito, com certa auctoridade, porque percorri em varias d'essas peregrinacões algumas povoacões rurais, que grande foi a minha satisfacão ao ver o entusiasmo, muitas vezes o delirio, com que o povo dos campos acolhia a verdade intuitiva das nossas palavras de combate e como até no espirito inculto lhe calava a justa doutrina proclamada.

Mas esta missão só a póde exercer um partido que tenha fundamentos de justiça, motivos de sinceridade a determinar e a orientar as suas campanhas.

Então a utilidade que d'ella resulta é d'um alcance incalculavel: chama o povo á fiscalisacão dos negocios administrativos, interessa-o nos movimentos da politica nacional, orienta-o e educa-o na corrente dos melhores principios.

Neste procedimento se marca uma differença radical entre os processos dos republicanos que apparecem a apresentar os seus programmas e a defender as suas ideias,

nos comícios, nas conferencias, em todos os pontos em que se pódem pôr em contacto com as classes populares, e os dos monarchicos que não apparecem nunca, que desprezam o povo, que só teem ambições a satisfazer e que para marchar para a sua realisacão são capazes de patinhar sobre os direitos, as regalias, as conveniencias, as leis, os interesses e até sobre as vidas dos seus concidadãos!

Ora esta differença que se nota nos processos resulta claramente — d'uma differença fundamental na moralidade, opportunidade e justiça dos dois regimens politicos: monarchico e republicano.

As monarchias, como formas de governo que assentam sobre o privilegio e sobre a hereditariedade, estão condemnadas irremissivelmente em face da moderna orientacão doutrinaria dos espiritos. Para se illudir d'algunha maneira as aspiracões que se formavam na consciencia dos povos e dar uma forma hypocrita de satisfacão ás reclamações formuladas pelos propagandistas e pelos paladinos que se inspiravam na Revoluçãõ Francêsa, appareceu o disfarce mystificador do constitucionalismo que não representa mais do que uma ficção e uma mentira.

Os senhores, nós todos, temos, pela carta constitucional, simplesmente apparencias de direitos, de garantias, de liberdades.

Diz-se na carta constitucional, por exemplo, que a camara dos deputados é a expressão da vontade nacional. E, no entanto, os senhores sabem que não tiveram nunca representantes seus no parlamento porque as leis eleitoraes são feitas de maneira a facilitar a corrupçãõ e a fraude, e que, quando não bastem os vícios e os sophismas da propria lei, lá estão os galopins que o regimen assalariou para roubar as urnas, lá estão as auctoridades subservientes para cortar os nomes dos republicanos nos recenseamentos, lá estão os agentes da violencia para tudo quanto for necessario para que das urnas não saia, pura e integra, a vontade do povo português.

Mas supponhamos que as eleições se realisam com toda a correccão e com toda a legalidade; supponhamos que a camara se constitue com verdadeiros representantes do povo que lá vão defender dentro os seus interesses e exprimir as suas reivindicacões.

O rei tem, pela mesma carta constitucional, a facultade de a dissolver quantas vezes quizer, quando ella, porventura, lhe não convenha ou não seja do seu agrado.

Mas supponhamos ainda que os eleitores insistem nos seus representantes e as camaras não são dissolvidas. As suas reclamações não serão realisadas, as leis liberaes não serão levadas a effeito, as suas aspiracões não serão um facto, porque acima d'essa camara está outra de absoluta confiança do rei, porque é da sua inteira e exclusiva nomeaçãõ.

Mas supponhamos ainda, que a camara dos pares sanciona as leis que a primeira camara approvou contendo a satisfacão dos interesses

populares, o reconhecimento dos direitos dos cidadãos. Isso não quer dizer que ellas tenham realisacão, porque acima de tudo, das camaras, do povo inteiro, está, consagrada pela mesma carta constitucional, a vontade do rei, expressa no seu veto absoluto, que annulla todas as leis e todas as reformas que não tenham a sua sancção.

A carta constitucional, por exemplo, proclama inviolavel a consciencia dos cidadãos, livre de censura e coacção o direito de exprimir o seu pensamento por palavras e escriptos.

E, no entanto, as nossas leis de reunião e de associacão põem á discripção das auctoridades administrativas o impedirem as nossas conferencias e o prohibirem os nossos comícios; as nossas leis de excepção põem em risco não só a liberdade dos cidadãos, mas até a sua vida, por delictos de opinião; as nossas leis de imprensa soffocam cada vez mais a liberdade do pensamento. E acima de tudo, das disposições draconianas das proprias leis e contra as proprias leis, está o arbitrio de auctoridades sem escrupulos e sem pundonor.

Basta isto, para provar que vive-mos num regimen despotico e que a carta constitucional é a sua mascara infamante e vilipendiosa!

E se fôrmos a reparar na marcha d'essas leis que constituem toda a nossa legislaçãõ politica, teremos de notar, com tristeza e indignaçãõ, uma accentuada e profunda evoluçãõ regressiva.

Basta isto para nos determinar a um movimento sério e forte de protesto e resistencia contra a obra de reacção politica que a monarchia vem ha tantos annos a realizar impunemente e cynicamente em Portugal.

A republica, contrariamente ao que succede na monarchia, é um regimen que assenta essencialmente na eleição e as instituções democraticas valem principalmente pelo concurso esclarecido de todos os cidadãos proclamados eguaes e livres.

E' por isso que o primeiro cuidado da republica é diffundir a instrucção de modo a tornar os individuos aptos para funcção politica e social que a todos compete.

E' por isso, que não é para admirar a grande differença que se nota entre o orçamento de instrucção publica de 1867, na França, sob o imperio, que é de 8.490 contos e o de 1901, sob a Republica, que é de 48.840 contos.

Eu não tenho tempo para citar sequer a obra social da republica francêsa expressa nas suas leis e nas suas reformas. Simplesmente lhes direi que é admiravel o progresso realisado sob o regimen republicano, a obra de fraternidade que implicam as suas leis de protecção operaria, o seu trabalho de laicisacão do ensino que significa o principio da libertação da consciencia humana, a realisacão progressiva de todas as liberdades a ponto de não haver ali delictos de opinião e de doutrina.

A revoluçãõ produzida sob a

republica é tão notavel que naquella França, que nós nos habituámos a considerar conservadora, não é viavel hoje um governo que não tenha o proposito de realizar uma obra profundamente social e humana, em harmonia com as reclamações formuladas por um povo organizado e consciente.

Benoit Malon tinha razão quando affirmava «de formas logicas de governo, apenas conheço a republica e é para ella que a lei fatal do progresso encaminha os povos».

Pelo que fica dito, facilmente se infere qual é a attitudo mais digna e mais razoavel a assumir em face do regimen deshonrado e perdido que ainda hoje vigora em Portugal. E' aproveitar todos os meios de luta e de protesto, fazer convergir contra elle todas as parcelas do nosso esforço, toda a energia dos nossos braços, todas as violencias da nossa cólera.

E, estando á porta as eleições, reprimir por meio d'ellas a nossa reprovaçãõ á sua vilissima conducta que tem atirado sobre nós o desprezo e vergonha.

E que esta luta eleitoral seja o prenuncio da victoria completa da Republica, pela reparacão das nossas liberdades, pela moralisacão dos nossos costumes politicos, pela reorganisacão das nossas finanças, pela instrucção e educacão do nosso povo, fazendo d'elle um povo de cidadãos conscientes com a noção dos seus direitos e dos seus deveres.

Ao terminar Carlos Olavo a sua conferencia, as muitas dezenas de pessoas que completamente enchiã a vasta sala onde ella se realisou fizeram-lhe uma entusiastica manifestacão, com vivas áquelle nosso camarada, ao Grupo Republicano Academico, á Republica, etc., etc.

A assembleia fez depois uma grande ovação ao nosso camarada Ramada Curto obrigando-o a fazer uso da palavra.

Este nosso amigo, num improviso brilhantissimo, fez resaltar a obra nefasta da monarchia, conduzindo-nos a este estado de decadencia economica e politica.

Com uma fina ironia fez o exame dos varios grupelhos que pretendem governar-se á sombra do regimen e terminou com um rasgo de eloquencia mostrando a necessidade inadiavel, para o levantamento da nossa nacionalidade, da implantaçãõ da Republica no nosso paiz.

Uma extraordinaria salva de palmas cobriu as ultimas palavras de Ramada Curto, terminando a brilhante sessãõ com vivas entusiasticos a s vultos mais prestigiosos do partido republicano, á patria livre, etc etc.

DUAS PALAVRAS

O paiz soffre — todas as pessoas estão d'accordo sobre esta inatacavel verdade: os philosophos e os barbeiros, os politicos e os jornaes, o exercito e a marinha, o clero, a nobreza e o povo. O paiz soffre, não ha duvida nenhuma que padece.

Mas de que soffre o paiz? Aqui surgem as graves dissidencias de opinião; os philosophos não estão d'accordo com os barbeiros, os politicos discordam dos jornaes, o exercito e a marinha não se entendem com o clero e se a nobreza e o povo não pegam da penna para se insultar mutuamente

sobre o assumpto em questãõ é porque a nobreza e o povo infelizmente não sabem escrever.

Pois tambem nós queremos, custe o que custar, dar opinião sobre o caso, opinião independente e activa, opinião desassomburada, maneira de ver de quem não deve e não teme:

O paiz soffre e soffre de prisãõ de ventre. Ora ahi tem...

O intestino do paiz não funciona facil e livremente como seria para de-sejar.

Tem durezas a nossa heroica nacionalidade; no seu honrado ventre existem cibalas rijissimas, respeitabilissimas, inamoviveis, com a consistencia e a grossura de calhaus que a seringa diaria da imprensa não consegue amollocer.

For mais que a tripa nacional se esforce não saem, e, só por vezes, quando Deus quer, alguns gazes se escapulem com sonoridades patrioticas que lembram o hymno da carta e o «God save the King». Dizem que applicando bem a orelha lá por dentro se ouvem rumorajar vagas «palavras d'honra», «responsabilidades precipuas» e que ás vezes, em dias de maior regosijo, uma deliciosa voz de barytono entoa agradavelmente as canções canalhas da Yvette.

Aquillo não é uma tripa — é um phonographo...

E é uma grande pouca vergonha! Se o paiz quizer salvar-se de tão exquisita e desastrosa doença, só tem um caminho a seguir:

Encher-se de coragem, acocarar-se mesmo juntinho á fronteira, mandar tocar o hymno da restauracão, fazer força e... zds. — Ficará assi a patria aliviada e a historia contará mais tarde um rei a mais no exilio.

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

O procedimento do governo para com os republicanos é indicoroso e infame. Durante tola a semana foram apprehendidos os nossos jornaes sem as razões com que a lei justifica o facto.

O intuito do governo que é, claramente, prejudicar a propaganda eleitoral que o partido republicano exerce por meio da sua imprensa, é um intuito que revela a indignidade suprema dos seus processos e a sua inillu nivel falta de apoio na opinião publica.

No entanto, estas perseguições de todos os dias, estes attentados insistentes ás leis, aos interesses, aos direitos, aos brios dos cidadãos, enchem de revolta todos aquellos em cuja natureza a sensibilidade e o pundonor se não extinguiram de tudo, a ponto de determinar nos mais pacificos e moderados uma ancia irreprimivel de legitima insurreicão.

Foi um grande espirito da França moderna que o disse: «quando a resistencia é um direito, a resistencia é um dever.» E não ha nada que mais constitua para nós todos, cidadãos portugueses, um direito á resistencia effectivada numa revoluçãõ que decisivamente nos redima, do que os vexames, os roubos e os crimes de que somos, ha tantos annos, victimas resignadas e humildes.

Ah! senhores; se não o fazemos, para vencer ou para morrer, somos bem dignos do desprezo universal!

Criminosos celebres

O nosso querido collega O Mundo, farto dos innumeros roubos com que o teem honrado todas as quidrilhas que costumam manobrar nos conselhos da corõa,

resolheu pedir contas por intermedio do tribunal do commercio de Lisboa, ao enfatuado pateta que dá pelo nome de Hintze Ribeiro e ao creado ás ordens do regimen, o honesto Veiga da corregedoria.

Vão, pois, perante o poder judicial, responder pelos seus actos estes dois homens que até agora, impunemente, teem commettido todas as vilezas contra aquelles, que, não sabendo pactuar teem vindo pela vida fora, combatendo o regimen e os seus homens.

E' advogado do Mundo o nosso eminente correligionario sr. dr. Affonso Costa, o que é bastante para se ter a certeza de que hão-de ser bem defendidos os legitimos direitos do nosso presado collega que vão ser julgados por um jury de homens honestos, o que nos dá a convicção de que justiça ha-de ser feita e de que ha-de ser condemnatoria para os reus Hintze e Veiga a sentença que houver de ser proferida.

E isto que nos alegra pelo que representa de justo, entristece-nos tambem pelo que ha-de ficar a menos nos cofres publicos, porque é delles que ha-de sair a indemnisação que de direito o Mundo exige.

Não é verdade, senhores?

Um deputado

O Primeiro de Janeiro do ultimo sabbado apresenta aos portuenses os retratos dos progressistas dissidentes que se propunham a entrar no parlamento representando o Porto, e entre elles figura a vera effigie do sr. dr. Pedro Martins, que aquelle jornal faz acompanhar de varias palavras elogiosas.

Parece-nos no entanto incompleto o que aquelle jornal dizia a respeito do illustre alpinista, e, já agora, será bom lembrar alguns dos factos mais notaveis da vida politica do futuro deputado, para elucidação das gentes e subsidio para a historia dos homens do regimen.

Assim este sr. dr. Pedro Martins — é aquelle mesmo que por occasião do centenário de Garrett, em nome da Academia de Coimbra, afirmava que os estudantes que alli se encontravam haviam um dia de voltar ao Porto mas com as Kropatschecas para correr o regimen e os apuniguados; era então republicano...

— é aquelle que depois de lente da Universidade e, por consequencia, em condições de vida para se manter honestamente no seu posto, alcançou um lugar de deputado por favor do fallecido Barahona; era então progressista...

— é aquelle que depois da questão dos tabacos apparecia a dizer ao povo que o sr. José Luciano era um apostata e mais partes; era então dissidente...

— é aquelle... é aquelle... que afinal não é mais do que um discipulo e continuador do outro, do Fernando Martins de Carvalho.

Uma pergunta

Uma noticia telegraphica de Lisboa para o Primeiro de Janeiro diz o seguinte: «A rainha sr.ª D. Maria Pia esteve hoje lanchando na Pastellaria Bijou, na Avenida.»

E que tal seria o real *deslunch*, sr. correspondente?

Os Padres no Parlamento

Dizem de Paris que o infallivel Papa, Pio X, decidiu não permitir que os padres se apresentem como candidatos ás proximas eleições do parlamento francês sem previo consentimento da auctoridade ecclesiastica.

Esta deliberação do santissimo Padre, provocada pela lei de separação do Estado e da Igreja, votada ha pouco em França, é que não deixa de ter, contra o costume, as suas vantagens. Vae, pelo menos, desinfectar durante algum tempo do microbio fradesco o parlamento da grande republica.

Porque não ha-de Sua Santidade mandar fazer o mesmo em Portugal?

Se o divino successor de S. Pedro conseguir-nos livrar das provocações do padre Brandão e da inesgotavel oratoria do padre Luiz J. Dias, quasi lhe podemos garantir que esse facto, seguido dum Padre Nosso e uma Ave Maria rezados com unção, lhe hade trazer, pelo menos, uns cem dias de indulgencias...

Outros tempos

O jornal *Novidades* que até aqui ha um tempo fazia a propaganda das candidaturas republicanas, dizendo-as mesmo necessarias para a monarchia, pela acção fiscalisadora que desempenhariam os deputados republicanos no parlamento, apparece agora muito melancolico, apresentando as listas por obrigação, pondo antes as monarchicas e já nada dizendo sobre a utilidade da representação do partido republicano em côrtes.

Mudaram os tempos; a bolsa dos tabaqueiros abriu-se e acabaram as indicações patrioticas.

Hoje os deputados republicanos já não são precisos porque não ha já necessidade de contrariar aquelle sujeito gordo que nós sabemos.

Os Snobs reaes

O snob Guilherme da Alemanha continua a sua grandiosa missão de immortalisar os homens deste seculo.

Toda a gente se recorda ainda do seu comico telegramma á viuva de Zola: *Seu marido é immortal*.

Agora acaba de telegraphar o mesmo á viuva de Curie, o descobridor do radium, morto ha dias tragicamente numa rua de Paris.

Como se os telegrammas dum idiota, que só pensa em manobras militares e marchas de continencia, podessem ter algum valor!

O Guilherme de cá tem outros snobismos: assigna livros e quadros... dos outros.

Cada um no seu genero!

O 1.º de maio

Vae ser mais uma vez festejado o 1.º de maio e apesar da ingenuidade que caracteriza em Portugal todas as manifestações deste genero, visto que os operarios de Coimbra pensam principalmente em aproveitar um como pretexto para constituirem uma federação de classes, cujo alta importancia é escusado provar, merece-nos toda a sympathia a sua festa.

Vão os operarios entregar ao presidente da Camara, o sr. Dr. Marnôco, uma mensagem em que será dito quanto o povo trabalhador de Coimbra deve ao seu lucido e bem orientado espirito e á bondade do seu coração. E' de justiça a concessão das oito horas de trabalho que, por iniciativa do seu illustre presidente, a camara de Coimbra decretou para os seus operarios, constituindo um motivo de legitimo orgulho para o sr. dr. Marnôco e ficará como um nobre exemplo a seguir por todos aquelles cujo fim unico não seja a exploração criminosa do misero e desgraçado trabalhador português.

Iráo depois ao cemitério lançar flores sobre as campas humildes dos seus irmãos que sem nome e sem gloria foram descançar dos seus soffrimentos e luctas e a quem jámais a historia lembrará os mil sacrificios das suas existencias heroicas e desconhecidas.

Não se esqueçam os operarios de procurar na Conchada aquelles seus dois companheiros que em 12 de março, ha tres annos, as balas dos soldados vararam á ordem do mesmo governo que acaba de ganhar as eleições em Coimbra.

Procurae-os bem e perguntae a vós proprios se o vosso dever está cumprido. Ide á valla commum... elles devem lá estar.

Reunião

Em assembleia geral reuniram-se no sabbado os estudantes da faculdade de Philosophia afim de resolverem a attitudde a tomar perante o artigo do regulamento dos trabalhos praticos por obrigar ao pagamento de 3\$000 réis por cadeira cada alumno.

Foi nomeada uma comissão composta dos estudantes: Alberto Feyo, Bissya Barreto, Carlos Elias, Aureliano Fernandes e Pacheco, que deverá da melhor maneira conseguir a modificação ou suppressão de tal disposição.

São inteiramente justas estas reclamações, pois é incomprehensivel que se exijam 3\$000 réis para pagar a agua e gaz que o alumno gaste durante o anno.

Mas... afinal os srs. governantes teem uma certa razão em procederem assim e em difficultar quanto possivel a instrucção.

Não lhes podemos levar a mal. E' uma legitima defesa.

Não é essa cohorte de semidoutos que a Universidade vomita todos os annos que concorre para sustentar e propagar estas malditas doutrinas de liberdade e de egualdade chimerica que ameaçam subverter a nossa sociedade?

Brevemente teremos o prazer de annunciar que foi deferido pelo sr. Hintze Ribeiro o pedido que os povos fizeram a el-rei D. João III nas côrtes de 1562. «Que os estudos de Coimbra se desfaçam por serem prejudiciaes ao reino, e a renda se applique para a guerra; e quem quizer aprender vá a Salamanca ou a Patis, e não haverá tanto letrado nem tanta demanda».

PATRIA

ASSIGNATURA: Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio. Numero avulso: 10 reis.

De Lisboa

28 de abril

A' hora a que escrevo, a cidade inteira está em vespuras d'uma batalha. O povo de Lisboa prepara-se entusiasticamente para, mais uma vez, ir perante a urna provar o seu completo, o seu absoluto alheamento do regimen e dos seus homens.

Hintze trapaceia d'uma forma escandalosa tocando a reunir á sua horda de galopins e de malandros, e é possivel que, do que se passar amanhã, alguma coisa saia, de inusitado e de esporadico, na proverbial brandura dos nossos costumes e na inercia de carneiros em que, o eleitorado português tem a pouco e pouco caído, supportando todos os roubos e violencias com que os bandos monarchicos lhe teem experimentado a paciencia.

O que fôr soará. Simplesmente, d'esta vez, a capital está resolvida; ao que parece, a defender á outrance os seus direitos. Bom será. Contra o absolutismo legalisado só ha o recurso da acção illegal dos individuos, e os povos que supportam todas as tyrannias e vexames que lhe infligem os de cima, sem recorrerem ao ultimo e unico protesto admisso, estão, em absoluto, condemnados a desaparecer. Ora parece-me que esta convicção entrou de ha uns tempos a esta parte, no espirito de todo o português que não seja ou rematadamente estupido ou completamente canalha.

A situação é a que Hintze, num momento em que o medo o fez sincero, concretizou nesta phrase — «vivemos sobre um braseiro».

De facto, a corda não pode esticar mais e o braseiro que a monarchia aticou está, mais tarde ou mais cedo, destinado a devorá-la, purificando o paiz e resurgindo-o para uma vida nova.

Os recentes acontecimentos da armada bem o provam e se, como parece ser um facto averiguado, tudo o que se passou não foi mais do que o manejo ignobil d'um bando monarchico sequioso de se impôr, para attingir a gamella onde os restantes fossam, d'ahi já nos vem a consoladora certeza de que o descontentamento geral, tão facilmente aproveitavel por corrilhos audaciosos, melhor e mais espontaneamente se prestara a ser canalizado a favor das ideas que o paiz hoje inteiramente proclama e defende.

E já que fallei nos acontecimentos da armada, direi que nada mais odioso do que tudo quanto se está passando.

Sabe-se, diz se em toda a parte, escreve-se nos jornaes, que os marinheiros foram levados a fazer o que fizeram por suggestões de poderosos. Alguns, os cabeças de motim, declararam-no nos depoimentos que fazem, aberta e francamente.

Pois bem, o regimen e o seu governo que, no momento critico, tremeu possuido d'um terror panico, agora não aparta responsabilidades e atira-se em nome da disciplina aos marinheiros, aos humildes, aquelles diante dos quaes pouco antes desfalhecera de susto, sem perturbar, levemente sequer, os que envolviam esses desgraçados na perigosa aventura.

Isto é simplesmente logico, no entanto. O contrario é que seria de pamar partindo d'um Hintze, d'um Alpoim ou d'um mentecapto perverso c.mo o Luciano.

Não se hostilizam como os cachorros paridos pela mesma cadella, os homens da monarchia.

Teem só cuidado em não esfolar a teta que a todos alimenta, e, unidos, solidarios, defendem-na todos com a furia de cevados que presentem que lhes vão tirar a comida.

E' a solidariedade na Calabria e os trezentos e tantos marinheiros que serviram d'instrumento para que o conviva que fôra afastado se fizesse temer e retomassem o seu lugar á mesa, esses, que paguem em S. Julião a conta do brodio.

O processo, como vêem, é simplicissimo.

Occorre-nos, no entanto, ácerca de isto tudo, a celebre phrase do romano — «quousque, ó Catilina...»

Até quando, ó Corja, abusarás da nossa paciencia...

Timido

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Um manifesto

D'um grupo de republicanos d'Alcoaba recebemos um bem redigido manifesto, aconselhando os eleitores do circulo de Leiria a manifestarem-se pelo bem do paiz, votando na lista que o partido republicano apresenta ao suffragio dos eleitores do circulo oriental de Lisboa.

Prestam assim os nossos correligionarios d'aquella região um bello serviço á republica e por consequencia ao paiz, e d'aqui os saudamos fazendo votos pelo bom resultado dos seus trabalhos.

ELEIÇÕES

Até á hora a que o nosso jornal entrou na machina recebemos os seguintes telegrammas:

Lisboa—Redacção Patria, 5, 3, t.— Maioria enorme nas assembleias da cidade. Consta que foi preso na Azambuja, onde se encontrava vigiando o acto eleitoral, o sr. Dr. Bernardino Machado, havendo grande indignação por esse facto.

Lisboa — Redacção Patria, 9, 55 n.— Houve em todas as assembleias uma animação enorme, sendo as urnas mais concorridas que nunca.

Em Lisboa, circulo oriental, o republicano mais votado obteve 3:886 votos e o monarchico 2:519. No occidental o republicano 2:405 e o monarchico 2:570. Faltam ainda 9 assembleias da cidade e muitas rurales. Devem ser certas apesar de todas as manigancias 2 candidaturas do circulo oriental.

Santarem — Redacção Patria, 6, 46, t.— Na cidade o republicano mais votado teve 155 votos e o monarchico 488 votos. Ganhámos a minoria em varias assembleias. Nas rurales têm-se feito vergonhosas chapelladas.

Na assembleia da Azoia onde a eleição foi ficticia o governo teve 869 votos. Em todas as outras se fez a mesma manobra.

Cuba — Redacção Patria, 10, 49, n.— Os monarchicos torpemente colligados fizeram todas as violencias, pressões, chantages com tudo, até com a justiça. Conseguiram sobre nós uma maioria de 2 a 17 votos. Os republicanos obtiveram 370 votos e os monarchicos, 372 a 387.

Porto — Redacção Patria, 12 n.— Correram tranquillias e sem entusiasmo as eleições, sendo mixtas as mesas. Nas assembleias centraes a victoria foi dos republicanos. O republicano mais votado no bairro oriental foi Xavier Esteves com 1:327 votos e o monarchico com 1988.

No bairro occidental, 949 e 2:180 respectivamente. Os dissidentes obtiveram no bairro oriental 2:005 votos e no occidental 797.

A votação progressista foi vergonhosa, não vae além de 100 votos. Em Gaya o apuramento sabido dá 500 votos aos republicanos; em Paços de Ferreira, 220.

Em Maia e Amarante houve votação republicana.

Centro Republicano Academico

Convidam-se todos os estudantes inscriptos neste centro a reunir no proximo sabbado, pelas 7 e meia horas da noite, a fim de resolverem sobre um assumpto de grande importancia.

O presidente, Carlos Amaro.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

29 d'abril

Alienado o Brasil, cujo tratado de separação é redigido pela Inglaterra, na pessoa de Lord Stuart, occorre o expediente de hostilizar, de resto, o idealismo vintista. Como? Dando o rei, e não o Povo, uma nova Constituição.

O instrumento d'esta miseravel aventura, cujo fundo moral é a mais impudente das burlas, é o primogenito de D. João VI, — o irrequieto e estupido D. Pedro. Mas desacreditado pela sua qualidade de brasileiro, e, não menos, pela notoriedade das suas allusões deprimentes para Portugal, o velhaco recorre a um expediente: — realizar o seu sonho soberano mediante a entrega da filha ao irmão, ao Infante D. Miguel, isto é ao rei, ao cabeça dos absolutistas-apostolicos! Sancho faz-se Machiavel; Gil Braz surje em attitudes de Yago!

D. Miguel, porém, tão sincero e leal como o futuro sogro, aceita o convite, simplesmente para mais tarde o trahir. Pela sua parte, o pae da noiva ajustada, d'essa noiva que, na aventura, não passa de uma mercadoria politica, de um negocio para as duas facções hostis; esse pae, esse homem, que se permittia velleidades de Washington e de Bolivar coitado, dava-se assim, a frio, a entregar a filha ao chefe visivel, e já prestigioso, do despotismo, isto é, ao representante da politica de Carlota Joaquina — a Aleixivena da Bemposta e do Ramalhão!

Pelo que lhe dizia respeito; D. Miguel, já então annunciado por «o terror dos

pedreiros», por o Messias, jura a Carta outorgada pelo irmão e promete casar com a filha do seu figadal inimigo. Que farçantes! E se não houvesse successão, o reino passaria, em dote, á Infanta Maria Thereza, princeza da Beira, casada já em Hespanha, e com um filho nascido, de nome D. Sebastião, o segundo do nome, quando recebesse ou tomasse a corôa!

Completo. E' sob este ambiente mephitico, de caveira infecta, que a Carta de 1826 é posta em acção. A noção da soberania, conferida na Constituição de 1822 ao Povo, na pessoa dos seus representantes legalmente eleitos (art. 26.º) era assim, e deste modo, comprehendida pela monarchia que, desde o contracto nupcial de Vienna, a podia endossar, como uma letra de cambio, a quem melhor conviesse.

Com tal germen, é inteiramente intuitivo o que, sob o seu aspecto politico e juridico, esta baixa comprehensão de deveres proprios e de direitos alheios, collectivos, nos trará. E' a negação de todo o ideal democratico de 1820, mantido na Constituição de 1822; é o privilegio, a renuncia em beneficio de uma familia sem precedentes civicos, de todas as liberdades publicas, de todas as franquias immanentes e historicas que, desde os fins do seculo XVIII, se tornaram para toda a Humanidade como que imprescindiveis e fundamentaes.

80 annos de Constitucionalismo Outorgado).

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que fôr mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fuzza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos; Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga; No Kiosque da «Praça 8 de Maio»; Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Criticas sectarias

A *Obra*, órgão do operariado jornal que se publica em Lisboa, a proposito d'uma noticia que correu mundo fóra sobre uma deliberação da republica norte-americana negando a entrada no seu territorio ao notavel revolucionario e escriptor russo Maximo Gorki, aproveita a occasião, com uma falta de senso e clareza de vistas deploravel, para negar a efficacia dos principios republicanos.

Já a *Era Nova* periodico anarchista d'esta cidade, por varias vezes, commentando acontecimentos isolados, tem tambem attribuido sem razão aos principios republicanos alguns erros d'actividade governativa.

Lamentamos profundamente a falta de justiça com que esses jornaes apreciam os factos.

Se em qualquer republica os seus governos tomam medidas algumas vezes censuraveis por não corresponderem ás modernas aspirações democraticas, todas as criticas dos homens intelligentes e de honestidade devem rechar sobre aquelles que, por uma falsa orientação, não são coherentes com as theorias que defendem e pelas quaes luctam.

Nós combatemos com carradas de razão as monarchias, os seus processos de governar, os seus homens, pelos vicios que contem um regimen atrazado e insustentavel que se basea essencialmente no privilegio e na oppressão, pela desmoralisação de que dão constante prova aquelles que as servem sem o mais ligeiro vislumbre de bom senso e de probidade.

Os que lançam invectivas á republica, unica forma juridico-politica compativel com o actual estado da evolução das ideas e dos costumes, pois que assenta fundamentalmente na liberdade e na egualdade social, dão um lamentavel symptoma de imbecillidade.

Não se atacam nunca os principios, sobretudo quando são de salutareos resultados como os principios republicanos.

Todas as criticas as mais incisivas devem ser dirigidas aos homens que num dado momento por uma falsa comprehensão dos seus deveres politicos e falta de senso governativo commettam erros e arbitrariedades de todo o ponto incompativeis com os principios.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Pontos de vista

A proposito de Arte

A confusão das escolas litterarias, reflectindo processos diversos, hostilidades irreductiveis de objectivação artistica, não consegue apagar o traço nítido que marca a tendencia irreductivel da Arte para a moderna concepção orientadora.

Eu não preconizo exageros nem secularismos em Arte, que, de resto, não servem senão para restringir o seu campo largo e fecundo. O exclusivismo impertinente que affectou a Arte social não foi mais do que a reacção logica produzida em face do pretendido dominio d'um processo litterario estranhamente alheio a toda a vida.

Os artistas pareciam ser entes privilegiados, desdenhosos pelas desventuras do mundo, arredados do vasto meio em que se produz a acção dos caracteres e dos sentimentos e, portanto, da fonte principal de todas as produções artisticas.

Prejudicavam d'este modo a sua arte que apresentavam talvez com requintes de originalidade pessoal, talvez com bellezas inéditas de phantasia, mas sem uma emoção verdadeira, sem uma figura real, sem um sentimento authentico arrancado á propria alma humana e resultando, consequentemente, d'uma esterilidade e falsidade absolutas.

Era o frio cynismo de esthetas sem coração, o orgulho refinado de imaginativos insinceros, o vicio brilhante de gosadores desinteressados, o egoismo desvergonhado que repudia o espirito de sacrificio derivado da piedade e do amor, que formava a base d'essa litteratura que podia escorrer a sua immoralidade na forma modelar do Bourget mas que, seguramente, degradava e falseava a missão do artista.

Ora o espirito moderno, definido na utilidade orientadora da influencia intellectiva, condemna formalmente a concepção exclusivista da Arte pura por inconsistente e inutil, e, no seu auge de libertação de formulas e barreiras, arranca a Arte social do seu exagero sectario, tornando-a ampla, fecunda como a propria natureza onde se inspira e onde se molda.

A proposito d'este assumpto tão debatido, o escriptor francês Eugène Montfort, impressionado e inquieto pela crescente tendencia social da arte que, diz elle, « representa uma ameaça pendente sobre a litteratura », resolveu abrir na sua revista Les Marges, um inquerito entre um grande numero de escriptores da sua terra.

Para unidade d'esse inquerito Eugène Montfort estabeleceu como base esta citação de Guy de Maupassant: « os romancistas tem por principal motivo de observação e de descripção as paixões humanas, boas ou más. A sua missão não é nem ensinar, nem flagellar, nem moralisar. Todo o livro de tendencias deixa de ser um livro d'artista. »

Uma pagina d'um Diario

Numa carruagem de segunda classe da linha do Norte encontrei, juntas com uma luva de camurça, esquecidas ao canto d'um banco, as paginas que se seguem. Por julgar que ellas encerram em si um curioso documento psychologico, resolvi-me a publicar a parte impessoal d'essas notas diarias. Se o legitimo proprietario tiver conhecimento d'este principio d'indiscreção, mais facilmente poderá reclamá-las a quem subscreve estas linhas.

Dia 9 — Cheguei. São onze e meia. A villa inteira dorme, sem um ruido, negreando, na treva húmida da noite. Enquanto escrevo, neste quarto banal e frio d'hospedaria, á luz mortua da vela, uma chuva miuda e corlada d'um nordeste aspero, vem, a espaços, fustigar os vidros. Tenho frio. Foi talvez de ter aberto a vidraça. Para o lado da estrada, rumoreja um grande mar revoltado e negro d'arvores batidas de vento. Quando a chuva descança, vem d'alli, do escuro, o lamen-

As respostas foram o mais contradictorias possivel. Uns como Saint Georges de Bouhélier e François de Nion são da mesma opinião de Maupassant; outros como Maurice Maeterlinck de opinião contraria; outros ainda como Marcel Ballot admittem o romance social desde o momento que seja ao mesmo tempo um bom romance; Catulle Mendès, uma vez que o sentido social da obra d'arte não tenha sido premeditado, resultando a sua efficacia não d'uma intenção demonstrativa mas da propria emoção involuntaria; e por fim Octave Mirbeau diz-nos que o unico alcance social da arte reside no facto de crear seres vivos, emquanto que a predica no romance e na scena deixa indifferentes espectadores e leitores.

Depois de registar estas opiniões o critico Léon Blum commenta o texto de Maupassant e define rigorosa e precisamente o que deve entender-se por arte social.

E o seu primeiro cuidado é accentuar que é do consenso unanime dos intellectuaes que no dominio illimitado da arte ha generos em que um livro de tendencias, tendo por fim expresso e patente « moralisar, flagellar, ensinar, » pôde ser realmente um livro d'artista e cita para comprová-lo a Historia de Michelet e os Châtiments de Hugo.

Portanto, em these geral, é evidente que a arte não é incompativel nem com a tendencia, nem com a doutrina, nem com a intenção de ser util, porque não são nem determinados generos, nem determinados processos technicos que caracterizam a obra d'arte, mas a qualidade da emoção suscitada, a adaptação dos meios ao assumpto escolhido, a simples, encantadora justeza da sua exteriorisação.

As divergencias agrupam-se, pois, em volta d'uma porção definida da mesma arte que é constituída pelo romance e é sobre elle que Léon Blum concentra as suas observações. E' preciso distinguir o romance de tendencia, do romance de these ou de predica. O que se chama um romance de these comporta desde o seu principio como o enunciado d'um theorema a que o seguimento da obra servirá de demonstração; o de predica é uma aggravação da these em que a conclusão theorica em lugar de ser conduzida pela propria acção é nos expressa numa conferencia persuasiva que um dos personagens debita.

Ha pois probabilidades para que estes romances sejam despidos de valor artistico, porque o pensamento premeditado de tirar uma certa conclusão, levaria o auctor a não ser verdadeiro nas suas impressões, a subordinar a imaginação a uma determinada ideia, a constringer a observação na sua verdade, a influir no caracter dos seus personagens, a escolher parcialmente as consequencias do seu assumpto de modo a corroborar a these escolhida.

Mas a verdade d'esta argumentação não attinge o romance social, porque na verdadeira e salutar interpretação da vida, no desenho dos quadros fieis ou verosimeis dos caracteres humanos e das paixões humanas, a imaginação pôde conservar essa liberdade nobre e inspirada que é garantia da belleza da forma, a observação pôde conservar a verdade indispensavel para a coherencia da obra d'arte, o artista pôde manter a sinceridade das suas emoções e dos seus sentimentos que asseguram a sua elevação e a sua honestidade.

A obra de Balzac, por exemplo, é eminentemente social pela grandeza dos seus quadros intensamente humanos, pela justeza das suas figuras, integras nos seus sentimentos, nos seus vicios, nas suas paixões, pela potencia de pensamento e de observação, pela força de realisação

como se eu fosse um estranho ou um inimigo. E porque vim eu? Talvez seja por ter medo de me julgar ridiculo que eu nem sequer a mim o confesso... Mas a verdade é que Lisboa aborrecia-me.

— Nota, com interesse, que até comosco representamos. E' estranho! E' extranho e é covarde. Porque afinal isto não é mais do que uma modalidade da covardia. E' a falta de desassombro, é o inveterado habite de representar com todos, é a hypocrisia que nos leva a calar uma opinião com medo que ella possa susceptibilisar, a occultar uma crença porque os mais se podem rir, a suffocar um sentimento para não desmanchar a linha d'impassibilidade que nos impuzemos.

E, assim amordaçados, manietados, toda a grande belleza da vida se perde, e, em vez de homens vivendo e sentindo livremente, na expansão consciente e serena da sua personalidade, transformamo-nos em manequins correctos, sem um impeto, sem uma sinceridade, sem qualquer coisa d'intenso e de bello, que justifique a nossa razão d'existir, sequer ao menos, como animaes.

emocional que a fez uma obra util, forte e verdadeira onde os artistas d'hoje ainda podem colher a efficacia de exemplos justos e as lições d'uma orientação adequada a seguir na sua arte.

Carlos Olavo

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Um manifesto do Dr. Eduardo d'Abreu

Recebemos um manifesto assignado pelo dr. Eduardo d'Abreu, em que analisa a situação politica do paiz e do partido republicano. O austero democrata, depois de demonstrar que com a actual lei eleitoral é impossivel ir ao parlamento alguém que não tenha « chumbada na face » ou « appensa ao ventre » a etiqueta do regimen, e de ter explicado as razões por que não tem consentido que o partido republicano ponha e defenda a sua candidatura, salienta o facto de os republicanos de Lisboa terem resolvido, em face da actual lei, abster-se da lucta eleitoral e reclamar uma reforma, baseada no suffragio universal, e consiguindo a autonomia politica das cidades e a proporcionalidade de representação, permitindo assim a intervenção de todos os agrupamentos partidarios na gerencia dos negocios publicos, e o facto de os dirigentes do partido republicano de Lisboa terem resolvido concorrer agora ao acto eleitoral. E pergunta: « Então a lei é boa ou é má? Permite ou não permite a representação do partido? Affirmando depois: « A incoherencia a que me refiro, poderia ser funestissima ao partido republicano português, se não tivesse a salvaguarda lo a perfeita lisura dos republicanos eleitos, quaesquer que elles sejam, lançando ao mais completo desprezo os favores do Ministro ». Concluindo: « O invariavel argumento sempre produzido, quando o apito regio chama ás eleições, é que o partido republicano deve sempre acudir á chamada, visto não estar preparado para a Revolução politica ».

Em poucas palavras, sem pruridos de critica, a nossa opinião de republicanos. Ninguem hoje de boa fé poderá dizer que o partido republicano não está preparado para a Revolução politica. Só a cobardia dos que tem que perder e dos que tem que responder perante a nação adduzirão o argumento. As maiores cidades portuguesas são republicanas e os nossos homens tem dado provas publicas da sua competencia scientifica e civica.

E não ha incoherencia, se se vir a questão dum modo global. Os dirigentes do partido republicano de Lisboa não dizem hoje que a lei é boa, antes dizem, como ontem, que ella é a negação do suffragio e o estrangulamento da vontade nacional. Mas um partido d'oposição e principalmente um partido revolucionario, não pode ter uma tactica invariavel. O partido republicano perflha ainda, e praticará quando for governo, os prin-

cipios exarados na reclamação da reforma eleitoral que fez distribuir pelo paiz e publicar nos seus jornaes. O partido republicano não pôde admittir sequer a legitimidade strictamente juridica da lei eleitoral vigente. Mas desde que as circunstancias permittam admittir a possibilidade de ir ao parlamento, pela unica força da massa republicana, um só deputado republicano que seja, o partido republicano não deve abster-se. Esse deputado irá levar ao regimen a contusão e a desordem, porque bastará a sua bocca abrir-se num protesto para que as quadrilhas de toda a especie se alarmem e estremeçam de pavor. E' exactamente assim. A voz dos deputados republicanos tem sempre soado no nosso parlamento como um trovão. Não fallamos já nos efeitos da propaganda nos campos e nas provincias, quasi inteiramente descurada até ha pouco tempo, e não fallamos já na necessidade de concorrer ao acto eleitoral como pratica de democracia e revista de forças. Lembrandonos só da indignação, da raiva que se apoderará de todas as consciencias limpas vendo praticar declaradamente um roubo, e sabendo nós, por experiencia propria até, que é essa indignação, essa revolta, que tem sustentado e feito progredir o partido republicano, que é bem um producto espontaneo da politica e do genio portugueses, não podemos senão applaudir a revolução d'agora do partido republicano.

Cumpre-nos agradecer ao illustre republicano a amabilidade de nos enviar o seu manifesto, congratulando-nos por que volte á vida politica activa com a mesma fé, a mesma inquebrantavel fé de sempre. A analyse que faz do estado actual do exercito e da marinha é absolutamente modelar de precisão e d'energia, e convencidos estamos de que, a forma de levantar a força amada contra o rei não é anima-la, occultando a sua desorganisação, ou melhor, a sua decomposição actual. E' pelo contrario mostrando as chagas, abrindo bem essas chagas, que convenceremos o soldado e o official da necessidade inadiavel de proclamar a Republica.

E' o que tem feito e é o que faz o sr. capitão Homem Christo.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Novo Dicionario Encyclopedico Ilustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C., Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

Pergunto de novo: porque estou eu aqui? E agora parece-me achar a resposta facil.

Estou aqui porque preciso viver ao pé d'ella, na mesma terra onde ella vive, porque preciso ve-la, de passagem que seja, um momento que seja, mas que, nesse instante eu possa seguir com a vista a oscillação rythmica do seu andar, a allivez graciosa do seu busto, e a desmaiada cor do seu perfil suave. Poder parar, á noite, em frente á sua casa e, no escuro, sem que ninguém me veja, fitar as janellas illuminadas e vér passar nos vidros uma sombra que pode ser a sua ouvir, por vezes, o som d'uma voz que pôde ser o seu.

Relendo o que insensivelmente fui levado a escrever, penso como isto tudo é velho! Mas como em todos os tempos isto foi assim! Philosophos e poetas, tantos e de tão diversos modos, tem escripto, tem pensado theorias e sonhado poemas, sobre esta grande coisa, feita de tão pequeninas coisas, que não se define, que não se raciocina e que tem permanecido a mesma, immutavelmente a mesma, através dos tempos decorridos. — A chuva redobrou d'intensidade. Bate

RAPSODIA

Casus horrendus

Numa correspondencia de Lamgo para o Seculo noticia se que o novo administrador, por occasião de tomar posse, recebeu uma poesia de felicitação d'um ignorado poeta que vive para os lados da Manguelja.

E' verdadeiramente a prostituição da Poesia. A Poesia, até aqui, tinha-se offerecido somente aos deuses, aos principes e aos que voltavam das batalhas triumphantes e gloriosos. Ella trazia sempre um manto d'estrellas e o thuribulo com que ia incensando céus, reis e heroes era d'ouro maciço. Era a grande dama que só uma vez concedia os seus favores. Aquelle que conseguia beber o ar que os seus cabellos agitavam podia morrer satisfeito, porque na sua cova ella faria chover incessantemente as rosas e as bênçãos. Mal asomava, toda a terra estremecia num deslumbramento. Offerecia, dava-se, mas com essa majestade que tem o sol, com essa mysteriosa sedução que tem o mar, com essa docura que tem a noite. Era grande, era forte, era doce. Grande como a eternidade, forte como um beijo d'uma bocca amante, doce como uma caricia de mãe.

Tinha caprichos doentios, é certo. Muitas vezes desnudou o seio ao desejo dos tyrannos e dos scelerados. Mas ainda nesses momentos ella era a soberana que se abandonava. O seu olhar era sempre resplendente como a chamma sagrada d'um altar. Quando abria os labios, era como se as petalas d'uma flor vibrassem um cantico. Se os seus sentidos roçavam uma parede, a parede transformava-se logo num palacio encantado. A sua sombra derramava-se como um luar em volta de nós.

Esse ignorado poeta da Manguelja, porém, veio revelar-nos uma coisa monstruosa. Não, ella já não é a apparição ideal que nos extasiava e illuminava. Ella vende-se num prostibulo infecto, numa aldeia perdida entre montes. Esse poeta dormiu com ella e roubou-lhe esse trapo que foi offerecer ao novo administrador. Com tal trapo procurará provavelmente captivar as boas graças do administrador e sollicitar-lhe que intervenha para ser nomeado amanuense da administração. Quem sabe mesmo se seria ella que lhe deu o trapo, dizendo-lhe: « Vae, filho, vê se o commoves. E' possivel que te despache e os meus labios depois saber-te-hão melhor. Não calculas como custa a uma bocca com fome dar um beijo. Se imaginasses o immenso esforço que preciso de fazer para unir os labios contra os teus, não hesitarias um instante. Vae, filho! »

Não é licito duvidar do facto. Ella vive na Manguelja e terá mandado já bilhetinhos e recados d'amor ao proprio abbade.

Certamente, a poesia acaba — e acaba estrictamente á fome. Que tende a desaparecer já os « sabios » tinham averiguado e verificado. Reconheceu-se mesmo que desempenhava já na actualidade um papel apagado e inferior. Os « sabios », todavia, explicavam o acontecimento lamentavel « scientificamente ». A poesia, diziam, acabava porque a prosa vae ganhando a sua sonoridade, a sua cadencia, o seu rythmo, e tem uma maior plasticidade, podendo portanto definir e traduzir melhor a vida. A poesia é a ficção. Ora nós caminhamos para a verdade. A verdade é a prosa.

Esta theorica tem o mesmo valor que as theorias sobre os phenomenos sismicos. A razão ultima, ou melhor, a razão unica é esta: ella prostituiu-se e morreu estrictamente de fome.

O' Carlos Amaro, suicida-te! Antonio Granjo.

d'enxurrada no empedrado, em frente da janella. Mas, não sei porque, parece que uma grande serenidade me entrou na alma. Como estará o dia amanhã? Ve-la-hei? Ha tantos meses... Tenho a certeza de que se ha-de impressionar quando me vir. Como ella me fez mal, como ella é diferente do que eu julgava, mas... como eu lhe quero, como eu lhe quero... Preciso dormir. A pouca distancia d'aqui ella dorme tambem.

Dorme! Que linda deve ser a dormir! Não suspeita sequer que eu estou aqui pensando nella e não parto. A certeza de que a tenho a poucos passos de mim, de que amanhã, ao abrir a janella do meu quarto, posso vê-la passar na rua, surprender a sua commoção ao avistarme, tudo isso me consola um pouco... Quando se soffre, uma qualquer coisa nos allivia. A candeia d'um casal que se avista num descampado, numa noite negra, brilha como um pharol. Estou consolado. Ve-la-hei amanhã? A chuva cessou, mas o maldito cão, agora, uiva sem descontinuar.

Pela copia João Triste.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyclette Aleyon

A *Motoeyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 3 minutos a outra. A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fargas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIÁ

Orgão do Centro Republicano Académico

Numero 8 — 1.º anno
Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 7 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Os nossos commentarios

Se fosse necessario mais um facto indigno que decisivamente deshonrasse a monarchia ou mais uma manifestação estrepitosa que revelasse a grande força do partido republicano, esse facto estava consumado e essa prova estava dada nas eleições ultimamente realizadas.

Para se evitar que os republicanos entrassem na camara, a levar aquella assembleia de cúmplices do Poder palavras honradas e destemidas de denuncia e de castigo que quebrassem a monotonia dos seus combates hypocritas e pozessem uma nota de rebeldia no seu rojar de passivos, todas as burlas de caciques experimentados se praticaram, todas as fraudes de bandidos emeritos se commetteram.

A monarchia demonstrou mais uma vez, perante o paiz absolutamente divorciado d'ella, por causas irreductiveis de moral e por motivos sinceros de doutrina, a sua incompatibilidade radical com os processos legalistas, e, por irremediavel degenerescencia tradicional, ser inadaptable ás conductas honradas.

Ella promulga leis, mandadas fazer de proposito pela sua representação submissa, que, para satisfação das conveniencias e dos interesses de quem manda, criva de defeitos, de vicios, de sophismas, de portas-falsas. E mesmo assim não as cumpre.

Temos ahi, por exemplo, a lei eleitoral vigente, feita de molde a facilitar as traficancias e os roubos, que alargou escandalosamente os circulos para escamagar a vontade dos eleitores conscientes que nas cidades se organisam, decididos a exprimir o seu protesto contra a situação actual da politica portugueza e a manifestar o estado do seu pensamento, a ancia do seu espirito, o sentir do seu coração, no concerto das paixões contrarias e no choque das crenças adversas.

Pois essa lei mystificante, que tem o seu principio genésico no odio, na vingança e na perseguição, que cerceia tanto direito legitimo, que illude tanta garantia sagrada, não é executada em toda a sua extensão e em todo o seu rigor.

Pelo contrario. E' infringida e violada, porque são mutilados os recenseamentos eleitoraes, falsificados os escrutínios, atropellada a liberdade do voto, praticados todos os actos, emfim, que viciam e mancham a pureza e a integridade do suffragio.

Mas este procedimento que revela a suprema baixeza dos processos politicos da monarchia no trabalho desesperado da sua manutenção, é ao mesmo tempo um bello e admiravel symptoma! E' que não ha leis, por mais absurdas e infames que sejam, que possam impedir o impulso irreprimivel das ideias conquistando as almas, abafar a força crescente dos revoltados e dos descontentes surgidos até da desillusão e da indiferença para a excitação da politica e para a decisão do combate. E' que não ha leis, por mais oppres-

sivas que sejam, que possam impedir um partido com a noção dos seus deveres e das suas responsabilidades, integrado nas necessidades e nas amarguras da patria, collocado na altura da evolução que significa, no momento presente, a unica situação doutrinaria e politica compativel com as reivindicações e as exigencias dos povos, de cumprir a salutar e indeclinavel missão civica de orientar todas as forças populares, opprimidas e anciosas, agrupando-as na attitude de hostilidade legitima, de luta indispensavel em face ás instituições a quem devemos as maiores vergonhas e as maiores affrontas.

Que nos sirva de compensação ás extorsões que soffremos, aos vexames que sobre nós exercem, á tyrannia sob a qual gememos, e até ás cutiladas que apanhamos, a esperança consoladora de que em breve veremos ruir todo este monstruoso edificio politico cuja base é feita das vilissimas mystificações d'uma constituição mentirosa, do amalgama vilipendioso de caracteres sem apurmo, do sarrafaçal de todas as consciencias apóstatas!

Mas para isso é necessario trabalhar sem descanso, porque assim o exige a inadiavel salvação do paiz, e trabalhar de harmonia com a logica que resulta do determinismo das circumstancias.

Estamos absolutamente fóra da lei, empurrados violentamente pelo regimen.

Concorremos á luta eleitoral e o chefe de todos os poderes mandou extorquir-nos a representação, não respeitando a nossa força. Entrincheiramo-nos nos reductos da nossa imprensa fazendo d'ahi o combate da nossa justiça e a propaganda dos nossos principios, á sombra do constitucional preceito protector da liberdade do pensamento, e as auctoridades, arbitrariamente, a sequestram á publicidade, essencial para a sua existencia e para a efficacia da sua missão. Sahimos á rua a cumprir um dever de natural fraternidade partidaria e de justa consideração pessoal e no momento em que fazemos os nossos cumprimentos e as nossas saudações, cae-nos em cima, de sabres a fulgirem numa furia barbara, batendo-nos e ferindo-nos, a horda de selvagens que o regimen assalariou e fardou para a pratica d'este canibalismo deslocado da civilização e affrontoso dos mais elementares direitos.

Em face d'estas circumstancias, temos de nos bater tambem fóra da lei, não indefezos e inermes em arranços de romantica coragem sem resultados, mas organisados, firmes, disciplinados, armados, como quem vae para uma batalha necessaria em que é absolutamente indispensavel que vençamos, porque na nossa victoria está a redempção da patria portugueza, a desforra da nossa liberdade sonhada por visionarios heroicos e compromettida por sicarios estupidos, e até a reparação de grandes e lindas tradições aviltadas!

CARLOS OLAVO,

DUAS PALAVRAS

O juiz: velho rijo, ainda gaiteiro, Foi no seu tempo em Coimbra um tremendo brejeiro Viam-no muita vez, em noites luarentas, Conversar com o petiz que levava as sebatas.

Tinha, como Tiberio, amor pelos peixinhos, E passava no escuro ao longo dos caminhos, Levando atraz de si — manias idiotas! — Sempre um engraxador... p'ra lhe engraxar as botas...

O menino: redondo, anafadinho e nedio, Arsinho de tenor — bom no registo medio — Dengoso, feminil, como um Napolit'no Dos que andam na cidade, errantes, todo o anno, Com os nervos a vibrar em fremitos intensos, Curvando-se a apanhar as bengalas e os lenços.

O juiz:

A Justiça, bem vê, é sempre incorruptivel!

O menino:

Eu sei que o senhor tem um coração sensível. E pedindo o papá...

O juiz (indignado):

Não me dobra ninguém!...

O menino (terno, approximando-se):

Ora! Não seja mau que eu peço-lhe tambem... E se o senhor... emfim... tal favor nos fizer...

(Cala-se um momento e conclue cõrando):

Eu faço-lhe depois tudo quanto quizer... Veja como eu sou bom!

O juiz (á parte):

Não é mau, na verdade!...

O menino:

Não se nega um favor á minha tenra idade! Tenra como ella é...

(Os olhinhos do juiz scintillam. Levantase, aproxima-se do menino, passando-lhe a mão, ao de leve, na face. Subito, pergunta-lhe:)

Não está calor aqui?

O menino:

Eu sinto algum tambem...

O juiz (indicando uma porta):

Vamos nós para alli que não está lá ninguém...

O menino:

E' mais fresco?

O juiz:

E' melhor!...

(Á parte):

Sinto a cabeça aos tombos...

(Amavel, ao menino, indicando a porta):

Vae ver o meu pombal...

(Mais baixo, carinhosamente):

O meu quarto dos pombos...

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A ideia republicana vae-se infiltrando instante a instante no espirito do povo portuguez.

Mostra-o o brilhante resultado da eleição de Lisboa, apesar de todas as traficancias commettidas pelos assalariados do criminoso governo ás ordens do sr. D. Carlos.

Foram enormes as chapeladas, innumeradas as infamias, incalculaveis as irregularidades de que essa caterva que nos governa e explora lançou mão para impedir a representação democratica no parlamento.

A votação da capital apesar d'isso foi uma revelação clara e evidente ao desgosto e da revolta que vae lavrando no seio do nosso bom povo contra todos os despotismos e vexames de que tem sido victima.

Quem permanece insensível e sem um vivo protesto perante o desenrolar tragico dos ultimos acontecimentos politicos tem a responsabilidade de quem nellas cooperou directamente.

Ser patriota é pugnar, é arriscar a vida, é interessar-se intimamente com a salvação da Patria.

A honra, o brio, a dignidade, emfim o seu resurgimento está na immediata proclamação de Republica.

Ao partido republicano, em face de tudo isto, somente compete fazer uma coisa: reunir todos os elementos dispersos, disciplina-los e orientar todo o seu esforço e toda a sua energia na salvação da Patria pela Revolução.

José Soares

A attitude desassombada e nobilissima que este jornalista assumiu ha dias tão brilhantemente na *Lucta* acerca do caso Avelino Monteiro, pobre diabo desprestigiado a quem só resta emigrar, leva-nos, não a felicitar este nosso amigo, porque de ha muito sabiamos a rija tempera do seu caracter sem tibezas nem complacencias, mas a afirmar-lhe a nossa inteira e completa adhesão ao seu procedimento.

E' assim, incontestavelmente assim, que se deve proceder com todos os safados e todos os covardes: — rasgando-lhes a mascara e exp'ndo-os ao desprezo e á irrisão de todos os homens dignos d'esse nome.

Não vae o tempo para branduras. Impoem-se urgentemente os revulsivos de cacete.

E' o gajo...

Toda a gente sabe que é **Elle** que não quer deputados rebublicanos no parlamento.

E' logico. Quer ter as suas demoradas digestões tranquillias.

Desnorreamento

E' um deploravel symptoma de desnorreamento aquelle de que os jornaes anarchistas dão constantemente prova.

Apparece agora *A Vida* a transbordar de satisfação com o resultado das ultimas eleições, que, na sua opinião de sectario impenitente e impertinente, foram reveladoras de que de anno para anno vae diminuindo em Portugal a votação, quer se trate de republicanos quer de monarchicos.

Francamente chega a ser incrível tão estranha maneira de ver...

No que diz respeito aos monarchicos, *A Vida* labora num erro de apreciação, porque devia saber perfeitamente que á essencia do acto eleitoral com que os nossos governos pretendem illudir os simples, não se póde chamar uma votação, que verdadeiramente é o producto consciente de vontades livres, mas sim uma ladroeira infame.

E relativamente aos republicanos, o engano de *A Vida* alem de lastimavel é sobretudo intoleravel. Pois todos sabem que, apezar das fraudes sem medida, na cidade de Lisboa o triumpho da votação republicana foi enorme; e relativamente ao movimento eleitoral dos annos anteriores a maioria republicana, d'esta vez, subiu a mais de 2.000 votos na capital.

A Vida não quiz systematicamente ver isto. A sua injustificada alegria só nos merece por isso um soberano desdem.

Visita

Noticiaram varios jornaes que os filhos da sr.ª D. Amelia d'Orleans foram visitar, ha dias, alguns juizes da Relação de Lisboa.

O publico curioso e desconfiado pergunta: para quê?

E' simples. Foram levar com a sua mocidade desabrochante o animo e a boa disposição á decrepitude togada de suas ex.ªs, no afadigoso trabalho da proxima verificação dos poderes.

O desembargador-bulo e os tribunales

Ao que parece os nossos tribunales superiores, tão desprestigiados pelas ignobéis falcatruas eleitoraes que ultimamente têm vindo a sancionar e pelas confirmações das bestialidades e infamias policiaes exercidas contra a imprensa republicana, decidem-se a enveredar por outro caminho.

As successivas apprehensões de jornaes ordenadas pelo Hintze e levadas a effeito pelo lacaio ás ordens do regimen que na Calçada da Estrella o solta ás canellas da gente de bem que por alli passa desprevenida, têm sido annulladas por alguns juizes honestos.

Mas Veiga ameaça com o despalante d'um heroe da Calabria que se sente protegido por um penhasco, passar por cima d'essas decisões e não consentir na publicação dos artigos incriminados, continuando na sua missão gloriosa de profissional do banditismo.

Se, dentro da logica dos homens e do regimen, as coisas assim se passarem, os jornalistas republicanos têm o dever de resistir ao roubo, por todos os processos — que nenhum codigo exclue quando se trate da legitima defeza num assalto de estrada.

Um jornal

Diante da perseguição, ha tempos movida á imprensa pelo ministerio progressista, protestámos a nossa solidariedade incondicional e completa aos jornaes republicanos que, coherentes com os principios que professam, mantem sempre uma linha de honesta intransigencia e de violento combate a todos os actos illegaes e oppressivos, quaesquer que sejam os jornaes visados por elles.

Conhecedores da moral da imprensa monarchica, dos seus processos de camaradagem que vão muitas vezes do desamparo d'um silencio canalha até á vileza d'uma denuncia compromettedora, fizemos restricções prudentes na saudação dirigida aos jornaes do regimen, ao tempo perseguidos tambem.

Temos agora a prova de quanto fomos justos no sentimento de duvida a proposito da sua sinceridade, na attitude presente das *Novidades*, que é, positivamente, a inversão da sua attitude anterior de opposição tão viva e tão intensa a um governo desacreditado e criminoso.

Porque o sr. Hintze representa a continuidade do crime, da oppressão, do attentado, de todos os processos vergonhosos que são o apanagio do poder em Portugal; o sr. Hintze roubou as eleições ao partido republicano e persegue a imprensa republicana revelando um odio e uma insistencia absolutamente novos, com a submissão, o applauso e a cumplicidade das *Novidades*.

Da resto este jornal não faz mais do que seguir tradições impereciveis que o marcaram profundamente no desprezo publico e que a impressão d'um arrependimento sympathico parecia attenuar e desvanecer.

Mas não. Demonstra agora que era a conveniencia hypocrita de opiniões que não tinha, de sentimentos que não possuia, de principios que não professava, d'uma lealdade que não cabia na sua alma de lacaio.

São palavras que certamente não atravessam a espessura do seu cynismo risonho e que não perturbam a tranquillidade de quem confia no estipendio promettido; mas, — que diabo! — é um desabafo que, ao menos, tem o merito de ser justo.

Congestão

Constou ha dias que o sr. Hintze tivera uma congestão.

Afinal era falso. Este anno tem corrido levado do demonio para a agricultura e, para tudo...

Ai! Ai!



Jornaes

Recebemos e agradecemos a visita de dois novos collegas na imprensa, *A Verdade*, de Evora e *O Povo de Alameda*. Apresentam-se como independentes. Aos collegas desejamos uma longa vida.

O Programma da Democracia

Publicamos hoje na nossa secção especial *O Programma da Democracia*, notavel synthese doutrinaria elaborada em janeiro de 1891, pelo eminente publicista e professor Dr. Theophilo Braga, uma das authenticas glorias do partido republicano portuguez.

A muitos dos nossos leitores, se o não conhecião, proporcionamos assim ensejo de apreciar um tão perfeito e dos melhores trabalhos no genero.

Minda bem

Dizem os jornaes que entre os policas marcados pelo povo de Lisboa, por occasião das brutalidades ha poucos dias alli praticadas, se encontra um gravemente ferido.

Ora valha-nos isso; já é uma consolação.

BRUTALIDADES

Trouxeram-nos os jornaes de Lisboa a noticia do repugnante attentado committido pelos lacaios do regimen, contra os desprevenidos cidadãos que na sexta-feira á noite aguardavam na estação do Rocio a chegada d'um dos deputados republicanos, o nosso illustre correligionario sr. dr. Bernardino Machado.

Precisava vingar-se *alguem* que não pode esquecer a extraordinaria manifestação republicana realisada a quando da visita de Loubet, nem a significação dos comicios republicanos realisados por todo o paiz, que outra coisa não têm mostrado senão o desejo ardente do povo portuguez de uma Republica redemptora, desejo que as recentes eleições mais vicriam accentuar.

E é esta a razão por que depois de nos roubarem pelo augmento sempre crescente de impostos injustos, depois de nos amordaçarem por meio de leis repressivas que nos impedem de reunir e de claramente manifestar o nosso pensamento, depois de promulgarem essa lei eleitoral que para ahí está, de proposito fabricada para impedir a nossa representação parlamentar, nos apprehendem illegalmente os nossos jornaes e para cumulo nos põem a vida á mercê de todos esses bandidos que ás ordens da monarchia commettem todos os crimes e todas as abjeções.

Revolta-nos sobremaneira o caso, tanto mais que nada houve da parte do povo que o justificasse, mas revolta-nos mais ainda o facto de não podermos discutir amplamente e claramente quem o ordenou, convencidos como estamos de que não é só o idiota que dá pelo nome de Hintze Ribeiro a unica pessoa a quem se devem attribuir todas as responsabilidades.

Um dia ha de vir, porém, em que todas estas coisas hão-de liquidar-se, mas até lá será bom que quando nos resolvermos a ir esperar algum dos que nos merecem as nossas saudações, nos preparemos para castigar essa cambada sem brio que procurar impedir-nos de realizar

O Programma da Democracia

O regimen politico das Cartas constitucionaes, fundado no amalgama irracional da soberania do direito divino com a soberania da nação, só podia nascer e sustentar-se pelo sophisma de uma transigencia temporaria entre o *Absolutismo* e a *Revolução*. Foi por esta transigencia que se pervertiu a obra gloriosa do fim do seculo XVIII, e que o seculo XIX se esgotou na instabilidade politica, sem ter ainda resolvido praticamente o problema social. Os povos fiaram-se nesta obra dos ideologos; porém, a pratica de mais de meio seculo descobriu que esse accordo fóra falsificado pelo absolutismo, que, encarregado de executar o pacto, acobertou a dictadura monarchica com o parlamentarismo e com os ministerios de resistencia.

Este regimen das Cartas outorgadas, que mal se admittira como transição,

aquillo que a dentro da lei poderamos fazer.

Em nome do Centro Republicano Academicomico, que representamos na imprensa, saudamos o povo republicano de Lisboa, protestando com elle contra a infamia committida e fazendo votos por que chegue breve a hora em que a *pioleira nacional* se resolva a perder a paciencia e a pôr termo a tudo isto.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

De Lisboa

5 de Maio

Escrevo-lhes debaixo d'uma impressão que, creio, jámais se apagará do meu espirito. Venho de assistir a uma violencia inaudita, monstruosa, tão inacreditavel que, agora mesmo, depois dos meus olhos terem visto e de minha alma ter, de apavorada, quasi negado fé ao seu testemunho, ainda não consigo a serenidade bastante para lhes transmitir e lhes narrar os factos.

Refiro-me ao que hontem se passou na recepção do dr. Bernardino Machado, em Lisboa.

De ha muito que eu sabia que em Portugal se vive positivamente sujeito ao arbitrio, ao despotismo, á violencia dos que são donos de nós todos.

De ha muito que eu sabia que, em materia de segurança individual, de respeito pela integridade dos nossos direitos e das nossas liberdades, isto era como a Turquia ou como a Russia.

Tinha esta impressão fria, racionada, que nascia do confronto entre o que em Portugal e nesses dois paizes existe. Lá como cá a liberdade é uma fabula, a lei uma mentira, o direito uma irrisão, que só vive, ficticiamente, na letra dos codigos.

Simplesmente, Treppoff é uma figura desmesurada e tragica de verdugo. Os nossos Treppoffs são banabois repellentes. Um mata abertamente, pratica crimes que nos fazem, ainda que só de longe os conheçamos, apavorar e tremer. Os nossos são covardes, são reles, e ainda quando praticam uma infamia, fazem rir, á força do grotesco de que a revestem. A hypocrisia constitucional torna-os ainda mais pifios do que são, amesquinha-os mais, redz-os ás proporções de literes mal intencionados.

Em vez de tyrannos são simplesmente malandrins.

De ha muito, como disse, eu tinha esta impressão. Sempre que, a cada nova infamia, passava em mim um sopro de revolta, cuspiã ao mesmo tempo para o lado. Era indignação, mas tambem era nojo.

Mas não sentira nunca, intensivamente, d'uma forma concreta, a evidencia da situação em que vivia, em que vivemos nós todos, portuguezes.

Eu era um escravo a todo o momento

empregou todos os meios capciosos ou violentos, para conservar-se como definitivo, taes como as intervenções armadas do estrangeiro, conseguindo embaraçar todos os progressos e debilitar a nação pela ruina economica, pela degradação dos caracteres individuaes, até ao ludibrio da sua autonomia. O absolutismo implicito na Carta outorgada, está desmascarado, e pelo abuso das dictaduras ministeriaes ás mais absurdas, é incompativel com a nação; a revolução tem constantemente disciplinado as suas aspirações em opiniões convictas, legitimas e scientificas, como as synthetisa hoje a democracia moderna. Tal é a razão de ser do Partido republicano em Portugal, e da sua solidariedade internacional com a democracia dos povos latinos.

Na expectativa de uma tremenda catastrophe nacional (perda das colonias, consignação dos rendimentos publicos a syndicatos estrangeiros, e consequentemente incorporação de Portugal como provincia da Hespanha), importa que a

que elles quizessem. Podiam prender-me, roubar-me, assassinar-me, mandar-me para Timor, fazer-me toda a casta de violencias.

Mas via, em torno a mim, outros na mesma situação, que, como eu egoistas, d'este egoismo inherente a todo o homem — deixavam correr, deixavam andar, á espera que a coisa nunca lhes tocasse pela porta, na criminosa inconsciencia de que, quando assim fosse, já não era tempo.

Hontem porem, meus amigos, depois de ter visto as escadas da estação do Rocio — vermelhas de sangue, uma multidão fugindo allucinadamente perseguida por um bando de facinoras inconscientes que tinham recebido ordem de acutilar em massa gente inerme sem querer saber se malavam ou não, de hontem para cá, confesso-lhes que tenho medo de viver em Portugal.

A minha vida, a vida dos que me são caros, correm perigo nesta terra. Hontem, espancaram mulheres, derrubaram-nas, passaram sobre corpos estendidos de creaturas que não se defendiam e nada tinham feito.

E eu vi um homem velho, encostado a uma parede, immovel, pallido, com uma expressão de assombro no olhar, receber uma cutellada na cabeça, cambaleiar e cair banhado em sangue.

Vi uma senhora com uma creancinha pela mão ser derrubada junto ao quiche da gare e sobre ella passar uma multidão, deixando-a calcada, com o vestido cheio de rasgões, inerte, estendida, miseravel, como uma rodilha, enquanto, ao lado, a creança chorava abrindo para aquillo tudo uns grandes olhos de pasmo e de medo. A dois passos de mim, a policia, atirou de roldão, por uma escada íngreme e de pedra, um homem que estava estendido no chão, com uma larga ferida na cabeça, d'onde o sangue escorria a jorros.

Vi mais — um policia dar um pontapé na cabeça d'um outro homem, tambem derrubado, e espadeira-lo depois até o deixar sem sentidos.

Os passageiros do comboio da Figueira, homens e mulheres, foram ferozmente espancados.

Quando já tudo estava acalmado e sobre toda aquella gente que se accumulava no Rocio, pesava um silencio oppressivo, angustiado, o silencio acabrimhante de quem acaba de assistir a qualquer coisa de inacreditavel, de inconcebível, de novo, á cutellada, á coronhada, a policia, a municipal, investem espadeiram, derrubam, ensanguentam, e mais gente cae, rola, serve de tapete aos que fogem.

Meus amigos, isto não é, sob palavra d'honra, aproveitar os factos para fazer politica. Isso chegaria a ser infame. Um absolutista, uma creatura qualquer que alli estivesse, ficaria na mesma situação em que eu fiquei.

Eu queria que todos vós, todos os portuguezes, livessem assistido ao que hontem se passou! E a certeza que em toda a gente decerto se formava era esta: em Portugal, quem tiver amor aos seus, quem quizer estar em segurança não pôde, em absoluto, viver mais tempo.

Muito tempo, a estação, o Rocio, ficaram cheios de rastos e pôças de sangue que todos nós olhavamos, pallidos, sem articular palavra.

Não ha duvida: hontem espadeiraram,

nação tenha um partido seu, que pugne pela sua dignidade e independencia, tirando da civilização moderna as bases de uma nova reorganisação politica. Esta convicção tem sido o estimulo para a formação espontanea do Partido republicano portuguez, que se desenvolve na razão directa do desalento publico e da propagação do moderno saber, trazido na fecunda corrente europeã. Para que esse partido use da força de que dispõe, é preciso que tenha a clara intelligencia da situação que a Nação portuguesa atravessa neste momento, e pela gravidade assustadora da crise consiga o accordo das vontades.

— A situação desenha-se no simples esboço critico dos acontecimentos politicos e dissolução dos partidos monarchicos.

— A unanimidade dos espiritos, essa conseguir-se-ha pela veracidade scientifica e oportunidade das doutrinas da Democracia, ainda no caso restricto da sua applicação á reorganisação d'esta pequena nacionalidade.

A liberdade, realisada pelas Civiliza-

feriram centenas de pessoas inoffensivas. Amanhã fusilarão, em massa, nas ruas, o povo portuguez, tal qual como na Russia. Não cuideis que exagero.

Resta-me só perguntar: o povo deixarse-ha matar sem se defender? Ou, como na Russia, saberá morrer, mas saberá lutar?

O sangue do povo já correu nas ruas... E agora?

Timido.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Dr. Bernardino Machado

O nosso presado collega — *A Vanguarda*, insere em um dos seus ultimos numeros um retrato deste illustre republicano fazendo-o acompanhar de palavras de inteira justiça para o homem a quem o nosso paiz tanto deve.

Fazemos nossas as palavras da *Vanguarda*, porque elles dizem tudo o que nós sentimos pela grandeza de caracter e de intelligencia do homem a quem são dirigidas.

E, neste momento em que Hintze pretende malquistar-lo com a opinião, é bom mostrar-lhe e aos que o mandam que nada conseguem desta maneira, senão que o feitiço se volte contra o feitiçeiro.

E oxalá que seja de vez, para podermos livremente saudar os nossos homens e a idéa que elles representam.

UMA CARTA

A Comissão de Beneficencia do 4.º anno medico pede-nos a publicação de seguinte declaração:

Senhores Reitores

Pedimos aos nossos illustres contemporaneos e companheiros de trabalho o favor de fazer publicar, com a possivel brevidade, no seu acreditado jornal, a seguinte declaração, que hontem tambem enviámos á redacção da *Resistencia*.

A Comissão de Beneficencia do 4.º anno medico de Coimbra (1905 1906), sob a Presidencia Honoraria e Auto Patronato de S. M. a Rainha D. Amelia, tendo confrontado as primeiras apreciações da *Resistencia* com o artigo publicado no numero de 3 do corrente desse mesmo jornal, reconhece que a *Resistencia* pretende levantar uma questão politica.

Como porém quaesquer assumptos de caracter politico estão absolutamente proscriptos do seu programma, vem muito presemptoriamente declarar que não responde a apreciações d'ordem politica, vcnham ellas de quem vierem.

Com os sinceros agradecimentos de todos os membros,

Coimbra, 5 de maio de 1906.

A Comissão.

PATRIA

ASSIGNATURA: Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio. Numero avulso: 10 reis.

ções historicas, consiste na independencia e coexistencia harmonica do *Individuo* e do *Estado*. Como synthese da Liberdade, o Estado realisa a *isonomia*, ou:

Egualdade perante a Lei (*Responsabilidade dos individuos*).

Egualdade na formação da Lei (*Suffragio universal*).

Egualdade na execução da Lei (*Delegação temporaria revogavel*).

Do pleno cumprimento d'estas funções garantidas pelo Estado, resulta a *Autonomia individual*, ou a *Liberdade* em todas as manifestações activas, especulativas e affectivas.

Todas as reformas devem ser simultaneas a estes dous factores sociais:

ORGANISAÇÃO DOS PODERES DO ESTADO

a) Do Poder Legislativo

1.º *Federação de Municipios* — Legislando em Assembleias provinciaes sobre todos os actos concernentes á Segurança, Economia e Instrução provincial, depen-

Na Praça do Campo Pequeno

Uma imponente manifestação republicana — O Hymno da Carta assobiado — Belirantes applausos a Affonso Costa — A praça lateira em pé aos gritos de Viva a Republica — Avante!

Chega-nos, á ultima hora, a noticia d'uma imponente manifestação republicana, realisada hontem na praça de touros do Campo Pequeno, por occasião da tourada.

Mais uma vez o povo de Lisboa affirmou o seu amor á causa da Republica e o seu desprezo pelas desprestigiadas instituições que desgraçadamente nos regem, e pelos seus representantes. Um bravo ao brioso povo da grande cidade, que tão nobre e tão conscientemente se afirma!

Vamos dar, numa breve reseaha, a noticia de como se passaram os factos.

Ao chegarem á tribuna real as senhoras D. Maria Pia e D. Amelia, as bandas comecam o Hymno da Carta. Toda a praça está, como impellida por uma mola, rompe numa atrozadora manifestação de desagrado. Os assobios, os morras, os brados de indignação attingem uma espantosa violencia. Em pé, attonitas, pallidas, ha num camarote duas senhoras que agradecem as poucas palmas com que, de outros camarotes da aristocracia, algumas pessoas affectas ao regimen procuram attenuar o que se passa. O aspecto da praça, nesse instante, é verdadeiramente indescriptivel. Ha um momento em que passa por toda aquella grande massa electrisada qualquer coisa de semelhante ao sopro tragico que leva á violencia das revoluções.

Nisto, surge na praça á figura insinuante d'esse querido caudillo da democracia, o dr. Affonso Costa. Ao lado d'elle está França Borges, o energico jornalista do *Mundo*. Não ha palavras que possam dizer o que nesse instante se passa.

De todos aquellos milhares de boccas, de todos aquellos peitos, vibrando unisonos no mesmo enthusiasmo, saem só estes gritos: Viva Affonso Costa! Viva a Republica! Viva a Patria! Lenços brancos agitam-se de todos os lados e o espectáculo commove intensamente todos os que a elle assistem. Veem-se lagrimas em muitos olhos. Affonso Costa agita o chapéu correspondendo, e o delirio attinge proporções inauditas, nunca vistas!

O cavalleiro Eduardo Macedo, tem a galanteria de offerecer uma sorte ao illustre democrata e novamente o mesmo enthusiasmo arrebata a multidão.

São estas as noticias que succintamente podemos dar aos nossos leitores. Oxalá isto seja o prenuncio d'alguã grande coisa que, de vez, redima e salve a nossa terra!

Até lá gritamos nós, com o povo de Lisboa: Viva a Republica!

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Benção de bandeira

Realisa-se amanhã a benção da nova bandeira do regimento de infantaria 23 aquartelado nesta cidade. A cerimonia effectua-se na Sé Nova.

Uma commissão de commerciantes publicou um convite dirigido ás senhoras moradoras nas ruas do percurso, pedindo-lhes a ornamentação das janellas.

A *Patria* far-se-ha representar nesta festa para quê foi muito gentilmente convidada.

dendo nas relações mutuas da homologação da Assembleia nacional.

2.º *Fabricao de Provincias* — Legislando em Assembleia nacional, e sancionando sob o ponto de vista do interesse geral as determinações das Assembleias provinciaes, e velando pela autonomia e integridade da Nação.

3.º *Constituinte decenal* — Destinada á revisão periodica da Constituição politica, e a reformar a Codificação geral.

b) Do Poder Executivo

O Poder ministerial divide-se em tres grandes ramos:

1.º *A Segurança publica*, comprehendendo:

Força armada de terra e mar. — Policia civil e fiscal. — Justiça e Penaldade. — Garantias individuaes. — Relações internacionaes.

2.º *A Educação publica*, comprehendendo: Instrução elemental, scientifica e technica. — Relações cultuaes. — Bellas Artes. — Salubridade. — Assistencia. — Recompensas civicas.

Pontos de vista

Ha dias toparam meus olhos com um retrato do escriptor Carlos Malheiro Dias (se a memoria me não falha, no noticioso Seculo) em que se apresenta de libré de moço fidalgo e com o ar imponente que Fialho d'Almeida descreveu nos retratos de caixeiros e rotulou com o distico — «o que dirá de mim a posteridade?»

Que de curiosas ideias surgiram no meu espirito! Por este pouco me pareceu quasi explicar a inuidade de toda a nossa litteratura perdendo-se em bugangas sem valor, mesquinha de interesse e falha do sangue quente de rebeldes, sempre apostados em lutar, fugindo das confrarias e do sacrificio de dominar os impetos do temperamento, só por alcançar um reconhecimento official na consideração das pessoas gradas e uma fardasinha com que se imporem aos pacatos paizanos d'estes reinos.

Está-me a parecer que estes homens com a constante ideia de agradarem ao preconceito, de se arregimentarem nas fileiras dos mesquinhos agalados, nada mais podem fazer que uma litteratura para moços de fidalgo, sufficiente como desenhativo a damas alitteradas, mas impropria a poder marcar o caminho para a frente á obra do pensamento humano.

Ainda ha poucos dias um poeta (Antonio Correia d'Oliveira) que ovações entusiastas recebem com as suas primeiras obras, desandou, comido por um meio frívolo, num fazedor de rimas impertinente que, a haver juizo em muita cabeça d'homem, teria os ossos num feixe: porque ha marioleiras que mesmo em verso, como certas verdades, não se dizem.

Estes fazem coisinhas bonitas para com decoro, dentro da ordem e dos bons principios, poderem vestir uma fardamenta que envergonha qualquer pessoa provida d'uma pequena quantidade de moicira pelo mesquinho papel de jarrão decorativo a que o relegam; aquelle engendra coisas mimosas, cheio de palavrinhas lepidas e adocicadas para que as senhoras, que serão suas protectoras, não sintam a força creadora que as atormentaria na placidez de espiritos rotineiros feitos de reacção e de immobilidade; aquell'outro trabalha ferocemente numa composição muito martellada, cheia de formas velhas, apurando todos os seus sentidos em bem seguir o modelo que deante dos olhos sempre collocou em horas de trabalho. E assim a alfobres riquissimos de Eças Queirozes contrafeitos, Camillos falhados, de moços fidalgos com romances de renome official e quasi consagrados pelas secretarias do Estado, e de janotinhas trovadores sempre nos rastos das damas, acariaciadores e louvambieiros.

Como a gente sente consolação ao olhar a atlética figura de Fialho de Almeida, luctador incansavel, sempre nervosamente combatendo, livre e sem peias, lançando as rajadas do pensamento onde o seu temperamento de combativo o levam, olhando só em realisar a sua obra dentro do seu genio masculino e forte.

Por isso tambem elle tem deixado uma obra viril cheia de verdades altivas e arrogantes e de impetos colericos, onde a cada passo a originalidade nos faz

parar. E' dos raros exemplos entre nós da altiva independencia em que devem viver os homens do pensamento, sobranceiros ao vulgacho e indomáveis ás louvambieiras de conventiculos, alheios a toda a consagração que não venha directamente do que a sua penna produziu: sem mestres, sem tutores.

Não sei por que volta do pensamento me está a lembrar um caso succedido com Albert Wolff, o grande chronista do Figaro. Foi no tempo em que Wolff era ainda um desconhecido e exercia o cargo de secretario do grande Alexandre Dumas. Uma vez, querendo uma carta de apresentação para Scribe, desse desejo levou o conhecimento a Dumas que seccamente respondeu — «Je ne connais pas M. Scribe». Grande foi o espanto de Wolff, mas não tão grande que não o deixasse livre para procurar Scribe. Fallando com este e procurando fazer valer o seu papel de secretario de Dumas foi ásperamente interrompido por Scribe «Mr. Alexandre Dumas: connais pas?»

Eram estas as cordeas relações que ligavam os dois grandes escriptores. Como aqui estamos longe do espirito do elogio mutuo que por ahí fóra impera.

Se eu fosse em idade de dar conselhos, diria a todos os que se aventuram á carreira de litteratos, tomassem por conselho, como salvaguarda a prováveis tentações de parasitarios, o pensamento de Barriére — «Si vous voulez réüssir, marchez sur les pieds des passants: Ils s'arretent pour vous regarder.» Senão é uma litteratura de medidas, de punhos de renda, ephemera como as rosas que produzir.

Thomas Vireloque.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que fór mais coaveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Theatro-Circo

Brevemente a companhia do theatro de D. Maria vem a esta cidade dar tres recitas com os Velhos de D. João da Camara, o Frei Luis de Sousa de Garrett e a Duvida de Augusto de Lacerda, o unico original portuguez que o publico de Lisboa aclamou marcando o seu auctor como uma das mais legitimas esperanças para o nosso theatro.

Vamos pois ter, pela primeira vez este anno, bom theatro e bons artistas dos quaes é justo destacar os nomes de Adeline Abranches, que a Academia de Coimbra ha pouco tempo ainda acclamou como o mais bello temperamento de artista que tem pisado os nossos palcos depois de Virginia e de Lucinda, Angela Pinto a talentosa actriz, Ferreira da Silva e Brazão, incontestavelmente os nossos primeiros actores.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Um relatorio

Tivemos occasião de ler ha poucos dias o relatorio do Vice-Presidente da Camara Municipal d'esta cidade, sr. dr. Silvio Pellico, do projecto de regulamento de organização d'uma Caixa de reformas e socorros para os operarios ao serviço dos estabelecimentos dependentes d'aquella corporação.

E' uma medida d'um grande alcance social, como os leitores veem, a qual é de justiça incluir-se entre outras iniciativas generosas que a municipalidade da presidencia do sr. dr. Marnoco e Sousa tem tomado.

Em Portugal a questão de previdencia e assistencia ás classes que soffrem, ás classes opprimidas por um trabalho constante e pouco remunerador, tem merecido uma attenção secundaria aos nossos legisladores.

E' o que pelo menos attestam as raras disposições legislativas que sobre este assumpto se têm promulgado até hoje.

Não extranhámos uma tão lamentavel incuria dos nossos governos, porque as monarchias com os seus processos de espessa centralisação e o seu revoltante regimen de privilegio, são na sua essencia absolutamente fechadas a todas as liberalidades, ás mais insignificantes iniciativas de justiça social.

Para prova de que, pelo contrario, as democracias são guiadas fundamentalmente por um alto pensamento de solidariedade e de justiça, basta simplesmente examinar o trabalho fecundo da ultima legislatura franceza.

No curto espaço de pouco mais de tres annos, foi votado um consideravel numero de leis tendentes a melhorar e beneficiar a situação das classes trabalhadoras, das classes invalidas e incapazes.

Deu-se ha poucos dias em Lisboa um facto, que devia inspirar a comiseración de todos. Um grande numero de trabalhadores queixou-se ao governo da situação penosa em que se encontravam pela falta de trabalho. O ministro das Obras Publicas, não deu providencias para solver tão difficil conjunctura.

Nas democracias a acção previdente do Estado é de molde a evitar todos os desastres que as oscillações do trabalho e o despotismo do Capital podem provocar.

Assim a França inscreve annualmente no seu orçamento uma verba destinada a acudir os operarios victimas da falta de trabalho.

Ora neste nosso paiz onde a iniciativa individual é abafada, onde as liberdades locais são uma chimera, onde a actividade do Estado se traduz em obras estereis a que não presidem nem a idéa de progresso, nem o sentimento da mais rudimentar justiça — é verdadeiramente louvavel a linha de conducta, o fino senso administrativo com que a municipalidade de Coimbra se afirma e se impõe, não obstante as restrictas attribuições com que uma forte centralisação governativa tem limitado a acção dos municipios que pelas leis em vigor estão reduzidos a meras corporações subalternas das secretarias dos ministerios.

O relatorio apresentado pelo sr. dr. Silvio Pellico, é um trabalho cuidadoso e conscienciosamente elaborado.

O plano da fundação da Caixa de reformas e socorros em questão assenta nalgumas bases bem ponderadas.

O fundo da Caixa será constituído com quotas fixas dos operarios, seja qual fór a idade, e por um subsidio da Camara, além de quaesquer quantias d'outras proveniências.

Os contribuintes da Caixa terão o maior numero possível de vantagens,

abolição dos monopolios quando não estejam subordinados á utilidade publica. — Abolição do corpo diplomatico, e conversão do consular em uma magistratura para as relações de direito internacional. — Autonomia e integridade da nação portugueza. — Extinção dos poderes hereditarios e privilegiados. — Substituição dos titulos nobiliarchicos feudaes por um sistema de recompensas civicas. — Organização militar exclusivamente defensiva. — Poder legislativo de eleição directa. — Poder executivo, de delegação temporaria do legislativo, e especializando a acção presidencial para as relações geraes do Estado. — Lei de incompatibilidades e effectividade da responsabilidade de ministerial. — Proibição da acumulação de funções publicas. — Taxação do povo pelo povo. — Responsabilidade de todos os funcionarios ou auctoridades. — Direito de resistencia aos actos offensivos das leis. — Abolição do recrutamento, e serviço militar obrigatorio. — Exercito reduzido a Escola e Quadro, e Milicia nacional segundo as divisões provinciales.

estendendo-se o beneficio até ás suas viúvas e filhos menores, caso estes não possam angariar meios de subsistencia pelo trabalho.

A concessão das pensões de reforma será regulada tomando-se por base a eda le dos operarios, a impossibilidade de trabalhar e o tempo de serviço.

São estabelecidas certas medidas transitorias para os actuaes operarios municipais. A administração da Caixa tem uma certa latitude de poderes para minorar as consequências desastrosas de que sejam accidentalmente victimas esses operarios e as suas familias.

Taes são em resumo os principios sobre os quaes se funda a instituição da Caixa de reformas e socorros aos operarios que a Camara Municipal de Coimbra vae fundar.

Echos revolucionarios

Russia

Nessa Russia fria onde o sol mal bate, polvilhada de neve, ruge a alma slava em vagalhões derruidores e palpita na mocidade das escolas numa ancia estrebuchante de revolta. Lá, ao som da dynamite, envolvidos em nuvens de polvora, os estudantes bateram-se heroicamente contra os cossacos. Os mestres insulfiam lhes coragem e energia; o povo segue-os arrebatado e louco e espera libertar-se d'um regimen d'opressão e de arbitrio.

Os pamphletarios derramam pela Russia jorros de luz, incendiando a alma popular que se consome em desejos de vingança contra a autocracia barbara d'um czar cynico. Mostram já perto o despontar d'uma aurora de Justiça e Liberdade.

As mtes vão dizendo aos filhos os crimes dos tyrannos. De novo tudo se prepara. O caminho foi aberto por esses generosos revolucionarios, alguns dos quaes sacrificaram a propria vida na lucta sustentada contra os despotas.

A pressão porem continua a exercer-se sobre elles. Mas quê? Podem transporta-los algemados a soffrer eternamente sob os ceus frios da Siberia, podem amarrar-os nos carcereos lugubres, podem fustigar-lhe o corpo com o Knout implacavel, mas o que não conseguem é fazer calar o clarim ameaçador, troando estrophes espumantes de vingança que a alma desses revolucionarios, num timbre sonoro e forte, espalhou pela terra slava.

O sentimento de Liberdade que os abraza não se abafa nos horizontes pallidos das steppes, nem o pecha o ar abafado dos presidios; não o trespassam baionetas nem se sepulta na valla dos mortos. Atravessa o coração dos opprimidos e incendeia-se em ondas de rebellião.

Pode esse tyranno mandar fusilar todos os subditos, massacrar a Russia inteira. Surgirão os espectros terriveis e ameaçadores e elle baqueará do seu throno de mentira.

Saudades, lagrimas, ninguém terá por elle, ha-de ouvir o rumor d'um povo em colera que o amaldiçoa e injuria e para a historia passarão como realmente é: cynico, vil e cobarde. Figura grotesca, elle andou, é verdade, a principio do seu reinado, envolvido por uma aureola de sympathia.

— Quería a paz — dizia-se. Hypocrita! A mascara caiu e agora que a luz lhe bate em cheio, mostrando o rancor e o odio que o mina, podemos escarpellalo.

3.º Liberdades civis, ou objecto da acção individual. (França, seculo xviii). Extinção das ultimas formas senhoriaes da propriedade, no sentido de a tornar perfeita, como fôros, laudemios, luctuosos, por uma lei sobre remissão forçada. — Arroteamento obrigatorio dos terrenos incultos ou a sua expropriação por utilidade publica. — Reforma do regimen hypothecario como forma de credito geral territorial. — Estabelecimento do regimen de aprendizagem e regulamentação do trabalho de menores. — Desenvolvimento das associações cooperativas de consumo, produção, edificação e credito, pelo adiantamento pelo Estado de um fundo inicial. — O Estado não concorre com as industrias particulares, e as suas officinas, quando não adjudicaveis a empras particulares, serão escholas de artes e officios. — Substituição do sistema penitenciario por colonias penaes agricolas. Tribunaes especiaes de medicina legal. Abolição das loterias e de quaesquer jogos de azar, embora com fim caritativo. — Abolição completa de todas

Quando a revolução rebentou elle fugiu porque sabia que era criminoso e traidor ao povo.

Do seu retiro, num delirio de sangue, expedia ordens de exterminio: matassem, matassem sempre. E os cossacos criminosos e barbaros como o seu czar feriam, atravessavam peitos tenros de creança, tombavam velhos indefezos. E quando ao outro dia da carnificina lhe mostravam o rol dos assassinados elle ria n'um risinho cynico e alvar.

A revolução foi suffocada e voltou a S. Petersburgo cuja população mandára chacinar.

— O seu coração bondoso perdoaria á tripulação dos navios revoltados. Fusilaram-na! Mentiu.

Mentiu porque lh'o exigia a coherencia com os principios que defende.

— Elle havia de satisfazer as necessidades do povo russo, atenderia todas as reclamações. Covardet foram ler-lhe uma mensagem em que lhe pediam medidas de interesse geral e encerrou-os n'um carcere.

Tudo devastou. Ao menos tem a gloria de imperar, embora se veja salpicado de sangue.

S. Petersburgo não é já sombra do que foi. As ruas, afirma um jornalista parisiense, são desertas. Uma expressão lancinante de dor esvoaça pelo rosto dos habitantes. Os sans culottes estendem as mãos tremulas e geladas á caridade dos transeuntes.

De vez em quando passam levas de prisioneiros trazidos das aldeias pelos soldados.

O czar continua a sua obra de destruição. Julga assim, fazendo victimas, segurar o throno que desaba.

Como se engana!

Não tardará que lá na Russia se faça ouvir o grito de revolta e agora decerto victorioso e invencivel. Representando o protesto vibrante contra todas as oligarchias, repercutir-se ha pela Europa inteira, n'um fremito de entusiasmo e ardor pela causa revolucionaria.

Bemvido seja.

Abilio Napoles.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

por

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 30 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

3.º Economia publica, comprehende: Agricultura. — Industria, Commercio e Navegação. — Concessões de obras. — Correios e Telegraphos. — Arrecadações de impostos. — Estatistica e Contabilidade geral.

c) Do Poder Judicial

1.º Juizo de — Conciliação, Preparação, Arbitragem e Revisão.

2.º Juizo Civil — Singular, Collectivo e Especial.

3.º Juizo Criminal, Policial e Administrativo.

FIXAÇÃO DAS GARANTIAS INDIVIDUAES

1.º Liberdades essenciaes. — Instrumento das garantias politicas e actos civis: (Allemanha, seculo XVI).

Liberdade de consciencia, e igualdade civil e politica para todos os cultos. — Abolição do juramento nos actos civis e politicos. — Registo civil obrigatorio para os nascimentos, casamentos e obitos. — Liberdade de imprensa, de discussão e de ensino. — Ensino elementar obriga-

torio, secular e gratuito. — Secularisação dos cemiterios e criação de um Pantheon nacional para as honras civicas. — O professorado dividido em docente e examinante. — Educação progressiva da mulher, exercendo a capacidade politica em correlação com as obrigações civis a que estiver sujeita. — Abolição dos grãos e da frequencia obrigatoria nas disciplinas theoricas e superiores. — Harmonisar e simplificar os Codigos civil, criminal, administrativo, commercial e de processo com o espirito philosophico e resultados scientificos modernos.

2.º Liberdades politicas, ou de garantias: (Inglaterra, seculo xvii).

Suffragio universal. — Representação das minorias. — Autonomia municipal; descentralisação e administração civil das provincias ultramarinas. — Livre transitio, inviolabilidade de domicilio e abolição da prisão preventiva, excepto para o assassinio. — Liberdade de associação, de reunião e de representação (excepto para a força armada sob forma collectiva). — Liberdade de trabalho e de industria, e

as contribuições de serviços pessoais ou dias de trabalho; — das graças ou perdão de penalidade, mas salvo o direito de reparação ao innocente. — Revisão das penas, no intuito de facilitar a aquisição de materias primas, e protecção ao trabalho nacional. Abolição de todos os direitos de consumo cobrados pelo Estado. — Diminuição gradual do imposto de consumo nos generos de primeira necessidade. — Regulamentação do inquilinato. — Tribunaes arbitraes de classe, para os conflictos entre operarios e patrões; ampliação da competencia dos arbitros. — Reconhecimento e auxilio ás camaras syndicaes, Bolsas de trabalho e todos os meios de incorporação do proletariado na sociedade moderna. — Reconhecimento da divida publica, com o resgate da externa, e regularizando a interna como meio de capitalisação dos pequenos possuidores.

Theophilo Braga.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utensilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motoeyette Aleyon

A *Motoeyette Aleyon* de 2 cavallos e 3¼ monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia. Agentes exclusivos em Portugal, Empresa Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empresa Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contém, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Anno I

Ella, a Igreja,
rá como p...

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 9 - 1.º anno

Numero avulso, 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 14 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Froiría
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

AS LIBERDADES EM PORTUGAL

A conferencia do sr. Conselheiro José Dias Ferreira

Como fôra anunciado realisou-se na sexta-feira ultima, perante um numerosissimo auditorio no salão do Coimbra-Club, a conferencia promovida pelo Centro Republicano Academico.

Foi uma noite de verdadeira festa aquella em que mais uma vez se demonstrou que é pela Republica que aneia todo o coração de português, e que nada ha já que impeça este avançar constante para a Revolução redemptora.

Não se pode descrever o entusiasmo, o calor com que foi recebido o sr. Dr. Bernardino Machado pelos muitos centenaes de pessoas que completamente enchiam a vastissima sala.

A assembleia, de pé, saudava o prestigioso republicano, com vivas ao nosso partido, ao deputado do povo, á academia republicana, etc., etc.

A manifestação prolongou-se durante alguns minutos apesar dos pedidos do sr. Dr. Bernardino Machado para que se calassem.

Pouco depois entrava na sala o sr. Conselheiro Dias Ferreira a quem foi feita uma grande ovação.

O nosso camarada Carlos Amaro, como presidente do Centro Republicano Academico, abriu a sessão, dizendo que fallava sem prefeções de encarecer as qualidades de talento e de trabalho que distinguem o sr. Conselheiro José Dias Ferreira, que todos conheciam que a presença de s. ex.º allí, era a prova de que os republicanos portugueses não eram incompatíveis senão com os que opprimem a liberdade, com os que, pelos seus crimes, fizeram d'esta patria de heroes um tapete a que os estrangeiros limpariam as botas, se os não impedisse d'isso o povo português revoltando-se contra os que criminosamente o roubam para depois o qualificarem despresivamente de *piolheira*.

Não; o partido republicano não tinha outras incompatibilidades a não ser com os que, passeando e comendo á custa do povo, o mandam assaltar depois por verdadeiras quadrilhas de malfeteiros quando elle inoffensivo se dispõe a saudar aquelles que, zelando os interesses populares, cahem no desagrado do regimen.

Por seu lado o sr. Conselheiro José Dias Ferreira, accedendo ao convite dos estudantes republicanos, mostrava que tambem elle não era incompatível com o partido republicano, o unico que hoje pode transformar o nosso paiz numa patria livre e honesta.

Termina agradecendo ao illustre conferente e convida para presidir á assembleia o sr. Dr. Bernardino Machado, o cioso defensor dos direitos e liberdades de todos nós,

forte de coração e de intelligencia.

O sr. Dr. Bernardino Machado, que é acolhido com uma calorosa manifestação ao occupar a presidencia, propoz para secretarios os srs. Justino Cruz e Alberto Feio que foram recebidos com uma salva de palmas.

Disse então o sr. Dr. José Dias Ferreira:

Meus senhores! — Folgo em estar aqui. Convidado pelo Centro Republicano Academico para fazer uma conferencia, escolhi o thema das *leis d' excepção*, e vim com alegria, porque sou, e fui sempre, academico e universitario.

E digo bem alto, porque é a verdade e nunca me pejei de a dizer, nem fugi a fazê-lo, quando se me offerece occasião, que o que sou, o que valho, o successo, a consideração que tenho tido na minha longa vida, tudo tenho devido a Coimbra.

E' por isso com muito reconhecimento que agradeço aos academicos o terem-se lembrado de mim.

Direi mais, que nada me vae mais direito ao coração do que a consideração e a deferencia com que sempre me têm honrado aqui.

Vou fallar-lhes da liberdade de imprensa, ou antes das liberdades nacionais; porque não ha só, numa nação, a liberdade de imprensa, nem só ella soffre, quando a atacam.

E, quando uma d'ellas padece, pode afirmar-se que soffrem tambem todas as liberdades d'um paiz.

Vou por isso fallar-lhes das liberdades que nos dão...

Dão, não!

A liberdade não é coisa que se dê nem se tire.

A liberdade é um direito, que todos têm de reconhecer e acatar: nasce com o homem e é irmã germana da justiça.

A liberdade é um direito, e por ella deve o homem fazer todos os sacrificios, expôr até o peito ás balas. (Applausos).

Em Portugal todas as liberdades soffrem, mas so se falla da de imprensa; porque é esta que solta queixumes mais altos.

Não me posso por isso prender a uma liberdade só, tenho de tratar dos ataques a todas as liberdades individuaes ou collectivas.

A da imprensa é a mais ferida, porque é a que mais ataca, porque, permitta-se-me o termo, tem mais má lingua. Diz tudo! E em Portugal, consente-se tudo, menos que se diga alto o que pode incomodar.

Não importa que as coisas andem na consciencia nacional, que cada um pense o que quizer, o que se não consente é que essas coisas venham á superficie. Incomodam...

Tratarei de todas as liberdades, e permittam-me que leia um trecho do primeiro revolucionario da nossa epopeia liberal.

Os homens de hoje são um pouco falhos de auctoridade, tem a gente de socorrer-se d'aquelles cuja auctoridade e sinceridade estão fóra de toda a suspeita.

E a sua palavra não é argumento sem actualidade.

Não! Porque nós estamos hoje em pleno absolutismo.

E' sempre assim que se diz quando é um so a governar!...

(Applausos prolongados).

A liberdade **official** pode ser outra;

mas com muita magua minha lhes digo, e vou demonstrar que **não temos hoje mais liberdades do que no regimen absoluto.**

Temos até menos!

E' duro; mas é verdade...

Referi-me ha pouco ao primeiro revolucionario da epopeia liberal; queria falar de Mousinho da Silveira, porque o foi!

Pode-se ser tão revolucionario pelo pensamento, nas obras de pacificação e administração, no gabinete, no parlamento, como na rua com as armas na mão. (Applausos).

Dizia elle em 1832, quando apresentava os seus admiraveis trabalhos sobre administração, fazenda e justiça: Senhor, o principio da oppressão para governar não acabou com Philippe II...

Logo lhes direi o resto, deixem-me agora fazer-lhes algumas observações.

Só ha dois meios de governar—pela oppressão e pela opinião.

O da opinião impõe-se, não precisa de guardas pretorianas.

O outro, o de oppressão, não pode exercer-se sem a força.

A oppressão não acabára em Portugal com os Philippes, com os que tinham saído escorraçados pelo povo para dar logar aos que estavam então.

E, hoje, estamos na mesma, ou antes estamos peor.

Como é triste ter de dizê-lo depois de mais de dois seculos de luctas e sacrificios pela liberdade!

Como se governa pela opinião?

Senhores! Estou fallando a um auditorio intelligente, para quem são familiares estes assumptos, recommendo-lhes porrem que tomem bem nota do que vou dizer-lhes.

Pela opinião governa-se bem nos Estados Unidos da America.

Ha outros paizes igualmente liberaes, a Suissa, a Inglaterra... bem sei, mas em nenhuma constituição ha expresso na lei o principio que existe na dos Estados Unidos.

Tudo nos Estados Unidos o povo delegou nos corpos legislativos, tudo deixou ao seu bom senso, ao seu amor da patria, só tres pontos reservou o povo republicano, sobre que só elle pode deliberar e decidir:—o direito de fallar e de escrever,—o direito de fazer comicios publicos,—as questões religiosas.

Isto é que se chama amor á liberdade, isto é que são princip'os capitaeis para um povo livre.

Estamos sempre e em tudo longe dos Estados Unidos, mas neste ponto estamos então muito abaixo.

A lei, diz-se muita vez, é constantemente violada em Portugal.

E' falso! A lei não é violada; porque em Portugal ha leis que garantem todas as oppressões!

Eu preferia a opinião dos de 20, desses homens que fizeram um governo republicano, presidido por um funcionario hereditario.

Esses, a nomeação dos magistrados, bispos, ministros, o direito de dissolver ou reunir as côrtes, o veto, tudo negaram ao soberano.

Não quizeram dar um golpe mais fundo.

Mau foi! Mas temo a necessidade de respeitar o facto, porque ignoramos as condições em que fizeram a sua lei tão liberal.

A primeira lei de imprensa é não haver nenhuma lei.

Esse o principio capital para um povo livre.

No codigo civil, em que trabalharam os homens mais distinctos, os maiores juriscultos, como o visconde de Seabra, Coelho da Rocha e outros, em assumptos economicos ou de liberdade nunca se seguiu senão os votos de Herculano e de Marreca.

E esses eram de uma craveira bem mais alta que os de hoje!...

Depois de tantos annos de um systema de larga liberdade, é doloroso verificar que além de leis liberticidas, temos umas certas normas, absolutamente acatadas, que **não são de libertar a imprensa, mas sim foram feitas para a algemar.**

Costa Cabral fez a chamada lei das rollas. Chamaram-lhe o rolheiro, passou como o maior inimigo das liberdades não só dos jornalistas como de toda a nação.

Pois Costa Cabral deixou na lei das rollas principios liberaes que hoje estão rasgados.

Costa Cabral não permittia a apprehensão, prohibia só o pregão dos jornaes.

Na sua lei não se encontra sombra de apprehensão.

O que elle poupou destruíram-o os outros!

Foram além de Costa Cabral na oppressão á imprensa os modernos legisladores!...

Costa Cabral não se atreveu a tocar no jury. Sem jury não ha liberdade.

Estabeleceu o jury da sentença e o da pronuncia. Não só decidia o jury se havia crime, mas escolhia a pena.

Tudo isso acabou.

Mas o que ha de peor, é que com a lei na mão acabou completamente a possibilidade de pensar e de discutir.

Com a lei na mão ninguém pôde fallar livremente a não ser da liberdade da alma, da existencia de Deus, do fluxo e refluxo das aguas.

(Risos)

E ainda assim! Discutir a existencia de Deus pôde para elles ser uma offensa á religião; o fluxo e refluxo das aguas, pratica de bruxaria!

(Risos prolongados, Applausos)

Foi em 1890 que um espedro véu cobriu a liberdade de imprensa.

E, é curioso assignala-lo, foi então que com mais carinho se organizou a municipal e a policia.

(Risos)

Em Portugal é sempre assim: **quando a policia e a municipal sobem, descem as liberdades publicas.**

(Applausos, gritos, que interrompem por alguns momentos o orador).

O mal peor da lei em Portugal provém de ser o ministerio publico quem promove os processos.

Se os ministros, para se defenderem, tivessem de pagar sellos e custas, não haveria tanto processo de imprensa!

Mas não! Em Portugal, quem paga tudo são os jornalistas!

E custas e sellos são de arrasar!... Rodrigo da Fonseca Magalhães teve de intentar um processo para se defender.

Gaston 800000 reis!

Pois não fez segundo...

Se o ministro tivesse de pagar sellos e custas, havia de ser mais moderado.

Mas não! Quem paga tudo é o jornalista.

(Applausos demorados).

Pode haver nada mais duro do que não admittir a ninguém o direito de se queixar?!...

Em Portugal então era um bem: o

português, se o deixarem desabafar, vae-se-lhe metade da colera!...

(Risos).

Este foi o golpe mais certo contra a liberdade de imprensa.

Joaquim Antonio d'Aguiar era um conservador, e a sua opinião tem no ponto força especial.

Era desta terra o *mata-frades*.

Mal diria elle quando se não tirava da Imprensa Nacional com medo de que lhe subtrahissem ou inutilisassem o decreto de expulsão das ordens religiosas, que 70 annos depois havia de ser rasgada a sua obra.

Deram-lhe outro nome! Legalisaram tudo.

E' como com o orçamento. Apparece, começa a dizer-se: o *deficit* augmentou, ha despesas excessivas.

Vem o ministro e diz: sacrificios necessarios, tudo vae progredir, o reinado de Astreia vae chegar...

E tudo se cala.

Ha bordões para tudo em Portugal. No meu tempo, havia coisas que ditas tinham o applauso garantido.

Quem quizesse um final bom, e o final dos discursos é a preocupação de muitos oradores, bastava fallar na resurreição da Polonia e na unificação italiana.

(Risos).

Hoje a unidade de Italia está feita e ninguém pensa na resurreição da Polonia.

Mas não faltam os bordões!

Hoje quando se gasta desordenadamente, quando se quer fazer passar despesa excessiva, diz-se que é para a **Assistencia aos tuberculosos**, ou para os sanatorios das victimas da Africa.

(Applausos calorosos).

Quando ha desfalque, pede-se a syndicanca. O ministro concede-a. E tudo fica na mesma.

Outro bordão...

Mas o que fica sempre é o attentado contra as liberdades.

Melhor era no tempo de D. Miguel. Ao menos a censura previa poupava despesa e trabalho de compôr, rever e imprimir...

A' sombra da legislação de D. Miguel se publicou o *Direito Civil* de Paschoal José de Mello com theorias e opiniões que não podiam ser do agrado nem do poder absoluto, nem da inquisição.

E porque se publicou?

Porque Paschoal José de Mello era socio da Academia Real das Sciencias, e esta podia imprimir sem que as suas obras fossem á censura previa.

Não sei se esta liberdade dura ainda.

Ha tanta susceptibilidade agora... E ha tanta lei!...

A imprensa está ferida de morte, e o que mais repugna é que tem a pretensão de ser liberaes os homens que a opprimem.

Costa Cabral era oppressor, mas dizia-o.

O caso do *um a um!*

Conhecem-no?

Eu lh'o explico.

Costa Cabral venceu em todos os districtos menos em Evora, onde votavam Portalegre, Evora e Beja.

Pois foram votar entre filas de caceiteiros e de soldados.

Então havia ao menos politicos, a guerra era accessa e rija.

Havia oradores como José Estevão...

Nunca ouvi nem dentro nem fóra do paiz orador assim.

Alguns d'...
C...
P...
B...

Quando se fazia-se na camara um s. absoluto para o ouvir.

E todavia, por inveja, ouvi chamar-lhe muita vez o *Trovão d' Aveiro*.

Foi sempre assim em Portugal. As discussões eram então violentissimas sobretudo as da camara dos pares até que o conde de Thomar os mandou supprimir do *Diário do Governo*.

Quando, na camara dos pares, onte estavam todos os homens que mais tinham combatido por plantar a arvore da liberdade em Portugal, se attribuiu o facto á imprensa, elle veio dizer que não, que tinha suprimido as discussões porque ellas levantavam o paiz contra elle, e não tinha outra arma para se defender. Ao menos isto era fallar claro...

Hoje fazem-se todas as violações da lei...

Violações da lei... Como eu me deixei levar pelo uso commum.

Em Portugal não ha violações da lei; porque ha leis para tudo!

Se D. Miguel entrasse, e viesse substituir os que estão, podia governar á vontade que lhe não faltaria nunca lei em que se apoiasse.

Se isto até este peor do que em pleno absolutismo!

Com a lei dos perdigões... Nós em Lisboa chamamos perdigões aos anarchistas, cá não sei como lhes chamam...

Com a lei dos anarchistas e o codigo penal estava D. Miguel governado!

As leis do sello, os salarios dos funcionarios da justiça, as custas, tudo tem augmentado e não ha processo de imprensa que não leve a um jornalista 80000 ou 100000 réis.

As leis fizeram-se por forma a garantir a oppressão da imprensa!

Diz a lei que fica revogada toda a legislação, excepto a posterior á de 7 de agosto de 1890.

Mas depois desta data não ha lei? Ha, a dos anarchistas e o codigo penal.

E com isso está o governo armado. Pode vir o sr. D. Miguel, se quizer!

O que é a legislação contra os anarchistas? Uma imitação da lei franceza?

Não!

Na lei portugueza castigam-se as **ideias anarchistas**, não se especifica claramente o crime, como na lei franceza como pedem os principios mais simples do direito criminal.

Em França ha o jury, em Portugal não.

E o jury onde o risco de confundir o crime com a loucura é tão grande, é essencial.

Que valor real pode ter para determinar a prisão o depoimento boçal de um policia?

E quantas vezes sabe tanto de anarchia o policia que prende, como o juiz que condena!

(*Applausos*).

O policia prende e o réu não torna a sair da cadeia, o que nunca se fez, senão em crimes de alta traição.

Se o réu é absolvido na 1.ª instancia, appella-se para a 2.ª, e desta para o Supremo Tribunal.

E depois pode a policia recommear.

Isto é a desorganização dos serviços policiaes e das instancias.

E' uma crueldade, um horror!

O policia a sobrepôr-se ao poder judicial!

Isto faz-se em Marrocos, faz-se na Russia onde não ha lei...

Que já um russo dizia que no seu paiz havia mais liberdade de discutir e de pensar do que em Portugal.

Um russo podia pensar tudo que o quizesse, podia fazer tudo o que quizesse... com a condição de não pensar senão o que quizesse o czar.

Isto ao menos é legal.

Em Portugal não se sabe o que se ha de dizer ou fazer.

Uma imprensa é perseguida, outra não; uma pode fallar á vontade, outra não!

Se até palmas e vivas se não podem dar a toda a gente!

(*Ovação prolongada. Applausos, vivas ao Dr. Bernardino Machado, á liberdade, ao partido republicano. O orador é interrompido por alguns minutos*).

Antigamente para se fazer alguma coisa era necessario ser **persona grata** em palacio, agora ha tantas a quem agrada...

A lei franceza não tem sombra de semelhança com a portugueza.

E para que se fez a lei contra os anarchistas?

Não tenho duvida em o dizer. Tenho assento numa assembleia politica, onde estou prompto a dar razão do meu dito, a quem m'a pedir.

E já estou habituado.

Não tenho duvida em dizer-lo: **a lei contra os anarchistas fez-se; porque era necessario encon-**

trar um meio de poder metter na cadeia, sem crime, sem prova e sem sentença todos os republicanos de Lisboa!

(*Ovação entusiastica, a assembleia levanta-se e interrompe freneticamente o orador. Ouvem-se vivas entusiasticos á liberdade e ao partido republicano*).

Vamos ao codigo administrativo. Esse é radical.

Quando se refere ao governador civil, diz, pertence tal e tal... e suspender qualquer publicação.

O proprio governador civil pode, só elle, supprimir.

Perguntam-lhe porquê? Ora! Porque foi aggravado!

E basta!

Era uma providencia da lei. Fez se!

E é esta a doutrina de todo o mundo official.

Já não desagrada. E' a doutrina de tudo o que é brilhante e flamante no nosso paiz.

Estava isto na lei. Vem outro governo, faz outro codigo.

Segundo o costume portuguez, cortou tudo o que poudo no anterior para o não accusarem de plagiario, mas esta providencia, (providencia!) da lei antiga escapou; lá está sem alteração de uma palavra ou de uma virgula.

E' providencia dos dois partidos, é providencia da politica portugueza.

Do que se trata é de atirar á imprensa, porque incommoda ouvi-la.

Porque não faz ella como queria o russo.

A Russia ou Portugal...

Temos tres leis contra a liberdade de imprensa, e só uma bastava para a abafar.

Mas temos mais. E a mim é esta vergonha que mais me dóe.

São as leis da policia, que abrangem tudo, até os membros do corpo legislativo.

E não faltou tambem o bordão para justificar o acto: seria uma excepção odiosa poupar o corpo legislativo...

E para quê?

Para o mesmo para que foi feita a lei contra os anarchistas.

Eu é que não tenho duvida em affirmar-lo.

(*Applausos*).

Passou de Lisboa para o Porto e em 1892 estendeu-se a todo o paiz.

E' tão simples!

Prende-se um homem, leva-se ao corregedor... Porque temos tambem corregedor, e por signal que neste ponto sou de opinião diferente da do povo de Lisboa.

Se cada um fosse agradecido, a primeira coisa que tinha de fazer pela manhã, ao levantar da cama, era ir levar um bilhete ao corregedor por o ter deixado dormir toda a noite na cama descansado.

Continuemos. O corregedor faz um despacho fundamentado, e o homem fica preso.

Diz por exemplo que tem de ouvir uma testemunha de Londres ou de New York, da Arabia ou da Persia, e o homem fica preso.

Não importa que o fundamento seja justo, basta que o despacho seja fundamentado.

E não ha recurso senão para o ministro do reino.

Não gostam do poder judicial.

E mais faz-lhe bastante; mas tem ás vezes as suas horas e o governo tem as suas contrariedades.

Tem...

(*Risos*).

E na cadeia pode ficar a apodrecer até morrer.

Nunca houve sombra de tal violencia na legislação portugueza.

Nunca se poudo ter ninguem preso por mais de 8 dias, sem culpa formada.

Ao fim de 8 dias, se não havia culpa formada, punha-se o preso em liberdade.

Podia ser preso mais tarde se se confirmavam as suspeitas: mas ao fim de 8 dias soltava-se, se não havia culpa formada.

Agora podem conservar-se na cadeia até morrer.

E diz-se que ha ainda liberdade.

Não! Que pela graça do poder executivo não a quero!

Quero a liberdade como um direito.

O proprio Costa Cabral só nos casos de homicidio, roubo, levantamento de fazenda alheia, moeda falsa ou alta traição permitira a prisão sem culpa formada.

Hoje não.

Eu estou a fallar, mas pode entrar por ahí algum dos senhores da policia e prender-me.

A mim e aos senhores...

(*Riso*).

Os senhores animam-se tanto quando se lhes falla em liberdade, dão tantas palmas quando se lhes falla em republica...

(*Ovação demorada*).

Podiamos ser todos presos.

Pela lei actual, para um policia poder prender algum, basta ter a desconfiança de que elle tem cara de vir a commetter um crime...

(*Risos*).

Ora os senhores riem, applaudem.

Se o policia chegasse e nos imaginasse com cara de fazer um crime, a revolução; porque a revolução pode ser necessaria, a revolução pode dar-se em Portugal...

(*Hoive então uma das mais extraordinarias ovações ao orador, interrompida por gritos e vivas á liberdade e ao partido republicano*).

Alonguei-me de mais sem querer, vou terminar, lendo uns periodos do decreto de 29 de março de 1834, de Joaquim Antonio d'Aguiar.

E' a voz de um homem consciencioso, conhecendo bem a hora e as circunstancias do paiz em que fallava.

Tratava-se de organizar a guarda nacional ou milicia civica, composta de todos os individuos validos da nação, pois n'ella entravam todos os que tinham de 18 a 60 annos.

Ha um periodo que eu não posso deixar de ler; porque elle define exactamente a nossa situação de hoje.

(*Lê*).

«A guarda nacional, ou a Sociedade armada ou no seu proprio interesse e para sua defesa, é o melhor e mais seguro apoio da Independencia, da Ordem e da Liberdade Nacional; é a base mais solida de um Governo, que, em lugar de manter-se pela violencia e pela força empregada contra os Cidadãos para opprimi-los, quer sustentar-se pela confiança nelles. Sem a instituição de uma milicia civica não ha Governo Representativo; cedo ou tarde deve, sem ella, succumbir a Liberdade, a que a sorte e a fortuna do Throno da Rainha, Augusta Filha de Vossa Magestade Imperial, estão hoje essencialmente ligadas.

«Os serviços feitos pela guarda nacional nos paizes em que ella se tem formado, são tantos, e tão apreciados têm sido, que pôde bem estabelecer-se, que ella é a guarda natural das instituições livres.

«A França, esta nação generosa e livre, deve em grande parte á guarda nacional a tranquillidade, que disfruta no interior, e a consideração de que goza fóra: a guarda nacional de França tem em todas as crises e em todas as circunstancias correspondido á confiança, com que a camara dos deputados de 1830 commetteu ao seu patriotismo e á sua coragem a carta da monarchia, e os direitos consagrados nella, e a Europa admira e respeita esta milicia protectora da justiça e das leis, defensora das liberdades da sua Patria.

«Se em 1828 se tivesse organizado em Portugal uma guarda civica; e o governo tivesse armado os cidadãos interessados em manter a carta outorgada por vossa magestade imperial, se os direitos consagrados nella, se este deposito das liberdades publicas tivesse sido confiada ao patriotismo, e á coragem dos cidadãos, a usurpação não teria sido tentada, ou, se o fóra, teria succumbido.

«A exemplo da França de 1830 confie vossa magestade imperial ao patriotismo, e á coragem da guarda nacional portugueza o codigo das liberdades publicas, e o throno da rainha sua augusta filha.»

Este é periodo capital.

E lembrem-se de que é escripto por um homem que tinha arriscado a vida para defender a liberdade.

E' esse homem que dizia á ralaha que se o povo portuguez quizesse conservar a sua liberdade, teria de defender-se um dia á mão armada.

Parecia que adivinhava a nossa situação de hoje.

O imperador vivia ainda, e não ignorava a letra d'aquelle decreto, era a elle e á rainha que Joaquim Antonio de Aguiar dizia que o povo portuguez teria de armar-se um dia para defender a liberdade.

Parecia que adivinhava a hora presente.

Lêde bem esses periodos; hoje, como hontem, são a voz de quem conhece bem o paiz e a hora.

Lêde-os.

O que elles significam escuso de vo-lo explicar.

Deixo-o á consciencia de vós todos!

Ao terminar o seu discurso o sr. conselheiro Dias Ferreira, o publico fez-lhe uma excepcional ovação, quente e entusiastica, que se prolongou por muito tempo, ouvindo-se vivas á patria, á liberdade,

aos srs. Drs. Dias Ferreira e Bernardino Machado.

Este nosso eminente correligionario agradeceu depois ao illustre conferente, encerrando a sessão.

O medo

Sabbado á noite, esperava-se em Coimbra o senhor Hintze Ribeiro e o senhor Hintze Ribeiro não veio!

Certo, elle teria na gare á sua espera o elemento official, as auctoridades, os apaniguados, toda a burocracia sabuja, todas as creaturas que lhe formam a clientella. Eguamente teria a policia, a tropa, se necessario fosse, a guardar-lhe as costas.

Mas, tambem era certo, absolutamente certo que lá nos teria a nós, os estudantes republicanos, e juntamente connosco, as creaturas honestas, as almas intemeratas, os espiritos revoltados que o desprezam e que o odeiam.

Iriamos todos alli, a despeito de tudo, decididos a gritar bem alto a nossa indignação e a nossa revolta, numa digna e nobilissima desaffronta.

Nós, os pequenos, os opprimidos, os *sem-força*, iriamos perante elle, o poderoso, o protegido pelos sabres e pelas balas, chicotea-lo com os nossos brados d'indignação com os nossos gritos frementes de protesto.

A gente honesta, os patriotas, os republicanos estão fóra da lei. A ordem é atirar-lhes como a cães damnados. Onde surge uma consciencia indignada apparece logo um sabre que a acutila.

Demais nós o sabiamos e mesmo assim apesar de tudo lá iriamos com a consciencia e a certeza de praticar um dever.

E, caso curioso, sentindo nos fracos, sabendo que muitos poderiam cair, banhados em sangue, debaixo dos sabres policiaes, nós desafiavamos tudo, expunhamo-nos a tudo.

Em todos nós havia este sentimento unanime — era necessario desaffrontarmos d'uma creatura odiosa, desse por onde desse.

Se caissem alguns era um exemplo para incitar os que ficassem. E bem assignalado ficaria que onde passava um homem como Hintze um rasto de sangue lhe assignalava a passagem.

Não se fez nenhuma manifestação ostensiva do que aconteceria. Nada se publicou, nada se disse e, pelo contrario, guardou-se um cauteloso sigillo. E o senhor Hintze não veio! Seria a consciencia que lhe dictou esse procedimento e o fez reconhecer-se como é: odioso, desprezível, revoltante?

Não! O senhor Hintze é insusceptivel d'essa fraqueza e, sentindo-se seguro, não hesita um momento: manda acutilar e matar, como o fez em Lisboa.

Não veio porque teve medo.

Melhor para elle e peor para nós!

ECHOS

A primeira nota

Alguns *blagueurs* de bom gosto lembraram-se, a proposito d'uma visita do chefe regenerador-liberal ás Necessidades, de telegraphar a politicos de Coimbra a queda do sr. Hintze e a sua substituição pelo sr. João Franco.

A dar visos de verdade á noticia inesperada havia os brutos acutilamentos do Rocio e a imponente manifestação que ao Dr. Affonso Costa foi feita no Campo Pequeno, como protesto a essas barbaridades e como expressão do descontentamento produzido no espirito publico, pela attitude de violenta oppressão que o regimen tem assumido relativamente áquelles que se atrevem a pensar contrariamente aos seus processos d'administrar e aos seus fundamentos politicos.

Houve assombro, animação, desesperos e temores. Assombro porque era effectivamente de estranhar que retirasse a sua confiança ao governo pelos motivos citados, aquelle individuo que tem, constitucionalmente, a facultade absoluta de nomear e demittir livremente os seus ministros, quando toda a gente sabe que elle o principal fautor do que em Portugal se commette de repressão e de crime. Era necessario admitir um certo pudor que o cynismo repelle, uma certa consciencia que a perversão absolutamente oblitera!

Animação, porque todas as transformações ministeriaes, principalmente quando se produzem após um mês de existencia apenas e quando entra em scena um personagem surgido da desolação d'um ostracismo que parecia definitivo, lançam o espirito num fervor desusado de discussão e de commentario.

Desesperos e temores porque os deputados eleitos sob o patrocinio do sr. Hintze viam já irremediavelmente perdidos aquelles diplomas falsificados e indignos que tanto satisfazem a sua vaidade de cretinos e tanto quadram á sua dobléz de capachos.

Mas quem, positivamente, rejubilava, quem sinceramente se comprazia com essa substituição de ministerios, era o partido republicano, cujas esperanças esse facto poderosamente avivava.

E' que o sr. João Franco é a creatura encarregada de representar o ultimo acto da nomarchia em Portugal.

Uma intimação

O nosso illustre correligionario dr. Affonso Costa foi avisado pelo governador civil de Lisboa d'esta coisa absurda e portentosa: — todas as manifestações que se fizerem em Lisboa e no paiz, são de inteira e absoluta responsabilidade do intemerato caudilho republicano. O regimen torna-o responsavel por tudo quanto muitos milhares de portuguezes levarem a effeito em materia de protesto e de revolta contra o que está! Pela vontade de todos, pela consciencia de todos responde o dr. Affonso Costa! Que infamia e que estupidez!

Claro é, que este aviso envolve uma ameaça!

Amanhã, depois d'um aviso d'esta ordem, a dar-se a mais pequena manifestação o governo, na impossibilidade de agarrar no paiz inteiro e mette-lo n'um calabouço, prende o dr. Affonso Costa, e vinga nelle todas as suas iras. E' simplesmente inacreditavel! O descaramento é a bestialidade não podem ir mais longe!

Em que confia o regimen para proceder assim? Pensará a choldra que o paiz inteiro, que tem pelo dr. Affonso Costa uma altissima estima, nunca mais voltará a manifestar-se, no terror de prejudicar o grande democrata? Avaliará pela covardia dos seus homens a tempera do caracter d'um homem como Affonso Costa?

Certamente a esta hora, o paiz inteiro, que já conhece o facto, ri da ineptia e baixeza que elle revela. Seria, no emtanto, curioso que a choldra levasse por diante a ameaça...

Levantavam-se as pedras da calçada.

Não renuncia

O sr. D. Miguel de Bragança escreveu ao seu orgão uma carta em que declara não renunciar dos seus direitos á corôa de Portugal.

Faz muito bem o illustre exilado: não renuncie; porque renunciar nas suas condições é faltar ao que deve ao seu esperanças e esperançoso partido, cujo progresso se assigna no facto de ir em peso, sem exclusão d'um unico dos seus membros á camara dos deputados.

Não é o mesmo

O sr. Gomes dos Santos declara na *Opinião* que não é responsavel pelo que escreve o sr. Gomes dos Santos que é correspondente da *Palavra*, do Porto.

Estamos á espera que o mesmo sr. declare que nenhum d'elles tem coisa nenhuma com o sr. Gomes dos Santos que escreveu nos jornaes republicanos e com o outro que foi director do diario socialista *A Federação*.

Que é para concluirmos, logicamente, que não é um pulha só, mas uma numerosa ramificação de pulhas.

No Mundo

A este nosso querido collega de Lisboa, superiormente dirigido por França Borges, enviamos-lhe os nossos votos pelos melhoramentos que apresenta e pelo favor que o publico num bello rasgo de justiça lhe está dispensando.

A sua vida de continuo combate á monarchia, os roubos constantes com que tem sido honrado, tudo o tem imposto á consideração de todos nós, os que o acompanhamos nas suas justas aspirações.

Com um grande abraço a França Borges, enviamos-lhe os nossos votos por que o seu jornal continue a progredir para bem da ideia que todos defendemos.

Entrevista

O governador civil de Lisboa convidou o nosso presado correligionario Antonio José d'Almeida a uma entrevista,

no Governo Civil. Antonio José d'Almeida recusou-se e não foi. Fez muito bem. Nós se o Calcinhas nos convidasse para ir ter com elle a Alfama, tambem não iamos. Podia vir alguma facada e os republicanos não frequentam logares equivoocos...

H Uida

Recebemos e muito agradecemos a visita d'esta interessante revista que começou a publicar-se em Lisboa. Fazemos os mais sinceros votos por uma longa vida, cheia de prosperidades.

Recepção brilhante

Em logar do sr. Hintze, chegou no sabbado a Coimbra o liberal estadista da lei de 13 de fevereiro, sr. João Franco. Na estação, á espera do illustre concentrado, encontravam-se algumas pessoas, incluindo o sr. Fortunato d'Almeida, da redacção da Folha de Coimbra, e representantes de varias classes sociaes desde a corte celestial pelo sr. Dr. Sousa Gomes até á classe policial por dois guardas que faziam cumulativamente serviço na gare. O sr. capitão Freitas conduzia as Ex.ªs malas de S. Ex.ª.

Um desmentido...

de conveniencia

Os quintanistas da Escola Medica de Lisboa publicam nas Novidades umas declarações desmentindo uma local do nosso querido collega O Mundo, referente a um passeio a Cintra dado por aquellos estudantes. Os futuros medicos veem pressurosamente declarar que não fizeram manifestações republicanas, nem tão pouco victoriaram O Mundo. Ahamos bem o desmentido, porque aquillo de manifestações anti-monarchicas, feitas entusiasticamente num jantar, são o diabo; podem zingar-se os padrinhos influentes e não se arranjar facilmente o partido... Que isto de vida honesta é uma cantiga para ingenuos e os quintanistas de Lisboa são, com raras excepções, muito sabidos.

Recita de despedida

Em recita de despedida de um grupo de quintanistas de direito, representou-se hontem no theatro-circo a peça Terra d'amoras, dos quintanistas Vasco Alves e José d'Athayde, com musica do maestro Dias da Costa. A peça que, como em geral succede, é uma serie de allusões aos costumes e typos da terra, tem situações verdadeiramente engraçadas pelo comico de que são revestidas. O desempenho foi bom, salientando-se alguns quintanistas a que vamos referir-nos. Luiz Carlos, no seu papel de conselheiro que vem a Coimbra visitar o filho caloiro, conservou os espectadores em constante hilaridade, para nos servirmos da chapa consagrada. Apollinario fez o melhor possivel o seu papel de velha ridicula e gaitetra sempre apaixonada por todo o bicho que traga calças. Mendes da Silva, o estudante que esteve 15 dias em Paris, só fallando em boulevards e no Bois, esquecido dos termos portuguezes, fez uma bella caricatura do portuguez que quer fingir que só gosta de estrangeiro. Mourão, o estudante janota, Garcia da Costa, o conquistador, e Sommer, o poeta, desempenharam tambem correctamente os respectivos papeis. Vasco Alves no papel do Riso que atravessa toda a peça elucidando o conselheiro sobre os typos e factos da terra, e José d'Athayde, o outro auctor, em varios papeis que desempenhou, foram muito applaudidos e com toda a justiça. Custodio Vieira sobressahiu no fado que cantou no 2.º acto e que foi bisado. Custodio Vieira cantou muito bem as quadras que Camillo põe na bocca d'uma pastora do seu romance A Via Sacra, e que os auctores da peça tiveram o bom gosto de escolher para letra do fado.

O theatro estava artisticamente ornamentado pelo quintanista Luiz Bernardo, notando-se especialmente algumas caricaturas de primeira ordem. Em resumo, foi uma bella festa em que todos, auctores e actores, foram muito applaudidos, como mereceram. A falta de tempo não nos permitte fazer uma apreciação mais desenvolvida e por isso terminamos, dando tambem as nossas palmas aos que tomaram parte na festa.

Pontos de vista

Escreves-me tu alarmado por esta serie de attentados contra a existencia propria que quasi diariamente referem os jornaes!

Não comprehenderia a tua admiração, quanto mais o teu terror.

Repara attentamente e verás que isto de tres, quatro ou vinte pessoas, se riscarem das fileiras dos vivos é um facto natural, direi melhor, previsto como o mais simples acontecimento d'este globo terreno. A tua analyse deve descer fria, sem sobresaltos de coração, ao amago dos motivos justificantes, longe dos romantismos exaltados de tempos werthezianos, e determinar, com o sangue calmo, a justa apreciação d'estes actos a que por habito chamamos desesperados.

Pois tu não te a'armas porque quatrocentas mil pessoas assassinem a sua consciencia, não te aterrorizas ao ver pela vida fóra os milhares d'almas que se matam a cada canto, e temes infantilmente pela sorte numerica da humanidade porque uns poucos de individuos «levantam a cortina e passam para o outro lado»?!

O que é preciso? Homens? Não. Para a redempção d'uma raça, para o caminhar incessante da humanidade pedem-se consciencias e caracteres. Anthero dizia: o maior deficit é de consciencias.

A maior parte das vezes o suicida, antes de ter collocado o cano do revolver nas fontes já tem assassinado a consciencia. Os suicidas que renunciam á vida tão simplesmente como D. Pedro do Brasil abandonou a corôa, são exemplos raros que não podem alinhar-se pela vulgaridade. Dizes bem: este acto tem um unico aspecto e na verdade, quer seja um caracter que o pratique ou um pusillanime que o execute, afigura-se sempre uma sahida falsa exactamente como é egualmente lacrimosa a cara que chora de alegria ou de dôr.

Todos sahem; uns por altivez, outros por baixaza; uns não pactuaram, outros já pactuaram.

Mas que tem, para que te assustes, um ou outro facto? Os altivos retiram, os outros debandam. Mas que importa isso se em frente da humanidade anciosa ambos são egualmente nocivos?

Os primeiros, espiritos alados, acima do referver dos odios e das traições, consciencias lavadas, almas crentes, erguem-se mais alto na sua pureza para não serem tocados pela mesquinharria aviltante; não fogem, occultam-se. Os segundos, fracos, asphixiam e anniquilam-se sem forças para lutar: desertam como um soldado deante do inimigo.

Inuteis ao progresso, nocivos talvez. Aqui tens. Seja uma vesania romantica, um facto da decadencia da raça, não é para levantar sobresaltos na tua alma de amigo da humanidade.

Guarda o teu choro e o teu pavor para as consciencias que diariamente se suicidam irremediavelmente.

Thomas Vireloque.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

Dr. Henriques da Silva

Victima d'uma congestão pulmonar falleceu em um dos dias da semana passada o sr. Dr. Henriques da Silva professor da Universidade.

Ao Mario Henriques da Silva, filho do fallecido e nesso collega na Universidade os nossos sentidos pesames.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correlo ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Centro Republicano Academico



A reunião semanal dos socios d'este centro, realisada no sabbado ultimo, 12 do corrente, foi bastante concorrida.

A palestra recahiu sobre varios assumptos, alguns de caracter reservado. Houve uma questão que prendeu intensamente a attenção de todos, a de se affirmar a nossa attitude perante o jornal O Seculo. Discutiui-se calorosamente, fazendo alguns dos nossos camaradas uso da palayra para declarar bem alto quão profunda repulsa lhes merecia aquelle jornal que pelos seus immoraes processos tem exercido uma influencia perniciosna na sociedade portuguesa.

Eis a moção que sobre este assumpto foi discutida e approvada:

Considerando que o jornal O Seculo foi fundado por republicanos e dirigido por republicanos com o louzavel fim de evangelisar, educar, combater e pugnar pela honra e independencia do paiz; Considerando que só muito pouco tempo esse periodico correspondeu a tão elevada e honesta aspiração, mudando absolutamente de principios e de processos para se transformar n'um orgão conservador, servil, corrupto;

Considerando que em virtude da sua primitiva attitude sympathica de gazeta avançada e defensora das regalias populares, conquistou uma grande circulação, tendo leitores até nos pontos mais reconditos da terra portuguesa;

Considerando que nestas circumstancias sendo reconhecida a acção nefasta d'aquelle jornal sobre os espiritos, pervertendo as consciencias e corrompendo os caracteres com a sua detestavel orientação jornalistica;

O Grupo Republicano Academico para patentear ao publico o supremo desprezo que lhe merece o referido jornal O Seculo, resolveu o seguinte:

Que todos os socios deixem de comprar d'aqui em deante aquelle ignobil informador quotidiano e que influa cada um individualmente junto dos seus amigos e companheiros e pessoas das suas relações, para que estes tambem procedam da mesma maneira.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Dr. Antonio José d'Almeida

O nosso estimado collega a Vanguarda fez ha dias acompanhar das mais eloquiosas referencias o retrato do Dr. Antonio José d'Almeida.

Achamos absolutamente justo tudo quanto a Vanguarda diz a respeito do nosso brilhante collaborador.

Antonio José d'Almeida que em Coimbra foi, quando estudante, um dos mais entusiasticos defensores do ideal republicano e é hoje uma das mais bellas figuras de revolucionario do nosso paiz, tem direito a todas as manifestações de sympathia por parte dos seus correligionarios.

Orador verdadeiramente excepcional, cheio de profundas convicções, elle soube, com a sua bella figura de tribuno, conquistar o entusiasmo das massas populares.

Fazemos, pois, nossas as palavras da Vanguarda, testemunhando assim mais uma vez a nossa grande estima e consideração pelo Dr. Antonio José d'Almeida.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annunciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Nota-se, varios o têm notado já, que os republicanos se negam ou se furtam a agitar e a atacar a questão religiosa. Será ntil definir o que seja essa questão, as mais das vezes exposta entre taes nebulosidades de raciocinios tendenciosos e tão estrondosos torneos de palavras que é difficil, se não impossivel, perceber o seu significado ou o seu sentido. A questão religiosa, pelo que se pode deprehender das afirmações da imprensa e das declarações dos chefes politicos, reduz-se em Portugal a saber se os partidos, e principalmente o partido republicano, devem combater na sua propaganda e na sua acção o dogma e a organização catholicos. Não se trata de substituir uma religião por outra religião ou de prégar a irreligião pura e simples. Não se trata mesmo de dispor a consciencia collectiva para a accepção da separação das egrejas e do Estado. Muito menos se trata de impôr a supremacia do poder civil, visto que a Igreja vive hoje exclusivamente do favor dos governantes, e visto que por mais milagrosas que sejam as suas facultades de adaptação, ella se vê irremissivelmente condemnada ao papel de moralisadora das massas incultas, unico papel que tal ou qualmente legitimará ainda a sua existencia.

Alguns trabalhos doutrinaros tem publicado republicanos sobre um ou outro assumpto restricto. Mas sempre que se falla em o partido republicano, systematica e insistentemente, apresentar e discutir a questão, logo a «conveniencia politica» se ergue como um pendão de paz. A «conveniencia politica» é, assim, uma coisa como a «ordem publica», o «interesse da nação», como todas essas formulas de desenxabida tyrannia que se oppoem a todos os espiritos que queiram apressar os acontecimentos e não flem tudo da evolução pacifica. A evolução pacifica!... O que é isso? As instituições, as dotadas da maior plasticidade, quando já não correspondam ao momento e ao ambiente, serão sempre reaccionarias e será sempre indispensavel um acto de força para as remover ou eliminar definitivamente. Tem-se dito que evolução e revolução são antinomicas e irreductiveis. Não são tal. A revolução nada mais é do que a evolução dando um passo mais rapido e mais largo. Os espiritos evolutivos serão sempre fundamentalmente revolucionarios. Chegou o tempo de os homens se não baterem já por palavras vãs.

Os argumentos mais fortemente tamboreados para justificar a inacção do partido republicano perante o catholicismo resumem-se nestas duas razões, que se empuham como dois verdadeiros cacetes:

1.º Procurar mover a opinião contra a Igreja resultará sempre em pura perda, porque é indispôr contra o partido republicano a massa do paiz.

2.º Não fazendo a Igreja questão de formulas politicas, o partido republicano nada tem que recear do clero.

A Igreja não faz questão de formulas politicas!... Juramos que nos custa a acreditar na sinceridade de taes argumentadores. Pois o direito divino não é ainda um dogma catholico? Quando é que a Igreja catholica, a não ser no periodo da evangelisação, deixou á livre escolha dos fieis os cargos ecclesiasticos? Desde o edicto de Milão que a auctoridade divina, indiscutivel e indefectivel, se substituiu á auctoridade humana. A não ser nos seus primitivos tempos, a Igreja nunca foi uma democracia. E' intolerante e exclusivamente theocratica, como não podia deixar de o ser desde que fosse logica. E ella é d'uma logica terrivel. A logica é, digamo-lo, uma das mais sanguinarias mentiras catholicas. Em homenagem a essa palavra o catholicismo tem feito becatombes humanas. Somentes, como ultimo vestigio do primitivo espirito democratico christão, ficou a eleição do papa pelo corpo cardinalicio. Mas o corpo eleitoral é restrictissimo e ainda essa eleição não é livre porque é inspirada pelo Espirito Santo. Os cardeas não fazem mais do que cumprir as

ordens de Deus. Ella, a Igreja, jamais pactuará, jamais acatará como principio supremo determinante da acção governativa a vontade do povo. Porque é constitucionalmente tyrannica, ella dirá sempre ao povo que a dor e a fome existem por deliberação divina e que contra essa deliberação não ha recurso, conservando-o agrilhoadado á eterna condição de dorido e esfomeado, inutilizando todo o esforço audaz para a sua libertação, impedindo-o de gosar inteiramente a vida e de receber nos olhos em cheio a luz do sol, de receber na bocca sem medo de peccar um beijo d'amor.

Ella ainda não pactuou sequer com essa mascarada ignobil do constitucionalismo, formula hybrida duma epocha de transição, abstrusa theoria legitimadora d'uma traição á democracia. Oh! senhores! Ella nunca pactuou, jamais pactuará com a Republica na França!

Ninguém pensa em atacar as creanças de ninguém. Ninguém quer metter as mãos nas consciencias alheias. Cada um pense como quizer. Por isso mesmo nós queremos que a Igreja catholica não tenha a menor acção politica official. Um partido catholico!... E' coisa que se comprehenda? Da mesma forma que não se comprehende um partido atheu. Um partido catholico no governo seria o retrocesso ao cahos.

Emquanto a Igreja não deixar de ser uma instituição religiosa, puramente espiritual, enquanto não deixar de querer inspirar e dominar a politica e subordinar os factos e os homens á sua utirina e á sua intolerancia, ella será sempre uma bastilha. E' indispensavel abrir as portas dessa bastilha para que saia quem quizer sair. Emquanto ella se levantar no seu exclusivismo triumphante, enquanto o clero se não resolver a deixar a praça publica para se limitar ao templo, enquanto faça do pulpito uma arma politica e da confissão um instrumento de delação, enquanto queira impor pela consagração da força e da lei o seu dogma e a sua disciplina, o clero será necessariamente o maior obstaculo a toda a obra democratica.

Pensar o contrario é dar provas da ingenuidade mais infantil. Pensar o contrario é, não só dar provas de ingenuidade, mas de cobardia. Sim, de cobardia!

A Republica terá de atacar o preconceito religioso e de reduzir a sua esphera d'influencia ao lar e ao templo, ou sofrerá o risco de travar cada dia uma batalha sem que sequer lhe fique a noite para se aperceber de danno causado. Todos estão convencidos d'isto. As conveniencias politicas, porém, não consentem, diz-se, que encetemos esse caminho clara e empenhadamente, porque desperdiçaria uma formidavel reacção por parte da maioria do paiz, reacção que poderia trazer o adiamento indefinido da Republica.

Ou a Republica, implantada, realiza o seu programma ou não. A realizar o seu programma, ella terá de solucionar a questão religiosa e essa tão temida reacção dar-se-ha totalmente. E não vemos razão para que se tema na opposição e não se tema no governo. Não ha mesmo razão nenhuma. Pelo contrario. Ha mais razões para a temer quando governo do que quando opposição. A não realizar o seu programma, a Republica será uma mentira, será uma comedia, e da sua passagem só ficarão farrapos repulsivos e poças de sangue.

Antonio Granjo.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne*, *Galand*, *Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GABANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cozinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arame e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyette Aleyon

A *Motoeyette Aleyon* de 2 cavallos e 3ª monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atraso de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.
Agentes exclusivos em Portugal; Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permitindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fargas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, partiçpções, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIARIA



Coimbricente
... a vader
asavi o es-
e a monar-
tra a decora-
não se co-
ficiente.
do, como diz
cação, não
suorema

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 10 — 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 22 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

O MESSIAS

Os tempos chegaram! — como outrora diziam os profetas de Galilea. E com elles chegou a esperança de melhores dias para a terra de Portugal, logradouro até hoje de phariseus hediondos. Já por valle e collina se estendeu a fama do milagre suavissimo. Na doçura amorosa do ceu de primavera sobem foguetes, estralejando e ensinando aos eccos a boa nova; — e alli para os lados de Cellas uma creatura de Deus arruinou-se em fogo d'artificio, queimado em honra do Messias do Fundão, do insigne estadista e inclito liberal — João Franco.

E o paiz? O que pensa o paiz? O paiz não pensa porque já pensou; não espera porque, de ha muito que elle conhece os Messias de caudalarias diversas que se têm proposto successivamente a curar-lhe as maleitas e como aquelle judeu velho de que falla Eça de Queiroz na «Reliquia», elle só diz, com um soberano desprezo: raça de Messias! perdição d'Israel! Simplesmente em Galilea a imprecação era acompanhada d'um levantar de braços ao ceu, com o punho fechado. Em Portugal o gesto é diferente, só tendo de commum com o da Judea, o ser feito tambem com a mão fechada... Plebeismos incorrigíveis de raça alpestre e rude, avessa ao hieratismo solemne dos tempos biblicos!

Ora, é com esse gesto, que a maioria do paiz recebe o sr. João Franco e S. Ex.^{ta}, que sabemos facilmente irritavel, deve estar, a esta hora, furioso. Aqui e alli, será de justiça notar ainda, um ou outro espirito hesitante que se limita a arregalar a palpebra inferior com o indicador da mão direita, na clássica attitude do «Pae Paulino». E são estes os melhores, porque, de resto, a clientella dos foguetes e dos morteiros, não conta, como não contam egualmente nenhuma das restantes patrulhas do monarchismo.

Vae o paiz assistir a «coisas tezas». O sr. João Franco é creatura que não perdoa nos seus odios e desde que se metteu a odiar a immoralidade, a concussão, o nepotismo, a bandalheira monarchica, que trema nos seus alicerces o formidolando edificio de pouca vergonha que os diversos bandos que se têm succedido no poder, tem vindo de construir, á compita, com disvellos ternissimos de mães carinhosas. D. Quichote, de novo, empunha a lança. João de la Mancha tem a segui-lo uma «ala de namorados» e das boccas frentes dos que a formam sae, berrada aos quatro ventos, a divisa formidavel do grupo: pelo rei e pela grey! A lucta é epica. Atraz, no burio de Sancho, vae o senhor Mello e Souza, cogitando em fomentar o paiz que o manda fomentar a elle e mais ao chefe.

O programma é «moralidade e liberdade». Estas duas palavras resumem um mundo. Lembra-nos

o bispo de Vizeu com o seu programma que se resumia tambem nesta palavra: economias.

Na Camara interrogavam-no: — Que pensa o governo ácerca da instrucção? — Economias! gritava o bispo. — Que pensa o governo ácerca da administração publica? — Economias! repetia, temivel, o prelado. — E ácerca da liberdade de suffragio? das questões militares, de tudo, emfim? — Economias, economias, economias! rugia, tezisima, Sua Eminencia.

Assim o sr. João Franco. «Ou isto entra nos eixos ou eu vou para o Fundão, recolho-me á privada mais o Schroeter e o paiz e a monarchia que se aguentem,» — repete sua ex.^{ta}.

Acreditemos, por um momento, fingindo uma ingenuidade que, felizmente para nós, estamos longe de possuir, na sinceridade das intenções do antigo dictador e... fazamos um pouco de historia. Bastanos historiar as duas ultimas situações ministeriaes, — progressista e regeneradora — e, servir-nos-hemos como pedra-de-toque para ajuizar do que isto tudo é, do problema actualmente em foco — a questão dos tabacos — especie de mysterio complexo da Trindade, por traz da qual surgem, conforme as necessidades de momento, como nas *boites-á-surprises*, ora Reilhac, ora Burnay e sempre — o *padre-eterno* — aquella creatura em quem nós não podemos fallar, que toda a gente sabe quem é, e, á qual, para não irmos parar á cadeia, designaremos por X.

X é o arbitro, é o autocrata, é o senhor! Mas X tem necessidades como qualquer mortal, X tem dividas, como a nós nos succede. Simplesmente, enquanto nós devemos mil e tantos reis á mercearia, X deve mil e tantos contos ao Burnay.

Vamos á primeira etápe da nossa historia. X precisa pagar ao Burnay para que elle lhe não corte o credito e não faça escandalo, tal qual como nós precisamos pagar ao merceeiro para que elle nos não cercêe os viveres e não nos venha envergonhar á porta. Quem tem de pagar é o paiz, a cedula de pagamento é a adjudicação dos tabacos e o intermediario entre X e o credor precisa das seguintes qualidades — não ter vergonha, ser cynico, não ter nada que perder. X conhece a sua gente. José Luciano encarrega-se da coisa. E' velho, tem sessenta e tantos annos, sabe muito bem o que são as coisas d'este mundo. Já não cae na ingenuidade de se irritar quando lhe dizem phrases feias. Além d'isso a bexiga e a idade aporrinham-no, gosta de *crachats* e de dinheiro, precisa de regularizar a sua vidinha particular, sedu-lo a perspectiva de visitas de chefes de Estado, de ter empregados do paiz a tratar-lhe das coisas na Anadia, á *borla*, e nunca mais lá voltará, é aquella a ultima vez que póde «governar o paiz»... Começa a tratar do *negocio*. Os jornaes chamam-lhe «honesto» — elle ri. O publico chama-lhe «honrado» — e elle, encolhe os hombros e ri. Atiram-lhe lama ás mãos cheias sobre o nome, sobre os cabellos brancos, sobre tudo que

um homem pode ter de mais caro — e elle, imperturbavel, ri, ri sempre, abrindo uma bocca a que já faltam os dentes todos, perdidos atravez dos seus «immaculados» cincoenta annos de vida politica.

Uma tarde, na camara, em frente d'uma multidão, que o escuta assombada, ergue-se, cachetico, senil, tremendo das pernas e esganica-se: eu dou a minha palavra d'honra. Toda a gente ri, ha presilhas de calças que estoiram do puro goso, da pura pilheria que acham á coisa os possuidores das ditas presilhas. Gritam-lhe: mente! Bradam-lhe: E' falso! Urram-lhe: Tenha vergonha! E elle, coitado, rebola-se de prazer como se o acariciassem. Diz lá consigo: estou aqui em serviço do patrão; berrem para ahi que quem apanha a *maquia* sou eu! Um dia lembra-se de ter um caprichinho innocente, quasi nada para quem estava a servir de bombo de feira havia tantos mezes: simplesmente fazer uma pequenissima fajardice a um funcionario que lhe desagradára. X porem é cioso das suas prerogativas, não consente caprichos aos creados. Quer que o sirvam só pela honra de o servirem. Um pontapé e ei-lo na lama — aos sessenta e tantos annos! E não se sabe o que é mais de admirar, se a baixeza d'um velho tonto, se a ingratitude villissima do outro. Quasi se chega a ter dó do desgraçado!

Agora Hintze. E' novo, é tezo, toma a precipua responsabilidade de tudo o que faz — fechado na rua de S. Bento, com a guarda-municipal de prevenção nos quartéis. Responsabilisa-se por levar a coisa a bom caminho... Sómente... pensa em lucrar no negocio, de camaradagem com um parceiro nutrido, com quem se entende... Prepara as cartas para o jogo mas aqui X intervem novamente. Não admite camaradagens. Elle só é que é gente e portanto... Rua!...

Em vão Hintze traficou como um burlão ignobil nas eleições, mandou acutillar a povo no Rocio para agradecer ao dono. Em vão! Teve velleidades de comer na mesma gamella, julgou que por ser principe do Tozão, podia ter a sua parte na negociata? Enganou-se, — elle e o socio nutrido. Aqui só X come, só X é gente! Os outros, — cães de guarda. Tem o *tacho*, no quintal! Querem um bocado da meza do dono? Passa fóra, farçolas! Ha quem faça o serviço e não tenha exigencias! O que falta é quem queira viver commodamente, dando-se só ao trabalho de ser pulha e de se contentar com o rancho!

E como o antecessor, Hintze agaxa-se, recolhe ao casinholo, lambendo a mão que lhe bate, ganindo devagarinho uns amuos queixosos, mas sem se atrever a morder, porque a mão de X ainda tem que dar, ainda pode atirar uma posta que elle se apressará a agarrar na guella faminta, de novo congraçado, rojando-se de novo aos pés do dono amigo, pronto a fazer o que fór preciso para conservar a Graça.

Ninguém melhor do que tu, Messias do Alcaide sabe isto tudo! Que pensas fazer? A honestidade não admite meios termos? Ou continuar a farça ou ser honesto...
... Ou ser Republicano!...

R. C.

Abaixo a lei de
13 de fevereiro

ECHOS

A primeira nota

Desenganem-se aquelles que imaginam que a demissão do ministerio Hintze Ribeiro foi uma satisfação dada ao povo da capital, affrontado e ferido sob os sabres da policia civil de Lisboa.

E' provavel que os factos d'ordem publica ultimamente produzidos, contribuissem para o seu descredito e para a sua queda, mas do que não ha duvida tambem é, que a historia da monarchia tantas vezes posta, pelas suas barbaridades e torpezas, em conflicto com o povo, mostra o desprezo que ella tem pela dignidade e pelos direitos dos cidadãos e que se esse povo revoltado lhe merece receio e temor, desarmado e inerme só lhe infunde o mais profundo desdém.

E a confirmar o que dizemos ha as fallas intimas do rei, engordado e enriquecido á nossa custa, e que veem, nas suas ironias insultantes e nas suas fanfaronadas ridiculas, até aos nossos ouvidos pelas indiscrições dos seus aulicos, provar-nos que a gratidão nas pessoas fartas não passa d'uma palavra vã!

Então porque cahiu o governo? Não foi diante do protesto publico, mas perante a imposição d'uma companhia; não foi pelo prestigio ofendido da liberdade, mas pelo imperio irresistivel da finança que é a unica coisa por que tem respeito uma oligarchia de batoteiros e de esbanjadores.

E não se diga que isto deixa bem collocado o sr. Hintze. Não pode ficar nunca bem collocado um homem que, pela sua attitude politica de ataque a todas as garantias, de prejuizo a tantos interesses, de perigo para tantas vidas, de offensa aos brios civicos d'uma população inteira, devia sossobrar e sossobrou realmente no meio do odio e das imprecações d'um povo indignado.

Mas o que é preciso accentuar é que o motivo da recente transformação ministerial se origina nos interesses da monarchia que tem compromissos de dinheiro com a Companhia dos Tabacos e a cujas ordens e imposições tem, portanto, de se sujeitar. Que é para não haver a illusão ou a falsa ideia de que a monarchia se importa com um unico dos nossos direitos, com um unico dos nossos interesses, ou com uma unica das nossas reclamações.

Explicação

Jornaes varios tem estranhado que o Centro Republicano Academico tivesse convidado um monarchico, o sr. Dias Ferreira, para realisar uma conferencia sobre as liberdades em Portugal.

Não fomos levados a isso nem por ingenuidade nem por inexperiencia, mas simplesmente pelo interesse e pela vantagem que podia resultar para nós, republicanos, do facto d'um monarchico vir, tão decididamente, dizer o mesmo ou peor do que nós dizemos da monarchia, chegando até, com uma auctoridade que ninguém lhe negará, a traçar a mais completa condemnação do despotismo legal em que vivemos.

E não ficou por aqui. Fez revelações importantes a respeito da lei de 13 de fevereiro e enalteceu, com justiça, as virtudes constitucionaes da republica norte-americana.

Nós, com franqueza, ficámos satisfeitos com a sua conferencia que havemos de aproveitar para artigos de combate ao regimen, porque nella se encontram preciosos argumentos em barda.

Alpoimceos

Falla-se em accôrdo dos dissidentes-democratas com o partido nacionalista. Como se vê o ex-ministro da justiça, que na situação progressista tanto exasperou os catholicos com o celebre caso do bispo de Bragança, continua mantendo uma inalteravel linha de conducta.

Hontem com o Hintze, de quem disse o diabo; hoje com os nacionalistas que o encheram de insultos e ámanhã com o sr. D. Miguel, o eterno pretendente á corôa.

Estamos a ver o sr. Alpoim e seus apaniguados recolhidos em algum convento, envergando o burel e de rosario na mão.

Pobre Alpoim, desgraçados dissidentes, que tão depressa cahiram no ridiculo, apesar de todas as fanfaronadas!

E de cada vez estão mais democratas, os almas do diabo, dizem elles nos seus jornaes!...

Ora ab: bora.

O touriste

Depois da sua difficil travessia pelos mares do ostracismo, chegou sua ex.^{ta} o sr. Franco aos conselhos da corôa, trazendo a maleta de mão abarrotada de liberdades e de programmas de boa administração.

O que fará elle?
O mesmo que os outros.
Ha muita parrá e pouca uva.
Tanto melhor.
Felicitemo-nos e confiemos no futuro.
Mal com o rei por causa do povo, mal com o povo por causa do rei.
Que desinfeliz!...
Tem a palavra o povo português.

O Progressismo

e o novo governo

Dizem as gazetas ser o novo ministerio apoiado *desinteressadamente* pelo partido de Anadia.

José Luciano, sendo-lhe offerecidas algumas pastas, declarou que não queria «pastas nem postas»

Melhor assim tivesse pensado sempre e com elle todos os outros servidores do esfarrapado regimen.

O que será d'este?

Ha um punhado de nêses, Luciano, trôpego e fallido homem... publico, era chamado a constituir ministerio, dando o trambulhão da sua cara metade na Companhia do Credito Predial.

Dentro em breve era arremessado á lama da rua como qualquer ponta de cigarro brêjeiro.

Logo todo lampeiro sobe o Hintze amigo

Um côro de hossanas festeja tão importante acontecimento.

A regeneração impava de contente. Logo o jornal renegado incluiu na sua primeira pagina um enorme réclame á nova marca de charutos.

Estava salva a patria e... as batatas. Ephemera victoria foi essa.

Numa manhã fria e triste chega-nos a noticia da queda inesperada do sanguinolento Traga-almirantes, tristemente celebre pelo massacre de 4 de maio.

Segundo dizem os jornaes, retira-se o assassino á privada... na embaixada em Roma.

Deus o tanha por lá muito tempo, que não ha perigo de por lá fazer mal a ninguém.

O que acontecerá, porém, ao novo régulo, ao antigo despota, ao seu coneador no engrandecimento do poder real? Por nós responderão os seus actos.

A nação já não acredita em Messias

de contrabando, já não ha camphora pos-
sível de livre da traça os reaes armarios.
Um novo sol e ainda bem para

Desorganisação

creaturas de hõis e d'uma
infantil estavam convencidas
de que dos grupos monarchicos que dis-
putam o poder, aquelle que apresentava
actualmente condições mais robustas de
cohesão e de força era o partido regen-
rador-liberal.

Cêto felizmente, chegou o tempo de
se desfazerem as illusões.

O sr. João Franco, colhido de surpresa
quando serenamente mitigava saudades
paternae e recordações universitarias,
convidado a formar gabinete, viu-se seria-
mente embarçado.

Logo, os correligionarios da sua maior
confiança, aquelles que tinham uma certa
cotação, Mello e Sousa e Luciano Mon-
teiro, privaram-n'o da sua collaboraçãõ.
O desespero do sr. Franco foi incalculavel
numa tão difficil conjunctura. A neces-
sidade inadiavel, a imperiosa urgencia de
constituir o ministerio pô-lo numa tal
vibração nervosa que foi distribuindo pas-
tas a torto e a direito, impingindo preci-
pitadamente por ignorancia da lei e uma
pittoresca homenagem a Francisco
José, um austriaco; e procurando introdu-
zir, talvez para lisonjear Eduardo VII e
seu amigo Carlos e para dar certo tom
de elegancia e de requinte inglez ao ga-
binate — o Brummel lusitano.

Singular symptoma este de desorgani-
zação d'um agrupamento politico.

Pois, senhores, é extraordinario que um
partido politico de tão apregoadã fama,
num dado momento se sentisse laho,
sem uma meia duzia pelo menos de ho-
mens que pela sua reconhecida compe-
tencia se apresentassem a dar prompta-
mente soluçãõ á crise !!

Estrangeiros

Levantaram-se para ahi os ceus e a
terra contra o ministro da fazenda, um
Schroeter, que, ao que dizem, é austriaco
e como tal não pôde perante a lei ser
ministro...

Achamos extemporaneo e desarrazo-
do o protesto. Porventura Saxe Cobur-
go-Gotha é portuguez? Orléans é alguma
terra de provincia? Saboya é ao pé da
Porcalhota? E o Burnay e o Torlades
não são os que mandam? Já vêem que
é tolice. Que tem lá um estrangeiro a
menos ou mais?

Isto, ha muito, que é de todos menos
dos portuguezes, e só agora é que é o
espanto!
Já é ingenuidade!

Dr. João de Freitas

Communicam-nos a noticia dolorosa
de ter morrido a mãe do n.ºso querido
amigo e correligionario Dr. João de Frei-
tas, que sabiamos estar junto d'ella, na
sua casa de Castanheiro do Norte, onde
tinha sido chamado pela doença que a
prostrou.

Calculamos a magua que esse facto
triste produz no seu bello coração e pela
muita amizade que lhe temos, pelo muito
que o apreciamos, pois o Dr. João de
Freitas é uma rara figura de combatente
e um caracter primoroso que a todos se
impõe, com profundo sentimento lhe
enviamos o testemunho do nosso pezame.

A Peninsula

Ainda hontem eu pensava que nós
outros, os peninsulares, nem sempre ti-
nhamos sido uma nação estreita, de pe-
quenas tendencias, somnolenta, chata,
fria, burguezã, cheia de espantos e de
servilidades; e que este velho canto da
terra, cheio de arvores e de sol, tinha
sido patria forte, sã, viva, fecunda, for-
mosa, aventureira, epica!

Ah! foi ha muito tempo...

Era naquelle tempo em que a Italia
rodeava os papas severos; e olhavam para
o ceu as virgens do Dominiquino. Por
esse tempo ia, pela Europa, uma profunda
transformaçãõ social. Na Allemãnia,
Luthero entrava em Worms, com um
canto batalhador, em nome do espirito e
da alma. O Papado ia morrer. Era ne-
cessario que todo o Sul se aliasse na
cruzada catholica.

Toda a revolta de Luthero foi tomada,
ao principio, por um d'aquelles lentos sus-
piros allemães, que se perdiam no côro
profano, luminoso, embalador e forte do
Sul.

Viu-se, depois, que era a voz immensa
da alma do Norte, toda uma humanidade
austera e vital, que se movia, que vinha
fallar, pensar, examinar, revelar, sob o
peso da theocracia romana, dos papas,
dos imperadores, das tyrannias, dos sa-
cerdocios.

13 de fevereiro

Um ex-ministro afirma que a Lei
de 13 de fevereiro foi feita para
metter na cadeia, sem crime,
sem prova, sem sentença, os re-
publicanos. — O auctor da Lei,
pelo seu órgão, pretende negar
esta revelaçãõ. — A letra da
Lei é clara. — Não ha sophismas
possiveis.

O sr. Dr. Dias Ferreira, na confe-
rencia que, a convite do nosso centro
republicano, fez aqui ha uns dias, criti-
cando a celebre Lei de 13 de fevereiro
disse categoricamente que ella tinha
sido feita porque era necessario encontrar
um meio de poder metter na cadeia, sem
crime, sem prova e sem sentença, todos os
republicanos de Lisboa.

O sr. João Franco ficou furioso com
esta revelaçãõ que, sobre ser verdadeira
tem o raro merito de ser da responsabi-
lidade consciente d'um ex-ministro e par
do reino. O *Diario Illustrado*, appare-
ceu pressuroso a negar as affirmações do
sr. Dr. Dias Ferreira.

Em que se funda o *Diario Illustrado*
para as contestar?

O pensamento do sr. João Franco
está nitidamente expresso na lei. Uma
simples analyse da sua letra é mais do que
bastante para que não fique em ninguém
a menor sombra de duvida sobre as
tyrannas intenções que presidiram á con-
fecção d'aquelle ignobil documento que
põe vergonhosamente o nosso paiz a
pat de Marrocos ou da Turquia.

Leia e analyse o director da referida
gazeta franquista, que é bacharel em leis,
o art.º 1.º d'essa Lei do seu chefe, que
recoretamos em parte:

«Art. 1.º — Aquelle que por discursos
ou palavras proferidas publicamente por
scripto de qualquer modo publicado, ou
por qualquer outro meio de publicaçãõ,
defender, applaudir, aconselhar ou provocar,
embora a provocaçãõ não surta effeitos,
actos subversivos, quer da existencia da
ordem social, quer da segurança das pes-
soas ou da propriedade, e bem assim o
que professor doutrinas do anarchismo
conducentes á pratica d'esses actos, será
condemnado...»

Quaes as consequencias logicas e cla-
ras que se pôdem tirar d'uma interpreta-
ção rigorosa da letra d'este artigo?
Vejamõs rapidamente.

Em primeiro lugar o artigo em ques-
tãõ deixa ver bem que não se trata
exclusivamente de anarchistas.

Que os republicanos estão nella incul-
tos, deduz-se tambem facilmente.

O partido republicano, como partido
avanzado e revolucionario, considerado
na sua intima essencia de synthese dou-
trinal, conjuncto de principios que servem
de molde a uma organisação juridico-
politica compativel com o estado social
das sociedades modernas, desempenha
em Portugal principalmente a nobre
missãõ d'um unico partido patriotico que

Todo o Sul catholico estremeceu:
aquella revolta vinha imprevisita e rapida:
um dia, a imperceptivel e vasta humani-
dade, quando fosse, uma madrugada, para
as suas adorações, podia encontrar a
velha Roma deserta, e, ao longe, o catho-
licismo dissipando-se com um som hiera-
tico de psalmos, e um colorido vermelho
de fogueiras.

Era necessario salvar o Sul.

A Italia tinha-se familiarizado com o
christianismo: tinha-se acostumado ás
santas macerações de Jesus, á transparen-
cia asctica das virgens: os renunciamen-
tos e os medos catholicos já a não verga-
vam para o pó. Ella, cheia de sol, e de
sons, e de forças, começava a olhar a
natureza, as grandes fecundidades, as
vitalidades poderosas, as melodias mo-
ventes da carne.

Os velhos Deuses da Grecia tinham-se
refugiado na alma italiana: ao principio
andavam no fundo, como recordaçãõ leve,
transfigurados pela dôr, encolhidos, so-
lucantes, miseraveis: depois, lentamente,
foram apparecendo, espalhou-se um cheiro
de ambrosia e um som d'idyllio, e os
seus corpos, sãos como astros, occuparam,
por fim, toda a alma italiana com cho-
reias, derramações de nectares, palpita-
ções de luz, divinos resplandecimentos de
vida.

A Italia tinha-se afastado de Dante e
das visões devoradoras do infinito: e os
poucos que se curvavam sobre a *Divina
Comedia*, não era para vêr os castigos e

pugna incessantemente pela dignidade e
independencia do paiz.

Por um dever de coherencia e em har-
monia com as suas idéas, o partido repu-
blicano combate a monarchia nos seus
fundamentos, ataca o rei, incarnação do
despotismo, verbera os membros dos
governos, symbolos de desmoralisação,
critica os erros de administração, provas
manifestas do desnoiteamento dos diri-
gentes e da falsidade d'um regimen.

Os instrumentos da sua propaganda
são a imprensa, os comicios, as conferen-
cias, todos os meios, enfim, de diffusão e
de suggestãõ.

Ora, no seio da nossa sociedade tal
como ella se encontra politicamente con-
stituida, as irreverencias ao primeiro ma-
gistrado, o combate decisivo aos proces-
sos governativos feitos de especulaçãõ e
de violencias, o ataque persistente á me-
diocridade dos detentores do poder, tudo
isto que um partido politico pratica, logi-
co com os seus principios e com as suas
aspirações revolucionarias e dentro da
esphera dos mais legitimos direitos de
manifestaçãõ do pensamento, representa
o complexo de formas de provocar nos
espiritos o desrespeito quer da existencia
da ordem social, quer da segurança das
pessoas...

E' precisamente isto o que a Lei em
questãõ condemna. E' por isso mesmo
attentado ao que ha de mais sagrado, de
mais inviolavel e de menos susceptivel
de vassalagem — o pensamento humano.

A Lei de 13 de fevereiro, por mais
habilitosamente que queira sophismar o
sr. João Franco, foi sem duvida feita con-
tra os republicanos. Escusado é penetrar
no espirito da Lei, visto que ella não é
obscura, porque o pensamento do seu
auctor resulta naturalmente da redacção
do artigo primeiro.

A corroborar as consequencias que o
simples exame da letra da Lei auctoris-
sam, temos a affirmaçãõ d'um dos nossos
melhores juriconsultos, sr. dr. Dias Fer-
reira, que para dar todo o valor ás suas
affirmações, para o seu modo de vêr ter
todo o cunho de verdade declarou solem-
nemente, perante uma numerosa e se-
lecta assembleia que o escutava, que,
sendo membro d'uma das camaras, estava
prompto a justificar a sua opiniãõ a quem
o peça.

O Partido Republicano

Eis o resultado da última eleição da
commissãõ parochial feita pelos republi-
canos da freguesia de S. Bartholomeu que
é constituida pelos seguintes cidadãos:

João Gomes Moreira, Zacharias Duarte
Neves, Guilherme Barbosa, Adolpho
Pinto de Sousa, Joaquim Lopes Gandarez.

A eleição da commissãõ parochial
republicana da Sé Velha fez-se da seguinte
maneira:

José Gonçalves, João Rodrigues dos
Santos Paixão, Joaquim Saraiva, Alvaro
Ferreira e João Manuel Ferreira.

os paraizos, mas para sentir as palpi-
ções, que lá tinham ficado, da alma de
Florença.

A Italia seguiu Petrarcha: mas em
Petrarcha havia ainda uma religiãõ e um
mysticismo — o amor: e a Laura dos
Sonetos, como a Virgem mystica, prendia
nas humilhações religiosas todos os caval-
heiros do Sul. A Italia então deixou Pe-
trarcha e rodeou Ariosto, o aventureiro,
o jovial o descrente, cavalleiro e escar-
necedor.

Foi então que se ouviu aquella voz do
Norte.

Todas as cohortes catholicas andavam
dispersas, galhofeiras e namoradas, rindo
com o Aretino, escarnecendo brutalmente
com o poeta Pulci, guiadas por Lorenzo
de Medicis e pelo cardeal Bembo, cantan-
do as estrellas, adorando as Violantes,
rindo de Fra-Angelico, aclamando Ticia-
no, cobertas das sedas de Veneza, com o
peito cheio da religiãõ do sol, da mu-
sica e das noites profanas.

Foi então que se ouviu a voz do Norte,
o canto de Luthero. Todos os catholicos
correram instintivamente, rodearam os
papas severos, Adriano VI, Clemente
VIII, cantaram os psalmos e as missas de
Marcello, cheias dos renascimentos asce-
ticos, e foram seguindo o Tasso, que vol-
tava, apaixonado e religioso, para Dante
e para Deus.

E o papa continuou caminhando, se-
reno e trivvel, deixando as sombras das
masmorras de Galileo e de Campanella,

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Carta do dr. Affonso Costa

O eminente causidico e nosso
prestigioso correligionario Dr. Af-
fonso Costa enviou ao *Mundo* a carta
que em seguida publicamos e que
responde a insinuações idiotas d'um
regenerador despeitado, a proposito
de grupos pessoas que dentro do
partido republicano não existem e
que não poderiam existir no mo-
mento actual, em que todos os es-
forços e todos os desejos se devem
concentrar n'um fito unico: a des-
truição da monarchia.

Eis a carta:

Meu caro França Borges:

Peço-te o favor de inserires no
proximo numero do nosso *Mundo*,
as seguintes declarações, destinadas
a repellir as insinuações do redactor
do *Diario* e a esclarecer os demais
politicos que queiram intrigar com-
nosco, com o governo e com o rei,
para esconderem o seu proprio despe-
ito.

1.ª — Não existe nenhum «grupo
republicano de Affonso Costa». Eu
sou republicano desde que me co-
nheço, tenho sustentado muitas lu-
ctas por ser republicano, mas nunca
procurei formar bando ou facção,
nem auctorizei pelos meus actos
qualquer separaçãõ no partido a que
me honro de pertencer; e até sem-
pre me recusei a tomar uma posiçãõ
que podesse dar margem a uma
apparencia de grupo especial. Tenho
trabalhado pelo meu ideal com todos
que querem lealmente trabalhar por
elle, e estou e estarei sempre nesse
campo, *succeda o que succeder.*

2.ª — Não se realisou nem se
realisará qualquer conferencia poli-
tica entre mim e franquistas, porque
entre as minhas idéas republicanas
e o ponto de vista, caracteristica-
mente monarchico, do sr. João
Franco e seus amigos, não ha nem
pode haver nenhuma similitude ou
aproximação, antes ha uma irredu-
ctivel opposição, um vivo antagonis-
mo. Os franquistas seguirão o seu
caminho até fallirem nos seus pro-
positos de salvação do throno, sendo
porventura os proprios coveiros da
realeza; e eu, e tu, e todo o Partido
Republicano, seguiremos a nossa
derrota no sentido da salvação e do
progressivo melhoramento das con-
dições de vida do paiz, estabelecendo
a Republica o mais rapidamente que
fôr possivel.

3.ª — Nada tenho com manifes-
tações que o governo pretenda fa-

e mais longe o fumo das fogueiras de
Vanini e de Giordano Bruno.

Tal era a lucta do Norte e do Sul.

Ora, durante essa lucta das religiões
e das patrias, a Peninsula, encolhida nas
suas montanhas, coberta de sol, violenta,
sinistro cavalleiro de Deus, armava as
caravellas e os galteões para as bandas
desconhecidas das ilhas, dos continentes,
dos cabos temerosos. Nós outros, os pe-
ninsulares, appareciamos ás demais na-
ções como velhos lobos do mar, sempre
sobre os lombadilhos, trigueiros, rijos
como calabres, sãos como o sol, ensur-
decidos pelo clamor das marés, cheios
de legendas, e perdidos, ao longe, nas
brumas terriveis.

De vez em quando desembarcava este
povo, bradando que tinha descoberto um
mundo, que lá tinham ficado infinitas
multidões, negras, bestias e nias, sob
a benção dos padres: alli mesmo, sobre
a areia, ao rumor das mareas, escrevia
a historia tragica da sua viagem, e uma
madrugada, tomados das saudades do
mar, parliam de novo, radiosos e bons,
para a banda das Indias.

Era assim. Todos os annos, aquella
multidão immensa de aventureiros em-
barcava nos galteões, entre os psalmos e
os choros, e elles iam, silenciosos e flam-
mejantes por entre as sonoras illimitações,
os ventos afflicto e os tremores da agua
— para os nevoeiros inexplorados.

Iam em demanda de mundos, levando
Deus dentro do peito, sob as constellações

zer no Campo Pequeno ou noutro
logar. Vou frequentemente ás tou-
radas, porque não me desagrada a
diversão, e não estou disposto a al-
terar os meus habitos por causa do
que diga ou pense, do que ameace
ou suplique um governo monar-
chico, seja hintzaceo ou franquista.
Não fui á tourada no domingo pas-
sado sómente porque se não reali-
sou, mas estive lá hoje, com a mesma
naturalidade com que sempre ali
fui e sempre ali irei. Não me inter-
ressam as manifestações que o go-
verno possa projectar, mas não me
recuso a cumprir todos os meus de-
veres de republicano ali ou em ou-
tra parte, *quaesquer que seja mas con-
sequencias*, e sempre em opposição
formal e absoluta com quem queira
fingir ou fazer crêr que a realeza em
Portugal ainda tem algum prestigio.
Teu amigo e correligionario,

Affonso Costa

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

O sr. Franco e a lei de 13 de fevereiro

Principiam já as manifestações de
regosijo pela chegada d'aquelle estadista
aos conselhos da corõa.

O operariado mostra-se radiante.
E' como se vê.

No sabbado reuniram-se os de Viannã
de Castello na Federação das associações,
approvando por unanimidade a seguinte

NOÇÃO

A Federação das Associações Ope-
rarias, reunida em sessão extraordinaria,
e tendo conhecimento de que foi chamado
a constituir governo o sr. João Franco
Castello Branco, auctor da ominosa lei
de 13 de fevereiro, pela qual soffrem as
agruras d'um clima mortifero camaradas
nossos, pelo simples crime de expenderem
as suas idéas livres; resolve desde já re-
clamar junto do governo ao qual preside
o sr. João Franco, a derogação da citada
lei, que tantas victimas tem feito e repre-
senta um negro attentado contra a liber-
dade do pensamento, e igualmente o
repatriamento para a sua terra natal de
todos os que se encontram sob o peso
d'essa infame lei.

Ignacio José da Costa.

Segundo informações que temos, a
campanha contra a lei sclerada vae re-
começar e com a maior violencia por todo
o paiz.

Informa tambem o nosso presado col-
lega *A Voz Publica* do Porto, que por
já já principiam a apparecer escriptos
hostis á lei e ao seu auctor, tendo os
estudantes começado o movimento.

Que fazemos nós, estudantes de Coim-
bra?

Está nos naturalmente indicado o ca-
minho a seguir: secundar esse movimento.

Nasceu em fraca hora o ministerio
franquista.

augustas, entre as tempestades, os roche-
dos, os climas e as correntes, de pé nos
lombadilhos, descobertos, rodeando um
Christo, cantando os psalmos ao côro dos
furações, todos reluzentes de armaduras
e de divisas de amor, com a alma cheia
de altivezas de batalhadores e de doçuras
de apóstolos.

Iam como numa gloria e em nome
de Deus! E quando encontravam as hos-
tilidades e os encrespamentos irados dos
elementos, as oppressões infinitas dos
ventos e das aguas, erguiam as mãos
como para uma excomunhão, e brada-
vam, soberbos, aquelles sópros e aquellas
mareias, os versiculos do Evangelho se-
gundo S. João.

Ora aquelles homens, marinheiros e
batalhadores. eram historiadores e poe-
tas. Escreviam os seus feitos.

Escreviam-nos entre os assaltos e as
tempestades, no convez das caravellas,
nos cabos tormentosos, nas florestas sa-
gradadas da India, sob as immobilidades
crúas da luz: escreviam cobertos das
espumas, ennegrecidos pelos fumos, fré-
mulos das iras das batalhas. Por isso
enchiam as suas chronicas e os seus
poemas d'uma estranha prodigalidade de
força e de vida. E os seus diarios de
bordo tinham, muitas vezes, a simplicidade
epica de Homero.

Mas elles tambem tinham amores,
ciumes, paternidades, paixões, lyrismos
interiores, e as saudades da patria nas-
ciam naquellas almas como grandes as-

De Lisboa

19 de Maio

E' ocioso fallar-lhes dos ultimos acontecimentos politicos.

Mercê da rapidez das communicações, já estão a par de tudo ha muito tempo. Demais foi d'hi, da lusa-Athenas, transformada em B' them dos modernos tempos, que o Messias partiu. No cau de Coimbra decerto passou a estrella precursora de que falla a legenda e os anjos vieram naturalmente, de aza estendida — no ar fremente de milagre, fazer repicar festivamente os sinos da Universidade. Ah! d'esta vez Coimbra ajuntou mais uma honra ás muitas que possui! Esta coisa de parir um Redemptor não succede assim todos os dias e é de crer que nesse houvesse feriado geral em signal de regosij.

Por cá o jubilo tambem foi enorme! Imaginem vocês a gare cheia de gente. *Tudo franquistas*, ao que diz o *Illustrado*. O demonio foi, porém, que os tans franquistas mal chegou o comboio esqueceram-se do que eram e agora é ve-los a gritar, «abaixo a lei de 13 de fevereiro, abaixo o dictador, viva Bernardino Machado, viva o partido republicano» que até pareciam os *monarchicos* da ultima manifestação no Campo Pequeno.

O sr. João Franco estava radiante com o entusiasmo dos correligionarios. *Vaya por la popularidad de los hombres publicos!* — como se diz não sei em que zarzuela. Aquillo sim, que foi festa rijal. A policia, essa, como ainda obediencia aos regeneradores, tinha ordem, ao que parece, de não «manter a ordem» o que equivale a dizer que tinha ordem de não matar ninguem e deixar correr. De modo que aquillo foi de tal ordem que o sr. Mello e Sousa não se conteve e botou *cheliue*.

E o sr. João Franco que perguntára, com tanta ternura, ainda em pé á portinhola da carruagem, para alguns dos amigos que o rodeavam:

— Onde está o Mello e Xois?

O senhor Mello e Sousa estava alli e desmaiou. Bonito assumpto para uma dissertação philosophica subordinada ao titulo «Do desmaio nos homens publicos».

Dizia-me, á sabida, um amigo: — Mulheres publicas já eu algumas tenho visto desmaiarem. Homens é a primeira vez...

Isto de desmaiar parece-me que está agora em moda.

Diz-se por cá que, em resultado da commoção experimentada ha dias no Campo Pequeno, uma senhora altamente collocada tem desmaiado na roda do dia, as suas tres vezes.

São os inconvenientes que tem «este duro officio».

Acerca dos acontecimentos da marinha, vae-se rasgando um pouco o veu do mysterio.

Descobriu-se, ao que nos consta, um club secreto onde havia reuniões e se tramavam coisas varias.

Os fogueiros da companhia do gaz eram os encarregados por «alguem» de levar os marinheiros a comprometterem-se, revoltando-se para servir os interesses d'um determinado grupello politico.

A ser assim, a coisa toma proporções revoltantes e não pode nem deve ficar sem um rigoroso inquerito que apure responsabilidades.

Não se desgraçam impunemente, ao

sabor de conventuculos mesquinhos, sem auctoridade e sem prestigio na opinião, uns centenares de marinheiros ignorantes e ingenuos. E' uma barbaridade e uma vileza.

Terá o sr. João Franco força para responsabilisar, como deve, os seus auctores? Duvidamos. Ha quem acredite e affirme que alguma coisa se fará nesse sentido. A cautella o *amarreiro* politico do *Dia* está vernuissimo. O sr. Apoiim já envergou o seu celebre trajo de *sansculotte* e prepara-se para reeditar as celebres canções da Yvette.

O expediente, porém, é velho, e d'esta vez não surtirá effeito. Continue s. ex.ª entoando a plenos pulmões a sua antiga aria, do tempo em que o mesmo *Dia* preconizava a interdicção do parlamento aos republicanos.

Então, o admiravel Frégolicantava: — Oh, Richard! oh! mon roi!...

Aconselhamos-lhe que prosiga. Talvez elle se commova...

Timido.

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Critica anarchista

— 10 —

A proposito da conferencia realisada pelo sr. Dias Ferreira no Centro Republicano Academico, *A Eva Nova* estende-se em considerações criticas de sabor accentuadamente sectario, como tudo o que sabe da diminuta egreja libetaria d'este paiz, sobre todos os regimens politicos, alerindo-os, sob o ponto de vista da concessão de liberdades, uns pelos outros.

Está plenamente no seu direito e mal de nós se iam agora notular e corrigir todos os erros de doutrina e todos os vicios de logica que presidem ao raciocinio e á argumentação no campo anarchista, d'onde se vê os republicanos com irritação tão feroz que nós nem sabemos como ella se pôde produzir em almas tão candidas e sinceras.

Não, que não nos chegava o tempo nem o espaço para isso, tanto mais que os nossos interessantes libetarios concentram a sua preocupação combativa no systema republicano, nos actos dos governos republicanos, no ataque pessoal aos republicanos, deixando em paz os governos da monarchia, e todos os factos d'onde se poderia tirar razão para censuras justissimas a esse regimen que, aqui lh'o communicamos! é o que vigora em Portugal.

Já estamos, de resto, habituados aos seus arremessos de neurasthenia hyper-revolucionaria, que nos deixam absolutamente tranquilos e serenos tal é o encanto de ingenuidade inoffensiva que d'elles irradia.

Queremos, no entanto, explicar que o nosso applauso á affirmacção do sr. Dias Ferreira de que a lei de 13 de fevereiro foi feita para *numa noite ou num dia metter na cadeia todos os republicanos de Lisboa*, derivou da sua verdade por todos nós sentida.

Os anarchistas da nossa terra, reduzi-

dos e pacificos, não podem ter a pretensão de que essa lei traçoeira se originasse no temor que elles infundiam ao Poder, tanto mais que pela sua orientação systematicamente anti-republicana a maior parte dos anarchistas implicitamente o secundava e favorece.

O intuito da lei, como foi explicado pelo sr. Dias Ferreira, foi attingir aquelles que mais terrivel ameaça, que mais immediato perigo representavam para a monarchia, abalada nos seus fundamentos pela propaganda persistente e pela acção revolucionaria dos republicanos.

Muitos operarios tem cabido sob a sua alçada e sem se perguntar qual a *nuaça* revolucionaria a que pertencem, o nosso protesto sempre se tem feito ouvir muito energico e muito sentido.

Os anarchistas levados perante os tribunaes, incursos na lei de 13 de fevereiro, foram defendidos por advogados republicanos e por jornaes republicanos que chegaram a crear em torno d'elles a atmosfera de sympathia que elles muito bem mereciam e para elles reivindicaram a justiça que lhes era absolutamente devida.

Não ha, portanto, um sentimento de egoismo ou de defesa propria a ditar os nossos protestos, mas simplesmente o principio de fraternidade que os nossos principios implicam.

Isto é para aquelles individuos que, alheios aos processos obstinados de critica que usam os nossos libetarios, a proposito e a despropósito dos republicanos, se pudessem impressionar por injustas palavras escriptas não por impulsos do coração que não lhes aconselha maldades, mas por obediencia aos preceitos fixos e estabelecidos d'um programma que tem obrigação de ser muito feroz para todos os burguezes!

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Diziamos que a Republica e o clero são irreconciliaveis. Claro, enquanto o clero não limitar a sua acção ao cumprimento stricto das funcções religiosas. Enquanto o clero abrigar, não dizemos já sonhos de dominio temporal, porque esses sonhos estão d'uma vez desfeitos, enquanto abrigar velleidades de influencia politica, o clero será a enorme muralha que é preciso derrubar porque para além d'essa muralha é que está a vida livre, a terra fertil, a solidariedade dos corações e dos espiritos.

Isto não quer dizer — expressamo-lo para cortar pretextos a interpretações malevolas — que a Republica terá de perseguir *manu militari* homens, ideias ou crencas. A Republica é principalmente um regimen de educação e de discussão. Será educando e discutindo que a Republica preparará o terreno para a abundante colheita. E' preciso derramar ás mãos cheias a divina semente. E' preciso convencer toda a gente de que a Republica não é o assassinato, a pilhagem, a desordem. E' preciso gritar a toda a força dos pulmões que a Republica não é em verdade a ordem mantida pelas armas, mas é a ordem mantida pela lei do povo pelo povo. A Republica é um regimen de tolerancia. Mas, precisamente porque o é, na Republica o clero de forma alguma poderá ter a influencia politica que tem nas monarchias. Influencia clerical querera sempre dizer intolerancia. Porque as ideias religiosas são sempre as que mais empregadoramente tomam as faculdades de reflexão e critica e mais facilmente descambam no fanatismo, as ideias religiosas, sejam quaes forem, toda a vez que triumphem e se imponham como conquistadoras e dirigentes, sobrepôr-se-hão sempre a toda a especie de considerações de moderação, de concordia, de tolerancia, e procurarão sempre subordinar os actos publicos e particulares mais obscuros, menos impressionaveis, á sua carreira triumphal e á manutenção do seu triumpho. Sempre. Por isso o clero não terá com a Republica a acção, se não já predominante, ainda importante, que tem na politica monarchica.

As monarchias julgam o catholicismo um freio ás reivindicações populares. Cruz e espada é o symbolo supremo. O catholicismo, entretendo as massas populares com todas as formas de suggestão, não lhes deixa tempo nem logar á intervenção e fiscalisação dos negocios publicos. Por outro lado, o catholicismo, mantendo na ignorancia e na inacção essas massas, e exercendo sobre ellas a influencia que sempre exercem sobre os ignorantes todos os prégadores do mysterio e do dogma, é realmente não só um impedimento á propagação das ideias democraticas, mas um verdadeiro sustentaculo das insituições. E ainda sobre tudo isto, pesa nessas massas o prestigio que advem á Igreja da sua existencia vinte vezes secular. Poderá dizer-se até que este prestigio é a maxima força, hoje, do catholicismo.

O clero e a monarchia dão-se as mãos, porque se precisam mutuamente. São duas mentiras, e as mentiras são como estes blocos de tijolo que sómente se sustentam no ar porque estão bem justapostos e bem argamassados. Ha entre as mentiras a mesma afinidade que entre todos os corpos. Perdura melhor

um montão de mentiras do que uma mentira só. Para desfazer uma mentira bastará o sopro d'um homem, para varrer um montão d'ellas é indispensavel o esforço de gerações. O clero e a monarchia formam uma liga e para a decompor ou para a fandır ainda não se conhece o grau de tempera sufficiente.

A Republica, porém, sendo, como diz Mazzini, um regimen d'educação, não precisará já do clero e terá a suprema ventura de dispensar-lhe os serviços... A Republica terá como o mais alto fim, sob pena de negar a sua missão, a educação do povo. As teias d'aranha que ainda lhe difficultam os movimentos, as folhas secas que ainda lhe batem as faces, as nebruras que ainda lhe embaçam o olhar, tudo isso a leitura esfrangalhará, pulverisará, e de tudo isso só ficará a memoria d'uma poeira venenosa que um bom vento levou para longe.

A Republica não quer vadeias nem freies. Quer os pulsos e as bocas livres.

Antonio Granjo.

Abaixo a lei de 13 de fevereiro

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a *cobranca das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a fúeza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.*

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

sucenas que se abrem dentro d'um vaso, e que o enchem.

De noite, nos tombadilhos, embrulhados nos seus mantos esburacados, deitados entre as cordagens, aos embalos das marés, enquanto os pilotos, silenciosos, seguiam com os olhos as viagens immensas das estrellas, e todo o mar enorme se amollecia como um seio cansado, elles contavam em voz baixa, com as cabeças juntas, as historias de amores, os torneios, as aventuras, as serenatas, e a vida da patria.

E escreviam poemas, cantatas, sonetos, farças, comedias e alegrias.

E para vestirem o sentimento fecundo, forte, cheio do sol e do mar, tomavam a forma popular.

Estavam longe da Europa, das plasticas da Italia, dos renascimentos gregos e romanos, das antigas formas rituaes, das educações classicas.

Não conheciam isto.

Mas lembravam-se sempre das cantigas da patria, das lendas heroicas, dos romances populares, que elles tinham ouvido pelos campos, com que os velhos embalavam o netos, que se cantam de noite ás estrellas por Sevilla e por Granada e que os mendigos diziam pelas velhas pontes dos godos e dos arabes. Porque o povo na Peninsula, tinha uma poesia, sua exclusivamente, que cantava nos trabalhos, com que adormecia os filhos, em que escarnecia os alcaides e celebrava os heroes.

Fazia d'aquella poesia um uso sagrado: era a sua consolação, o grande leito mysterioso onde adormecia as tristezas: era alli que procurava confortos, recompensas, e as ideias da patria.

No Norte, a poesia popular foi a Invisível que levou, pela mão, os trovadores, filhos das glebas, até ás lareiras dos senhorios feudaes: foi o primeiro suspiro de amor que os pobres poetas da população, mysticos e sensuaes, soltaram para as brancas castellas que entreviam nos torneios, cobertas de pedrarias; ou passando de noite, brancas, ás estrellas, pelos altos terraços; ou entre as arvores, ao entardecer, quando as ogivas, cheias do sol obliquo, estão flamejantes como mitras.

E as castellas abriram os braços para os poetas tristes, indolentes e cheios do paraizo. Admiravel influencia da poesia, que produziu, pelo amor, um renascimento social!

Mas a poesia da Peninsula era unicamente do povo: era a epopeia austera do Cid, exterminador de mouros, e de Bernardo del Carpio, exterminador de barbaros. Na Peninsula, o povo estava sob uma condição especial; tinha uma importancia não estado forte, fecunda e soberba: a Peninsula tinha passado os primeiros annos da sua constituição nas luctas terriveis do forte Mahomet e do Christo mystico; ora o popular da Peninsula não era um servo, era um christão; consagrado pelos baptismos, era uma for-

ça individual, que impellia e dissolvía o elemento mourisco, sensual e poderoso.

Ora foi sob a forma popular que aquelles batalhadores e poetas, que vão hoje tomando a vaga attitude da legenda, escreveram os seus poemas, as suas cantatas, as suas comedias e os seus sonetos.

Enão toda a litteratura peninsular tem uma originalidade profunda, independente de formas e ritos: a arte, o drama, a poesia, siem das tradições populares, do clima, do sol, de todas as vitalidades meridionaes: isto quando pelo resto da Europa todas as nacionalidades esqueciam as suas tradições, a sua historia, a sua velha alma, para se envolverem nas formas antigas. Era a Renascença. Enão apparece o theatro hespanhol, original, cavalheiresco, energico, apaixonado, cheio de selvagens palpitações, de lances, de religião: theatro onde a cruz é um personagem; onde fallam lacaios, heroes, santos, ventos, galeões; onde todas as formas da vida se confundem — o riso, o choro, a ironia, a satyra, o madrigal...

Depois uma pintura mystica e sensual: não é a espiritualisação da alma, é antes a immortalisação da carne, inspirada d'aquelle mysticismo hespanhol, que sob a influencia da natureza, do clima, da politica, da raça, parece mais cheio das tragicas iras de Jehovah, do que das doçuras de Jesus.

Depois uma musica, como a do *Dies irae*, obra dos terrievis dominicanos: um

poema de morte: uma das maiores agonias da alma: musica ascetica e flamejante, onde a natureza apparece, tragica e desgrenhada.

Uma arte onde se torcem todas as chummas do inferno, e todas as pedrarias dos paraizos catholicos, que parece uma lucta tragica e comica da vida e da morte; uma egreja cheia de renunciamentos mysticos, mas onde o mysticismo parece mais um desespero de não poder saciar-se dos bens do mundo, do que uma aspiração a poder falar a alma nas contemplações divinas: uma defeza do catholicismo, tragica e apaixonada: um amor sublime pelos despoliados e pelos sacerdotios: confusão dos imperadores com os santos e das cordas de metal com as cordas de luz: uma vida superabundante: ascetismos ferozes e onde o sentimento mais apparente é o rancor.

Ao mesmo tempo uma austeridade monastica em tempo de guerra: caravelas que partem, sem cartas nem roteiros, sob as simples indicações das estrellas: quasi, por vezes, uma reconciliação apparente do Mahometanismo e do Christianismo: uma paixão avara pelo dinheiro: o elemento da intriga que quer entrar na politica, vindo substituir o elemento da força: combates cavalheirescos com a Europa visinha. Depois um sol ardente: um sangue exigente: uma carnacção soberba: ao longe a America e as Indias como um paraizo de oiros, de metaes e de soberanias.

Tal é o aspecto mais geral da Hespanha nas vespers da Renascença.

E' dramatica aquella vida.

Não admira, por isso, que a forma suprema da sua arte — fosse o drama. Em Portugal, não é este rigorosamente o fundo do genio: ha mais serenidade na força: o caracter portuguez é mais parecido com o caracter italiano: os nossos sabios, os nossos viajantes, os nossos descobridores, tinham mais a lucidez do tempo de Galileo do que a fé do tempo de Dante: as navegações são prudentes: por isso Portugal não resistiu nada á influencia italiana. O renascimento da antiguidade, a serenidade plastica, a frieza classica: acclimam-se na Hespanha, mas com dor e com lucta: foi necessario que a Hespanha já não acreditasse na sua epopeia cavalheiresca e que Cervantes começasse a fazer trotar, pelos caminhos, o magro D. Quixote.

Em Portugal não: o genio antigo acclimam-se: transformou-se mesmo: perdeu o elemento vital e fecundo — e ficou-lhe o elemento rhetorico.

Oh Arcadia! Oh moços pastores e burguezes! Oh classicos!

EÇA DE QUEIROZ.



Armas de caça, exercício e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne*, *Galand*, *Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

**VENDAS A PRESTAÇÕES
QUALIDADES GARANTIDAS**

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillos de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com alraço de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 11 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA - COIMBRA

COIMBRA, 29 DE MAIO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Um pedaço de historia . . . do sr. João Franco

A historia é a mestra da vida, é costume dizer-se, e é a ella que se vão buscar as leis da evolução dos povos e a explicação das causas e dos motivos que nos conduziram á situação social do momento em que nos encontramos.

Isto, que respeita aos factos, entende-se tambem com os homens. E assim, nós vemos explicadas na historia dos homens publicos de todos os paizes as determinantes das suas attitudes, da sua influencia e das suas transformações. Thiers, por exemplo, foi monarchico, mas diante da situação da França, dos acontecimentos produzidos que o fizeram reconhecer que a monarchia era uma causa irremediavelmente perdida, por seu proprio interesse, que nesse instante coincidia com o interesse e com a salvação da patria, fez-se republicano. Era um homem habil que sabia adaptar-se, como bom politico, ás circumstancias do momento, e, se levou para a historia o stygma indelevel da responsabilidade dos morticínios da communa, a justiça sabe destacar no meio das suas paginas manchadas a sangue, as claras intermittencias do seu esforço salutar e fecundo.

Tem-se dito para ahi que se não deve citar o que fez o sr. João Franco a quando do seu execrando consulado que vai de 1893 a 1897, visto que elle já chorou aos pés do povo opprimido, principalmente por suas leis, as lagrimas d'uma contrição sincera.

Não somos da mesma opinião; e entendemos até que é conveniente invocar as circumstancias em que o sr. João Franco, na epileptica arrogancia do seu gesto de tyranno, executou a sua repugnante obra liberticida e enumerar depois, pelo menos, os pontos mais accentuados de oppressão e de violencia que a distinguem e recommendam ao odio dos cidadãos.

Quando mais não seja é um pedaço de historia constitucional que ahi fica, a tornar, pelo confronto, mais evidente e mais admiravel, o arrependimento e a regeneração d'um homem que parecia, por predisposição organica, irresistivelmente talhado para as attitudes violentas dos governos *à poigne*, como o d'aquelle Polignac, que foi ministro d'um rei de França que tambem se chamou Carlos, e que uma revolução constitucional atirou para os melancolicos desesperos do exilio!

As circumstancias em que o sr. João Franco subiu ao poder em 1893, são quasi as mesmas do presente momento em que outra vez toma conta d'elle.

Se havia então uma monarchia fallida, dissipadora, desacreditada, necessitando absolutamente de explorar para subsistir e de opprimir para se defender, diante da onda

crecente de indignação que avassallava as almas pelo seu viver immoral e do repudio consciente dos espiritos pelo reconhecimento da sua falta de logica, essa monarchia vigora ainda mais fallida, mais dissipadora e mais desacreditada do que nunca e tendo na sua frente perigos mais temerosos a vencer e dificuldades, porventura insuperaveis, a esmagar.

O sr. João Franco deve conhecer bem a situação e reconhecer, pelas manifestações e pelos protestos da opinião, que, se transigir com o rei é perder-se no conceito publico, transigir com as exigencias e as reclamações justas da mesma opinião é perder inevitavelmente a monarchia.

E o sr. João Franco não constituiu governo para perder quem, por virtude da sua confiança, lhe conferiu esse encargo ha tanto tempo ambicionado do fundo d'um ostracismo desolador, que mesmo não lh'o consentia o rei que tem, pela carta constitucional, a faculdade de despedir ministros como quem despede laçaios!

Nestas condições, subsistem as causas, porventura aggravadas, que determinaram o sr. Franco a governar da maneira por que governou então e por que tem governado todos os politicos que a monarchia tem ao seu serviço para este trabalho pavoroso de deshonra e perdição nacional.

Para ser mais completa a analogia, o ministerio de 1893, em que entrava o sr. João Franco, constituiu-se no meio de promessas effusivas de respeito pelos direitos individuais e de veneração pelas liberdades publicas e, como garantia do seu cumprimento, apresentava a figura honrada de Bernardino Machado.

Não tardou muito que elle sahisse do ministerio para não pactuar com os processos vergonhosos de tyrannia e repressão que o governo, para manter-se no poder, teve de adoptar e que se iniciou com a dissolução da camara dos deputados onde havia representação republicana.

Depois vem tudo o que o sr. João Franco fez para engrandecer o poder real e consequentemente diminuir as garantias e as liberdades dos cidadãos.

São d'elle as leis de policia que nos põem á mercê e á discricção dos esbirros; é d'elle a lei de 13 de fevereiro que, como afirmou o sr. Dias Ferreira, foi feita para, *sem crime, sem prova e sem sentença*, metter na cadeia todos os republicanos de Lisboa; é d'elle o codigo de justiça militar que introduziu na legislação portugueza a pena de morte para os crimes politicos; é d'elle o codigo administrativo que contem a garantia de impunidade para os agentes da auctoridade que delinquirem e abusarem no exercicio das suas funções, pois que o seu processo é dependente de auctorização do poder executivo; é d'elle o acto adicional de 1895 que poz exclusivamente nas mãos do rei a nomeação dos pares do reino; foi elle que iniciou, mesmo contra a

lei, a censura prévia para os jornaes, e que dissolveu os centros democraticos e as associações commercial e dos logistas; foi elle, emfim, que accentuou o sentido regressivo das nossas leis concentrando na corôa, que queria bajular, o maximo de força despotica a ponto de não haver hoje uma unica violação de direito que não tenha fundamento legal!

E' este homem que está no poder e o assumiu, sabendo que tem de se sujeitar ás imperiosas determinações d'um soberano que não admite hesitações no cumprimento das suas ordens dadas d'harmonia com as suas conveniencias e os seus interesses que tem de ser mantidos a todo o transe, contra os interesses do paiz e contra as reclamações da opinião.

Só temos a esperar, agora, que elle caia agarrado ao poder que tanto serviu e de que será a ultima figura, pois o sr. João Franco é que está encarregado de representar o ultimo acto da monarchia em Portugal.

CARLOS OLAVO.

ECHOS

A primeira nota

O sr. João Franco inaugura o seu consulado com duas prohibições: a da chamada Festa de Maio, de distribuição de premios nas escolas, e a do congresso pedagogico nesta cidade.

O pretexto apresentado para a primeira prohibição foi a falta de verba para as respectivas despesas e estar esgotada a do fundo da instrução primaria, por onde ellas deviam ser feitas; e o fundamento da segunda foi o facto do congresso não submeter o seu programma ao conselho superior de instrução publica, como é de disposição da lei.

Quem conhece o feitio politico do sr. João Franco, a sua pathologica tendencia oppressiva, assignalada já numa obra odienta de intolerancia e despotismo, quem se não deixou, ingenuamente, embair por declarações de arrependimento hypocrita, por promessas de liberalismo impossivel dentro da monarchia, certamente que se não espanta com estes primeiros actos revoltantes do seu governo.

Os senhores sabem perfeitamente que, para passeios de luxo, para representações da corte em casamentos reaes, se abrem creditos especiaes de quantias consideraveis e até se não abrem creditos nenhuns entrando-se escandalosamente nos dinheiros da nação, a ponto de se confundirem os erarios para satisfazer a vontade, os caprichos, os negocios de creaturas gradadas d'este reino, e só agora, diante d'uma despesa insignificante para uma festa util pelo que implicava de estimulo instructivo, é que é todo o prurido de honestidade e todo o escrúpulo de economia.

E o congresso pedagogico, reunião dos pobres, honrados e prestimosos funcionarios do paiz a que anda ligado o progresso e o levantamento moral do povo portuguez e que devia portanto ser facilitado pelos poderes publicos, é prohibido por se não sujeitar ás disposições da lei, quando o sr. João Franco para constituir o seu proprio ministerio violou a Carta Constitucional, elevando a ministro um homem de negocios austriaco que andou numa contradação de nacionalidades por virtude dos seus proprios interesses e que não possui, portanto, as condições de patriotismo exigidas para haver devoção pela causa

nacional, num momento perigoso e angustiado da sua vida.

São os primeiros symptomas do inevitavel despotismo franquista e tambem os primeiros momentos da sua irremediavel fallencia!

Andar com sorte . . .

Na sexta-feira iamós nós pela Estrada da Beira, no nosso passeiosinho hygienico, fazendo o chylo do jantar, quando encontrámos o sr. Affonso de Bragança que vinha num trem com outro sujeito, naturalmente seu ajudante. Até aqui nada ha de notavel.

O que é verdadeiramente extraordinario, o que ainda nos custa a acreditar, é o não termos sido atropellados! Talvez fosse por o condestavel não ir a guiar . . .

Em todo o caso sempre é ter sorte . . .

Cheliques

A sr.ª D. Amelia d'Orleans em seguida á manifestação do Campo Pequeno, segundo dizem chronistas, teve varios desmaios.

O sr. Hintze Ribeiro depois de despedido do poder, soffreu tambem intensos deliquios nervosos.

E' um bello symptoma, porque da generalisação da doença é provavel que saia o derradeiro e fatal chelique da monarchia!

O verdadeiro motivo

Quem saber qual foi o verdadeiro motivo da prohibição da festa das Escolas? Foi o sr. D. Carlos, que é, aliás, valente como um boi, não querer sujeitar-se ao risco d'estas festas publicas, onde, ás vezes, se produzem manifestações contrarias a pessoas que tem de ser populares por obrigação profissional.

E ainda vinham com a cantiga da falta de verba, os farçantes do franquismo.

Protesto

A Associação Commercial de Coimbra enviou ao sr. João Franco um telegramma, protestando contra a prohibição da festa escolar e do congresso pedagogico e pedindo simultaneamente que não fosse mantida tal prohibição.

Ora isto passou-se no dia 25 e, como até hoje não veio ordem para ser dissolvida esta associação, começamos a acreditar em que o sr. Franco mudou realmente . . .

. . . da opposição para o poder . . .

Uma campanha

Alli dos lados da *Folha de Coimbra*, um impedido não sabemos de que illustre official do 23, desde que o franquismo subiu de cotação começou a forjar sandices contra o sr. commissario de policia numa ancia doida de apanhar o logar.

Ora nós não temos procuração do sr. commissario para o defender, mas sempre nos quer parecer que a população de Coimbra está melhor servida com o sr. capitão Aguiar do que com o sr. Freitas, capitão.

Emfim, os collegas do Ruivo da Sophia dirão a ultima palavra.

Manifestação

O sr. Franco liberal entrou positivamente com o pé direito no ministerio do reino.

Quasi não se passa um dia em que os jornaes não noticiem uma manifestação ao sr. João, com morras á lei de 13 de fevereiro.

O povo sabe que estes gritos são agradaveis ao presidente do conselho depois que S. Ex.ª se declarou muitissimo liberal, e é por isso que não perde occasião de se manifestar d'esta maneira.

O que é um homem contar com a opinião publica!

Additamento indispensavel

O nosso presado collega da Figueira da Foz, *A Vos da Justiça*, num artigo sobre o governo franquista diz o seguinte:

«Mas o sr. João Franco, como todos os estadistas afastados do poder, é obrigado, desde que a elle volta, a esquecer os seus programmas e as suas promessas, porque acima da sua vontade outro poder mais alto se levanta.»

— Mais alto e mais gordo . . .

No Mundo

Este nosso querido collega appareceu agora notavelmente melhorado.

Todos os que conhecem a obra profundamente revolucionaria d'este nosso collega sempre em lucta aberta com todos os que têm conduzido este paiz ao estado triste em que se encontra, devem regosijar-se com a justiça que o povo vem a fazer-lhe procurando-o, promovendo assim o seu engrandecimento para bem do partido republicano que é tambem o do povo portuguez.

A França Borges os nossos parabens.

Efeitos do tabaco

Dizem jornaes que a doença do sr. Hintze é devida a uma intoxicação de tabaco.

Isto sem ter fechado o contracto; imaginem os senhores que o sr. Hintze o concluiu: era morte certa.

Que as grandes alegrias tambem matam.

O caso Schroeter

A proposito d'esta questão que está sendo justamente debatida na imprensa e que já é hoje do dominio publico pelo vivo interesse que tem despertado, alguns dos jornaes do norte registaram boatos de que a Academia de Coimbra, num impulso de patriotismo, ia protestar calorosamente contra a entrada d'um estrangeiro no actual gabinete.

O *Primeiro de Janeiro* foi um d'esses e logo o *Diario Illustrado*, por certo sossobrado com a noticia, appareceu officiosamente a desmentir-la, fazendo insinuações nestes termos:

«Ora os taes boatos de manifestações em Coimbra obedecem apenas ao proposito evidente de desconsiderar os estudantes da faculdade de Direito fazendo suppôr que elles a respeito de jurisprudencia estão tão atrazados . . . como certos jornalistas de Lisboa, que querem por força que o facto de um portuguez desnecessariamente se ter naturalizado portuguez, o torne estrangeiro de nascimento, embora isso atire pelos ares artigos da Carta Constitucional e disposições do Codigo Civil.»

São estranhas estas considerações do *Illustrado*, porque, quanto a Academia não se tenha ainda reunido para collectivamente deliberar sobre a attitude a tomar perante o caso Schroeter e afirmar o seu modo de ver, em todo o caso nos logares habituaes do cavaco tem-se discutido a questão e em quasi todos ficou a convicção de que o actual ministro da fazenda, *estrangeiro naturalizado*, não pode permanecer na situação em que se encontra por lhe ser absolutamente prohibido pelas leis fundamentaes.

A nossa contribuição no debate levantado pelo caso Schroeter é

desnecessaria, dada a persistencia e a justiça com que alguns jornaes de Lisboa o têm encarado.

Mas o *Illustrado* enten leu dever lisongear os academicos da faculdade de Direito, julgando certamente que estes estariam d'accordo com os seus juriconsultos, aliás muito habilidosos.

Puro engano. Desde o começo da discussão, que nós temos acompanhado com cuidado, o *Illustrado* tem dado — permitta-nos a franqueza — o que nas escolas se chama um verdadeiro *astenderete*. Toda a sua argumentação revela o proposito imperdoavel de illudir, de embullhar por meio de subtilezas e sophismas fastidiosos uma questão que é de dignidade nacional, uma questão de patriotismo, e, portanto, d'uma alta importancia, cuja solução não pôde nem deve demorar-se.

A teimosia do órgão do sr. João Franco é de todo insensata. No entanto esperamos que o presidente do conselho ha de dar-se por vencido. E aqui dec'a amos bem alto, se não em nome de toda a Academia, pelo menos exprimindo o sentir dos estudantes republicanos que formam um nucleo forte e consideravel — que ao primeiro movimento que se manifeste no paiz nós daremos o mais energico apoio para que seja dada immediata satisfação á nação afrontada nos seus bríos, na sua honra, na sua dignidade.

De Lisboa

27 de Maio

Que calor, amigos! Decididamente a entrada do sr. João Franco nos conselhos da corôa, que, segundo dizem os seus entusiastas, veio «segurar as instituições abaladas» exerceu tambem uma influencia meteorologica apreciavel e «segurou o tempo!» Isto marca trinta graus á sombra!

Faz sonhar no fresco que deve estar na Siberia e pensar nos tormentos do sr. Alpoim com tal temperatura. Muito pó d'amido deve gastar o chefe dos dissidentes, no verão!

Com esta calma a politica tambem se acalma. Hontem, no centro regenerador-liberal Mello e Sousa, houve, no emtanto, «o grande acontecimento da epoca, a apresentação da companhia franquista, o extraordinario successo oratorio e politico», é entrar meus senhores, é entrar, sete liberaes em alta escola...

E então, hein?! Não estava eu agora a julgar-me na feira d'Alcantara! A razão foi a leitura do *Illustrado* d'hontem. Ficou-me o estylo da conspicua folha da Travessa da Queimada que embandeirou em arco, em signal de regosijo. E o caso não é para menos.

O programma franquista é uma

coisa unica, uma panacéa universal que salva o paiz com toda a certeza! A critica, não me compete a mim faze-la e por isso limitar-me-hei a contar-lhes um dialogo que ouvi hontem entre um franquista que sahia da sessão, rubro d'entusiasmo e de proselytismo e um amigo a quem elle queria converter á sua fé.

— Isto é que é um liberal, ó compadre! Que diz você ao programma? — perguntava, radiante, o adepto do sr. João Franco.

E o outro, com um sorriso sceptico:

— Homem, isto de a gente fiarse em cantigas...

— Qual cantigas? — urrava o primeiro — Você verá o que vai haver... O nosso chefe assignou uma letra, como disse o Luciano Monteiro... E paga-a, você verá que a paga, que para mais tem com quê... Liberdade e mais liberdade! Tudo, tudo livre, nesta terra!

E, rubro d'entusiasmo, enumerava as liberdades todas que a cornucopia franquista vai entornar beneficentemente sobre o paiz.

O outro abanou a cabeça incredulo e tornou:

— Eu, por mim, só acredito que elle deixe livre uma coisa...

— Qual é?

A resposta do compadre sceptico não a ouvi porque foi segredada baixinho ao ouvido do franquista.

Só reparei que este ficou um momento entupido e respondeu:

— Isso é livre desde o principio da monarchia... Desde D. Affonso Henriques, compadre!

E o outro, immensamente sceptico:

— Pois é a unica liberdade em que eu acredito...

Deixo aos leitores da *Patria* averiguar o que seja. Cá por mim desisto, que o calor não vai para charadas.

E até á semana, se fizer mais fresco...

32 á sombra! Pobre senhor Alpoim, deve estar assadinho de todo!

Timido.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobranca das assignaturas da **PÁTRIA**, pelo correlo ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a **fineza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.**

PÁTRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avulso: 10 reis.

lario, que o musgo ia cobrindo. Nas plantas, nas clematites, nas trepedeiras que o cercavam, havia um murmurio como de vozes distantes que contam felicidades perdidas. A pedra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras do cemiterio, á luz consoladora, purificadora e branca, que cêe dos céus outonaes.

Agora, sobre aquelle banco, dorme estirada a grande luz do sol, e á noite o luar, porque já não ha naquella casa namorados contemplativos que venham, de noite ou á sêsta, despertar, para se poderem sentar allí, aquelles dormentes de luz.

Aquella casa abandonada faz lembrar amores mysticos: e, quando se vê á luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos amigos e esquecidos.

As arvores erguiam, em attitudes violentas e propheticas, os seus braços nus, engelhados, supplicantes para o frio azul, esperando, no entorpecimento, a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nitidos deixavam passar indifferen-

O programma do sr. Franco

Apenas o sr. Franco tomou conta do governo os jornaes franquistas annunciaram a proxima apresentação do programma governativo dos regeneradores liberaes cheio de largas reformas politicas e economicas.

Reclamava-se o caso de maneira que os correligionarios do sr. Franco olhavam-nos de modo tal que quasi chegámos a entristecer pelo desfazer das nossas aspirações revolucionarias ante a quantidade de coisas que se prometiam e que ameaçavam atastar para um longiquo futuro, a realização dos nossos principios na terra portugêsa.

Por toda a parte os arautos do franquismo proclamavam a boa nova, e para o paiz chegava finalmente a epoca de grandeza e prosperidades que a palavra redemptora do Messias da Beira annunciara aos quatro ventos, quando dos campos da opposição o actual sr. presidente do conselho promettia a observação stricta da lei, e a applicação de principios liberaes que S. Ex.^a adquirira já depois de velho com a cura das nevralgias, numa viagem á Suissa.

Mas chegou emfim o dia venturoso em que o povo ia saber o que tencionavam realizar os novos ministros, e positivamente veio-nos a certeza da proxima implantação da republica em Portugal pela fallencia completa de todos os partidos monarchicos e, consequentemente, da monarchia.

Com effeito o programma do sr. Franco, por liberal que fosse, não podia realizar-se a dentro das formulas monarchicas, porque o não consentiriam os privilegios e os preconceitos em que se baseia um regimen incompativel com as reivindicções do presente.

Por liberal que fosse, dissemos nós, e, assim fizemos porque nada encontramos nesse programma que seja uma satisfação completa e plena ás legitimas aspirações d'um povo que, neste seculo e na Europa, só encontra depois, em ordem de liberdades publicas, a Russia e a Turquia.

Assim o sr. Franco vem prometter-nos a substituição da lei de 13 de fevereiro por uma outra calcada na lei franceza, diminuindo apenas as penalidades que esta lei impôe, como se este facto bastasse para satisfazer os verdadeiros liberaes.

Não tem sido a substituição que se tem pedido; o que se tem reclamado, o que se reclama, é a annullação de todas as leis de excepção; o que se tem reclamado, o que se reclama, é a livre expansão do pensamento humano sem outras peias que restrinjam o livre exercicio d'este direito, que não sejam aquellas que impeçam a lesão de direitos de terceiros; e para isso bastavam as penalidades que os nossos codigos impõem.

Não é com uma lei calcada na lei franceza que o sr. Franco vem acalmar a excitação que no espirito publico tem produzido a applicação da lei de 13 de fevereiro e de todas as outras leis de excepção; só a revogação de todas ellas nos satisfaria a todos os que temos pela liberdade um culto que o sr. Franco é incapaz de sentir, como o prova o seu passado.

Sobre o juizo de instrução, o sr. Franco não o supprime nem o remodela, numa

satisfação aos sentimentos liberaes do povo portugêso, limita apenas as suas attribuições ás que tinha em 1893 e muda-o de edificio.

Positivamente muita fraca idéa faz o sr. Franco de todos nós, para assim vir fazer declarações d'estas com o mesmo ar que teria se estivesse disposto a fazer a revolução definitiva que ha-de levar de vencida todas as reformas do sr. Franco e dos outros.

Concede-nos representação no parlamento como se elle tivesse força para impedir que lá entrassem os legitimos representantes do povo, a dizer as palavras de justiça e de verdade que os do regimen não gostam de ouvir.

Não faz mais, afinal, do que confessar a sua impotencia, perante o alastrar vertiginoso da idéa republicana, para nos roubar impunemente nas urnas. Mas este facto consola-nos, porque representa o reconhecimento expresso da nossa força e do nosso poder.

Em materia de impostos o sr. Franco não diz que os não augmenta, e unicamente afirma que o governo julga nada se poder pedir mais ao paiz, sem previamente se assegurar d'um modo real a ordem na administração publica.

De maneira que o sr. Franco no dia em que tiver resolvido que a ordem na administração publica está assegurada, julgar-se-ha no direito de augmentar ainda mais os impostos, como se não fosse um verdadeiro crime não os diminuir, conservando-os no estado actual. Demais, perante a crise que o nosso paiz atravessa, a verdadeira medida tributaria justa e equitativa, seria aquella que reduzisse o imposto e supprimissemos os impostos indirectos sobre os generos de primeira necessidade que tornam difficilissima a vida das classes trabalhadoras e preparam um campo perfeitamente adubado para o alastramento da tuberculose.

E sobre estes impostos de que o partido republicano tem pedido a supressão, o sr. presidente de conselho entende: — que não podem aggravar-se mais os impostos chamados do consumo.

Isto é, o sr. Franco não acaba com elles, não os supprime e nada promette, diz só que elles não podem ser agravados.

Sobre o mais, idéas vagas, palavras para enganar o povo, e se alguma coisa ha de positivo como seja a affirmação de que será revogada a disposição que não permite que sejam julgados sem licença do governo os seus agentes, isto não pode, positivamente, dar ao sr. João Franco a aureola de que quer cercar a sua figura deselegante, porque afinal não faz mais do que o seu dever, se o fizer...

E, posto isto, aguardemos o dia em que o sr. Franco ordenar que sejam transferidos de Timor todos os deportados que a morte não roubou ainda, sublimes visionarios d'uma nova ordem de coisas que o sr. Franco não comprehende.

Coimbra

Vende-se A PÁTRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos;

Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga;

No Kiosque da «Praça 8 de Maio»;

Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

desejos, todos cançados das luctas e da vida, dizem á natureza como gladiadores vencidos: — *Os que vão morrer saldam-te!* — E morrem.

A vida e o seu supplicio é absorvida na insensibilidade da natureza, no silencio perpetuo, na força fatal e cega. E a materia vai pelos ares, pelas planicies, amollece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruido, movimento, estremeamento confuso do corpo de Cybele: e a materia sente a vida universal, a palpitação do átomo debaixo da forma, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impellida para a luz magnetica dos astros e dilacerada nos asperos movimentos da terra. A materia tem a consciencia augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, ha uma angustia immensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrivel, oh formidavel natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade lactea; pesava um austero e lento silencio; a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os

A nova camara franceza

As ultimas eleições em França foram — já o dissemos — a derrota completa, total, irremediavel, do nacionalismo e da reacção clerical e a mais alta affirmação das tendencias democraticas do povo francez.

Com a nova camara, a reacção nada mais poderá tentar contra a Republica, pois se encontra reduzida a uma impotencia absoluta, sob o peso formidavel do bloco, que dispõe de 237 votos de maioria.

A estatística official dá, com effeito, o seguinte resultado:

Em 585 eleições (faltam os resultados da Martinica, da Guyana, da India e da Reunião), o bloco ganhou 411, sendo 132 pelos radicaes socialistas, 115 pelos radicaes, 90 pelos republicanos da esquerda, 54 pelos socialistas unificados e 20 pelos socialistas independentes. Ao bloco, a direita pode apenas oppôr 78 reaccionarios, 66 progressistas e 30 nacionalistas; total, 174.

Na camara precedente estes 585 *fauteuils* eram ocupados por 119 radicaes socialistas, 96 radicaes, 83 republicanos da esquerda, 41 socialistas unificados, 14 socialistas independentes, 95 progressistas, 84 reaccionarios e 53 nacionalistas, — isto é, 353 partidarios do bloco e 232 membros da opposição.

Esta tem, por consequencia, na actual camara, menos 58 deputados do que na precedente, o que representa uma minoria total de 237 votos. Quer dizer, o governo, que conta com o apoio seguro dos radicaes e dos radicaes socialistas, pôde, num dado momento, passar sem o concurso dos dois grupos socialistas e dos republicanos da esquerda, dado que estes, o que não é provavel, quizessem seguir aquelles.

Quanto á situação social dos eleitos do povo, a nova camara comprehende: 120 agricultores, 119 advogados, 46 medicos, 30 industriaes, 29 jornalistas, 26 professores, 24 antigos magistrados, 26 antigos officiaes do exercito e da marinha, 15 antigos funcionarios, 12 procuradores, 11 homens de letras, 9 pharmaceuticos, 7 antigos diplomatas, 7 notarios, 3 banqueiros, 2 armadores, 2 veterinarios, 2 pintores, 2 padres e 1 corretor de bolsa.

De Farnalção

Dizem-nos d'aquella villa:

«Ha um enorme entusiasmo pelas festas que nos dias 13 e 14 do proximo mês de junho se realisam cá na nossa querida terra.

Os hotéis tem já tomados quasi todos os quartos e os particulares andam numa verdadeira lufa-lufa para receber os seus convidados.

Como sabe, as festas são esplendidas. Illuminações á moda do Miho no grande campo da feira, musica e mais musica, muito foguetorio e sobretudo o olhar gaiato das nossas lindas conterraneas.

Este ultimo numero do programma é excellent, não lhe parece, amigo?»

Só lhe dizemos que, se Deus Nosso Senhor nos der vida e saude, lá iremos cahir com os ossos na formosa e encantadora villa.

rebanhos lentos, balando; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida; eu lembrava-me dos Elysios olympicos e mythologicos onde, na claridade, passam as sombras heroicas, serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

Eu ia escutando os passos da doce noite, que vinha caminhando. Ia-me afundando no tedio, como um navio roto numa maré do equinoxio. Enchiam-me a alma crepusculos brancos. Entrei no grande arvoredor negro. Aquellas horas, os lymphaticos, os innocentes, os mysticos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações asceticas. Mas eu tremia entre a ramaria inquieta como um mar, mysteriosa como um firmamento: — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquella negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lividas, de silencio, enchiam-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do occaso dava aos troncos um estranho aspecto de luctadores, vindos do sangue e dos incendios;

Mysticismo humoristico

— 1 —

Voltei. E agora que as toutinegras emigram.

Andei pelos campos, neste ar desfallecido do inverno outonal.

Agora o azul está indolentemente bello. Tem quasi uma ironica serenidade. E' o azul intenso, frio, triumphante. Tem a luz, a belleza, a força, a ineffabilidade. Agora a luz enternecida dos campos arrasta-se pelas grandes aguas quietas e pallidas, onde o vento revolve e espalha á agonía das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as benções indolentes das arvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extaticos, e era triste e religiosa como a entrada amarellecida de um convento catholico. Havia uma corrente de agua delgada que fazia claras murmuraciones, e era como o acompanhamento, natural e melodico, de uma ecloga latina. Entre as arvores estava um banco soli-

Pontos de vista

O Sr. João Franco... E a minha admiração é grande ao escrever este nome! Tão longe e afastado do meu pensamento d'estes homens da politica!

Estes homens interessam-me só quando a historia já lhes tem tirado a andrajosa vaidade humana que os mitra, a morte tem apagado com seu gelido manto a voracidade ardente dos seus estomagos anciosos e a mão inflexivel do destino lhes tem parado o coração, onde corriam borboões de rubros desejos acirrados pela estupenda vaidade que os veste.

Veja-se. A figura de Bismark duro e rigido, que ao pensar-se nelle logo surge a imagem d'um ago resistente e impenetravel, parece-nos hoje quasi familiar, quando lemos a vida onde recantos alegres, clareiras luminosas, se abrem, de bonhomias felizes, casos picantes, que á figura rigida dão um tom meigo de bom pae.

Eis o caso. Mas hoje, como se o urso, solto por momentos da grilheta que o peia, se arremessasse feroz sobre a multidão incauta e a creança transida de susto transmutasse em horror a face sorridente e rosea, assim eu de medo e susto pergunto ao meu espirito alarmado: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça. Irregularidades e muitas coisas com igual significação. Num governo de moralidade a mesma razão nivela todas as coisas.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

Mysterios que só a fragil natureza humana pode explicar. E ao meu espirito alarmado pergunto insistentemente: onde chegarão as torrentes de odio?

Milhares de creanças cantando, sob o azul benigno d'este elemento ceu peninsular, seria um attentado contra a integridade das instituições? Não. Trata-se d'um caso de justiça.

A critica anarchista

A Era Nova responde com duas paginas de prosa que não contestamos que seja boa, ás ligeiras considerações que aqui fizemos procurando desfazer a impressão que poderia causar no publico a affirmação de que se a lei de 13 de fevereiro não abrangesse os republicanos, nós não só a não combatíamos mas até eramos capazes de applaudir a lei do sr. João Franco.

Era, como claramente se vê, uma affirmação offensiva que os proprios factos desmentem e que nós estávamos, portanto, no direito, para não classificar peior, de dizer que se tinha gerado no sectarismo dos anarchistas, que faz com que elles sejam, muitas vezes, injustos e impertinentes para quem não pertence á sua grei.

E citámos esses factos: os anarchistas incursos na lei de 13 de fevereiro defendidos por advogados republicanos que empregaram todos os esforços, com prejuizo até da sua saude, para os arrancar ás garras d'essa lei traiçoeira; os jornaes republicanos empenhados em criar em volta d'elles uma atmosphera forte e salvadora de sympathia e a reivindicar para elles a justiça que, aliás, muito bem mereciam.

E podíamos citar mais: nas conferencias e nos comicios contra a lei, nunca faltaram os oradores republicanos e até nas nossas reuniões politicas, tendo fins muito diversos, o protesto tem estalado sempre, vivo e sincero, exprimindo o desejo da sua revogação.

Mas como a ferocidade obrigatoria d'estes adversarios por seu proposito, que não pelo nosso, pôde argumentar que este procedimento é ditado por uma conveniencia egoista de deitar abaixo uma lei em cuja alçada nós podemos muito bem cair, dir-lhe-hemos que não faltámos nunca nas reuniões de protesto contra os crimes de Montjuich e Alcalá del Valle, sem termos probabilidades de ir parar ao lagedo das suas masmorras desesperadoras, nem de soffrir a tortura dos seus instrumentos inquisitoriaes.

E, portanto, um bom sentimento desinteressado que nos determina a pronunciarmo-nos sempre contra todas as leis e todos os actos lesivos de principios humanos e justos. E esse sentimento vive na nossa aspiração republicana que nos faz desejar uma republica generosa e fraterna, onde não caibam nem leis de excepção, nem restricções ao pensamento e que represente a verdadeira preparação para outras organizações sociaes mais perfeitas.

Nós fizemos a affirmação de que os anarchistas com a sua attitude systematicamente anti-republicana favoreciam implicitamente a monarchia, que ainda vigora entre nós. Vamos demonstrar-lo. A Era Nova naturalmente não tem a pretensão de ter no seu seio todos os anarchistas portuguezes, o que sobremaneira os reduzia e só uma pontinha de vaidade é que pode ter feito com que ella avocasse a si todas as allusões do nosso artigo.

No comicio republicano de 10 de dezembro, realisado em Lisboa, foi apresentada uma moção em nome do partido, fazendo, entre outras, as seguintes reclamações: abolição, ou, pelo menos, redução dos impostos sobre os generos de primeira necessidade; revogação de todas as leis e decretos chamados de excepção.

O que se esperava, o que se comprehendia era que todas as classes operarias, directamente interessadas, qualquer que fosse a nuance revolucionaria a que pertencessem, secundassem o partido republicano desejoso de ver, para utilidade dos pobres e dos trabalhadores, executadas as suas reivindicações. Pois um jornal anarchista occupava-se com largueza no seu numero seguinte, do comicio, combatendo-o e agredindo até pessoalmente alguns dos seus oradores.

E é ver, ainda agora, jornaes chamados libertarios cheios de insultos aos republicanos, rebuscando tudo o que possa servir de ataque aos regimens republicanos, sem uma allusão, uma censura, uma preocupação de combate á monarchia, que é a quem nós devemos a oppressão que nos esmaga, a degradação moral que nos avilta como povo, a exploração e o roubo que nos reduz á miseria e á fome.

Era uma modificação nestes processos que nós desejávamos, permitindo uma junção de todos os esforços revolucionarios tendentes a destruir o que está e que a todos prejudica, impedido o progresso que a ideia republicana fatalmente trazia e, portanto, o desenvolvimento do proprio ideal libertario.

sentada uma moção em nome do partido, fazendo, entre outras, as seguintes reclamações:

abolição, ou, pelo menos, redução dos impostos sobre os generos de primeira necessidade;

revogação de todas as leis e decretos chamados de excepção.

O que se esperava, o que se comprehendia era que todas as classes operarias, directamente interessadas, qualquer que fosse a nuance revolucionaria a que pertencessem, secundassem o partido republicano desejoso de ver, para utilidade dos pobres e dos trabalhadores, executadas as suas reivindicações. Pois um jornal anarchista occupava-se com largueza no seu numero seguinte, do comicio, combatendo-o e agredindo até pessoalmente alguns dos seus oradores.

E é ver, ainda agora, jornaes chamados libertarios cheios de insultos aos republicanos, rebuscando tudo o que possa servir de ataque aos regimens republicanos, sem uma allusão, uma censura, uma preocupação de combate á monarchia, que é a quem nós devemos a oppressão que nos esmaga, a degradação moral que nos avilta como povo, a exploração e o roubo que nos reduz á miseria e á fome.

Era uma modificação nestes processos que nós desejávamos, permitindo uma junção de todos os esforços revolucionarios tendentes a destruir o que está e que a todos prejudica, impedido o progresso que a ideia republicana fatalmente trazia e, portanto, o desenvolvimento do proprio ideal libertario.

Isto não quer dizer que queiramos fazer dos libertarios uma dependencia do partido republicano, mas que cooperemos todos, autonomamente e sinceramente, numa obra que a todos interessa e que elles parecem deploravelmente desconhecer.

Nós não temos a pretensão de responder com a miudeza e a extensão com que A Era Nova se nos dirige, queremos simplesmente pôr em foco os factos principaes que para uma polemica elevada e impessoal poderem ter utilidade. E por isso vamos terminar, accentuando que queremos mais alguma coisa do que fazer eleições e que ninguém tem mais ancia do que nós, de que se execute o acto revolucionario que decisivamente ha de implantar a republica em Portugal.

Mas entendemos tambem que o partido republicano deve, pela logica do seu programma e pela necessidade de lucha constante, não faltar nunca em todos os campos em que a monarchia lhe der batalha.

Foi a abstenção da lucha eleitoral que marcou esse periodo abatido e inerte que chegou a dar a impressão ao paiz de que o partido republicano estava morto e de que não podia, portanto, contar com elle.

O combate exercita e educa civicamente os cidadãos, avigora as creenças pelo enthusiasmo que se desenvolve, augmenta o partido pela propaganda intensa que se realisa.

Mas não era aquella pura e immaculada lua cor d'opala — que derrama brancuras, como se atravez do azul caissem lyrios. Era uma lua metálica, fria, hostil, material como uma moeda d'ouro nova. Ella apparecia-me mortuaria e livida como uma sombra finada, que se ergue ás grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rapido, estava cheio das minhas agonias.

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se finha feito saltimbanco.

Fez bem. Cançado dos pedantes, dos burguezes, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz forças coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, á frescura das estrelas e sob a bondade dos luars.

A's vezes tem frio e fome, e gela nuns calções feitos de veludillo e de galões d'ouro. Anda errante de villa em villa, e a população da lama admira-o

O facto de não assignarmos estes artigos, quer simplesmente significar o desejo de impessoalizar as discussões o mais possível, tanto que nem nos referimos á pessoa que era representada nas iniciaes que firmavam o artigo da Era Nova. Demais, tendo sido feita uma allusão affrontosa e injusta ao Centro Republicano Academico, a Patria que o representa na imprensa, defendeu-o no uso d'um direito indiscutivel.

Se A Era Nova não sabia fica sabendo que sendo necessario uma pessoa que assumia qualquer responsabilidade, aqui encontra-se sempre.

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos do 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empresa editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Anunciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

IBSEN

1871

Morreu em Christiania no dia 23 de maio o grande dramaturgo Ibsen

Não podendo por falta de tempo fazer um estudo consciencioso sobre a obra de Henrik Ibsen, limitamo-nos a inserir no nosso jornal umas notas de carteira — podemos assim dizer — de caracter muito pessoal, de um dos seus grandes admiradores.

Notas soltas de um admirador de Ibsen

Terminei a leitura de toda a obra do grande poeta norueguês. Tive a sensação de quem sobe a uma alta serra, por um dia claro; e ali respira livremente.

— Um dia claro! A Verdade, a ancia de Verdade, é como um sol deslumbrante iluminando todo o vastissimo horizonte que se enxerga do topo d'essa montanha.

— ...E respirei livremente... livremente porque me senti desaccorrenhado de todos os preconceitos; amando a Verdade, a grande Verdade; com a aspiração enorme de lutar por ella, de a pregar, de a incutir em todos os corações.

— Senti então dentro de mim uma alma nova; o caracter engrandecido. — Compreendi que só na Verdade reside a felicidade, a paz e a harmonia; — e enchi-me de tristeza e de revolta pela ignominia da mentira que grassa por toda a terra.

— Compreendi que o homem só é digno de ser homem quando lucha pela Verdade; — que só no seio da Verdade elle pode gosar a grande Alegria da Vida; — e que todas as vezes que d'ella se desvie começa por se trahir a si proprio.

— Vi como a inercia do pensamento deixa tantos cerebros recostados na almofada dos velhos preconceitos; — e tive vontade de os sacudir e despertar.

— E ainda mais. Vi como essa inercia faz o progresso recuar um passo por cada dois passos que elle avança; — e senti-me revoltado.

cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Elle tem a multidão extatica e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão, e anelladas e fortes como negros pennachos de voluptuosidade; e a sua testa tem um reflexo de luar, de marmore e d'espelho; e tem um bello seio de formas barbaras.

Elle pula á noite, no circo alumiado, enquanto as loutineiras cantam nos cannavias. Elle faz girar vinte punhaes agudos em volta da cabeça, num circulo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquelle diadema terrivel e fuscante, e o saltimbanco impassivel, grave, enfarinhado, sob aquella corôa de luz, tomal-o á por um idolo e fa-lo á igual aos deuses!

Elle, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante — e ri-se, ri-se, quando o vento sóa como flauta do

— Foi o que produziu em mim a leitura da obra do Ibsen.

Foram todas estas verdades — tão simples mas tão grandes! — que exaltaram o meu caracter e me encheram a alma de deslumbramento; — e pensei:

— Se tivesse um filho fa-lo-hia ler esta obra e educa-lo-hia por ella.

Elle formaria o seu espirito de artista, e dar-lhe-hia a independencia de caracter que torna os homens bons e grandes.

— Ah! neste momento o sol brilha mais intenso dentro do meu coração; e sinto dobrada ancia de viver!

A obra do Ibsen deve ser lida em globo. Ao terminar algumas peças a impressão que me ficava era pouco intensa.

— Vista de longe e no seu conjunto, os entrecos desapareceram — e só ficaram os principios; desapareceram as situações e só ficaram os heroes.

— Mas esses tomaram proporções de colossos; e são esses colossos que eu tenho agora diante dos meus olhos. E? Ellida Wangel, Hiemar e Gina Ekdal, é Nora, é Rosmer e Rebeca, é Lonã, é Stockmann, é Bernich...

— E eu sinto-me arrastado para o seio d'esta grande familia, na ancia de viver a sua vida, na communhão d'aquellas almas fortes e na pureza d'aquellas consciencias.

— Cada heroe é um symbolo; — e porque são symbolos, tem ás vezes proporções desmesuradas, sobre-humanas.

— Em torno d'elles tudo se foi esbatendo, pouco a pouco, gradualmente. Só elles ficaram, firmes, altivos.

— Se quizesse fazer um trabalho sobre Ibsen bastava-me estudar os seus heroes.

Elles vivem como seres humanos, independentes, destacados no seu mundo. Não são concepções, são creações. Vivem como nós, e como vive Hamlet, Othello, Iago, Fausto, Père Goriot, D. Quichote...

Ibsen acima de dramaturgo é um poeta; é um pensador; é um educador. A sua obra exalta-nos e purifica-nos. Ali não ha dissertações, theorias; ha principios simples, mas cheios de grandes verdades.

«Vale mais destruir a felicidade do que deixa-la subsistir sobre a mentira.» «Não pode viver sã nenhuma sociedade que se alimente de mentiras.»

— Ah! Se todos nós tivéssemos sempre estes principios diante dos nossos olhos; — e ainda mais, dentro do nosso coração!...

Terminei a leitura de Henrik Ibsen pela peça «Quand nous nous réveillons d'entre les morts.» E' com que fecha o cyclo das suas obras.

Ibsen não tem mais que escrever. A sua obra está completa desde 99.

— Como o obreiro que terminou o seu edificio, só lhe resta contempla-lo, admira-lo.

Ibsen pode agora morrer. Morrerá com a intima satisfação e gloria de quem cumpriu por completo a sua missão.

Sant'Iago Presado.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

os sinos distantes eram como vozes indefinidas de miseria e de dor.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os mórchos voavam, e as aguas sonoras eram como vozes vingativas e tragicas. A lua, entorpecida, passava por defraz da estacada de ramos. O vento era ronco e lento como um canto calholico de officios. E o gransar lento e arrastado dos córvos parecia uma ladainha barbara de padres. As arvores doentias rangiam ao vento hybernal, o ar estava diaphano, lacteo e mortuario. As estrelas que appareciam tinham o olhar lancinante.

Cheguei á estalagem. Em baixo na lareira, um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos crios, e o espelho tinha reflexos pallidos, como de sombras mythologicas que passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembraram-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o ceu derrama somnolencias; então tambem eu ia por entre as arvores, e ouvia ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir atravez da bruma, entre o acre cheiro das efflorescencias. Aquellas vozes claras

eram doces, santas, saidas de crystaes, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrelas. Era uma multidão de formas divinas que assim cantavam, divindades feericas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquellas nudezas celestes, filhas do fogo, flores do mal, ondas do ar, entrelagavam-se dançando nas obscuridades, que as scintillações estellares franjavam de palidez. No meio dos nevoeiros humanos, ellas faziam re-plandecer de nte dos olhos as visões paradisiacas, as creaturas sideraes de languidos mysticismos. Ellas iam naquelles enlaçamentos, brancas e loiras, cheias de lyrismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras; iam poisando nos jacinthos, nos myrthos, nas rosas barbaras cheia de sangue radioso; iam rolando sobre a brancura soluçante dos lyrios; e a sua voz triste subia, por entre o azul lacteo, para a lua chorosa.

Quando estava no quarto da estalagem, inerte como uma mumia, pensando nestas coisas, vi, repentinamente, atravez das vidraças, a lua apparecer-me.

inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrelas dançam.

A miseria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não soffrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, applaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer; tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os tímboles, os clarinetes, os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as attitudes, phantasias e desmanchadas, que a sombra dá ás verdades. Já pensava assim o poeta Li-Tai-Pé, que escreveu sobre as coisas santas da China, entre porcelanas e lacas, ao aroma dos nenuphars, vestido de sedas amarellas, perfumado de saudalo — doce, contemplativo, branco, diante d'um vaso de margaridas?



Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Smith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposiçào para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges
(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencillios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÃ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 34 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e rezistencia. Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES

PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham: a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fungas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, tolhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço 300 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA

Anno

em descripção

Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 12 — 1.º anno
Numero avulso. 10 reis
TYP. DEMOCRATICA — COIMBRA

COIMBRA, 6 DE JUNHO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

Ultima esperanza

Entre os canticos festivos dos correligionarios subiu ao poder o sr. João Franco substituindo nas cadeiras ministeriaes o sr. Hintze e logo por toda a parte se espalhou a doce promessa da moralidade governativa, e applicação de novos principios de liberdade que o sr. Franco adquirira depois de toda uma mocidade gasta em engrandecer systematicamente um poder que neste paiz abençoado absorve todos os outros, conhecido pelo nome de poder real.

Annuncia-se que o sr. Franco vae tornar publico o seu programma e ha uma certa anciedade em conhece-lo, visto que as liberdades publicas se achavam de tal maneira coarctadas, os dinheiros da nação e os d'uma casa privilegiada confundiam-se a tal ponto, o espirito publico começava a tornar-se de tal modo irreverente e incredulo, que se tornava necessario entrar na vida nova tantas vezes promettida, em horas solemnes e que o sr. Franco se mostrava disposto a encetar neste ultimo periodo da sua vida politica.

Era a ultima esperanza dentro da monarchia, diziam-no os proprios monarchicos que a gente se costumou a considerar honestos não se sabe bem porquê, e se esta falhasse o caminho estava indicado desde que o ambiente formado pelas fraudes do regimen não deixava triumphar os que bem intencionados por lá tinham passado numa ancia de bem servir a sua patria.

Ora bem, conhecido já o programma do governo, apreciando os seus primeiros actos, a conclusão é a de que positivamente a ultima esperanza falhou.

Esqueceram-se logo os preceitos da Carta e para gerir a pasta da fazenda foi chamado um austriaco naturalisado português que hoje ainda se conserva no poder contra a manifesta má vontade do povo; para delegado de confiança do governo em Faro a escolha recahiu num individuo que tambem a lei torna incapaz por ser facultativo municipal no districto que vae superiormente dirigir; e annuncia-se já a dissolução das côrtes sem que se encontre motivo sufficientemente forte para um acto de tal natureza.

E agora para cumulo, sem razão e contra a lei, o sr. Franco dissolve as côrtes de combinação com os directores de todos os outros grupos da monarchia, sempre concordando, quando se trate de violar a lei em proveito dos seus interesses e dos do patrão cegamente obedecido

O sr. João Franco desmascara-

se e a dissolução das côrtes, disparatada e tomente resolvida, vem mostrar que por traz d'aquelle possimo verniz de liberal, se esconde o caruncho do dictador que inventou a lei de 13 de fevereiro e o juizo de instrucção criminal.

Já o seu programma cheio de coisas ambiguas, as invocações á divindade, a prohibição das festas de maio e do congresso pedagogico no intuito reles de vingança mesquinha, faziam prever para bem depressa a apostasia do sr. Franco dos principios prégados quando na opposição se precisava captar a sympathia d'um povo que, felizmente, começa a comprehender já que só na Republica se encontra uma mais perfeita felicidade.

Falhou, pois, a ultima esperanza da monarchia e agora é bem pequo o espaço a percorrer para alcançar o unico meio de salvação nacional — a Republica.

J. M.

ECHOS

A primeira nota

Os orgãos da imprensa governamental affirmam dia a dia que o sr. João Franco está no proposito firme de cumprir á risca as leis.

Para quem esteja de boa fé pôde esta mascarada resolução do chefe do gabinete dar a impressão d'um louvavel symptoma de moralidade.

Para nós que estamos ha muito habituados ás promessas mentirosas dos nossos homens publicos, sempre feitas com um alto cynismo, e que conhecemos bem o sr. Franco no que elle tem de fundamental no caracter, as tendencias despoticas, — não nos merecem valor as affirmações que as gazetas da concentração liberal exprimem.

Dentro de poucos dias temos a registrar dois actos illegaes. Primeiro, a conservação na pasta da fazenda do sr. Schroeter, estrangeiro naturalisado, a despeito da prohibição expressa do art.º 106 da Carta Constitucional. Segundo, a nomeação para governador civil de Faro do sr. dr. Virgilio Inglês, facultativo municipal e portanto incompativel com qualquer outro emprego estranho á profissão, segundo a disposição terminante do art.º 69 do Dec. de 24 de dezembro de 1901.

De resto, querendo mesmo executar rigorosamente as leis, o sr. Franco encontra amplo terreno para dar plena expansão ás suas qualidades de tyranno.

« Em Portugal não ha violações de leis, porque ha leis para tudo » — disse ha pouco o sr. dr. Dias Ferreira perante uma numerosa e selecta assembleia que nós organísamos.

De facto, a legislação portugueza em vigor está repleta de disposições odiosas pela affronta insupportavel que ellas exprimem á independencia individual, á liberdade de consciencia, á liberdade de pensamento, a todas as liberdades emfim, mesmo á dignidade nacional.

O cuidado do sr. João Franco não deve ser o de cumprir as leis ou reformalas. Se as suas intenções são sinceras e honestas, o sr. Franco tem um caminho acertado a seguir: é aboli-las d'uma maneira absoluta e fazer outras novas a fim de corresponder plenamente ás necessidades inevitaveis do progresso e da liberdade.

Nomeação acertada

Vae ser reformado o sr. capitão Domingos.

Ouvimos dizer que o sr. João Franco nomeará S. Ex.ª, depois de reformado, para um logar vago de servente do ministerio do reino.

Não regatearemos louvores ao sr. João Franco, porque gostamos de ver fazer justiça aos merecimentos e aptidões de toda a gente... até do sr. Domingos.

E' pratico...

Alfonso XIII mostrou, segundo dizem os jornaes, muito sangue frio por occasião do rebentar da bomba e mostrou tambem que sabe aproveitar as occasiões, pois quando se dissipou a fumaceira estava elle abraçando e beijando a sua noiva.

Se a fumaceira tem durado um pouco mais...

Nos quoque gens sumus...

Partiu para o estrangeiro o sr. Hintze que, segundo nos consta, vae ver se arranja por lá uma pasta para fazer ferro ao sr. João Franco, mostrando-lhe que não é só o João Sem Terra, perdão... o sr. Schroeter que pode ser ministro na terra alheia.

Desejamos que seja muito feliz e tarde volte, que não faz cá falta.

Promoção

Foi promovido a general de divisão o sr. Arreda de Bragança.

Cremos que foi promovido por distincção, em virtude dos numerosos serviços por elle prestados ao povo português com o seu atropellomovel.

Congresso republicano

Deve realizar-se no Porto nos dias 29 e 30 do corrente mês de junho e 1 de julho o congresso republicano.

Varios motivos teem impedido a realização d'esse congresso que finalmente vae realizar-se para serem eleitos os dirigentes do Partido e regulados outros assumptos da sua vida interna.

O Partido Republicano precisa agora mais do que nunca de firmar a sua organização e conservar as suas forças que teem augmentado cada vez mais; é preciso desenvolvê-las para que o Partido possa realizar o seu triumpho completo e definitivo.

Por isso todos os republicanos devem empregar os seus esforços para que nesse congresso haja larga representação.

Os abaixo assignados, membros da comissão reorganizadora do partido republicano, teem a honra de participar aos seus correligionarios que o Congresso geral do partido se realisará na cidade do Porto nos dias 29 e 30 do corrente mês de junho e no dia 1 de julho em local e hora opportunamente indicados.

O Congresso será constituído por todos os membros das juntas directoras, por delegados das comissões municipais em numero não superior a um terço dos seus membros effectivos, por um delegado por cada comissão parochial, por

um delegado por cada jornal, e por um delegado por cada centro.

Egualmente terão logar no Congresso os cidadãos que tenham exercido ou estejam exercendo funções no directorio do partido ou juntas directoras, ou hajam representado ou estejam representando o partido na Camara dos Deputados, ou municipaes, contanto que tenham continuado na vida activa partidaria.

Por este meio ficam convidadas todas entidades a comparecerem no referido Congresso, devendo ellas comparecer, para Lisboa, Largo de S. Carlos, 4 2.º, até ao dia 18 do corrente mês, ao signatario Antonio José d'Almeida, os seus titulos de habilitação em troca dos quaes receberão o bilhete de admissão.

Pede-se a todos os jornaes republicanos a reprodução d'este convite. Não se fazem convites especiaes.

Lisboa, 3 de junho de 1906.

A comissão reorganizadora

Albano Coutinho.

Antonio José d'Almeida.

Antonio Luiz Gomes.

Cassiano Martins Ribeiro

Celestino d'Almeida.

José Cupertino Ribeiro Junior.

José Ferreira Gonçalves.

José Nunes da Ponte.

Manifestação republicana

Realisou-se no dia 1 a entrega ao presidente da sessão de abertura do parlamento, do protesto contra a entrada no ministerio d'um estrangeiro naturalisado.

Ao meio dia reuniram-se no largo de S. Carlos as comissões parochias republicanas e muitos correligionarios que desejavam tomar parte na manifestação.

Depois de tomar a presidencia o sr. Dr. Bernardino Machado, foi lido pelo Dr. Antonio José d'Almeida o protesto que ia ser entregue ao parlamento e que adiante publicamos.

Em vista dos extraordinarios applausos da assembleia, o sr. Dr. Bernardino Machado considerou aprovado por aclamação o protesto.

Depois seguiram para S. Bento os deputados republicanos acompanhados por grande multidão que soltava entusiasticos vivas á Patria, á Liberdade, ao partido republicano e ás suas principaes figuras, conservando-se sempre debaixo da melhor ordem. A multidão foi augmentando e quando o cortejo chegou a S. Bento mais de 20.000 pessoas acompanhavam os deputados republicanos.

Chegados ao palacio das côrtes, os deputados republicanos entraram no gabinete do sr. Sebastião Telles, presidente da Camara dos Pares, a quem a mensagem de protesto foi entregue depois de ser lida pelo Dr. Bernardino Machado.

Feita a entrega do protesto retiraram-se os deputados republicanos,

declarando o Dr. Antonio José d'Almeida ao povo que o protesto fóra entregue.

Logo a multidão se manifestou novamente com vivas entusiasticos e saudações aos deputados republicanos.

Depois o cortejo poz-se a caminho do largo de S. Carlos com o mesmo entusiasmo e a mesma ordem que tinha tido á vinda.

Junto do Centro Republicano as manifestações augmentaram de intensidade, sendo muito acclamados os nossos correligionarios.

O Centro Republicano Academico de Coimbra fez-se representar pelos nossos camaradas Carlos Amaro, Pinho Ferreira e João Garraio.

Damos a seguir a mensagem de protesto:

Senhores deputados da Nação portugueza:

Somos representantes legitimamente eleitos da cidade de Lisboa, mas não podemos ter voz no parlamento, porque o direito, em Portugal, ha muito que foi substituido pelo arbitrio e ninguém ignora a criminosa expolição de que fomos victimas.

No entretanto é certo que somos deputados eleitos por muitos milhares de eleitores, e, pela força moral de que nos achamos investidos, somos os seus legitimos mandatarios.

Em nome de esses eleitores e interpretando o legitimo e honrado sentir de toda a nossa Patria, aqui vimos protestar, contra o facto incorrecto, illegal e anti-patriotico de ter sido nomeado ministro de Estado em Portugal um estrangeiro naturalisado.

Esse ponto de direito está interpretado e esse ponto de moral está esclarecido.

Não ha da nossa parte o menor proposito de alterar a verdade em proveito do nosso credo politico.

Tudo o que allegamos se fundamenta em factos do dominio publico e em documentos officiaes.

No suplemento ao *Diario do Governo*, de 19 de maio de 1906, vem publicado um decreto nomeando ministro da fazenda o sr. Ernesto Driesel Schroeter.

No *Diario do Governo*, n.º 77, de 4 de abril de 1884, encontra-se um despacho relativo ao decreto de 27 de março do mesmo anno, concebido nestes termos: — « Ernesto Driesel Schroeter, subdito austriaco — naturalisado cidadão português. »

« A Carta Constitucional, no artigo 106.º diz: — « Os estrangeiros, posto que naturalisados, não podem ser ministros de Estado. »

Se o decreto de 27 de março e despacho publicado no *Diario do Governo*, de 4 de abril de 1884, para conhecimento dos tribunales e das pessoas interessadas, correspondem á verdade, o sr. Ernesto Driesel Schroeter não pode ser ministro de Estado. Se são menos verdadeiros, cumpre ao governo declara-lo, e prova-lo, demonstrando que, na folha official, foi publicado um documento falso ou illegal. Em qualquer dos casos, a Nação portugueza tem direito a uma satisfação plena e essa ha-de ser, enquanto não for demonstrada a falsidade e illegalidade dos documentos publicados no *Diario do Governo*, a observancia rigorosa do artigo 106.º da Carta Constitucional, e, portanto, a annullação do decreto que nomeou ministro o sr. Ernesto Driesel Schroeter. Se o governo pode provar officialmente que são falsos o decreto de naturalisação e o despacho que se lhe refere e nullas as suas consequências, que o faça, pois que da nossa parte não haverá duvida ou reluctancia em prestar completa homenagem á Verdade.

Mas, até hoje, o que permanece indiscutivel é a declaração do *Diario do Governo*, de que o actual ministro da

Contribuição
Contribuição

fazenda e um fangeiro naturalizado português.

E tal facto é um attentado á lei fundamental do Paiz e uma affronta nos sentimentos patrióticos da Nação portuguesa.

Somos republicanos. Trabalhamos para uma transformação politica em Portugal. São más, geralmente, as leis que os governam, e a propria essencia da Constituição, pela qual tanta vida se perdeu e tanto esforço se consumiu, é mesquinha e incerta. Sem duvida. E homens como nós, que procuram, em novas leis e em novas formulas politicas, a reconstituição do seu Paiz e a regeneração da sua raça, não defendem o codigo fundamental da Nação, que representa a formula governativa que elles se esforçam por substituir.

Mas o artigo 106.º da Carta Constitucional não consigna uma garantia politica privativa de uma dada forma de governo. Elle é, afinal, o ponto commum de todas as constituições e a sua doutrina traduz o fito de todos os povos livres. A formula que elle envolve é mais uma expressão de consciencia nacional do que uma formula de direito politico.

Não se trata de expulsar ninguem da nacionalidade portuguesa. Trata-se de, a dentro d'ella, definir os direitos e deveres de cada um.

Manter bem íntegra e bem austera a independencia nacional, sem a intervenção de estrangeiros, que a possam corromper ou falsificar, é uma necessidade instinctiva, physiologica, por assim dizer, das nações que sabem amar a liberdade.

Por isso mesmo, as disposições do art.º 106.º da Carta não poderiam deixar de ser, amanhã, expressas com irreductivel clareza numa constituição republicana. E nós, deputados republicanos legitimamente eleitos, posto que indignamente expoliados, defendendo o artigo 106.º da Carta Constitucional, é, na verdade, um dos mais bellos padões da idea republicana que defendemos tambem.

O que equivale a dizer que, defendendo com dedicação e amor este largo e nobre principio de autonomia nacional, não é bem uma obra partidaria que nós realisamos, mas simplesmente um dever de portugueses que orgulhosamente cumprimos.

Os abaixo assignados, num intuito patriótico, que pode e deve ser secundado por todas as consciencias sãs, prestando uma grande homenagem á Verdade e tendo um grande culto pela Justiça, veem aqui reclamar que satisfação completa seja dada á integridade moral da Patria portuguesa.

Vem aqui cumprir esta nobre missão perante a camara dos deputados porque ella é a unica que entre nós póde ainda representar, na sua essencia, o principio democratico da eleição, isto é, da delegação emanada da soberania popular, a unica que os signatarios respeitam e reconhecem.

Lisboa, 1 de junho de 1906.

Os deputados republicanos por Lisboa

- Afonso Augusto Costa
Alexandre Braga
Antonio José d'Almeida
Augusto Cesar d'Almeida Vasconcellos Correia.
Bernardino Luiz Machado Guimarães
João Duarte de Menezes.

Livros e publicações

José da Silva Bandeira, Auxiliador do charadista. — Lisboa — 1906.

Recebemos esta curiosa publicação, d'um indiscutível interesse para aquelles que aproveitam tempo em decifrações, e que foi, segundo nos diz o seu illustre auctor sr. capitão Bandeira, fructo d'um grande e demorado trabalho.

Agradecemos ao brioso official a gentileza da offerta d'um exemplar.

Um homem sem sorte

Acotencem encontrar-se Melião, a sós, com Dorothea, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se d'ella, bastante inflamado, com os olhos a espirrar lascivia e a face retinta d'um colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe medo, um susto virginal, e fez pé alraz, acotachegando do seio o menino como uma defeza a brutos apalpoes. Elle então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de velludo escarlate, abriu a premindo a mola, e expoz aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encravado em anel de ouro, e disse balbuciantemente:

— Dorothea, aceite-me esta lembrança: peço-lhe segredo, e rogo-lhe por

Monumento á Immaculada

Segundo, nos consta o sr. bispo conde que se fez erigir um monumento á Immaculada no pateo do convento de Santa Clara, devendo a inauguração dos trabalhos para esse fim ser feita por occasião das festas da Rainha Santa.

Parece tambem que se pensa em fazer com que os alumnos das escolas primarias assistam a essa inauguração.

Muito bem. Depois de ter sido prohibida a festa de maio que tinha por fim estimular os alumnos e arreigar nelles o amor á escola, por meio de distribuição de premios e de festas em que elles tomassem parte com a alegria propria da sua idade, obrigam agora essas creanças a irem em procissão, talvez debaixo de forma, desfilar ante o monumento da Immaculada!

Isto quando em toda a parte, por todas essas nações adeantadas, se trata de secularisar a escola como base do progresso social, da educação nacional.

Quando essa tendencia se vae afirmando cada vez mais no mundo civilisado, Portugal manda os alumnos das suas escolas primarias, nesta terra onde existe o primeiro estabelecimento scientifico do paiz, em romaria desfilar ante a Immaculada, naturalmente batendo no peito e então canticos á Virgem, com as suas vozes infantis que deviam ser cheias de alegria e de liberdade.

Continuam as nossas escolas com o preconceito da religião, isto neste pobre paiz que tanto mal tem recebido do ensino religioso.

Que o sr. bispo conde faça o monumento á Immaculada ainda se admite, mas o que não pode tolerar-se é que se obriguem os alumnos das escolas primarias a tomar parte nos festejos da inauguração dos trabalhos para esse monumento.

E isso não se pode admitir porque a nossa escola primaria deve ser livre, sem preconceitos, para que possamos acompanhar as nações adeantadas no progresso humano, formando homens livres.

E é desde a escola primaria que se deve começar a forma-los.

Por isso, desde já, protestamos contra essa ideia.

A comissão parochial republicana de S. Bartholomeu resolveu, por proposta do nosso correligionario Gomes Moreira, convocar uma reunião de todas as comissões parochias para resolver qual a attitudo a tomar em presença d'este projecto de romaria dos alumnos da escola primaria ao monumento da Immaculada.

Estamos certos de que as comissões parochias não deixarão de por qualquer forma manifestar o seu protesto e, desde já, lhes damos o nosso applauso.

Coimbra

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Transmontana, Couraça dos Apostolos; Na Casa «Elyseu da Silva», rua Larga; No Kiosque da «Praça 8 de Maio»; Na Agencia João Borges, rua Ferreira Borges.

Santarem

Vende-se A PATRIA em casa do sr. Bernardo José Vianna.

alma da sua filha que não se vá embora. Muito atrapalhado, bem se vê pelo topico da alma da menina que morrera com quatro meses de idade! O caso é que Dorothea estendeu o braço horizontalmente, abriu a mão, recebeu a boceta, fechou a mão, e metteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melião, de orelha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciadas pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

D. Anathilde tinha o effacto subtilissimo das lisyicas, a membrana pituitaria tão dessorada que todos os effluvios lhe penetravam nos poros permiaveis. O marido exhalava um cheiro particular a drogas de fabrica de tecidos, um perfume azotado que o annunciava a distancia. Quando entrou na saleta em que a ama, numa starantação de comprometida, estava aleitando a criança, Anathilde poz-se

A critica anarchista

A Era Nova, que tinha declarado não mais responder a allusões da Patria, regista no seu ultimo numero uma rectificação que diz ter sido feita aqui de affirmações anteriormente produzidas.

E' claro que quem tem tido a paciencia de seguir esta polemica fica naturalmente pasmado diante do despalante com que ella se refere a uma rectificação perfeitamente imaginaria.

Se a Patria tivesse feito qualquer referencia injusta ou falsa, todos aquelles que conhecem a lealdade aqui professada e a correção aqui mantida, sabem muito bem que ella seria immediatamente rectificada, provada que fosse a sua injustiça ou a sua falsidade.

Mas, neste momento, tal não succede. A Era Nova fez a affirmação de que se os republicanos não fossem abrangidos na ambiguidade da lei de 13 de fevereiro, não só não protestavam contra ella, mas até eram capazes de applaudir a lei do sr. João Franco.

Diante d'isto, absurda e arbitrariamente affirmado por quem, positivamente, tem a insistente preocupação, nascida d'um sectarismo atrabiliario e doentio, de ver inimigos ferozes em todos aquelles que não commungam nas mesmas ideias ou se não sujeitam submissamente aos seus processos dogmaticos, a Patria tratou de demonstrar que tal não era verdade, porque os factos citados absolutamente desmentiam a affirmação da Era Nova.

E visto que vinha a proposito esse sectarismo, que aproxima muitos dos anarchistas dos jesuitas, tornando identicos os seus processos de combate intolante e d'agressão bravia, varias considerações foram feitas a esse respeito, lamentando-se que essa attitudo assumida por individuos que se dizem revolucionarios, resultasse implicitamente favoravel ao Poder, cuja queda, cujo combate, d'uma forma immediata devia interessar a todos.

Nestas circunstancias a critica tinha um certo caracter de generalidade, embora com origem na referencia da Era Nova e que aquelles que não tem o entendimento obscurecido ou perturbado pelo desvario d'uma ferocidade obrigatoria para os adversarios, claramente perceberam. Isto quer dizer que a Era Nova estivesse fora do ambito das censuras aqui feitas? Inteiramente não, como o demonstrava a sua propria affirmação affrontosa para o Centro Republicano Academico, que não podia merecê-la, friamente, a quem conhece muito de perto grande numero dos seus membros.

Portanto, o cuidado da Patria foi, sem irritação, porque não irritam já os republicanos os ataques habituaes dos anarchistas, levar ao publico o desmentido ao que foi affirmado na Era Nova e aprovar com factos as censuras feitas aos seus processos.

Aqui está o que se fez e o que se disse, sem miudas habilidades lamentáveis que só servem para revelar um cerebro conturbado de maniaco.

A Era Nova, para terminar, e imaginando ter argumento a seu favor, diz

a fariscar o ambiente, peorando o formato do orgão olfactorio no arregaçado e franzido das azas nazaeas.

— O sr. Melião esteve aqui? — perguntou azedamente.

— Esteve sim, minha senhora — respondeu a ama, empallidecendo, muito enfiada.

— Elle que queria?

— Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

— Ah! bem.

Desceu para a casa do almoço. Ia fular numa irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciencia de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embacados os olhos do marido.

Aquelle especimen de collegial franzina, mortíca, algida, e como indifferente para tudo, agora apunhalada pelo ciun e ou pela vaidade, transforma-se, transfi-

que a Patria, em resposta a uma referencia feita aos republicanos, apresenta o procedimento do auctor do artigo, o que é uma falsidade de quem não conhece, ou tem o proposito de deturpar os factos.

A Patria respondeu com o procedimento dos republicanos, visto que nas reuniões de protesto contra os crimes de Alcalá del Valle e de Montjuich, não foi o signatario d'estas linhas o unico republicano que tomou parte.

A uma d'ellas, a mais importante, presidiu França Borges, director do Mundo, fallando ainda outros republicanos como Magalhães Lima, Heliodoro Salgado e o meu camarada e amigo Ramada Curto. Mas a falsidade da Era Nova derivou do desejo de fazer uma insinuação pessoal, unica taboa salvadora no meio do desespero d'uma polemica em que lhe fallece a razão.

Eu não preciso invocar o testemunho de companheiros meus de Lisboa, como Mayer Garção, José do Valle, Costa Carneiro e outros que podem attestar a continuidade da minha antiga orientação, visto que o facto de me encontrar aqui no Centro Republicano e na Patria não se me pode levar á conta de deshonestidade ou de apostasia, attendendo a que muitos dos nomes que figuram no N. E. A. e dos mais prestimosos e sérios, pertencem ao mesmo tempo ao grupo dos republicanos academicos.

De resto, eu podia transcrever artigos que definem precisamente a minha attitudo, sempre aneando por uma organização social integralmente justa e sempre desejosa d'uma libertação definitiva, mas em que declarava dar todo o meu esforço, todo o meu entusiasmo, toda a minha vida até se fosse preciso, á Republica, porque a considero a condição primordial e essencial de todos os progressos que nos hão de conduzir ao ideal ardentemente ambicionado.

Isso ficará, talvez, para depois, visto que os anarchistas da Era Nova parecem ter vontade de continuar. Far-lhes-hei a vontade.

Aqui estou eu — ó Campos Lima — para o sacrificio ás tuas iras! Mas, ao menos, não te esqueças de registrar na Era Nova o exemplo de resignação antiga que eu dou, prestando me a ser a victima necessaria a quem no campo d'uma discussão impessoal se não podia aguentar por mais tempo.

E esse procedimento não resulta somente da falta de razão e de argumentos, deriva tambem, em grande parte, do teu habito de excommungar como pontifice d'essa egreginha, onde impera a tua auctoridade de libertario soberano, onde faz justiça o teu gesto de condemnação irremissivel.

Carlos Olveo

Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

POR

Francisco de Almeida

O mais completo pela variedade dos assumptos que abrange e de mais rico vocabulario que se tem publicado até hoje.

Assignatura permanente — Fasciculo de 16 pag. 50 reis. Tomos de 80 pag. 250 reis.

Dirigir pedidos á empreza editora — Costa Guimarães & C.ª, Largo da Annuciada, 9, Lisboa — ou aos seus correspondentes da provincia.

gura-se, vibra em convulsões de raiva, e desce as escadas muito apumada, batendo o tacão nos degraus e agitando os braços como quem os sente capazes de esganar um marido infiel. Ninguém diria que aquelle galvanizado fenomeno osteologico pertencia ao sexo timido! Cuidar-se-ia antes que bebera naquella manlhã o sangue irascivel de leão, e não o calmante leite de jumenta. As arterias frontaes, em alto relevo azul, papejavam muito grossas de calibre. O nariz, como espiraculo da cratera interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abobada palatina com a ponta da lingua uns estalidos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou á meza a trinchar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por debaixo da banca raspava no taboado com as botinas num phrenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensorios

De Lisboa

2 de Junho

Escrevo-vos meus amigos ainda sob a esmagadora impressão da manifestação de sexta feira. Tenho os nervos arrazados. Passam-me ainda relampagos pelos olhos. Na minha retina tenho ainda nitidamente aquella massa enorme que alastrava pelas ruas como uma invencivel onda. Por instantes eu julguei que essa onda, crescendo continuamente, subvertesse a cidade. Sim, meus amigos, eu tenho a impressão de que uma onda humana varreu hontem as ruas de Lisboa, deixando por toda a parte, suspenso e errante, um clamor de redempção e de liberdade. Ah! o lindo dia d'hoje! como intensamente se viveu e se sentiu, na ancia, na vaga e tremula ancia que sempre precede os grandes acontecimentos e faz bater umas contra as outras todas as cordas da nossa sensibilidade e da nossa inspiração! Como se viveu e se sentiu! Só agora eu conheço como é boa e compensadora a luta. Só agora adquiri a certeza de que é a batalha o goso maior que a vida concede ao homem. Agradeço a minha mãe o ter-me lançado á terra neste momento de combate, em que um vento de febre me sóa sem cessar aos ouvidos e o anjo do triumpho sem cessar me mostra a face resplandecente.

Porque a verdade, meus amigos, é que eu me julguei em plena Republica triumphante. Das janellas as senhoras davam palmas e agitavam lenços. Tive a illusão de que aquella massa voltava d'alguã expedição longinqua, victoriosa. A propria policia parecia abrir alas. Dir-se-hia que a auctoridade servia á Republica.

A' frente do cortejo, as figuras dos deputados republicanos erguiam-se como tocadas da aza da victoria. Foi uma verdadeira marcha triumphal. Por muito perdurará dentro de mim a lembrança d'esta jornada.

A serenidade altiva do povo devia convencer o regimen de que o partido republicano tem agora a consciencia dos seus destinos. Sabe bem para onde marcha e sabe bem o que quer. O partido republicano é já hoje a onda enorme, a onda avassalladora. Sobre essa onda o barco do regimen sustenta-se ainda. Para o barco ir ao fundo basta, porém, que a onda sacuda mais fortemente o dorso.

Uma coisa quero notar-vos em especial. Foi a primeira vez, depois das festas a Loubet, que um dia de liberdade chegou a Lisboa. Os dias de Loubet desapareceram, todavia, sem que ficasse a esperança de que voltassem cedo ou tarde. A liberdade d'esses dias era condicional. Tinha-se saltado a fêra por tres dias. Passados esses tres dias a fêra seria de novo enjaulada e nunca mais, nunca mais veria o céu senão por entre os ferros da jaula. Chegar-lhe-ia aos ouvidos, como um murmuro vago, o fragor da vida, chegar-lhe-ia aos cabellos, como uma caricia mascula, um raio de sol, e seria d'alli por deante tudo o que a fêra tinha o direito a conhecer e a viver. Todos sabiamos que passados esses tres dias a noite voltaria, acaso mais tenebrosa — e todos nos resignavamos.

Mas d'esta vez ha a certeza de que a fêra quebrou com os dentes a jaula e veio para a rua resolvida a não mais se deixar enjaular. Não, não ha o receio de que ella seja de novo enjaulada. Ha a inteira certeza de que a Republica se apoderou do momento e das circunstancias e tudo se conjura para a servir e a proclamar.

Eis o que eu vos queria notar especialmente.

E essa certeza, que já subjogou o meu cerebro e as minhas veias, queima todo o meu ser num incendio de fé e d'alegria.

Timido.

milagrosos. Melião estava espantado, e não sabia o que era aquilo, a menos que Dorothea estupidamente denunciasse o segredo do anel. Parecia-lhe impossivel tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fe que elle subiu, á surrella, do escriptorio ao 2.º andar?

— O' ama! — chamou Anathilde — traga cá o menino para ver o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Alvaro, pois não?

Melião açafroava-se até aos lobulos das orelhas e gaguejou:

— Sim... eu já o vi de passagem...

— Onde?

— Lá em cima.

— Que foi o sr. fazer lá acima, não me dirá?

— Ia ver o menino.

— Mas o seu costume é vê-lo pela primeira vez ao almoço.

— Cuidai que estaria contigo...

TRIBUNA DOUTRINARIA



O JURAMENTO

Entre os primeiros deveres impostos, pelas legislações fundamentais, aos magistrados e funcionarios de todas as categorias, ha um que me dá uma impressão das mais irrisorias — o juramento.

Não ha o respeito á autonomia e á inflexibilidade das opiniões politicas individuais; não ha a mais ligeira attenção á sinceridade e ao ardor das crenças.

Todo o individuo, atheu ou livre-pensador, catholico ou protestante, republicano ou monarchico, quaesquer que sejam emfim as suas convicções sociaes, politicas ou religiosas, é obrigado, antes de tomar posse de qualquer função publica, a prestar solemnemente o juramento.

Tal é a regra predominante nas nossas leis fundamentais e tambem nas de muitos outros paizes.

D'uma maneira geral, o juramento na sua essencia é uma affirmação religiosa pela qual se invoca uma divindade para testemunho.

Na antiguidade em que todas as manifestações da vida dos povos faziam parte integrante da religião que absorvia e dominava tudo, a necessidade do juramento nos actos civis e politicos era perfeitamente comprehensivel, tanto mais que as leis, os codigos, participando do caracter mysterioso d'ella, davam consideravel valor ao exterior, ás formulas solemnes.

Acresce que as primeiras sociedades civilizadas, pela unidade e uniformidade de regimen e de ideas a que subordinavam a sua vida moral, eram totalmente differentes das nossas.

As modernas sociedades, productos d'uma evolução lenta e progressiva caracterisam-se pela multiplicidade e variedade de doutrinas entre si irreductiveis, de principios e de crenças que se oppõem, de ideas politicas e sociaes inconciliaveis e distinctos.

Encaro muito particularmente a sociedade portugueza. Sob o ponto de vista politico é a forma monarchica que imprime caracter a todas as instituições. Quanto ás relações entre o Estado e a Igreja, sabemos que o Catholicismo é a religião official.

Pois muito bem. Por mais arbitrario que seja um regimen, por mais decisiva que se nos afigure a imposição d'uma determinada fé pela Lei, não obstante nada pode impedir que em muitos espiritos, em muitas consciencias, se desenvolvam principios em completo desacordo com os que o Estado adoptou.

Eu, por exemplo, como rasgadoamente republicano e abertamente livre-pensador, estou fundamentalmente divorciado das ideas pelas quaes se governa a sociedade portugueza. Por isso, nada se me apresenta de mais manifestamente absurdo, nada acho tão aviltante para a dignidade e autonomia do espirito como o ser-se forçado em varias circumstancias da vida a prestar solemnemente o juramento de fidelidade e de respeito ás instituições vigentes e aos que as incarnam.

O exercicio d'uma função publica consiste essencialmente no cumprimento de certo numero de deveres. Claro, a

— Comigo! ora essa! pois você deixou-me no jardim a passear o leite e foi-me procurar ao 2.º andar! Que trapalhão!

Dorothea ouvira este dialogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a innocencia do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

— Ella tem mais vergonha que o sr. Não quiz entrar... notou Anathilde dando fé que a ama se retirava. — Tenha tambem vergonha você que é um homem velho. Já era tempo de ter juizo nesse miolo.

Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao plateau, e vociferou:

Sabes que mais? Vae para o dia-bo que te carregue que eu não estou para te aturar, oviste?

E safou-se para a fabrica, golphando fumaradas de raiva pela rua do Bomfim acima.

sua pratica é independente das convicções pessoais.

Por outro lado, não ha prova mais cabal para se apreciar um homem do que o exame das suas acções. Um individuo ou é honesto ou não. Se o é, todos os seus actos publicos ou particulares hão de ser fatalmente d'uma correcção impecavel.

Não é honesto, pois então nenhuma força poderá obstar á que a personalidade viciosa e perversa d'um individuo se manifeste em toda a sua plenitude, nem mesmo o juramento com invocação do que possa haver de mais sagrado.

Mas o juramento é uma mera formalidade, sem grande valor juridico, poderão argumentar os que pretendam refutar. Se assim é, mais uma razão e forte para as leis modernas se emanciparem por completo das tradições do antigo Direito tão essencialmente formzista.

E, porém, obrigatorio o juramento. A sua recusa produz effectos graves. Tem, pois, toda a efficacia juridica e moral.

As leis, exigindo o juramento como um acto indispensavel, põem em conflicto aberto o Estado e muitas consciencias livres e orgulhosas de independencia.

Para mim, como para todos os que estiverem comigo em communhão de idéas e de crenças — estou convencido — nada será mais penoso e deprimente do que ser obrigado implicitamente, por meio do juramento, a reconhecer como viavel a monarchia e aceitar como verdadeiro a religião catholica.

Singular erro dos legisladores! O juramento deve ser abolido em todos os actos politicos e tambem nos civis. «O juramento é um meio imaginado para encobrir hypocrisias» — disse com verdade A. Karr.

Alberto Xavier.

Censura telegraphica

Na vespera da abertura do parlamento, o nosso correligionario João Gomes Moreira quiz dirigir para o Centro Republicano de Lisboa um telegramma nos seguintes termos:

«A commissão parochial republicana de S. Bartholomeu acompanha de alma e coração o povo de Lisboa e seus eleitos na sua jornada de amanhã ao parlamento. Adhere com enthusiasmo de patriotas aos vossos protestos contra a permanencia d'um cidadão austriaco no governo portuguez.

Gomes Moreira.»

Pois este telegramma não foi expedido por o impedir a censura que com certeza viu nelle um grave perigo para a segurança das instituições. Intelligente censura!

Fazemos ao director e empregados do telegrapho a justiça de acreditar que isto é feito em cumprimento de ordens vindas de cima... do liberal governo do sr. João Franco.

Seria revoltante se não fosse simplesmente ridiculo.

Deus lhes dê juizo, que bem precisam d'elle.

Aos nossos assignantes

Vamos mandar fazer a cobrança das assignaturas da PATRIA, pelo correio ou por qualquer outra forma que for mais conveniente. Pedimos aos nossos assignantes a faveza de satisfazer os seus recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Sem interpor tempo nem reflexão, D. Anathilde chamou o creado de meza, e mandou-o a todas as inculcadas procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse. Movia-se por toda a casa, d'alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonsidos metallicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degraus. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnetica formada num agulheiro de ossos. Abria e fechava gavetas e bahu e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava jôias nos escrínios. Fazia e desfazia. Atirava as toilettes de buile ao chão, e removia-as a pontapés.

Nem uma lagrima, nem um insulto hysterico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subira ao terceiro andar, e estava tambem entroixando á pressa as suas cousas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

RAPSODIA

A Republica e o clero

Recebemos um postal assignado por um estudante de medicina, do Porto, no qual se diz o seguinte:

«... tenho notado que paralelamente á implantação da Republica em Portugal, alguns jornaes querem tambem levar o povo á descrença no catholicismo; ora isto acarreta difficuldades para mim e para muitos outros propagandistas dos principios da liberdade, egualdade e fraternidade, pois que no nosso paiz ha um pouco de fé no que os padres dizem; e por conseguinte o lavrador dos campos, que quasi só alimenta o espirito com o pão que lhe fornece o sr. abade, e como este cavalheiro só costuma dizer a esses ignorantes de boa-fé, que republica é o paiz em que não se acrédita em Deus e não ha governo, em que todos fazem o que querem, em que se um diz escola outro acrescenta mata, ha immensa repugnancia á Republica por essas aldeias, principalmente pelas do Minho. Bom seria não fallarem em religiões nenhuns jornaes republicanos. Se adoptassem este systema, como eu faço, seria mais facil democratizar o povo, ao que tenho notado.»

A resposta a estas considerações está dada nos artigos anteriores, mas de forma alguma julgamos inutil repisar e desenvolver tanto quanto possível as razões de ordem varia que nos levaram a abordar o assumpto.

O nosso interlocutor começa por dizer que alguns jornaes, paralelamente á implantação da Republica, querem levar o povo á descrença no catholicismo. A' descrença na efficacia da acção social e politica do catholicismo, está bem. Assim é — e assim tem de ser. O catholicismo é estruturalmente um regimen theocratico, que só não redundou num regimen de castas em virtude do celibato, que abrigou a Igreja a recontar os padres em todas as classes, impedindo que se formasse do clero uma classe fechada, e por isso o catholicismo é, já o dissemos, a negação da democracia. Confinando-se a Igreja no seu fim espiritual, para a consecução do qual ninguém lhe negará a legitimidade dos bens materiaes necessários, a Republica, tolerante e coherente, não poderá inquietá-la. E' isto o que está em harmonia com os principios que informam o regimen republicano, e é isto uma pratica eminentemente liberal. As crenças são absolutamente do dominio da consciencia, e, como taes, incapazes, insusceptiveis d'uma sanção legal. E' o caso. Não pode haver crenças officiaes. O Estado tem de ser essencialmente neutral. Empregamos a palavra neutral para nos não servirmos da palavra irreligioso. Não se comprehende uma religião do Estado. Um Estado que impõe uma religião faz profissão de fé. Ao Estado pertence, porém, a protecção e conservação de todos os interesses, a manutenção da harmonia entre todas as aspirações differentes ou contradictorias que traduzam uma corrente d'opinões ou de sentimentos. Para o Estado, ademais, concorrem com as suas contribuições todas as seitas e todas as crenças. Desde que o Estado se decida por uma seita ou por uma crença, assume o papel de perseguidor das outras crenças e das outras seitas.

Não é isto assim? E', clarissimamente.

O creado demorara-se pouco. Entrou com uma ama chegada, havia pouco, de Amarante, — um alfobre de amas, grande exportadora para os alcouces. Era uma mulhercaça pujante e barbaçada.

— Vae chamar a ama — ordenou D. Anathilde á creada de sala, e que traga o sr. Alvaro ainda que elle esteja a dormir.

Desceu Dorothea com o menino, timorata e receosa de pancadaria, moita por safar-se.

— Entregue o menino a esta ama — disse a senhora, sem a encarar. — Eu vou saber com ella para casa de meus paes, e você fique no meu logar.

— Isso é que não! — acudiu Dorothea gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadris, com tudo. — Isso é que não! Eu hei-de saber primeiro, e é já, e é já!

— Quanto se lhe deve? — perguntou Anathilde já modificada.

— Não sei, nem me importa. Se nada me quizerem dar, tambem vou contente. — E retirava-se muito esfandegada.

— Espere, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de toilette, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um anno.

— Isto é de mais — obviou Dorothea. — Eu só cá estive seis meses, e já recebi tres moedas por conta.

— Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu suppunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Póde ir, e adens, seja feliz.

— A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um gallego desci com a caixa de pinho ás costas entrava Ladislau Melitão, adivinhando o cataclismo. — Que caixa é essa?! perguntou. — Que a dona vinha ali atrás, explicou o gallego.

Ora a Igreja é a religião official do Estado, e só porisso ella tinha e tem de ser combatida. Mas, a par, a Igreja é o inimigo declarado da democracia. Ella é o privilegio, a desigualdade, a intolerancia, a verdade revelada contra a razão. Ella é o credo contra a demonstração, é a condemnação da humanidade á oppressão, á dor, á miseria por vontade divina irrevogavel. Ella é quem diz que vimos inquinados de peccado do ventre de nossas mães. E' ella que nos desvia os olhos da terra, «o triste valle de lagrimas», para nos apontar o céu, «a bemaventurança sempiterna». E no entanto é a terra que nos dá o pão e a alegria, e o céu não passa d'um montão de nuvens. E' ella que mais tem desvirtuado o fim do homem e mais tem pervertido a consciencia delle, porque é certo que o catholicismo é a menos pantheista de todas as religiões. Todos os symbolos catholicos se referem a um mundo supersensivel, onde não chega o murmuro da terra e dos homens. Descobre-se, é verdade, atravez da evolução dos mythos e symbolos catholicos uma origem mais ou menos francamente pagã (Natal, Paschoa, etc.), mas tudo afogado num ritual de tal modo complicado, que a significação primitiva d'essas festas escapa absolutamente á comprehensão dos fieis. Pode dizer-se que o catholicismo é a religião do odio á terra.

Porque é isto, a Igreja tem de ser combatida até ao ultimo reducto. Ella é o grande manto de sombra que impede ao homem a vida perfeita, a vida integrada na vida cosmica. Quando vier o dia em que o homem deixe de olhar o céu — o sonho, o vacuo, o phantasma — para se fixar na terra — a realidade, a abundancia, o amor — o homem terá vivido o primeiro dia de felicidade.

Mas este segundo objectivo, o ataque ás instituições e doutrinas catholicas, não poderá, nem deverá ser feito pela Republica. A Republica será, como fica dito, essencialmente neutral em questões de consciencia. D'outra forma ella não seria a libertadora, seria a perseguidora. Esse segundo objectivo realisa-lo-ha a diffusão da instrução e a diffusão da liberdade. Serão esses dois maravilhosos factores que realizarão esse supremo objectivo. D'aqui a quanto tempo? Que importa lá isso? Se batalhamos por uma ideia, é simplesmente porque essa ideia é para nós a verdade, e, tendo-se ella apoderado de nós, havemos de servi-la sem olhar a prazos nem a recompensas. D'outra forma prostituir-nos-hemos.

Esse dia virá. Preparemos, na medida das nossas forças, o advento d'essa aurora.

E por hoje, caro collega, só esta explicação a mais, porque a estopada será acaso já insupportavel.

Os jornaes republicanos não podem querer que o povo descreia no catholicismo, sem que a solidariedade que provém d'essa egualdade de crença seja substituida pela solidariedade proveniente da egualdade de criterio. Dizer a alguem: «O que tu crês é uma mentira», e não procurar convencer esse alguem d'uma outra crença ou d'uma outra ideia que se supõe melhor, é nem mais nem menos do que praticar um crime. Porque:

1.º Esse alguem tinha na vida alguma coisa de superior a si mesmo que o norteava e determinava, marcando-lhe os caminhos. Em face d'esse principio su-

perior esse alguem descreminava, julgava, resolvia, amava, existia. Tinha um objectivo e ter um objectivo é uma condição indispensavel de triumpho. Seja embora uma senda de trava a que esse alguem segue, desde que a imagine de luz, segui-la-ha com segurança e firmeza.

2.º Lançar a perturbação e a duvida na alma d'esse alguem, é desorienta-lo, é arrancar-lhe essa segurança, é torna-lo uma folha secca movendo-se á mercê dos ventos. E' fazer uma obra pessima. E' assassinar uma vontade. A duvida é a hesitação e quem hesita é sempre um derrotado. Desapparece a solidariedade, porque desapparece a confiança.

Portanto, o que urge immediatamente é provar a inefficacia da acção politica e social do catholicismo, porque a prova d'essa inefficacia não é de forma alguma obrigar alguem a descreir em Deus e na immortalidade da alma. Só depois, quando a instrução e a liberdade estejam diffundidas a ponto de as maiorias se não deixarem escravisar pela invocação d'um Deus e pelo medo do *au-delà*, só depois é possível a victoria final. A victoria final é o pensamento livre.

Mas d'aqui não se conclua que as circumstancias imponham uma abstenção. Não. E' preciso semear ás mãos cheias, ainda mesmo que haja a certeza de que de cem mil sementes só uma florirá e fructificará. E' preciso combater sempre. Mas, diga-se pela ultima vez, o partido republicano só tem que atacar a influencia social e politica da Igreja. O combate contra o seu dogma e a sua disciplina, contra o seu espirito e as suas instituições, tem de ser um combate de intelligencias, um choque d'argumentos, em que só tem de intervir consciencias determinadas por dados scientificos e em que de forma alguma pode pesar a mão do Estado.

Está comprehendida a nossa intenção? Quanto ás outras considerações, no proximo numero continuaremos, na persuasão de que o nosso caro collega do Porto verá nas nossas palavras somente um sincero desejo de elucidar, de discutir, e não um prurido de impor opiniões.

Antonio Granjo.

PATRIA

ASSIGNATURA:

Serie de 16 numeros, 200 reis, pelo correio.

Numero avalso: 10 reis.

Porto

Vende-se A PATRIA no Kiosque da Praça D. Pedro.

Aveiro

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Bernardo Torres.

Braga

Vende-se A PATRIA no Kiosque Gonçalves, Largo da Lapa.

Lisboa

Vende-se A PATRIA na Tabacaria Monaco e Kiosque Elegante (Rocio).

Dorothea appareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectacular do que nunca.

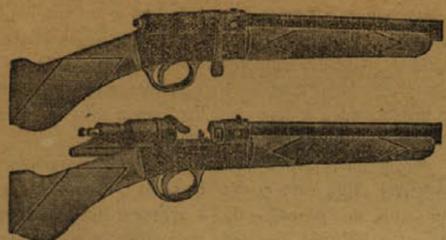
— Você onde vae!? onde vae? — perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espitados.

— Vou para minha casa. Passe V. S.ª muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o sr. Antonio de Serpa, é que Dorothea não resitiu o anel a Melitão. O esquecimento é desculpavel pela atrapalhão da sahida. — Que espiga! — dizia elle esmagado n'alma sob o peso da catastrophe, e de mais a mais com a perspectiva das borrascas domesticas, bravas luctas com a esposa — o osso da sua carne!... Que espiga!

(Do romance *Volões de Lama*).

CAPILLO CASTELLO BRANCO.



Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolveres — Um magnifico sortido de revolveres das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolveres que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolveres ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motocyclette Aleyon

A Motocyclette Aleyon de 2 cavallos e 3/4 monocylindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta « simplex » isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 3 minutos a outra.

A machina Aleyon mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETTES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permitindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 réis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

PATRIA



Orgão do Centro Republicano Academico

Numero 1 - 1.º anno
Numero avulso. 10 reis

COIMBRA, 19 DE MARÇO DE 1906

Redacção e Administração — Largo da Freiria
Editor — José Maria dos Santos Nazareth

PATRIA

Chegamos nas vespuras da batalha.

Nesta hora, para uns tumultuosa de pavores, para outros incendiada das mais claras e seguras esperanças, nós vimos marcar os nossos logares de combate, ao lado d'aquelles que, de ha muito, veem, num rijo e fecundo trabalho de propaganda, fazendo a boa guerra contra velhos principios que hoje mais não são do que uma risivel mascara já sem brilho, mal velando o facies impudente d'uma politica cheia de crimes, roida por mil egoismos, descarada e torpissima.

Não é pois para uma ingenua tentativa de serena orientação, nem, escusado seria dizê-lo, para entoar suaves canticos a uma vaga e idyllica republica, que nós vimos expôr os nossos nomes às perseguições d'aquelles que, na prescencia da sua proxima ruina, se debatem e defendem com a mais terrivel de todas as coragens — a coragem do médo.

A orientação está dada e a republica que entre nós já recebeu o seu baptismo de sangue, ha muito perdeu as formas indecisas de uma romantica chimera, para se transformar aos olhos de todos quantos pensam e ainda crêm, numa nitida, precisa e inadiavel necessidade.

Fazer acordar ao ruido da nossa mocidade os que ainda dormem, dar aos que duvidam o exemplo ardente da nossa fé, magoar com a irreverencia da nossa rebeldia os que, sob veneraveis aspectos de prudencia e são conselho, mascararam os temores d'um coação cobarde, afirmar bem alto o nosso orgulho em pertencer a uma raça que um dia, esperamo-lo, mostrará que nem só de humilidosa paciencia é feita a alma portugueza, comunicar emfim o nosso odio, formidavel como a nossa dôr, contra essa vilissima cohorte de Pachecos, comicos até na ferocidade, despreziveis pelo impudôr, incapazes d'uma palavra ao menos que na historia deixe o corte luminoso d'um caracter, e para quem a honra d'uma patria é como um sarcario entre mãos sujas de bandidos, — eis em resumo o nosso programma.

Portugal precisa de ser acordado a berros, — clamava um dia Eça de Queiroz; actualmente, porém, o paiz já não dorme, que o não deixa a miseria nem lh'o consente a vergonha; por isso a nossa voz, se, pela sua aspera rudeza, não cabe, como a do querido artista morto, nos aristocraticos moldes d'aquella sua fina e limpida ironia, não obstante será ouvida porque terá a forte vibração da nossa sinceridade e a calma segurança de quem, como nós, já divisa num proximo futuro os nitidos contornos d'uma republica redemptora e victoriosa.

DUAS PALAVRAS

Patria. Não gosta do titulo o nosso vizinho do lado, acrata tremendo com uma orientação toda moderna, e um odio fulgurante contra alferes aguerridos e empregados d'alfandega. Tem receios graves de que com pendão e caldeira e em som de guerra penetremos em terras da moirama infiel, ou com fins mais altos busquemos nos adustos areas da Africa vingar emfim a inolvidavel e affrontosa derrota d'Alcacer-Kibir.

Descance o nosso humanitario vizinho e repouse a Europa, que nem nós nem o paiz, afinal, estamos dispostos a taes commettimentos, pois garantida por nossa parte se pode considerar a paz universal.

Simplesmente não aclamaremos processos revolucionarios como os de lord Chamberlain, roubando aos boers uma patria como quem furta um lenço, não sabemos se também com o humanitario fim de acabar com fronteiras. Que nos perdoe o bem orientado vizinho, mas lá isso não, não achamos bem.

Emquanto ao mais, aqui lhe juramos que, apesar d'uma proficua leitura do D. Jayme, nem pelo primeiro de dezembro poremos as patrioticas luminarias.

Descance — que nem um côto!

RAPHAEL.

ECHOS

A primeira nota

A nossa primeira nota d'hoje é dirigida aos jornaes perseguidos pela brutal violencia do governo deshonesto que só se concebe que esteja no poder por virtude da inédita immoralidade d'um regimen politico nos extremos do descrédito.

Sobre elles têm cahido censuras, querellas, apprehensões, condemnações, contra todas as conveniencias e contra o principio da livre expressão do pensamento que passou já dos labios dos paladinos e das preconizações theoricas dos philosophos para as paginas de todos os codigos modernos.

Se isto nos agrada como symptoma dos derradeiros desvairamentos defensivos da monarchia, crivada de crimes e de escandalos, contra a verdade que a condemna no amplo tribunal em que é juiz a consciencia publica, por outro lado revolta-nos pelo que representa como attentado e como extorsão.

A todos esses jornaes a expressão da nossa camaradagem. Mas o que aos republicanos é saudação inteira e incondicional, pela coherencia dos seus protestos em face de todas as repressões, quaesquer que sejam os jornaes que as soffram, aos outros, que em períodos de passada perseguição com ella pactuavam pelo silencio ou pelo applauso, a restricção jubilosa do bem que lhes tem causado a sua situação de victimas, fazendo-os entrar no reconhecimento de como a solidiedade se impõe como necessidade e como dever.

E que ella não seja inobservada e esquecida nos tempos em que, porventura, os seus amigos sejam bafejados pelas auras do poder.

Amores Reales

No *Nuevo Mundo*, revista de Madrid, vem publicada uma gravura representando o rei de Hespanha e a sua noiva, a princeza Ena de Battenberg, olhando-se, diz a revista, ternamente, reflectindo-se

en los rostros de los futuros esposos el sentimiento del amor.

Pois, senhores: vimos a gravura, e a impressão que d'ella tivemos foi que a linda princeza Ena está a dizer compungidamente ao seu real noivo: — Ena pae! Que beijo que vossa magestade tem! Senão façam favor de a vér.

Novo ministro

O *Primeiro de Janeiro* de 14 do corrente encarregou da pasta da marinha no ministerio da presidencia de Sarrien, o distincto *sportsman* sr. Jayme Tompson cujo retrato foi publicado n'aquelle jornal entre algumas das individualidades do novo gabinete francès.

Foi, incontestavelmente, um acto de justiça do *Janeyro* e o reconhecimento dos meritos do sr. Tompson, comprovados amplamente na direcção do Real Club Naval e da Liga Naval de Lisboa. No entanto — caso extraordinario! — o importante jornal do Porto, que taes aptidões torna a afirmar, demita cruelmente, no numero seguinte, o dito senhor da referida pasta, nomeando outro que elle reconhece inferior em competencia nautica e cuja substituição o mysterio das coisas politicas encobre por completo.

Francamente, não sabemos a que attribuir a extranha reviravolta do *Janeyro*.

Eleições

Na reunião que na quarta-feira se realisou no Porto, da commissão municipal dos representantes das commissões parochias republicanas, foi resolvido que o partido republicano d'aquella cidade, concorresse ás proximas eleições com listas completas.

Apoiamos entusiasticamente a decisao dos nossos correligionarios do Porto accitando, como os de Lisboa, perante a urna a lucta legal que ha-de certamente testemunhar a grande força numerica e disciplinar do nosso partido, enquanto não chega o grande dia em que muitas contas em atraso se hão de liquidar e em que, fóra do ambito das leis e da ordem convencional, violentamente se quebrem, elle ha-de resgatar a serie de vergonhas e de cobardias com que o regimen tem deshonrado um passado historico de muito brilho e de muita grandeza. Esperem-lhe pela pancada...

Moralidade alpoimacea

Recordamo-nos bem. Foi alli em baixo, no Theatro-Circo Principe Real.

Berravam como possessos contra as falcatruas eleitoraes, de que era fructo o illustre parlamento portuguez; gritavam contra a politica rotativa, chegando um dos conspicuos oradores — se bem nos recordamos, o Sr. João Pinto dos Santos — a declarar que o grupo a que se honrava de pertencer, estava a paredes meias com o partido republicano.

Claro está, que ninguem o acreditou. E' que já então se rosnava por ahi que suas excellencias passariam com armas e bagagens para o Sr. Hintze Ribeiro.

Decorreram nêses. Dissolvido o parlamento, os partidos monarchicos preparam os seus accordos para as proximas eleições geraes, cuidam já de fazer com que do parlamento sejam excluidos os deputados republicanos, verdadeiros representantes da opinião do paiz.

Onde param os dissidentes? Aliados com os regeneradores por toda a parte.

Está dado o primeiro passo para a entente com os hintzaes.

Ainda os havemos de ver de... *casa e pucarinho* e nada de paredes meias com os republicanos. Muita mudança soffrem as coisas na superficie da terra!

Programma nacionalista

Suborno de heranças, muita reza, salamaleques ante o governo de Sua

Magestade e lucta aberta ao partido republicano.

Andam bem os srs. do altar. Olhos postos nos ceus amigos e mãos nos bolsos dos partidos rotativos, ei los á procura de terra da Promissão.

Que aproveitem enquanto é tempo, que as coisas não correm muito á medida dos desejos d'aquelles que menos prezam os interesses do paiz para olhar pelos seus.

Um Jacintho ou um Bertandoso não vale mais do que um José Luciano, como este não é mais do que toda essa podridão que procura na monarchia os legitimos interesses da sua algebeira.

Abençoado paiz, que tal gente atoral

Centro Republicano Academico

Inaugura este Centro no proximo domingo 25 a sua campanha de propaganda republicana, realisando um comicio em Santarem, no qual usará da palavra os estudantes Abranches Ferrão, Americo de Castro, Antonio Granjo, Carlos Olavo, Ramada Curto e José Montez.

Nos comicios eleitoraes que se realisarem em Lisboa e Porto far-se-ha tambem representar, e brevemente serão iniciadas pelo nosso illustre correligionario Dr. Malva do Valle as conferencias que o Centro se propõe realizar nesta cidade.

Continuam assim os estudantes republicanos no cumprimento da missão que se impuzeram de lucta contra o regimen.

Na sede d'este centro foi recebido um programma do congresso da paz, que se reúne em Lisboa no proximo mês de maio, e um convite do seu illustre presidente e nos. o eminente correligionario sr. Dr. Magalhães Lima, para que o nosso centro se faça representar.

O assumpto vaer tratado numa das proximas sessões.

Republicanos e anarchistas

Nos tres ultimos numeros d'*A Bra Nova* publicou Campos Lima tres notaveis artigos sobre as relações entre os anarchistas e os republicanos. Dizemos notaveis, porque estamos pouco acostumados a ver escrever com a honestidade e a segurança de doutrina com que o já tão conhecido propagandista trata o palpitante questào. Ha, porém, nesses artigos affirmações que nos obrigam a dizer algumas palavras.

Não é nosso intento provocar polemicas. Declaramo-nos incompetente em razão da pessoa e da materia; e até certo ponto, porque um pouco de pudor nos determina ainda, incapaz de tão feia acção. As polemicas são, em geral, uma febre de reclame, e nós julgamos ingenuamente que o reclame é a irritação.

A questào é posta nestes termos: «Qual a attitudo dos anarchistas a respeito da Republica antes da sua proclamação, durante o periodo revolucionario e depois da Republica feita?»

E' uma questào de tactica que se discute. Não ha, nem pode haver, é claro, uma formula rígida e sagrada de delimitação entre a acção anarchista e a acção republicana. A solução tem de variar conforme os logares, os homens e os momentos. Assim «a nossa questào é restringida a Portugal e ao momento em que escrevemos.»

Se fosse uma questào de principios exclusivamente, nada teriamos que ver com quaesquer affirmações: somos daquelles que têm pouca fé, para a implantação d'ideias, no chamado processo contradictorio. Entendemos que é dentro de cada um que a discussão tem de se travar, que o conflicto tem de rebentar, para que cada um tome resolutamente um caminho. A decisão, que uma conferencia contradictoria ou uma polemica ardente possam levar a um ouvinte ou a um leitor, dura somente enquanto dura o poder de suggestão do conferente e do polemista. E isto não significa de forma

alguma recusa a uma discussão de principio nem tão pouco desprezo pelos methodos criticos. Entenda-se: julgamos de fracos beneficios reaes uma disputa entre pessoas, que, mais a mais, tem o inconveniente de quasi sempre descambar em disputa de pessoas. Entenda-se: preferimos que cada um leia, assimile, compare, generalise e conclua. Por esta forma crear-se-hão vontades, delinear-se-hão individualidades e consciencias. Pela outra forma arranjar-se-hão bandos, patrulhas, cliques.

Como é, porém, dum processo de lucta que tratamos, não importando agitar idéas antagonicas ou principios irreductiveis, mas somente traçar uma conducta — acaso nos será licito, dentro destas nossas opiniões, dizer algumas palavras.

Campos Lima no primeiro artigo põe a questào. E' no segundo artigo que por varios argumentos procura demonstrar que os anarchistas não podem «auxiliar a propaganda theorica da Republica.»

Como diz Sebastian Faure, se se quer evitar toda a especie de logomachia, é indispensavel precisarmos os termos. Precisemos os termos. Ninguem pretende que os anarchistas sejam... republicanos.

Por isso ninguem pretende que os anarchistas defendam a Republica em face á Anarchia. Os anarchistas atacarão naturalmente todos os regimens auctoritarios. Por isso atacarão a Monarchia e a Republica. Ninguem pode contar, nem conta com outra coisa. Mas o que os anarchistas têm obrigação de fazer é defender «theoricamente» a Republica em face á Monarchia. Desde que a Republica é — vá a definição geralmente acceita — a formula jurídica da democracia, e a Monarchia é o privilegio, a hereditariedade, o direito divino, a cruz e espada, os anarchistas defenderão logicamente e indeclinavelmente a Republica contra a Monarchia. Sendo assim, desde que, como Campos Lima reconhece, a revolução republicana é a unica possivel em Portugal, os anarchistas que quizerem ser coherentes com as circumstancias e não quizerem prejudicar as proprias idéas batalharão pela Republica — antes da revolução, e durante a revolução. Depois da revolução já ninguem poderá exigir-lhes outro tanto, de boa fé. O seu papel será de novo, naturalmente, demolir. Mas se, implantada a Republica, ella perigasse de forma tal que houvesse o receio de que percesse ou de que retrogradasse, ainda os anarchistas teriam não só a obrigação, mas a necessidade de a defender.

Haverá sophisma, subterfugio, subtiliza que possa destruir a simplicidade luminosa e inconfundivel destes termos? Pois não é isto claro como a luz do sol?

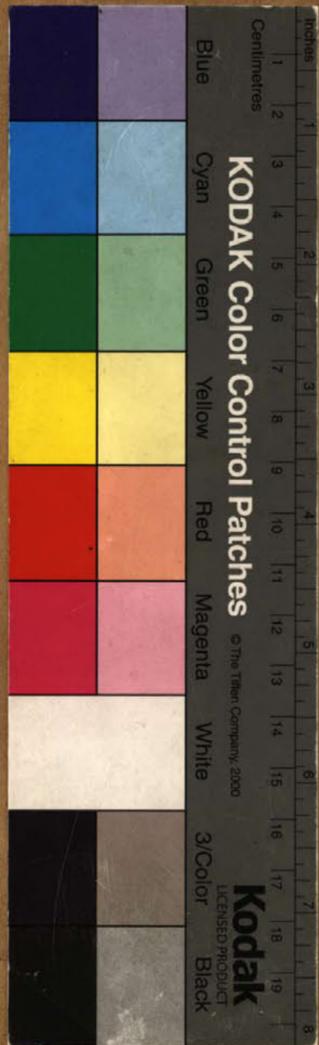
Evidentemente, «o criterio para atacar a monarchia é fatal que difira dos republicanos para os anarchistas.» Mas que tem isso? Acaso nós queremos impôr como unico elixir maravilhoso, despoticamente, o nosso criterio? Como Campos Lima admite, a Republica trará a liberdade de pensamento.

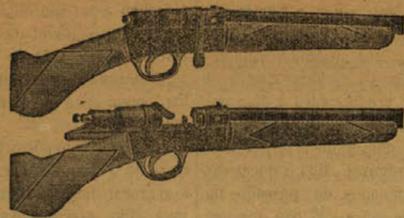
Não se trata — e é justamente aqui que está o erro — de determinar a acção anarchista «confrontando a doutrina anarchista com a ideia republicana.» Trata-se de determinar a acção anarchista — confrontando a ideia republicana com o principio monarchico.

Quem afirma que os anarchistas em confronto com a Republica devem defender a Republica? Collocamo-nos neste ponto de vista é unicamente fazer um alarido de pardaes, é combater em pura perda, é esgrimir embora vãos moinhos de vento. Não. O que se afirma é que os anarchistas, na linguagem magnifica e terrivelmente synthetica do povo, façam somente isto: defender o bom para alcançar o melhor.

O exame unilateral da questào e o prejuizo insistentemente tamboreado de que a Republica só se importa de resolver o problema politico, viciam constitucionalmente os artigos de Campos Lima. E de tal forma a exposição e a deducção são prejudicadas, que nos chegamos a persuadir duma certa fluctuação e uma certa debilidade na linha estrutural.

E' por aquellas razões ainda que Cam-





Armas de caça, exercicio e defeza

Espingardas para caça — das melhores marcas francezas, inglezas e belgas. Unico agente das afamadas marcas IDEAL da *Manufactura Franceza de Armas e Cycles* e da magnifica espingarda ÉLITE da bem conhecida casa *Galand*, sem duvida as duas melhores marcas francezas.

Carabinas — Magnificas carabinas para salla e campo, carabinas de repetição para defeza.

Revolvers — Um magnifico sortido de revolvers das melhores marcas, entre os quaes os da *Manufacture Saint Etienne, Galand, Semith & Wesson*, etc.

Revolvers que com um peso e tamanho reduzido cursam de 150 a 200 metros empregando ballas blindadas d'aço.

Munições de todos os calibres — Cartuchame e todos os pertences para caça.

Recebem-se espingardas usadas em troca d'outras novas

VENDAS A PRESTAÇÕES QUALIDADES GARANTIDAS

Encarrega-se de mandar vir espingardas, revolvers ou carabinas de qualquer fabricante que se queira, para o que tem catalogos á disposição para a escolha.

JOÃO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges

(Em frente ao Arco d'Almeida)

COIMBRA

OS REBELDES

POR

José Augusto de Castro

1 volume de 280 pag., broc. 500

Pedidos ás livrarias de Lisboa e Porto, ou ao auctor — GUARDA

Ferragens nacionaes e estrangeiras

Materiaes para construcções

Utencilios de cosinha e meza

CUTELARIAS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE METAES

PAPEL PARA FERRAR CASAS

Arames e rédes de arame para vedações

Sempre um magnifico sortido de objectos de fantasia para brindes

João Gomes Moreira

Rua Ferreira Borges (em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

THOMAZ DA FONSECA

Evangelho d'um Seminarista

Preço, 500 reis

A' venda na

TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA

Rua Fernandes Thomaz, 60

COIMBRA

A JUSTIÇA

E O HOMEM

POR

Lopes d'Oliveira

Preço, 300 reis

A' venda nas livrarias

EDUCAÇÃO MORAL

Na Escola e na Familia

POR

M. M. CALDEIRA

Professor primario complementar

Preço, 300 reis

A' venda na TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA, rua Fernandes Thomaz, 60 — COIMBRA.

O CULTO DA IMACULADA

POR

HELIODORO SALGADO

Extraordinario livro de actualidade — um vol. brochado de 404 pag., 700.

A' venda nas livrarias

Elementos de Gymnastica

CONTENDO

A escola do soldado sem arma

POR

Antonio J. Alves

PREÇO. 300

A' venda na

Typographia Democratica

CORRIDAS DE MOTOCYCLETES

COVILHÁ-GUARDA

Victoria da

Motoeyclette Aleyon

A *Motoeyclette Aleyon* de 2 cavallos e 3/4 monocilindro ganha o 1.º premio da sua categoria o que era de esperar; a sua grande victoria porem está em uma machina d'aquella força, com forqueta e simplex — isto é uma machina de tourisme com todas as commodidades, e montada pelo seu possuidor que apenas a tinha á poucas semanas, e não por pseudos corredores batendo-se com machinas de corridas de 5 e 6 cavallos de força, chegando com atrazo de 4 minutos a uma e de 5 minutos a outra. A machina *Aleyon* mostrou n'esta corrida as suas magnificas qualidades de regularidade e resistencia.

Agentes exclusivos em Portugal, Empreza Automobilista Portuguesa, Coimbra.

Empreza Automobilista Portuguesa

Automoveis para *Tourismo* das melhores marcas

Omnibus para passageiros

Camions para mercadorias

VOITURETES

MOTOCYCLETES

BICYCLETES

Motores para barcos

Machinas industriaes e agricolas

AVENIDA NAVARRO

COIMBRA

PULVERIZADORES PARA VINHAS

Automaticos, permittindo á pessoa que funciona com elles tenha as mãos ambas livres; uma vez postos a funcionar elles funcionam até esgotarem o liquido que contéem, não havendo mais a fazer do que fechar ou abrir a torneira quando se queira parar e recommear

Recommendam-se pela forma regular com que espalham a calda

Preço, 11\$000 reis

Ditos VERMOREL e GOUBET — 6\$600

João Gomes Moreira

Rua Ferrelra Borges

COIMBRA

Typographia Democratica

Rua das Fangas, n.º 60

COIMBRA

IMPRESSÕES EM TODOS OS GENEROS

Livros, folhetos, prospectos, facturas, mappas, participações, cartões de visita, etc.

Economia e Rapidez

O Fim da Monarchia

POR

Alfredo Pimenta

Preço. 800 reis

A' venda na livraria França Amado — Coimbra

